

O NOVO ROMANCE DE

SHERLOCK HOLMES

A
Causa
da Seda

ANTHONY
HOROWITZ



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Anthony Horowitz

A Casa da Seda

Tradução:
Maria Luiza X. de A. Borges



Para meu velho amigo, Jeffrey S. Joseph

Sumário

Prefácio

1. O *marchand* de Wimbledon
2. O Bando da Boina
3. Em Ridgeway Hall
4. Uma força de polícia extraoficial
5. Lestrade assume o comando
6. Escola para Meninos Chorley Grange
7. A fita branca
8. Um corvo e duas chaves
9. O aviso
10. Bluegate Fields
11. Preso
12. As evidências no caso
13. Veneno

14. Rumor à escuridão
15. A Prisão de Holloway
16. O desaparecimento
17. Uma mensagem
18. A adivinha
19. A Casa da Seda
20. Keelan O'Donoghue

Posfácio

Agradecimentos

12,13,14 ASH

Prefácio

REFLETI MUITAS VEZES sobre a estranha série de circunstâncias que levou à minha longa associação com uma das mais singulares e extraordinárias figuras de meu tempo. Tivesse eu inclinações filosóficas, perguntaria a mim mesmo em que medida qualquer um de nós controla o próprio destino, ou se alguma vez podemos de fato prever as consequências a longo prazo de ações que, na época, pareceram inteiramente triviais.

Por exemplo, foi meu primo, Arthur, quem me recomendou como cirurgião-assistente ao 5º Regimento de Fuzileiros de Northumberland, porque pensava que seria uma experiência útil para mim, não podendo prever que um mês depois eu seria despachado para o Afeganistão. Na época, o conflito que veio a ser conhecido como a Segunda Guerra Anglo-Afegã ainda nem começara. E o que dizer sobre o *ghazi* que, com uma única contração do dedo, disparou uma bala contra meu ombro em Maiwand? Novecentas almas britânicas e indianas morreram naquele dia e, embora gravemente ferido, fui salvo por Jack Murray, meu leal e bondoso enfermeiro, que conseguiu me carregar de volta até as linhas britânicas por quase três quilômetros e meio de território hostil.

Murray morreu em Kandahar em setembro daquele ano e assim nunca ficaria sabendo que fui mandado de volta para casa como inválido e que depois dediquei vários meses – pequeno tributo a seus esforços em meu favor – a uma existência um tanto dissipada nas franjas da sociedade londrina. Ao fim desse tempo, passei a considerar seriamente uma mudança para a Costa Sul, necessidade a mim imposta pela dura realidade de minhas finanças, que minguavam rapidamente. Fora-me também sugerido que o ar marinho poderia ser bom para a minha saúde. Uma moradia mais barata em Londres teria sido alternativa mais desejável, e de fato quase aluguei um quarto na casa de um corretor da bolsa na Euston Road. A entrevista não foi satisfatória e não demorei a tomar minha decisão. Seria Hastings: menos

alegre talvez do que Brighton, mas pela metade do preço. Meus pertences pessoais foram embalados. Eu estava pronto para partir.

Chegamos agora a Henry Stamford, não um amigo íntimo, mas um conhecido que havia sido meu assistente no hospital St. Bart's. Não houvesse ele bebido até tarde na noite anterior, não teria acordado com dor de cabeça e, não fosse a dor de cabeça, poderia não ter optado por tirar um dia de folga do laboratório onde trabalhava então. Perambulando por Picadilly Circus, ele resolveu subir a Regent Street até a East India House de Arthur Liberty para comprar um presente para a mulher. Curioso pensar que, se tivesse andado no outro sentido, não teria dado de cara comigo quando eu saía do Criterion Bar e que, nesse caso, talvez eu nunca viesse a conhecer Sherlock Holmes.

Pois, como escrevi em outro lugar, foi Stamford quem sugeriu compartilhar aposentos com um homem que ele supunha lidar com análises químicas e que trabalhava no mesmo hospital que ele. Stamford apresentou-me a Holmes, que na ocasião fazia experimentos com um método para isolar manchas de sangue. Nosso primeiro encontro foi estranho, desconcertante, e sem dúvida memorável... uma clara indicação de tudo que estava por vir.

Esse foi o momento mais decisivo de minha vida. Eu nunca tivera ambições literárias. Na verdade, se alguém me dissesse que eu viria a ser um autor publicado, eu teria rido da ideia. Mas penso poder dizer, com toda a honestidade e sem me gabar, que, de fato, ganhei certo renome pela maneira como narrei as aventuras do grande homem, e não foi pequeno o meu sentimento de honra quando fui convidado a falar em sua cerimônia fúnebre na abadia de Westminster, convite que declinei com todo o respeito. Holmes zombara muitas vezes do estilo de minha prosa, e eu não podia evitar a impressão de que, se tivesse ocupado o púlpito, eu o teria sentido sobre meus ombros, troçando sutilmente de tudo que eu pudesse dizer do lado de cá do túmulo.

Ele sempre julgara que eu exagerava seus talentos e as extraordinárias intuições de sua mente brilhante. Ria do modo como eu construía minha narrativa de maneira a deixar para o fim uma resolução que ele jurava ter deduzido nos parágrafos de abertura. Acusou-me mais de uma vez de romantismo vulgar, e não me achava nada melhor que qualquer escrevinhador de Grub Street. Mas no fundo penso que ele era injusto. Durante todo o tempo em que convivemos, nunca vi Holmes ler uma única obra de ficção – isto é, salvo os piores títulos da literatura sensacionalista –,

e embora eu não possa me arrogar grandes poderes de descrição, não hesito em afirmar que eles cumpriram seu papel e que o próprio Holmes não teria sido capaz de melhor. De fato, ele quase admitiu isso quando por fim pegou da pena e descreveu, com suas palavras, o estranho caso de Godfrey Emsworth. Esse episódio foi apresentado como *O rosto lívido*, título que, a meu ver, fica ele próprio aquém da perfeição.

Obtive, como disse, certo renome por meus esforços literários, mas esse nunca foi, é claro, o meu objetivo. Através dos vários caprichos do destino que resumi, fui o escolhido para trazer à luz as façanhas do maior detetive consultor do mundo e apresentei nada menos que sessenta aventuras a um público entusiasta. Mais valiosa para mim, porém, foi minha longa amizade com o homem em carne e osso.

Faz um ano que Holmes foi encontrado em sua casa nos Downs, teso e imóvel, aquela prodigiosa inteligência silenciada para sempre. Quando soube da notícia, dei-me conta de que perdera não só meu companheiro e amigo mais chegado, como, sob inúmeros aspectos, a própria razão de minha existência. Dois casamentos, três filhos, sete netos, uma carreira de sucesso na medicina e a Ordem do Mérito concedida por sua majestade o rei Eduardo VII em 1908 podem ser considerados realização suficiente para qualquer um. Mas não para mim. Sinto falta dele até hoje, e por vezes, ao despertar, imagino ainda ouvir aquelas palavras familiares: “A caça já foi levantada, Watson!” Elas servem apenas para me lembrar que nunca mais voltarei a mergulhar na escuridão e no nevoeiro turbilhante de Baker Street, empunhando meu infalível revólver de serviço. Volta e meia imagino Holmes esperando por mim do outro lado daquela grande sombra que deve chegar para todos nós, e na verdade anseio por encontrá-lo. Estou sozinho. Meu velho ferimento me atormenta até o fim, e, enquanto uma guerra terrível e sem sentido grassa no continente, descubro que não compreendo mais o mundo em que vivo.

Por que então pego da pena uma última vez para relembrar lembranças que seria melhor esquecer? Talvez meus motivos sejam egoístas. É possível que, como tantos velhos com suas vidas atrás de si, eu esteja em busca de algum tipo de conforto. Os enfermeiros que cuidam de mim asseguram-me que escrever é terapêutico e evitará que eu caia no mau humor a que sou às vezes propenso. Mas há um outro motivo, também.

Embora *O homem da boina* e *A Casa da Seda* tenham sido, sob alguns aspectos, as aventuras mais sensacionais da carreira de Sherlock Holmes, ao

mesmo tempo foi-me impossível narrá-las, por razões que ficarão sobejamente claras. O fato de elas terem se entrelaçado inextricavelmente mostrou que não era possível separá-las. No entanto, sempre foi meu desejo registrá-las, para completar o cânone de Holmes. Nisto, sou como um químico à procura de uma fórmula, ou talvez um colecionador de selos raros que não pode se orgulhar plenamente de seu catálogo sabendo haver dois ou três itens que escaparam a seu alcance. Não posso me impedir. Isto deve ser feito.

Foi impossível antes – e não me refiro apenas à conhecida aversão de Holmes por publicidade. Não, os eventos que estou prestes a descrever foram simplesmente monstruosos demais, chocantes demais, para aparecer em letra de forma. Ainda são. Não é exagero sugerir que eles conspirariam todo o tecido da sociedade, e, em particular num tempo de guerra, isso é algo que não posso arriscar. Quando eu terminar, supondo que tenha a força que a tarefa exige, farei com que este manuscrito seja empacotado e enviado para os cofres da Cox and Co. em Charing Cross, onde alguns outros de meus papéis pessoais estão guardados. Darei instruções no sentido de impedir que o pacote seja aberto nos próximos cem anos. Impossível imaginar como o mundo será então, que avanços a humanidade terá feito, mas talvez leitores futuros estejam mais acostumados ao escândalo e à corrupção do que os meus próprios. A eles lego um último retrato de Sherlock Holmes, e de uma perspectiva nunca antes vislumbrada.

Mas já despendi energia suficiente com minhas próprias preocupações. Já deveria ter aberto a porta do número 221B de Baker Street e adentrado a sala onde tantas aventuras começaram. Vejo-a agora, o fulgor da lâmpada atrás do vidro e os dezessete degraus que me convidam da rua. Como parecem distantes, quanto tempo faz que estive ali! Sim. Lá está ele, seu cachimbo na mão. Vira-se para mim. Sorri. “A caça já foi levantada...”

1. O *marchand* de Wimbledon

“GRIPE É DE FATO DESAGRADÁVEL”, observou Sherlock Holmes, “mas você tem razão, com a ajuda da sua mulher, a criança logo se restabelecerá.”

“Assim espero”, respondi, depois parei e olhei fixamente para ele, os olhos arregalados de espanto. Meu chá estava a meio caminho de meus lábios, mas pousei-o de novo na mesa com tal força que a xícara e o pires quase se desgarraram. “Por Deus, Holmes!” exclamei. “Você tirou os pensamentos da minha cabeça. Juro que não pronunciei uma palavra sobre a criança nem sobre a sua doença. Sabe que minha mulher está fora – isso você poderia ter deduzido de minha presença aqui. Mas ainda não lhe contei o motivo de sua ausência e tenho certeza de que não houve nada em meu comportamento capaz de lhe dar qualquer pista.”

Estávamos nos últimos dias de novembro do ano 1890 quando este diálogo se deu. Londres estava nas garras de um implacável inverno, as ruas tão frias que até os lampiões de gás pareciam congelados, e a pouca luz que emitiam desaparecia no incessante nevoeiro. Do lado de fora, pessoas vagavam pelas calçadas como fantasmas, as cabeças encurvadas e os rostos cobertos, enquanto os fiacres passavam com estrépito, seus cavalos ansiosos por chegar em casa. E eu estava satisfeito por estar abrigado, com um fogo ardendo na lareira, o cheiro familiar do tabaco no ar e – apesar de toda a desordem de que meu amigo gostava de se cercar – uma sensação de que tudo estava em seu lugar.

Eu havia telegrafado minha intenção de me instalar em meu antigo quarto e passar um breve tempo com Holmes, e ficara encantado ao receber seu assentimento pela volta do correio. Minha clínica podia passar sem mim. Eu estava temporariamente sozinho. E tinha em mente cuidar do meu amigo até me certificar de que ele de fato recobrou a saúde. Pois Holmes havia decidido passar fome durante três dias e três noites, sem nada comer ou beber, para convencer um adversário particularmente cruel e vingativo de

que estava próximo da morte. O stratagema obtivera um êxito triunfante, e o homem agora estava nas mãos competentes do inspetor Morton, da Yard. Mas eu ainda estava preocupado com o esforço a que Holmes se submetera e pareceu-me aconselhável ficar de olho nele até que seu metabolismo se recuperasse plenamente.

Alegrava-me, portanto, vê-lo saborear uma grande travessa de bolinhos com mel de violeta e creme de leite, junto com bolo de libra e chá, coisas que a sra. Hudson trouxera todas numa bandeja e servira para nós dois. Holmes parecia convalescer, refestelado em sua grande poltrona, vestindo seu roupão e com os pés esticados diante do fogo. Não perdera a compleição extremamente magra, e até cadavérica, que sempre tivera, com seus olhos argutos acentuados pelo nariz aquilino, mas agora havia pelo menos alguma cor em sua pele, e tudo em sua voz e maneiras revelava que ele recobrava em grande parte a velha forma.

Ele me cumprimentou afetuosamente, e quando me sentei à sua frente, tive a estranha sensação de estar despertando de um sonho. Era como se os dois últimos anos nunca tivessem acontecido, como se eu nunca tivesse conhecido minha querida Mary, casado com ela e me mudado para nossa casa em Kensington, comprada com o produto das pérolas de Agra. Eu ainda poderia ser um solteirão, morando ali com Holmes, compartilhando com ele o alvoroço da caça e desvendando mais um mistério.

Pensei então que ele talvez tivesse preferido que fosse assim. Holmes raramente falava sobre meus arranjos domésticos. Achava-se no exterior na época de meu casamento, e ocorrera-me que talvez isso não tivesse sido de todo uma coincidência. Seria injusto dizer que o assunto de meu casamento era proibido, mas havia um acordo tácito segundo o qual não o discutiríamos em detalhes. Minha felicidade e contentamento eram evidentes para Holmes, e ele era generoso o bastante para não os invejar. Logo à minha chegada, perguntou pela sra. Watson, mas não pedira mais nenhuma informação e eu obviamente não fornecera nenhuma, o que tornava suas observações ainda mais insondáveis.

“Você me olha como se eu fosse um feiticeiro”, comentou Holmes com uma risada. “Deixou de lado as obras de Edgar Allan Poe, presumo?”

“Está se referindo ao detetive Dupin?”

“Ele usava um método que denominou de raciocinação. A seu ver, era possível ler os pensamentos mais íntimos de uma pessoa sem que ela sequer precisasse falar. Tudo podia ser feito a partir de um simples estudo de seus

movimentos, do mero tremor de uma sobranceira. A ideia me impressionou muitíssimo na época, mas, pelo que me lembro, você se mostrou um tanto desdenhoso...”

“E sem dúvida vou pagar por isso agora”, concordei. “Mas está me dizendo seriamente, Holmes, que pôde deduzir a doença de uma criança que nunca viu apenas por meu comportamento diante de uma travessa de bolinhos?”

“Isso e bem mais”, Holmes respondeu. “Posso lhe dizer que você acaba de voltar de Holborn Viaduct. Que saiu de casa às pressas, mas mesmo assim perdeu o trem. Talvez a culpa tenha sido do fato de estar sem uma criada no momento.”

“Não, Holmes!” exclamei. “Não vou engolir isso!”

“Estou errado?”

“Não. Está correto em tudo. Mas como é possível...?”

“É uma simples questão de observação e dedução, uma coisa informando a outra. Se eu lhe explicasse, tudo lhe pareceria penosamente infantil.”

“Entretanto, devo insistir que faça exatamente isso.”

“Bem, já que teve a grande bondade de me fazer esta visita, suponho que devo atender ao seu pedido”, respondeu Holmes com um bocejo. “Começemos com a circunstância que o traz aqui. Se não me falha a memória, estamos nos aproximando do segundo aniversário de seu casamento, certo?”

“De fato, Holmes. É depois de amanhã.”

“Uma estranha ocasião, portanto, para você se separar de sua mulher.

Como você mesmo disse há pouco, o fato de ter decidido hospedar-se comigo, e por um período prolongado, sugeriria que houve uma razão imperiosa para que ela o deixasse. E qual poderia ser? Pelo que me lembro, a srta. Mary Morstan – como ela antes se chamava – veio da Índia para a Inglaterra e não tem amigos nem parentes aqui. Empregou-se como governanta, tomando conta do filho de um certo sr. Cecil Forrester, em Camberwell, que foi, é claro, como você a conheceu. A sra. Forrester foi muito boa para ela, em especial em momentos difíceis, e eu imaginaria que as duas continuaram muito ligadas.”

“Isso de fato aconteceu.”

“Logo, se existe alguém capaz de fazer sua mulher afastar-se de casa, provavelmente seria ela. Pergunto a mim mesmo, então, que motivo poderia

estar por trás de semelhante chamado, e, neste tempo frio, a doença de uma criança nos vem no mesmo instante à cabeça. Seria, tenho certeza, muito reconfortante para o garoto enfermo ter sua governanta de volta.”

“O nome dele é Richard e tem nove anos”, concordei. “Mas como pôde ter tanta certeza de que é gripe, e não alguma coisa muito mais grave?”

“Se fosse mais grave, com certeza você teria insistido em tratar dele pessoalmente.”

“Até agora seu raciocínio foi absolutamente linear em todos os aspectos”, disse eu. “Mas ele não explica como você soube que meus pensamentos haviam se voltado para eles naquele momento preciso.”

“Vai me perdoar se eu disser que você é um livro aberto para mim, meu caro Watson, e que cada movimento seu vira mais uma página. Enquanto você estava aí bebericando o seu chá, notei que seu olhar se deslocou para o jornal na mesa a seu lado. Você deu uma olhada na manchete e depois estendeu a mão e virou-a para baixo. Por quê? Talvez tenha sido a notícia sobre o desastre de trem em Norton Fitzwarren algumas semanas atrás que o perturbou. Os primeiros achados da investigação sobre a morte de dez passageiros foram publicados hoje e essa era, é claro, a última coisa que você desejaria ler logo após deixar sua mulher numa estação.”

“Isso de fato me lembrou a viagem dela”, concordei. “Mas e a doença da criança?”

“Do jornal sua atenção desviou-se para a área do tapete junto à escrivaninha, e eu o vi sorrir nitidamente consigo mesmo. Era ali, claro, que outrora você mantinha sua maleta de médico e foi com certeza essa associação que lhe lembrou o motivo da visita de sua mulher.”

“Tudo isso é conjectura, Holmes”, insisti. “Você diz Holborn Viaduct, por exemplo. Poderia ter sido qualquer estação de Londres.”

“Como bem sabe, condeno conjecturas. Por vezes é necessário conectar pontos de evidência com o uso de imaginação, mas isso não é em absoluto a mesma coisa. A sra. Forrester mora em Camberwell. A London Chatham e a Dover Railway têm partidas regulares de Holborn Viaduct. Esse me teria parecido o ponto de partida lógico, ainda que você não me tivesse feito o favor de deixar sua mala junto da porta. De onde estou sentado, consigo ver muito bem a etiqueta do Guarda-Volumes de Holborn Viaduct presa na alça.”

“E o resto da história?”

“O fato de você ter perdido sua criada e ter saído de casa às pressas? A mancha de graxa preta na lateral de seu punho esquerdo indica claramente as duas coisas. Você mesmo engraxou seus sapatos, e o fez de maneira bastante descuidada. Além disso, na pressa, esqueceu as luvas...”

“A sra. Hudson recolheu-me o sobretudo. Poderia ter me recolhido também as luvas.”

“Nesse caso, quando nos apertamos as mãos, por que as suas estariam tão frias? Não, Watson, toda a sua aparência fala de desorganização e desordem.”

“Tudo o que diz está certo”, admiti. “Mas um último mistério, Holmes. Como pôde ter tanta certeza de que minha mulher perdeu o trem?”

“Assim que chegou, notei um forte odor de café em suas roupas. Por que você estaria tomando café imediatamente antes de vir tomar chá comigo? A inferência é que perdeu seu trem e foi obrigado a passar mais tempo com sua mulher do que pretendia. Deixou sua mala no guarda-volumes e foi com ela a um café. Teria sido o Lockhart’s? Ouvi falar que o café de lá é excelente.”

Fez-se um breve silêncio e em seguida caí na gargalhada. “Bem, Holmes”, eu disse. “Posso ver que não tenho nenhuma razão para me preocupar com sua saúde. Você está tão extraordinário como sempre.”

“Isso foi bastante elementar”, retrucou o detetive com um lânguido aceno de mão. “Mas talvez algo de maior interesse esteja se aproximando agora. Se não me engano, é a porta da frente...”

De fato, a sra. Hudson entrou de novo, desta vez conduzindo um homem que adentrou a sala como se irrompesse em cena num palco de Londres. Estava vestido a rigor, numa casaca preta, colarinho de ponta virada e gravata borboleta branca, com uma capa preta sobre os ombros, colete e sapatos de verniz. Numa das mãos segurava um par de luvas brancas e na outra uma bengala de jacarandá com castão de prata. Seu cabelo preto era surpreendentemente longo, penteado para trás a partir de uma frente alta, e ele não usava nem barba nem bigode. Tinha a pele clara, o rosto um pouco alongado demais para ser de fato bonito. Devia andar pela metade da casa dos trinta anos, eu diria, mas a seriedade de seu ar e seu evidente desconforto por se ver ali o faziam parecer mais velho. Lembrou-me de imediato alguns de meus pacientes; aqueles que tinham se recusado a acreditar que estavam enfermos até serem convencidos disso por seus sintomas. Eram sempre os mais gravemente doentes. Nosso visitante

postava-se diante de nós com igual relutância. Esperou no vão da porta, olhando ansioso à sua volta, enquanto a sra. Hudson entregava a Holmes o seu cartão.

“Sr. Carstairs”, disse Holmes. “Sente-se, por favor.”

“Deve me perdoar por chegar desta maneira... inesperada e sem me fazer anunciar.” Ele tinha um modo de falar entrecortado, um tanto seco. Seu olhar não encarava diretamente o nosso. “Na verdade, eu não tinha nenhuma intenção de vir aqui. Moro em Wimbledon, perto do verde, e vim à cidade para ir à ópera – não que esteja com alguma disposição para Wagner. Acabo de sair de meu clube, onde me encontrei com meu contador, homem que conheço há muitos anos e a quem agora considero um amigo. Quando lhe falei das inquietações que venho tendo, o sentimento de opressão que está tornando minha vida tão detestavelmente difícil, ele mencionou seu nome e estimulou-me a procurá-lo. Por coincidência, meu clube não é longe daqui e assim decidi vir direto à sua procura.”

“Estou feliz em lhe dar minha total atenção”, disse Holmes.

“E esse cavalheiro?” Nosso visitante voltou-se para mim.

“Dr. John Watson. É meu mais próximo conselheiro, e posso lhe assegurar que tudo que tenha a me dizer pode ser dito na presença dele.”

“Muito bem. Meu nome, como vê, é Edmund Carstairs e sou, por profissão, *marchand* de objetos de arte. Tenho uma galeria, Carstairs and Finch, em Albemarle Street, que já funciona há seis anos. Somos especializados nas obras dos grandes mestres, sobretudo do final do século passado e início deste: Gainsborough, Reynolds, Constable e Turner. Suas pinturas lhe devem ser familiares, tenho certeza, e elas são altamente cotadas. Só esta semana vendi dois retratos de Van Dyck para um cliente privado pela soma de vinte e cinco mil libras. Temos um negócio bem-sucedido e prosperamos, mesmo com tantas galerias novas – e eu poderia dizer inferiores – brotando em todas as ruas à nossa volta. Ao longo dos anos, granjeamos uma reputação de sobriedade e confiabilidade. Nossos clientes incluem muitos membros da aristocracia e vimos nossas obras penduradas em algumas das mais belas mansões do país.”

“Seu sócio, o sr. Finch?”

“Tobias Finch é bem mais velho que eu, embora tenhamos partes iguais do negócio. Se há alguma divergência entre nós, é que ele é mais cauteloso e conservador do que eu. Por exemplo, tenho forte interesse por algumas obras

novas que nos chegam do continente. Refiro-me aos pintores que se tornaram conhecidos como *impressionistes*, artistas como Monet e Degas. Apenas uma semana atrás foi-me oferecida uma marinha de Pissaro que me pareceu de fato encantadora e pitoresca. Meu sócio, infelizmente, teve a opinião contrária. Ele insiste que essas obras são pouco mais que borrões, e embora não se possa mesmo negar que algumas das formas são indistinguíveis de perto, não consigo convencê-lo de que a questão não é essa. Mas não vou cansá-los, cavalheiros, com uma preleção sobre arte. Somos uma galeria tradicional e, até segunda ordem, é isso que continuaremos a ser.”

Holmes assentiu com a cabeça. “Por favor, continue.”

“Duas semanas atrás, sr. Holmes, percebi que estava sendo observado. Ridgeway Hall, que é o nome de minha casa, situa-se num dos lados de uma alameda estreita, com um conjunto de instituições de caridade a alguma distância no final. Esses são os nossos vizinhos mais próximos. Estamos cercados por logradouros públicos e, do meu quarto de vestir, tenho uma vista do gramado central da aldeia. Foi ali, numa manhã de terça-feira, que notei um homem parado de pernas abertas e braços cruzados – e sua imobilidade me chamou a atenção. Ele estava longe demais para que eu pudesse vê-lo com clareza, mas eu diria ser um estrangeiro. Usava uma longa sobrecasaca com ombreiras, um corte definitivamente não inglês. De fato, estive nos Estados Unidos ano passado e, se tivesse de adivinhar, diria que era desse país que ele se originava. O que me causou mais forte impressão, porém, por razões que logo explicarei, foi que ele usava também uma boina, do tipo por vezes chamado de *cheesecutter*.

“Foi isso e a maneira como o homem estava plantado ali que logo atraíram minha atenção e me deixaram tão amedrontado. Se ele fosse um espantalho, juro que não poderia estar mais estático. Caía uma chuva leve, varrida pela brisa através do parque, mas ele parecia alheio a tudo. Tinha os olhos fixos em minha janela. Posso lhe dizer que eram muito escuros e pareciam estar me perfurando. Fitei-o durante pelo menos um minuto, talvez mais, depois desci para tomar o desjejum. Antes de comer, no entanto, mandei o ajudante de cozinha sair para ver se o homem ainda estava lá. Não estava. O rapaz me informou que o gramado estava vazio.”

“Uma ocorrência singular”, observou Holmes. “Mas Ridgeway Hall é, tenho certeza, uma bela construção. E um turista poderia por certo julgá-la digna de sua admiração.”

“Foi o que pensei. Mas alguns dias depois vi o sujeito uma segunda vez. Nessa ocasião eu estava em Londres. Minha mulher e eu acabávamos de sair do teatro – fôramos ao Savoy – e lá estava ele, do outro lado da rua, vestindo a mesma sobrecasaca e a mesma boina. Ele poderia ter me passado despercebido, sr. Holmes, mas, como antes, estava imóvel, com grupos de pessoas passando por ele; mais parecia um rochedo em meio às corredeiras de um rio. Sinto dizer que não pude vê-lo muito bem, pois embora ele tivesse escolhido postar-se em pleno clarão de um poste de luz, este lançava sobre seu rosto uma sombra que agia como um véu. E talvez fosse esta a sua intenção.”

“Mas tem certeza de que era o mesmo homem?”

“Não poderia haver dúvida.”

“Sua mulher o viu?”

“Não. Eu não quis alarmá-la fazendo qualquer menção a isso. Tínhamos um *hansom* à nossa espera e partimos de imediato.”

“Isso é muitíssimo interessante”, Holmes observou. “O comportamento desse homem não faz nenhum sentido. Ele se planta num gramado no meio da aldeia e debaixo de um poste de luz. Por um lado, é como se estivesse se esforçando ao máximo para ser visto. Por outro lado, não faz nenhuma tentativa de se aproximar do senhor.”

“Ele se aproximou de mim”, respondeu Carstairs. “Já no dia seguinte, de fato, quando eu voltava cedo para casa. Meu amigo, Finch, estava na galeria, catalogando uma coleção de desenhos e águas-fortes de Samuel Scott. Ele não tinha nenhuma necessidade de mim e eu ainda me sentia inquieto depois das duas aparições. Cheguei de volta a Ridgeway Hall pouco depois das três horas – e ainda bem, porque lá estava o patife, aproximando-se de minha porta da frente. Chamei-o, ele se virou e me viu. No mesmo instante, começou a correr na minha direção, e, certo de que estava prestes a me golpear, cheguei a levantar a bengala para me proteger. Mas sua missão não era de violência. Ele veio direto a mim e pela primeira vez vi-lhe o rosto: lábios finos, olhos castanho-escuros e uma cicatriz lívida na face direita, resultado de um recente ferimento a bala. O homem andara bebendo – pude sentir o cheiro de álcool no seu hálito. Não me disse uma palavra, o que fez foi levantar um bilhete no ar e enfiá-lo na minha mão. Em seguida, antes que eu pudesse detê-lo, fugiu.

“E o bilhete?” perguntou Holmes.

“Está aqui comigo.”

O *marchand* mostrou um quadrado de papel, dobrado em quatro, e entregou-o a Holmes. Este o abriu com cuidado. “Minha lente, por favor, Watson.” Entreguei-lhe a lente de aumento, ele se voltou para Carstairs. “Não havia envelope?”

“Não.”

“Isto me parece da maior significação. Mas vejamos...”

Só havia na página seis palavras escritas em letras de imprensa.

IGREJA DE ST. MARY. AMANHÃ. MEIO-DIA.

“O papel é inglês”, Holmes observou. “Mesmo que o visitante não fosse. Como vê, Watson, ele escreve com letras maiúsculas. Com que propósito o faria, na sua opinião?”

“O de disfarçar sua caligrafia”, respondi.

“É possível. Mas como o homem nunca tinha escrito para o sr. Carstairs, e é improvável que volte a fazê-lo, seria de imaginar que sua caligrafia não tivesse nenhuma importância. O bilhete estava dobrado quando lhe foi entregue, sr. Carstairs?”

“Não. Acho que não. Eu mesmo o dobrei depois.”

“O quadro fica mais claro para mim a cada minuto. Essa igreja a que ele se refere, de St. Mary. Suponho que fica em Wimbledon?”

“Fica em Hothouse Lane”, respondeu Carstairs. “A poucos minutos de minha casa.”

“Falta lógica a esse comportamento também, não lhe parece? O homem deseja falar com o senhor. Enfia uma mensagem nesse sentido na sua mão. Mas não fala. Não diz uma palavra.”

“Meu palpite é que ele desejava falar comigo a sós. E de fato minha mulher saiu de casa poucos instantes depois. Ela estava na sala de jantar, que dá vista para a entrada de carro, e vira o que acabara de acontecer. ‘Quem era aquele homem?’ perguntou.

“‘Não tenho a menor ideia’, respondi.

“‘O que ele queria?’

“Mostrei-lhe o bilhete. ‘É alguém querendo dinheiro’, disse ela. ‘Eu o vi pela janela há pouco – um sujeito mal-encarado. Havia ciganos no parque semana passada. Deve ser um deles. Não vá, Edmund.’

“Não precisa se preocupar, querida”, respondi. “Não tenho nenhuma intenção de me encontrar com ele.”

“O senhor tranquilizou sua mulher”, murmurou Holmes. “Mas foi à igreja na hora marcada.”

“Isso mesmo – e levei um revólver comigo. Ele não estava lá. A igreja não é muito frequentada e estava desagradavelmente fria. Andei de um lado para outro sobre as lajes de pedra do chão durante uma hora e depois fui para casa. Desde então não tive notícia dele, e não voltei a vê-lo, mas não consegui tirá-lo da cabeça.”

“Conhece o homem”, disse Holmes.

“Sim, sr. Holmes. Foi ao cerne da questão. Creio de fato que conheço a identidade desse indivíduo, embora confesse que não percebo o raciocínio que o levou a essa conclusão.”

“Ela me parece evidente”, respondeu Holmes. “O senhor só o viu três vezes. Ele pediu um encontro, mas não apareceu. Nada que descreveu sugeriria que esse homem o ameaça de alguma maneira, mas o senhor começou nos falando sobre o sentimento de inquietação e opressão que o trouxe aqui e não quis se encontrar com ele sem levar um revólver. E ainda não nos contou a significação da boina.”

“Sei quem ele é. Sei o que quer. Estou horrorizado por ele ter me seguido até a Inglaterra.”

“Desde os Estados Unidos?”

“Sim.”

“Sr. Carstairs, seu relato é de extremo interesse e, se tem tempo antes que sua ópera comece, ou talvez se concordar em perder a abertura, penso que deveria nos contar toda essa história. Mencionou que esteve nos Estados Unidos um ano atrás. Foi então que conheceu o homem da boina?”

“Nunca o conheci. Mas foi por causa dele que estive lá.”

“Nesse caso, faz alguma objeção a que eu encha meu cachimbo? Não? Então nos leve de volta com o senhor e conte-nos o que foi fazer do outro lado do Atlântico. Eu diria que um *marchand* não é o tipo de homem que faz inimigos. Mas o senhor parece ter feito exatamente isso.”

“De fato. Meu adversário chama-se Keelan O’Donaghue. Céus! Quem me dera nunca ter ouvido esse nome.”

Holmes estendeu a mão para o chinelo persa onde guardava seu tabaco e começou a encher o cachimbo. Nesse ínterim, Edmund Carstairs respirou

fundo, e esta foi a história que contou.

2. O Bando da Boina

“DEZOITO MESES ATRÁS, fui apresentado a um homem verdadeiramente extraordinário chamado Cornelius Stillman que estava em Londres após uma prolongada viagem de recreio pela Europa. Morava na Costa Leste dos Estados Unidos e era um dos chamados ‘Brâmanes de Boston’, o que quer dizer que pertencia a uma das famílias mais eminentes e respeitadas da cidade. Ele fizera fortuna com as minas de Calumet e Hecla e havia investido também nas ferrovias e companhias telefônicas. Na juventude tivera, ao que parece, ambições de se tornar um artista, e parte da razão de sua viagem foi visitar os museus e galerias de Paris, Florença, Roma e Londres.

“Como muitos americanos abastados, era imbuído de um senso de responsabilidade cívica que muito o honrava. Havia comprado terras na área de Back Bay em Boston e já começara a trabalhar na construção de uma galeria de arte que chamava de O Parthenon e que pretendia encher com as mais belas obras de arte, compradas em suas viagens. Conheci-o num jantar e ele me pareceu um verdadeiro vulcão, transbordando de energia e entusiasmo. Vestia-se de maneira um tanto antiquada, usava barba e não tirava o monóculo, mas provou-se notavelmente bem-informado, fluente em francês e italiano com um verniz de grego antigo. Seu conhecimento de arte e sensibilidade estética também o distinguiam de muitos de seus compatriotas. Não me tome por demasiado chauvinista, sr. Holmes. Ele mesmo me contou sobre as muitas deficiências da vida cultural a que havia se acostumado ao crescer – como grandes pinturas exibidas ao lado de anomalias da natureza como sereias e anões. Ele tinha visto homens equilibrando-se na corda bamba e contorcionistas exibindo-se nos interlúdios de peças de Shakespeare. Assim eram as coisas em Boston na época. O Parthenon seria diferente, disse ele. Seria, como o nome indicava, um templo da arte e da civilização.

“Fiquei radiante quando o sr. Stillman concordou em visitar minha galeria em Albemarle Street. O sr. Finch e eu passamos horas a fio em sua companhia, percorrendo com ele nosso catálogo e mostrando-lhe algumas de nossas aquisições recentes em leilões por todo o país. O resumo da história foi que ele comprou obras de Romney, Stubbs e Lawrence de nossa firma, além de uma série de quatro paisagens de John Constable que eram o orgulho de nossa coleção. Eram vistas do Lake District, pintadas em 1806, e diferentes de tudo o mais no cânone do artista. Tinham uma notável profundidade de sentimento e espírito, e o sr. Stillman prometeu que seriam expostas numa sala ampla e bem-iluminada que projetaria especificamente para elas. Separamo-nos em excelentes termos. E, em vista do que acontecera, eu deveria acrescentar que depusitei no banco uma soma de dinheiro substancial. Na verdade, o sr. Finch comentou que aquela fora sem dúvida a transação mais bem-sucedida de nossas vidas.

“Então só restava enviar as obras para Boston. Elas foram embaladas com todo o cuidado, encaixotadas e despachadas pela White Star Line de Liverpool para Nova York. Por um desses caprichos da sorte que na hora não significam nada mas que mais tarde retornam para nos assombrar, tínhamos pretendido enviá-las direto para Boston. O *RMS Adventurer* fazia essa viagem, mas nós o perdemos por uma questão de horas e assim escolhemos outro navio. Nosso agente, um jovem perspicaz chamado James Devoy, recebeu o pacote em Nova York e viajou com ele pela Boston and Albany Railroad – um percurso de trezentos quilômetros.

“Mas as pinturas nunca chegaram.

“Nessa época, havia em Boston várias quadrilhas, operando sobretudo no sul da cidade, em Charlestown e Somersville. Muitas delas tinham nomes extravagantes como os Coelhos Mortos e os Quarenta Ladrões e provinham originalmente da Irlanda. É triste pensar que, tendo sido bem acolhidos naquele grande país, retribuíssem com ilegalidade e violência, mas esse era o caso e a polícia fora incapaz de prendê-los ou levá-los aos tribunais. Um dos grupos mais ativos e mais perigosos era conhecido como Bando da Boina, liderado por um par de gêmeos irlandeses – Rourke e Keelan O’Donaghue, oriundos de Belfast. Descreverei esses dois demônios o melhor que puder, porque eles são centrais para minha narrativa.

“Eles nunca eram vistos separados. Embora tivessem sido idênticos ao nascer, Rourke era o mais alto, espadaúdo e corpulento, com punhos pesados que estava sempre pronto a usar numa luta. Diz-se que ele matou um homem

a socos num jogo de cartas quando mal tinha dezesseis anos. Em contraste, seu gêmeo ficava muito à sua sombra, sendo mais baixo e mais quieto. De fato, raramente abria a boca – havia rumores de que era incapaz de falar. Rourke era barbudo, Keelan tinha o rosto escanhado. Ambos usavam boinas, e foi isso que deu nome ao bando. Era também crença geral que cada um deles tinha as iniciais do outro tatuadas no braço e que eram inseparáveis em todos os aspectos de sua vida.

“Quanto aos outros membros da quadrilha, seus nomes talvez lhes digam tudo que gostariam de saber sobre eles. Eram Frank ‘Cachorro Louco’ Kelly e Patrick ‘Navalhas’ Maclean. Um outro, conhecido como ‘O Fantasma’, era tão temido quanto um ser sobrenatural. Eles se envolviam em todas as formas concebíveis de crime de rua, assaltos, roubos e venda de proteção. Ao mesmo tempo, porém, gozavam de grande respeito junto a muitos dos habitantes mais pobres de Boston, que pareciam incapazes de reconhecê-los como a fétida pestilência que sem dúvida representavam para a comunidade. Eles eram oprimidos combatendo um sistema relapso. Creio ser desnecessário lembrá-los de que os gêmeos apareceram na mitologia desde os primórdios da civilização. Houve Rômulo e Remo, Apolo e Ártemis e Castor e Pólux, imortalizados para sempre como a constelação de Gêmeos no céu noturno. Alguma coisa disto se associou aos O’Donaghues. Havia uma crença de que nunca seriam apanhados, de que poderiam escapar de qualquer coisa.

“Eu nada sabia sobre o Bando da Boina – jamais ouvira falar deles – quando despachei as pinturas em Liverpool, mas de alguma maneira, exatamente no mesmo momento, eles receberam a informação de que uma grande quantidade de moeda estava prestes a ser transferida da American Bank Note Company em Nova York para o Massachusetts First National Bank em Boston dali a alguns dias. Foi dito que a soma em questão era de cem mil dólares e que ela viajaria pela Boston and Albany Railroad. Alguns dizem que Rourke foi o cérebro por trás da operação. Outros acreditam que, dos dois, Keelan era o mentor intelectual mais provável. Seja como for, os dois decidiram parar o trem antes que ele chegasse à cidade e roubar o dinheiro.

“Assaltos a trens ainda eram comuns nas fronteiras do Oeste dos Estados Unidos, na Califórnia e no Arizona, mas era quase inconcebível que tal coisa acontecesse na costa leste, mais desenvolvida, e foi por isso que o trem deixou o Grand Central Terminal em Nova York com apenas um guarda

armado posicionado no vagão-postal. As cédulas estavam dentro de um cofre. E por azar as pinturas continuavam em seu caixote, viajando no mesmo compartimento. Nosso agente, James Devoy, viajava na segunda classe. Sempre zeloso no cumprimento de seu dever, ele ocupara o assento mais próximo possível do vagão-postal.

“O Bando da Boina havia escolhido uma área bem próxima a Pittsfield para a tentativa de ataque. Ali, a linha férrea subia abruptamente antes de cruzar o rio Connecticut. Havia um túnel que se estendia por seiscentos metros e, por força de regulamentos ferroviários, o maquinista era obrigado a testar seus freios na saída. Assim, o trem vinha muito devagar quando saía do túnel, e para Rourke e Keelan foi uma simples questão de saltar sobre o teto de um dos vagões. Dali, subiram sobre o tênder e, para espanto do maquinista e de seu guarda-freios, irromperam na cabine da locomotiva de armas em punho.

“Eles ordenaram que o trem parasse na clareira de uma floresta. Estavam cercados pelos altos pinheiros, que formavam um biombo natural atrás do qual podiam cometer seu crime. Kelly, Maclean e todos os outros membros da quadrilha estavam à espera com cavalos – e com a dinamite que haviam roubado de uma construção local. Todos estavam armados. O trem parou e Rourke golpeou o maquinista com seu revólver, deixando-o zozinho. Keelan, que não dissera uma palavra, sacou uma corda e amarrou o guarda-freios num pilar de metal. Enquanto isso, o resto do bando entrara no trem. Ordenando aos passageiros que se mantivessem sentados, aproximaram-se do vagão-postal e começaram a armar explosivos em torno da porta.

“James Devoy, que vira o que estava acontecendo, desesperava-se pensando nas consequências. Ele deve ter imaginado que não era por causa dos Constables que os assaltantes estavam ali. Afinal de contas, bem pouca gente sabia de sua existência, e mesmo que tivessem o refinamento ou a educação para reconhecer a obra de um velho mestre, os bandidos não teriam tido a quem vender as pinturas. Enquanto os passageiros à sua volta se encolhiam, Devoy deixou seu assento e desceu do trem, na intenção de suplicar à quadrilha que poupasse as telas. Pelo menos suponho ter sido essa a sua intenção. Mas, antes que pudesse dizer uma palavra, Rourke O’Donaghue virou-se para ele e o fuzilou. Devoy levou três tiros no peito e morreu numa poça de seu próprio sangue.

Dentro do vagão-postal, o segurança ouvira os tiros, e posso apenas imaginar o terror que deve ter sentido ao perceber os membros da quadrilha

agindo lá fora. Teria ele destrancado a porta se lhe tivessem pedido? Nunca saberemos. Um momento depois, uma enorme explosão rasgou o ar e toda a lateral do vagão foi destruída. O guarda teve morte instantânea. O cofre com o dinheiro estava à disposição.

“Uma segunda carga, menor, foi suficiente para abri-lo, e então a quadrilha descobriu que havia sido mal-informada. Somente dois mil dólares tinham sido enviados ao Massachusetts First National Bank, talvez uma fortuna para aqueles vagabundos, mas incomensuravelmente menos do que haviam desejado e esperado. Mesmo assim, eles se apossaram das cédulas com gritos exaltados, pouco se importando com o fato de deixarem dois homens mortos atrás de si e mal sabendo que seus explosivos tinham destruído por completo quatro telas que, por si sós, valiam vinte vezes o que haviam apanhado. Essas e as outras obras foram e são uma perda incalculável para a cultura britânica. Até hoje obrigo-me a lembrar que um homem jovem e zeloso morreu aquele dia, mas estaria lhes mentindo se não confessasse, por vergonhoso que seja, que lamento igualmente a perda daquelas pinturas.

“Meu amigo, Finch, e eu nos inteiramos da notícia com horror. A princípio fomos levados a crer que os quadros haviam sido furtados e teríamos preferido que fosse esse o caso, pois ao menos as obras ainda teriam sido apreciadas por alguém e haveria sempre uma chance de que pudessem ser recuperadas. Mas tanto vandalismo por um punhado de dinheiro, e a infeliz coincidência de estarem as obras nesse vagão! Com que amargura lamentamos a rota que havíamos escolhido e nos culpamos pelo que acontecera! Havia também considerações financeiras. O sr. Stillman pagara um grande sinal pelas pinturas, mas, segundo o contrato, nós éramos inteiramente responsáveis por elas até que fossem entregues em suas mãos. Por sorte tínhamos um seguro do Lloyd’s de Londres, de outro modo teríamos ido à falência, pois em última instância eu não teria escolha senão restituir o dinheiro. Havia também a questão da família de James Devoy. Nessa altura ficamos sabendo que ele tinha mulher e um filho pequeno. Alguém teria de cuidar deles.

“Foi por estas razões que resolvi viajar para os Estados Unidos e deixei a Inglaterra às pressas, chegando primeiro a Nova York. Encontrei-me com a sra. Devoy e prometi-lhe que ela receberia alguma compensação. Seu filho tinha nove anos de idade e seria difícil imaginar uma criança mais doce, mais bonita. Em seguida viajei para Boston e de lá para Providence, onde

Cornelius Stillman havia construído sua casa de verão. Devo dizer que nem as muitas horas que eu passara na companhia do homem me haviam preparado para o espetáculo com que meus olhos se defrontaram. Shepherd's Point era enorme, construída no estilo de um castelo francês pelo célebre arquiteto Richard Morris Hunt. Só os jardins estendiam-se por mais de doze hectares, e o interior exibia uma opulência acima de qualquer coisa que eu poderia ter imaginado. O próprio Stillman insistiu em mostrar-me tudo, e foi uma jornada que nunca esquecerei. A magnífica escadaria de madeira que dominava o Grande Hall, a biblioteca com seus cinco mil volumes, o jogo de xadrez que pertenceu um dia a Frederico o Grande, a capela com seu órgão antigo, outrora tocado por Purcell... Quando chegamos ao porão, com sua piscina e sua pista de boliche, eu estava completamente exausto. E quanto à arte! Bem, contei obras de Ticiano, Rembrandt e Velázquez, e isso antes de termos sequer chegado à sala de visitas. E foi enquanto eu considerava toda essa riqueza, os fundos ilimitados de que meu anfitrião era capaz de sacar, que uma ideia se formou em minha mente.

“Durante o jantar aquela noite – sentamo-nos a uma vasta mesa de banquete medieval e a comida era servida por criados negros vestidos no que poderíamos chamar de estilo colonial – levantei o assunto da sra. Devoy e seu filho. Stillman prometeu-me que, embora eles não residissem em Boston, alertaria os membros do conselho municipal da cidade, que se encarregariam deles. Encorajado por isso, passei ao assunto do Bando da Boina e perguntei-lhe se ele poderia ajudar de alguma maneira a entregá-los à Justiça, uma vez que até aquele momento a polícia de Boston havia sido notavelmente incapaz de qualquer progresso. Não seria possível, sugeri, oferecer uma boa recompensa por informações sobre o paradeiro dos facínoras e, ao mesmo tempo, contratar uma agência de detetives particular para detê-los em nosso nome? Dessa maneira vingariamos a morte de James Devoy e ao mesmo tempo os puniríamos pela perda das paisagens de Constable.

“Stillman agarrou-se à minha ideia com entusiasmo. ‘Tem toda a razão, Carstairs!’ exclamou, dando um ruidoso soco na mesa. ‘É exatamente isso que faremos. Vou mostrar a esses vagabundos que foi num mau dia que escolheram passar a perna em Cornelius T. Stillman!’ Essa não era sua maneira habitual de falar, mas havíamos esvaziado juntos uma garrafa de um clarete excepcional, depois passado para o porto, e ele se encontrava numa disposição de ânimo mais do que usualmente relaxada. Até insistiu em arcar

sozinho com todo o custo dos detetives e da recompensa, embora eu tivesse me oferecido para dar uma contribuição. Selamos o trato com um aperto de mãos e ele sugeriu que eu fosse seu hóspede enquanto os arranjos eram feitos, um convite que aceitei com prazer. A arte tem sido a minha vida, seja como colecionador ou como *marchand*, e havia na casa de verão de Stillman o suficiente para me manter extasiado por meses.

“Na verdade, porém, os acontecimentos adquiriram um ritmo mais rápido. O sr. Stillman entrou em contato com a Agência Pinkerton e contratou um homem chamado Bill McParland. Não fui convidado para me encontrar com ele – Stillman é o tipo de pessoa que gosta de fazer tudo sozinho e à sua própria maneira. Mas eu conhecia o suficiente da reputação de McParland para estar certo de que era um investigador formidável, que não desistiria até que o Bando da Boina estivesse em suas mãos. Ao mesmo tempo, foram publicados anúncios no *Boston Daily Advertiser* oferecendo uma recompensa de cem dólares – uma soma considerável – por informações que levassem à detenção de Rourke e Keelan O’Donaghue e todos os seus comparsas. Fiquei satisfeito ao ver que o sr. Stillman havia incluído meu nome junto com o seu sob o anúncio, embora ele tivesse fornecido todo o dinheiro.

“Passei as semanas seguintes em Shepherd’s Point e em Boston, cidade de extraordinária beleza e em rápido crescimento. Voltei a Nova York algumas vezes e aproveitei a oportunidade para passar várias horas no Metropolitan Museum of Art, um prédio muito mal projetado mas contendo uma coleção esplêndida. Também visitei a sra. Devoy e o filho. Foi enquanto estava em Nova York que recebi um telegrama de Stillman, instando-me a voltar. O tamanho da recompensa surtira efeito. McParland recebera uma informação quente. A rede estava se fechando em torno do Bando da Boina.

“Voltei imediatamente, hospedando-me num hotel em School Street. E foi ali, à noite, que ouvi de Cornelius Stillman o que havia acontecido.

“A informação viera do dono de uma taberna em South End, uma parte menos salubre de Boston, onde já residia um grande número de imigrantes irlandeses. Os gêmeos O’Donaghue estavam escondidos numa exígua casa de cômodos perto do rio Charles, um prédio escuro e imundo de três andares com dúzias de quartos apinhados, nenhum vestíbulo e só uma latrina servindo a cada andar. Esgoto *in natura* corria pelos corredores e o cheiro só era disfarçado pelas emanações do carvão que queimava numa centena de pequeninos fogareiros. A pocilga estava cheia de bebês gritando, homens

bêbados e mulheres resmungando, semienlouquecidas, mas nos fundos fora acrescentada, separadamente, uma construção tosca, basicamente de madeira com alguns tijolos prensados, da qual os gêmeos tinham conseguido se apossar. Keelan tinha um quarto para si. Rourke dividia outro com dois de seus homens. Um terceiro cômodo era ocupado pelo resto do bando.

“O dinheiro que eles tinham roubado do trem já se fora, desperdiçado em álcool e jogo. Quando o sol se pôs aquela tarde, eles estavam agachados em volta do fogão, tomando gim e jogando cartas. Não tinham nenhuma sentinela. Nenhuma das famílias teria ousado delatá-los e eles davam como certo que a polícia de Boston há muito perdera qualquer interesse pelo roubo dos dois mil dólares. Assim, não se deram conta da aproximação de McParland, que se preparava para cercar a casa de cômodos na companhia de uma dúzia de homens armados.

“Os agentes da Pinkerton tinham sido instruídos a capturá-los vivos se pudessem, pois Stillman alimentava grande esperança de vê-los num tribunal; além disso, a presença de muitas pessoas inocentes na vizinhança fazia de um tiroteio algo a ser evitado a todo custo. Quando seus homens estavam posicionados, McParland pegou um megafone que trouxera consigo e gritou um aviso. Mas, se tinha esperança de que o Bando da Boina se rendesse pacificamente, desiludiu-se um instante depois, ao receber uma saraivada de tiros. Os gêmeos haviam se deixado apanhar de surpresa, mas não se entregariam sem luta, e muito chumbo caiu na rua, disparado não só pelas janelas mas através de buracos perfurados nas próprias paredes. Dois dos homens da Pinkerton foram derrubados a tiros, e o próprio Mac-Parland ficou ferido, mas os outros reagiram à altura, esvaziando seus tambores de seis balas diretamente na estrutura. Impossível imaginar o que acontecia enquanto centenas de balas abriam rasgos na madeira frágil. Não havia nenhuma proteção. Não havia onde se esconder.

“Quando tudo terminou, eles encontraram cinco homens caídos um ao lado do outro no interior enfumaçado, seus corpos dilacerados. Um fugira. À primeira vista isso parecia impossível, mas o informante de McParland lhe havia garantido que o bando todo estaria reunido naquele lugar, e durante o tiroteio ele tivera a impressão de que seis homens respondiam aos seus tiros. O cômodo foi examinado e o mistério, por fim, decifrado. Uma das tábuas do assoalho estava solta. Ao ser puxada para o lado, revelou um estreito canal, uma vala de drenagem que afundava no chão e continuava até o rio. Keelan O’Donaghue escapara por ali, num aperto dos diabos, porque o cano mal

tinha largura suficiente para uma criança, e certamente nenhum dos agentes da Pinkerton se mostrou disposto a experimentar a passagem. McParland foi à frente de seus homens até o rio, mas a essa altura estava escuro como breu e ele sabia que qualquer busca seria infrutífera. O Bando da Boina estava destruído, mas um de seus cabeças escapara.

“Esse foi o desfecho que Cornelius Stillman me descreveu em meu hotel naquela noite, mas não foi de maneira alguma o fim da história.

“Passei mais uma semana em Boston, em parte na esperança de que Keelan O’Donaghue ainda pudesse ser encontrado. Pois uma ligeira preocupação surgira em minha mente. Na realidade, ela talvez tivesse estado presente desde o primeiro minuto, mas só agora eu tomava consciência dela. Relacionava-se com aquele maldito anúncio que já mencionei e que levava meu nome. Stillman espalhara aos quatro ventos que eu estava envolvido com a recompensa e com o pessoal contratado para caçar o Bando da Boina. Na ocasião eu ficara encantado, pensando apenas em meu senso de dever público e, suponho, na honra de estar associado ao grande homem. Agora me ocorria que ter matado um gêmeo e deixado o outro vivo poderia fazer de mim um alvo de vingança, em especial num lugar em que os piores criminosos podiam contar com o apoio de tantos amigos e admiradores. Agora era com nervosismo que eu entrava e saía de meu hotel. Não me arriscava pelas áreas mais violentas da cidade. E em hipótese alguma saía à noite.

“Keelan O’Donaghue não foi capturado e havia até alguma dúvida de que tivesse de fato sobrevivido. Ele poderia ter sido ferido e morrido esvaindo-se em sangue, como um rato, debaixo da terra. Poderia ter se afogado. Stillman estava sem dúvida convencido de que esse fora o caso quando nos encontramos pela última vez, mas ele é o tipo de homem que não gosta de admitir fracassos. Eu tinha reservado passagem de volta para a Inglaterra no *SS Catalonia*, pertencente à companhia Cunard. Estava pesaroso por não poder dizer adeus à sra. Devoy e a seu filho, mas não tinha tempo para passar novamente em Nova York. Deixei o hotel. E lembro-me de que já estava na prancha de embarque e prestes a entrar no navio quando soube da notícia. Um jornalista a apregoava e lá estava ela, na primeira página.

“Cornelius Stillman havia sido morto a tiros quando caminhava pelo jardim de rosas de sua casa em Providence. Com a mão trêmula, comprei um exemplar do jornal e li que o ataque acontecera na véspera; que um rapaz usando um paletó de sarja, cachecol e boina tinha sido visto fugindo da cena

do crime. Uma caçada humana já começara e se espalharia por toda a Nova Inglaterra, pois se tratava do assassinato de um ‘brâmane’ de Boston e nenhum esforço devia ser poupado para levar o responsável à Justiça. Segundo a notícia, Bill McParland estava auxiliando a polícia, e havia certa ironia nisso, pois ele e Stillman haviam se desentendido dias antes da morte de Stillman. O magnata recusara-se a pagar metade da remuneração que acertara com Pinkerton, alegando que o serviço não estaria inteiramente concluído até que o último corpo fosse recuperado. Bem, esse último corpo estava de pé e andando, pois não podia haver nenhuma dúvida quanto à identidade do agressor de Stillman.

“Depois de ler o jornal, subi a prancha de embarque e fui direto para minha cabine, onde permaneci até as seis horas da tarde, quando se ouviu um enorme apito e o *Catalonia* soltou suas amarras e deslizou para fora do porto. Só então voltei ao deque e observei Boston desaparecer atrás de mim. Sentia imenso alívio por estar longe.

“Esta, cavalheiros, é a história dos Constables perdidos e de minha visita aos Estados Unidos. Conte para meu sócio, o sr. Finch, o que acontecera, é claro, e conversei a respeito com minha mulher. Mas nunca mais repeti isso para ninguém. O caso se passou mais de um ano atrás. E até que o homem de boina aparecesse perto de minha casa em Wimbledon, eu pensava que nunca mais voltaria a me referir a ele, e rezava para que assim fosse.”

Holmes, que terminara seu cachimbo muito antes que o *marchand* chegasse ao fim de sua narrativa, estivera ouvindo com seus longos dedos entrelaçados diante de si e um olhar de intensa concentração no rosto. Fez-se um longo silêncio. Um carvão rolou, fazendo soltar uma faísca. O crepitar pareceu arrancá-lo do seu devaneio.

“Que ópera o senhor pretendia ver esta noite?” perguntou.

Era a última pergunta que eu esperava. Parecia ser de importância tão trivial à luz de tudo que acabáramos de ouvir que tive vontade de saber se ele estava sendo deliberadamente rude.

Edmund Carstairs deve ter pensado o mesmo. Teve um sobressalto, virou-se para mim, depois de volta para Holmes. “Vou a uma montagem de um Wagner – mas nada do que lhe disse lhe causou nenhuma impressão?”

“Ao contrário, o caso me pareceu de excepcional interesse e devo cumprimentá-lo pela clareza e atenção aos detalhes com que o narrou.”

“E o homem da boina...”

“O senhor evidentemente pensa que ele é esse Keelan O’Donaghue. Acha que ele o seguiu até a Inglaterra para se vingar?”

“Que outra explicação poderia haver?”

“Agora, assim, eu poderia talvez lhe sugerir meia dúzia. Sempre me pareceu que qualquer interpretação de uma série de acontecimentos é possível até que as evidências digam outra coisa, e mesmo então é preciso ter cuidado antes de extrair uma conclusão. Neste caso, sim, é possível que esse jovem tenha cruzado o Atlântico e chegado até sua casa em Wimbledon. No entanto, poderíamos perguntar por que levou mais de um ano para fazer a viagem e que objetivo tinha ao convidá-lo para o encontro na igreja de St. Mary. Por que simplesmente não lhe deu um tiro onde o senhor estava, se era essa sua intenção? Mais estranho ainda é o fato de ele não ter comparecido.”

“Ele está tentando me aterrorizar.”

“E conseguindo.”

“Realmente.” Carstairs inclinou a cabeça. “Está dizendo que não pode me ajudar, sr. Holmes?”

“Nesta conjuntura, não me parece haver muita coisa que eu possa fazer. Seu visitante indesejado, quem quer que ele seja, não nos deu nenhum indício de como podemos encontrá-lo. Por outro lado, se ele reaparecer, será uma satisfação dar-lhe toda a assistência a meu alcance. Mas há uma última coisa que posso lhe dizer, sr. Carstairs. Pode apreciar sua ópera com toda a paz de espírito. Não acredito que ele pretenda lhe fazer mal.”

Mas Holmes estava errado. Pelo menos, foi o que pareceu já no dia seguinte. Pois foi então que o homem de boina atacou de novo.

3. Em Ridgeway Hall

O TELEGRAMA CHEGOU na manhã seguinte, quando tomávamos o desjejum.

O'DONAGHUE APARECEU DE NOVO ONTEM À NOITE. MEU COFRE ARROMBADO E POLÍCIA AGORA CHAMADA. PODE VIR?

Estava assinado por Edmund Carstairs.

”Então, que deduz disso, Watson?” perguntou Holmes, jogando o papel sobre a mesa.

“Ele voltou mais cedo, talvez, do que você havia pensado”, respondi.

“Em absoluto. Eu estava prevendo algo muito parecido com isso. Desde o começo, ocorreu-me que o chamado homem de boina estava mais interessado em Ridgeway do que no seu proprietário.”

“Esperava um arrombamento?” gaguejei. “Mas, Holmes, por que não advertiu o sr. Carstairs? Poderia, no mínimo, ter sugerido a possibilidade.”

“Você ouviu o que eu disse, Watson. Sem outras evidências, eu não podia ter esperança de conseguir nada. Mas agora nosso visitante decidiu muito generosamente nos ajudar. É bem provável que ele tenha forçado uma janela. Deve ter caminhado pelo gramado, parado num canteiro e deixado pegadas enlameadas no tapete. A partir disso ficaremos sabendo, no mínimo, sua altura, seu peso, sua profissão e quaisquer peculiaridades que possa ter em seu modo de andar. Talvez ele tenha tido até a bondade de deixar cair ou esquecer alguma coisa. Se levou joias, será obrigado a desfazer-se delas. Pelo menos agora temos um rastro para seguir. Pode me fazer o favor de passar a geleia? Há muitos trens para Wimbledon. Irá comigo, não é?”

“É claro, Holmes. Nada me agradaria mais.”

“Excelente. Por vezes me pergunto como serei capaz de encontrar energia ou vontade para empreender outra investigação sem a certeza de que o grande público poderá ler todos os seus detalhes no devido tempo.”

Eu me acostumara com indelicadezas assim e tomei-a como indicação do bom humor de meu amigo, por isso não respondi. Pouco depois, quando Holmes tinha terminado de fumar seu cachimbo matutino, vestimos nossos sobretudos e saímos. A distância até Wimbledon não é grande, mas já eram quase onze horas quando chegamos e pensei se o sr. Carstairs não teria desistido de nós por completo.”

Minha primeira impressão de Ridgeway Hall foi que a casa era um perfeito porta-joias e bastante apropriada para um colecionador de objetos de arte que certamente abrigava diversas obras inestimáveis. Dois portões, um de cada lado, abriam-se junto à alameda pública, e um caminho de cascalho em forma de ferradura cortava um gramado bem-aparado e levava à porta da frente. Os portões eram emoldurados por pilastras ornamentadas, cada uma coroada por um leão de pedra com a pata levantada, como se ordenando aos visitantes que parassem e refletissem antes de decidir entrar. Um muro baixo corria entre os dois. A própria casa ficava um pouco recuada. Era o que eu teria qualificado de *villa*, construída no estilo georgiano, branca e quadrada, com elegantes janelas simetricamente dispostas dos dois lados da entrada da frente. Essa simetria estendia-se até as árvores, das quais havia muitos belos espécimes, mas plantados de tal maneira que um lado do jardim formava quase uma imagem especular do outro. No último instante, porém, a simetria fora quebrada por uma fonte italiana que, embora bonita em si mesma, com cupidos e delfins brincando na pedra e a luz do sol fazendo um fino verniz de gelo cintilar, havia no entanto sido posicionada ligeiramente fora do lugar. Era impossível vê-la sem ter vontade de pegá-la e deslocá-la dois ou três metros para a esquerda.

Revelou-se que a polícia já estivera no local. A porta foi aberta por um criado, elegantemente vestido e de semblante soturno. Ele nos conduziu por um largo vestíbulo que se abria para salas de ambos os lados, as paredes ostentando pinturas e gravuras, espelhos antigos e tapeçarias. Sobre uma mesa de pernas curvas, via-se uma escultura de um menino pastor apoiado em seu cajado. Um belo relógio de pé, branco e dourado, erguia-se na extremidade oposta, seu tique-taque suave ecoando pela casa. Introduzidos na sala de visitas, vimos Carstairs, instalado numa espreguiçadeira, conversando com uma mulher alguns anos mais jovem. Vestia uma sobrecasaca preta, colete prateado e sapatos de verniz. Seu longo cabelo estava meticulosamente penteado para trás. Vendo-o, poder-se-ia pensar que

perdera apenas uma rodada no bridge. Difícil acreditar que algo mais desagradável acontecera. Mas assim que nos viu ele se levantou de um salto.

“Ah! O senhor veio! Disse-me ontem que eu não tinha motivo para temer o homem que eu acreditava ser Keelan O’Donaghue. No entanto ontem à noite ele invadiu esta casa. Pegou cinquenta libras e joias de meu cofre. Não fosse o fato de minha mulher ter sono leve e tê-lo surpreendido no meio do assalto, quem sabe o que teria feito em seguida?”

Voltei minha atenção para a senhora acomodada ao seu lado. Era uma mulher miúda, atraente, de cerca de trinta anos, e impressionou-me de imediato com seu rosto vivo, inteligente e sua postura confiante. Tinha cabelo claro, puxado para trás e preso num coque, estilo que parecia projetado para acentuar a elegância e feminilidade de seus traços. Apesar dos sustos da manhã, julguei que tinha agudo senso de humor, pois ele estava ali em seus olhos, de um estranho tom entre verde e azul, e nos lábios, sempre à beira de um sorriso. Havia algumas sardas em seu rosto. Usava um vestido simples de mangas compridas, sem enfeites e solto. Um colar de pérolas pendia-lhe do pescoço. Havia alguma coisa nela que me lembrou, quase instantaneamente, minha querida Mary. Antes mesmo que falasse, tive certeza de que teria o mesmo temperamento; uma independência natural e um aguçado senso de dever para com o homem que escolhera para se casar.

“Talvez o senhor deva começar apresentando-nos”, observou Holmes.

“Naturalmente. Esta é minha mulher, Catherine.”

“E o senhor deve ser Sherlock Holmes. Estou muito agradecida por ter respondido com tanta presteza ao nosso telegrama. Pedi a Edmund que o enviasse. Disse que o senhor viria.”

“Suponho que tenha tido uma experiência muito perturbadora”, começou Holmes.

“De fato. Foi como meu marido lhe contou. Acordei ontem à noite e vi no relógio que eram três e vinte. Uma lua cheia brilhava através da janela. Pensei a princípio que podia ter sido um pássaro ou uma coruja que me despertara, mas depois ouvi um outro som, vindo de dentro da casa, e vi que me enganara. Levantei-me da cama, vesti um penhoar e descí ao térreo.”

“Foi um absurdo fazer isso, meu anjo”, observou Carstairs. “Você poderia ter sido ferida.”

“Não me considerei em perigo. Para ser franca, nem me ocorreu que podia haver um estranho na casa. Pensei que devia ser o sr. ou sra. Kirby –

ou até Patrick. Você sabe, não confio completamente naquele rapaz. De todo modo, passei os olhos pela sala de visitas. Nada fora mexido. Depois, por alguma razão, fui atraída para o gabinete.”

“Não levava nenhuma luz?” perguntou Holmes.

“Não. A lua bastava. Abri a porta e vi uma figura, uma silhueta empoleirada no peitoril da janela, segurando alguma coisa na mão. Ele me viu e ambos ficamos imobilizados, nos encarando um de cada lado do tapete. A princípio não gritei. Estava chocada demais. Depois foi como se ele simplesmente tivesse caído para trás, pela janela, tombando na grama, e no mesmo instante fiquei livre do meu feitiço. Gritei e dei o alarme.”

“Logo examinaremos o cofre e o gabinete”, disse Holmes. “Mas antes disso, sra. Carstairs, posso dizer por seu sotaque que é americana. Faz muito tempo que se casou?”

“Edmund e eu estamos casados há quase um ano e meio.”

“Eu deveria ter lhe explicado como conheci Catherine”, interveio Carstairs. “Pois isso tem estreita relação com o que lhe relatei ontem. Só não o fiz por pensar que não tinha nenhuma pertinência.”

“Tudo tem pertinência”, observou Holmes. “Muitas vezes constatei que o aspecto mais imaterial de um caso pode ser ao mesmo tempo o mais importante.”

“Nós nos conhecemos no *Catalonia*, no mesmo dia em que ele deixou Boston”, disse Catherine Carstairs. Ela estendeu a mão e pegou a do marido. “Eu viajava sozinha, afora, claro, por uma moça que contratara para me acompanhar. Vi Edmund quando embarcou e soube de imediato que algo pavoroso lhe acontecera. Era óbvio por sua fisionomia, pelo medo em seus olhos. Passamos um pelo outro no deque aquela noite. Ambos éramos solteiros. E por um golpe de sorte vimo-nos sentados lado a lado no jantar.”

“Não sei como eu teria sobrevivido à travessia, não fosse por Catherine”, Carstairs continuou a história. “Sempre tive um temperamento nervoso, e a perda das pinturas, a morte de Cornelius Stillman, a terrível violência... tudo isso havia sido demais para mim. Sentia-me muito indisposto, com febre. Mas desde o princípio Catherine cuidou de mim e vi meus sentimentos em relação a ela crescerem mesmo enquanto a costa dos Estados Unidos ainda fugia atrás de mim. Devo dizer que sempre zombei do conceito de ‘amor à primeira vista’, sr. Holmes. É algo que posso ter lido em romances baratos, mas em que nunca acreditei. Apesar disso, foi o que

aconteceu. Quando chegamos à Inglaterra, eu sabia que havia encontrado a mulher com quem desejava passar o resto de minha vida.”

“E qual foi, se posso lhe perguntar, a razão de sua visita à Inglaterra?” perguntou Holmes, virando-se para a esposa.

“Fui casada por pouco tempo em Chicago, sr. Holmes. Meu marido trabalhava com propriedades imobiliárias, e, embora muito respeitado na comunidade como homem de negócios e frequentador assíduo da igreja, nunca foi bondoso comigo. Tinha um temperamento horrível e em certas ocasiões eu chegava a temer por minha segurança. Eu tinha poucos amigos e ele fazia tudo que estava ao seu alcance para que a situação não mudasse. Nos últimos meses de nosso casamento ele literalmente me trancou em casa, talvez temendo que eu pudesse depor contra ele. Mas então, muito subitamente, ele contraiu uma tuberculose e morreu. Infelizmente, sua casa e grande parte de sua fortuna foram para suas duas irmãs. Fui deixada com pouco dinheiro, sem amigos e sem nenhuma razão para desejar permanecer nos Estados Unidos. Assim, parti. Eu vinha para a Inglaterra para um novo começo.” Ela baixou os olhos e acrescentou, com uma expressão de humildade: “Eu não esperava deparar com ele tão depressa, nem encontrar a felicidade que por tanto tempo faltou à minha vida.”

“A senhora mencionou uma companheira de viagem que tinha consigo no *Catalonia*”, observou Holmes.

“Eu a contratei em Boston. Nunca a vi antes – e ela deixou o emprego logo depois que chegamos.”

Lá fora, no vestíbulo, o relógio bateu a hora.

Holmes levantou-se depressa, com um sorriso no rosto e aquela expressão de energia e excitação que eu conhecia tão bem. “Não temos mais tempo a perder!” exclamou. “Desejo examinar o cofre e a sala em que se encontra. Cinquenta libras foram levadas, o senhor disse. Não é uma soma de dinheiro muito grande, no fim das contas. Vamos ver o que o ladrão deixou para trás, se é que deixou alguma coisa.”

Mas, antes que pudéssemos fazer um movimento, uma outra mulher entrou na sala e vi no mesmo instante que, embora parte da família, era tão diferente de Catherine Carstairs quanto se poderia imaginar. Era desgraciosa e sisuda, vestida de cinza, com o cabelo escuro preso num coque apertado na nuca. Usava uma cruz de prata e trazia os dedos das mãos entrecruzados, como se rezasse. Por seus olhos escuros, a pele clara e o formato dos lábios,

conjecturei que devia ser parente de Carstairs. Não tinha nada da teatralidade dele, parecendo-se mais com o ponto, sempre mergulhado nas sombras, à espera de que ele esquecesse suas falas.

“O que está havendo agora?” perguntou ela. “Primeiro sou perturbada em meu quarto por policiais com perguntas absurdas cujas respostas eu não teria como saber. Já não foi o bastante? Vamos convidar o mundo inteiro a invadir nossa privacidade?”

“Este é o sr. Sherlock Holmes, Eliza”, gaguejou Carstairs. “Eu lhe contei que o consultei ontem.”

“E grande proveito isso lhe valeu. Não havia nada que ele pudesse fazer; foi o que eu lhe disse. Uma bela consulta, Edmund, não resta dúvida. Poderíamos todos ter sido assassinados em nossas camas.”

Carstairs lançou-lhe um olhar afetuoso, mas ao mesmo tempo exasperado. “Esta é minha irmã, Eliza”, disse.

“A senhora reside nesta casa?” perguntou-lhe Holmes.

“Sim, sou tolerada”, respondeu a irmã. “Tenho um quarto na água-furtada onde me mantenho à parte, e todos parecem pensar que prefiro assim. Resido aqui, mas não sou parte desta família. Dá no mesmo o senhor falar com os criados ou comigo.”

“Você sabe que isso não é justo, Eliza”, disse a sra. Carstairs.

Holmes virou-se para o dono da casa. “Talvez possa me dizer quantas pessoas moram aqui.”

“Além de mim e Catherine, Eliza ocupa de fato o andar superior. Temos Kirby, que é nosso lacaio e faz-tudo. Foi ele que o conduziu até aqui. Sua mulher trabalha como nossa empregada e os dois residem no térreo. Eles têm um jovem sobrinho, Patrick, que nos chegou recentemente da Irlanda e faz as vezes de ajudante de cozinha e sai para pequenas incumbências, e há uma copeira, Elsie. Temos ainda um cocheiro e um cavaliariço, mas eles moram na aldeia.”

“Uma grande e ativa criadagem”, observou Holmes. “Mas estávamos prestes a examinar o cofre.”

Eliza Carstairs ficou onde estava. Nós saímos da sala de visitas, seguimos pelo vestíbulo e entramos no gabinete de Carstairs, que ficava bem nos fundos da casa, com vista para o jardim e, à distância, um laguinho ornamental. O aposento revelou-se confortável e bem-mobiliado, com a escrivaninha emoldurada por duas janelas, cortinas de veludo, uma bela

lareira e algumas paisagens que, por suas cores vivas e a maneira quase casual como a tinta havia sido aplicada, eu sabia que deviam pertencer à escola impressionista de que Carstairs falara. O cofre, bastante sólido, ficava disfarçado num canto. Ainda estava aberto.

“Foi assim que o encontraram?” perguntou Holmes.

“A polícia o examinou”, respondeu Carstairs. “Mas pareceu-me melhor deixá-lo aberto até a sua chegada.”

“Fez bem”, disse Holmes, dando uma espiada no cofre.

“A fechadura parece não ter sido forçada, o que sugere o uso de uma chave”, observou.

“Havia apenas uma chave e mantenho-a comigo o tempo todo”, retrucou Carstairs. “Mas uns seis meses atrás pedi a Kirby para fazer uma cópia. Catherine guarda suas joias no cofre e, quando estou fora – pois ainda viajo para leilões por todo o país e às vezes para o continente –, achou que deveria ter sua própria chave.”

A sra. Carstairs havia nos seguido até o gabinete e estava de pé junto da escrivaninha. Ela juntou as mãos. “Eu a perdi”, falou.

“Quando foi isso?”

“Não posso dizer com certeza, sr. Holmes. Pode ter sido um mês atrás, pode ter sido há mais tempo. Edmund e eu já analisamos isso. Eu quis abrir o cofre algumas semanas atrás e não consegui encontrá-la. A última vez que a usei foi em meu aniversário, que foi em agosto. Não faço ideia do que aconteceu com ela depois. Via de regra, não sou tão descuidada.”

“Poderia ter sido roubada?”

“Eu a guardava numa gaveta ao lado de minha cama e ninguém entra no quarto além dos criados. Até onde sei, a chave nunca saiu desta casa.”

Holmes virou-se para Carstairs. “O senhor nunca substituiu o cofre.”

“Sempre foi minha intenção fazê-lo. Mas ocorreu-me que, se a chave houvesse caído de algum modo no jardim ou mesmo na aldeia, ninguém teria como saber o que ela abria. Se, como tudo parecia indicar, ela estivesse em algum lugar entre os pertences de minha mulher, era improvável que caísse nas mãos erradas. Em todo caso, não podemos ter certeza de que foi a chave da minha mulher que foi usada para abrir o cofre. Kirby pode ter mandado fazer uma segunda cópia.”

“Há quanto tempo ele está com o senhor?”

“Seis anos.”

“Não tem nenhuma queixa dele?”

“Absolutamente nenhuma.”

“E quanto a seu ajudante de cozinha, Patrick? Sua mulher diz que desconfia dele.”

“Minha mulher tem antipatia por ele porque ele é insolente e pode ser um pouco sonso. Está conosco há alguns meses e só o mantemos aqui por pressão da sra. Kirby, que nos pediu para ajudá-lo a arranjar emprego. Ela se responsabiliza pelo caráter do rapaz, e eu não tenho nenhuma razão para pensar que seja desonesto.”

Holmes pegara sua lente de aumento e examinava o cofre, prestando particular atenção à fechadura. “O senhor disse que algumas joias foram roubadas”, disse. “Eram de sua mulher?”

“Não. Na verdade era um colar de safiras que pertenceu à minha finada mãe. Três grupos de safiras num engaste de ouro. Imagino que teria pouco valor financeiro para o ladrão, mas tinha grande valor sentimental para mim. Ela morou conosco até alguns meses atrás, até...” Carstairs interrompeu-se e sua mulher aproximou-se dele, pousando a mão em seu ombro. “Houve um acidente, sr. Holmes. Ela tinha uma lareira a gás em seu quarto. De alguma maneira a chama se apagou e ela foi asfixiada enquanto dormia.”

“Era muito idosa?”

“Tinha sessenta e nove anos. Dormia sempre com a janela fechada, mesmo no verão. De outro modo, teria se salvado.”

Holmes afastou-se do cofre e foi até a janela. Foi a seu encontro ali enquanto ele examinava o peitoril, os caixilhos e a moldura. Como de hábito, verbalizava suas observações em voz alta – não necessariamente em meu proveito. “Nenhuma persiana”, começou. “A janela tem uma tranca e fica a alguma distância do solo. Ela foi evidentemente forçada pelo lado de fora. A madeira está lascada, o que pode explicar o som que a sra. Carstairs ouviu.” Ele parecia estar fazendo um cálculo. “Gostaria, se possível, de falar com seu empregado, Kirby. E depois disso vou caminhar no jardim, embora imagine que a polícia deva ter pisoteado tudo que pudesse me fornecer alguma pista sobre o que aconteceu. Eles lhe deram alguma ideia de sua linha de investigação?”

“O inspetor Lestrade voltou e conversou conosco rapidamente antes da sua chegada.”

“O quê? Lestrade? Ele esteve aqui?”

“Sim. E seja qual for sua opinião sobre ele, sr. Holmes, pareceu-me eficiente e minucioso. Ele já havia verificado que um homem com sotaque americano pegou o primeiro trem de Wimbledon para London Bridge às cinco horas da manhã de hoje. Pelo modo como se vestia e a cicatriz na face direita, temos certeza de que é o mesmo que vi perto de minha casa.”

“Asseguro-lhe que, se Lestrade está envolvido, o senhor pode estar certo de que ele chegará a uma conclusão muito em breve, mesmo que ela seja completamente errada! Bom dia, sr. Carstairs. Foi um prazer conhecê-la, sra. Carstairs. Venha Watson...”

Voltamos sobre nossos passos pelo vestíbulo até a porta da frente, onde Kirby já nos esperava. Ele não parecera lá muito acolhedor quando de nossa chegada, mas é possível que nos visse como um estorvo à rotina da casa. Ainda tinha o mesmo queixo quadrado, um rosto fino e comprido, parecendo um homem sem vontade de falar mais palavras do que o estritamente necessário, mas pelo menos se mostrou um pouco mais sociável ao responder as perguntas de Holmes. Confirmou que estava em Ridgeway Hall há seis anos. Viera de Barnstaple, sua mulher de Dublin. Holmes lhe perguntou se a casa mudara muito durante sua permanência ali.

“Oh sim, senhor”, foi a resposta. “A velha sra. Carstairs tinha hábitos muito arraigados. Ela certamente fazia a gente saber se alguma coisa não fosse do seu agrado. A nova sra. Carstairs não poderia ser mais diferente. Ela tem um temperamento muito alegre. Minha mulher a considera uma lufada de ar fresco.”

“Ficaram contentes com o casamento do sr. Carstairs?”

“Ficamos encantados, senhor, bem como surpresos.”

“Surpresos?”

“Eu não gostaria de ser imprudente, senhor, mas antigamente o sr. Carstairs não mostrava nenhum interesse por esses assuntos, sendo devotado à família e ao trabalho. A sra. Carstairs sem dúvida surgiu intempestivamente, mas todos concordamos que isso tornou a casa melhor.”

“Estava presente quando a velha sra. Carstairs morreu?”

“De fato estava, senhor. Em parte culpo a mim mesmo. A senhora tinha muito medo de correntes de ar e em consequência disso eu havia – por insistência dela – vedado cada fenda que permitisse a entrada de ar no quarto. O gás, portanto, não teve por onde escapar. Foi a criada, Elsie, que a

encontrou de manhã. Mas a essa altura o ar estava cheio de gás – um caso realmente pavoroso.”

“O ajudante de cozinha, Patrick, estava em casa na ocasião?”

“Patrick chegara apenas uma semana antes. Foi um começo pouco auspicioso, senhor.”

“Ele é seu sobrinho, pelo que depreendi.”

“Sim, pelo lado de minha mulher, senhor.”

“De Belfast?”

“Isso mesmo. Não foi fácil para Patrick fazer serviço doméstico. Tínhamos esperança de lhe dar um bom empurrão na vida, mas ele ainda precisa aprender a atitude adequada para uma pessoa em sua posição, em particular na maneira como se dirige ao dono da casa. É bem possível, porém, que a causa tenha sido de algum modo a calamidade inicial de que falamos, e a perturbação que se seguiu. Não é um rapaz tão mau e espero que prospere com o tempo.”

“Muito obrigado, Kirby.”

“Foi um prazer, senhor. Cá estão seu sobretudo e suas luvas...”

No jardim, Holmes deu mostras de um inusitado bom humor. Andou pelo gramado com largas passadas, aspirando o ar da tarde e deliciando-se com a breve escapada da cidade, pois nenhum dos nevoeiros de Baker Street nos seguira até ali. Naquela época, havia partes de Wimbledon onde ainda se tinha uma sensação muito semelhante à de se estar no campo. Podíamos ver um grupo de ovelhas numa encosta, ao lado de um bosque de carvalhos antigos. Havia apenas algumas casas salpicadas à nossa volta e ficamos ambos impressionados com a tranquilidade da paisagem e a estranha qualidade da luz, que parecia dar a tudo contornos nítidos. “Este é um caso inteiramente extraordinário, não acha?” exclamou ele, quando nos dirigíamos para a alameda.

“Parece-me bastante trivial”, respondi. “A soma de cinquenta libras foi levada junto com um colar antigo. Não posso dizer que seja o mais espinhoso de seus desafios, Holmes.”

“O colar, em especial, me parece fascinante, dado tudo que ouvimos sobre esta família. Então já chegou à solução?”

“Suponho que tudo depende disto: o visitante indesejado desta casa era mesmo o irmão gêmeo de Boston?”

“E se eu lhe garantisse que é quase certo que não era?”

“Nesse caso eu diria que, pela primeira vez, você está sendo completamente desconcertante.”

“Meu caro e velho Watson. Como é bom tê-lo ao meu lado. Mas creio que foi por aqui que o intruso chegou ontem à noite...” Havíamos chegado ao fundo do jardim, onde o caminho se encontrava com a alameda, com o gramado central da aldeia do outro lado. O tempo persistentemente frio e a grama bem-cuidada do jardim haviam criado uma tela perfeita, em que todas as idas e vindas das vinte e quatro horas precedentes haviam ficado, de fato, congeladas. “Ali passou, se não me engano, o minucioso e eficiente Lestrade.” Havia pegadas por toda parte em torno de nós, mas Holmes havia apontado para um conjunto em particular.

“Você não tem como saber que são dele.”

“Não? O comprimento da passada sugere um homem de pouco menos de um metro e setenta de altura, a mesma de Lestrade. Ele usava botas de bico quadrado, como as que vi muitas vezes nos pés de Lestrade. Mas a evidência mais clamorosa é que elas rumam numa direção completamente errada, deixando escapar tudo que tem importância – e quem mais poderia ser esse, se não Lestrade? Ele entrou e saiu, você verá, pelo portão da direita. É uma escolha muito natural, pois, quando nos aproximamos da casa, é o primeiro portão a que chegamos. Contudo, o intruso sem dúvida entrou pelo outro caminho.”

“Ambos os portões me parecem idênticos, Holmes.”

“Os portões são de fato idênticos, mas o da esquerda é menos visível por causa da posição da fonte. Se você fosse se aproximar da casa e não desejasse ser visto, é esse que escolheria e, como pode observar, só vemos aqui um conjunto de pegadas com que nos preocupar. Veja! O que temos aqui?” Holmes agachou-se e pegou uma guimba de cigarro, que me mostrou. “Um cigarro americano, Watson. O tabaco é inconfundível. Pode notar que não há nenhuma cinza nesta área adjacente.”

“O toco de um cigarro, mas nenhuma cinza?”

“O que significa que, embora tomasse cuidado para não ser visto, ele não se demorou aqui. Isto não lhe parece significativo?”

“Era o meio da noite, Holmes. Ele podia ver que a casa estava às escuras. Não tinha receio algum de ser notado.”

“Mesmo assim...” Seguimos os rastros através do gramado e contornamos o lado da casa até o gabinete. “Ele andava num ritmo constante.

Poderia ter parado junto à fonte para se certificar de que estava seguro, mas preferiu não o fazer.” Holmes examinou a janela que já observara com atenção pelo lado de dentro. “Devia ser um homem de força incomum.”

“Não deve ter sido assim tão difícil forçar a janela.”

“De fato não, Watson. Mas considere a altura dela. Pode ver onde ele pulou no jardim quando terminou. Deixou duas marcas na grama. Mas não há sinal de uma escada de mão, nem mesmo de uma cadeira de jardim. De fato, é possível que ele tenha encontrado um apoio para a ponta do pé na parede. Há algumas saliências na argamassa. Mas mesmo assim ele teria sido obrigado a usar uma das mãos para se agarrar ao peitoril, enquanto usava um pé de cabra para abrir a janela com a outra. Devemos igualmente nos perguntar se foi por coincidência que o sujeito resolveu invadir precisamente a sala em que o cofre se encontrava.”

“Não é provável que tenha dado a volta até os fundos da casa porque ficam mais escondidos e ele teria menos chance de ser visto? Depois teria escolhido uma janela ao acaso.”

“Nesse caso, teve uma sorte extraordinária.” Holmes havia concluído seu exame. “Mas isto está exatamente como eu esperava, Watson”, prosseguiu. “Não deve ser difícil seguir o rastro de um colar com três grupos de safiras num engaste de ouro, e isso nos levaria direto ao nosso homem. Lestrade pelo menos confirmou que ele tomou o trem para London Bridge. Podemos ir andando.”

Passamos pela frente da casa, seguindo o caminho. Mas, antes que pudéssemos chegar à alameda, a porta de Ridgeway abriu-se e uma mulher saiu apressada, parando diante de nós. Era Eliza Carstairs, a irmã do *marchand*. Ela jogara um xale sobre os ombros, que segurava contra o peito, e estava claro, por sua expressão, os olhos arregalados e as mechas de cabelo escuro que esvoaçavam sobre sua testa, que se encontrava num estado de consternação.

“Sr. Holmes!” exclamou.

“Srta. Carstairs.”

“Fui rude com o senhor lá dentro e deve me perdoar por isso. Mas devo lhe dizer agora que nada é como parece e que, a menos que nos ajude, a menos que possa suspender a maldição que caiu sobre este lugar, estamos perdidos.”

“Srta. Carstairs, rogo-lhe que se controle.”

“Ela é a causa de tudo isto.” A irmã lançou um dedo acusatório na direção da casa. “Catherine Marryat – pois este era seu nome do primeiro casamento. Ela atacou Edmund quando ele estava no fundo do poço. Ele sempre teve uma natureza sensível, mesmo quando menino, e era inevitável que seus nervos não suportassem fazer frente à extrema provação por que passara em Boston. Estava exausto, enfermo e – sim, precisando de alguém que cuidasse dele. E assim ela se atirou sobre meu irmão. Que direito tinha, uma americana sem eira nem beira, que mal possuía algum dinheiro em seu nome? No mar, dias a fio a bordo daquele navio, ela teceu de tal modo uma teia em torno dele que, quando ele voltou para casa, era tarde demais. Não conseguimos dissuadi-lo.”

“A senhora mesma teria tomado conta dele.”

“Eu o amo tanto quanto é possível a uma irmã. Minha mãe também. E não acredite nem por um minuto que ela morreu em virtude de um acidente. Somos uma família respeitável, sr. Holmes. Meu pai era um vendedor de estampas que veio de Manchester para Londres e foi ele que abriu a loja de quadros em Albemarle Street. Lamentavelmente morreu muito moço e desde então nós três vivemos juntos em perfeita harmonia. Quando Edmund anunciou sua determinação de se unir à sra. Marryat, quando discuti com ela e se recusou a dar ouvidos à voz da razão, isso partiu o coração de minha mãe. É claro que nos agradaria ver Edmund casado. Sua felicidade era a única coisa que nos importava no mundo. Mas como podia se casar com ela? Uma aventureira estrangeira que nunca tínhamos visto e que, desde o início, interessava-se claramente apenas por sua fortuna e posição, pelo conforto e proteção que ele poderia lhe dar. Minha mãe se matou, sr. Holmes. Não podia viver com a vergonha e o infortúnio desse maldito casamento, e assim, seis meses depois do dia das bodas, ela ligou o gás e ficou deitada em sua cama até que as emanações fizessem seu trabalho e a dádiva do esquecimento a levasse de nós.”

“Sua mãe lhe comunicou suas intenções?” perguntou Holmes.

“Não era necessário. Eu sabia o que ela tinha em mente e não me surpreendi muito quando a encontraram. Ela tinha feito sua escolha. Este não havia sido um lar agradável desde o dia em que a americana chegou, sr. Holmes. E agora esta última história, esse invasor que arromba nossa casa e rouba o colar de mamãe, nossa mais cara lembrança daquela alma querida que se foi. Tudo isso é parte da mesma calamidade. Como podemos saber que esse estranho não veio para cá atrás dela, e não para levar a cabo uma

vingança contra meu irmão? Ela estava comigo na sala de estar quando ele apareceu pela primeira vez. Eu o vi pela janela. Talvez seja um velho conhecido que a seguiu até aqui. Talvez seja mais que isso. Mas este é só o começo da história, sr. Holmes. Enquanto esse casamento durar, nenhum de nós estará em segurança.”

“Seu irmão parece plenamente satisfeito”, respondeu Holmes, com certa indiferença. “Mas pondo isso de lado, o que espera que eu faça? Um homem pode escolher com quem se casar sem a bênção de sua mãe. Ou, no caso, da irmã.”

“O senhor pode investigá-la.”

“Isso não é da minha conta, sra. Carstairs.”

Eliza Carstairs fitou-o com desdém. “Li sobre suas façanhas, sr. Holmes”, respondeu ela. “E sempre as julguei exageradas. O senhor mesmo, a despeito de toda a sua habilidade, sempre me pareceu alguém sem nenhuma compreensão do coração humano. Agora sei que isso é verdade.”

E com isso deu meia-volta e entrou de novo na casa.

Holmes acompanhou-a com os olhos até que a porta se fechasse. “Extremamente singular”, comentou. “Este caso se torna cada vez mais curioso e complexo.”

“Nunca ouvi uma mulher falar com tanta fúria”, observei.

“De fato, Watson. Mas há uma coisa que eu gostaria muito de saber, pois começo a ver grande perigo nesta situação.” Lançou um olhar para a fonte, para as figuras de pedra no círculo congelado de água. “Será que a sra. Catherine Carstairs sabe nadar?”

4. Uma força de polícia extraoficial

HOLMES ACORDOU TARDE na manhã seguinte, e eu estava sentado sozinho, lendo *O martírio do homem*, de Winwood Reade, um livro que ele me recomendara em mais de um a ocasião mas que, confesso, me parecera de difícil compreensão. Eu podia ver, contudo, por que o autor atraíra meu amigo com seu ódio à “ociosidade e à estupidez”, sua reverência pelo “divino intelecto”, sua sugestão de que “é da natureza do homem arrazoar de si mesmo para fora”. Holmes poderia ele próprio ter escrito muito daquilo, e embora eu tenha ficado feliz de virar a última página e deixá-lo de lado, senti que a obra pelo menos me permitira penetrar um pouco na mente do detetive. O correio da manhã trouxera uma carta de Mary. Tudo estava bem em Camberwell; Richard Forrester não estava doente a ponto de não exultar por rever sua antiga governanta, e era evidente que ela estava apreciando a companhia da mãe do menino, que a tratava, muito corretamente, como uma igual, e não como uma ex-empregada.

Eu pegara a caneta para lhe responder quando ouvi um estridente toque de campainha na porta da frente, seguido pelo som de uma profusão de pés na escada. Era um som de que eu me lembrava bem, de modo que estava plenamente preparado quando cerca de meia dúzia de moleques de rua se posicionou em algo parecido com uma fileira ordenada, com o mais alto e mais velho deles arrumando-os aos gritos.

“Wiggins!” exclamei, porque me lembrava de seu nome. “Não esperava vê-lo de novo.”

“O seu Olmes mandou uma mensagem pra gente, chamando pra um assunto da maior urgência”, respondeu o menino. “E quando o seu Olmes chama, a gente vem, por isso estamos aqui!”

Certa vez Sherlock os apelidara de divisão de Baker Street da força de polícia investigativa. Outras vezes, referia-se a eles como os Irregulares. Seria difícil imaginar um bando mais miserável e mais esfarrapado, meninos

entre as idades de oito e quinze anos, unidos pela sujeira e a fuligem, as roupas tão retalhadas e cerzidas que seria impossível dizer a quantas crianças já tinham pertencido. O próprio Wiggins usava um paletó adulto que fora cortado pela metade, uma faixa removida do meio e de cima, e a parte de baixo presa de novo. Vários meninos estavam descalços. Somente um, eu notei, era um pouco mais limpo e bem-alimentado que os outros, suas roupas ligeiramente menos surradas, e tive vontade de saber que delito – furto de carteiras, talvez, ou roubo – lhe fornecera meios não só para sobreviver mas, à sua maneira, de prosperar. Ele não podia ter mais de treze anos, mas apesar disso, como todos os outros, já era completamente adulto. A infância, afinal de contas, é o primeiro bem que a pobreza furta de uma criança.

Um instante depois Sherlock Holmes apareceu, e com ele a sra. Hudson. Pude ver que nossa senhoria estava aturdida e irritada, e ela não tentou esconder seus pensamentos. “Não vou admitir isso, sr. Holmes. Já lhe disse antes. Esta é uma casa respeitável e o senhor chama para cá um bando de maltrapilhos. Deus sabe as doenças que eles terão trazido – ou os artigos de prata ou roupa branca que terão desaparecido quando forem embora.”

“Por favor acalme-se, minha boa sra. Hudson”, riu Holmes. “Wiggins! Eu já lhe disse. Não quero ter a casa invadida desta maneira. No futuro você se apresentará a mim sozinho. Mas como já está aqui e trouxe o bando todo, ouçam todos atentamente minhas instruções. Nossa caça é um americano, um homem de uns trinta e cinco anos que costuma usar uma boina. Tem uma cicatriz recente na face direita e creio que podemos presumir que pouco conhece Londres. Ontem ele esteve na London Bridge Station e tem em sua posse um colar de ouro engastado com três grupos de safiras de que, nem é preciso dizer, se apossou de maneira ilícita. Bem, aonde vocês acham que ele iria para se desfazer dele?”

“Fullwood’s Rents!” gritou um menino.

“Os judeus em Petticoat Lane”, gritou outro.

“Não! Ele conseguirá um preço melhor nas ‘casas do inferno’”, sugeriu um terceiro. “Eu iria a Flower Street ou Field Lane.”

“As casas de penhor!” interrompeu o menino mais bem-vestido que primeiro chamara a minha atenção.

“As casas de penhor!” concordou Holmes “Qual é o seu nome, menino?”

“É Ross, senhor.”

“Bem, Ross, você tem as qualidades essenciais de um detetive. O homem que procuramos é novo nesta cidade e não deve conhecer Flower Street, Fullwood’s Rents ou qualquer dos cantos mais esotéricos em que vocês, meninos, se metem em apuros. Ele irá ao lugar mais óbvio, e o símbolo das três esferas douradas é conhecido no mundo inteiro. Por isso é por aí que quero que comecem. Ele chegou a London Bridge, e vamos supor que escolheu se hospedar num hotel ou pensão perto dali. Vocês devem visitar todas as casas de penhor do bairro. Meu preço é o mesmo de sempre. Um xelim para cada um e um guinéu para quem descobrir o que estou procurando.”

Wiggins emitiu uma ordem brusca e, com muito barulho e alvoroço, nossa força de polícia extraoficial se retirou, sob o olhar atento da sra. Hudson, que passaria o resto da manhã contando os talheres. Assim que saíram, Holmes bateu as mãos e afundou numa poltrona. “Bem, Watson”, perguntou, “o que deduz disto?”

“Você parece ter certeza absoluta de que encontraremos O’Donaghue”, respondi.

“Tenho razoável certeza de que encontraremos o homem que invadiu Ridgeway Hall”, retrucou ele.

“Não acha que Lestrade também estará fazendo indagações nas casas de penhor?”

“Tenho minhas dúvidas. É tão óbvio que não lhe terá passado pela cabeça. Mas temos o dia todo à nossa frente e nada com que preenchê-lo; assim, como perdi o desjejum, vamos almoçar juntos no Le Café de l’Europe ao lado do Haymarket Theatre. Apesar do nome, a comida é inglesa, e de primeira. Depois, tenho intenção de visitar a galeria de Carstairs e Finch em Albemarle Street. Pode ser interessante travar conhecimento com o sr. Tobias Finch. Sra. Hudson, caso Wiggins retorne, faça o favor de despachá-lo para lá. Mas agora, Watson, você precisa me contar o que achou de *O martírio do homem*. Vejo que conseguiu terminá-lo.”

Dei uma espiada no livro inocuamente abandonado. “Holmes...?”

“Você esteve usando um cartão como marcador. Observei seu tortuoso progresso da primeira à última página, e vejo que agora ele está sobre a mesa, livre por fim de seus labores. Terei interesse em ouvir suas conclusões. Teria a bondade de nos servir um pouco de chá, sra. Hudson?”

DEIXAMOS A CASA e perambulamos até o Haymarket. O nevoeiro se dissipara e, embora ainda fizesse muito frio, era um outro dia luminoso, com multidões entrando e saindo das lojas de departamentos, vendedores ambulantes conduzindo seus carrinhos e apregoando suas mercadorias. Em Wimpole Street, uma grande aglomeração se formara em torno de um tocador de realejo, um velho italiano que produzia uma chorosa melodia napolitana; ele atraía também uma variedade de charlatães que se moviam entre os espectadores, contando suas deploráveis histórias a quem lhes desse ouvidos. Dificilmente havia uma esquina em que não se visse um artista de rua e, dessa vez, ninguém estava inclinado a mandá-los circular. Comemos no Le Café de l'Europe, onde nos serviram uma excelente torta de carne de caça, e Holmes estava numa disposição de ânimo efusiva. Não falou sobre o caso, pelo menos não diretamente, mas lembro-me de que teceu elaboradas considerações sobre a natureza da arte pictórica e seu possível uso na solução de crimes.

“Você se lembra do que Carstairs nos contou sobre os quatro Constables perdidos”, disse. “Eram vistas do Lake District pintadas no início do século, quando, ao que parece, o artista andava taciturno e deprimido. Os óleos sobre tela, portanto, tornam-se um indício de sua psicologia e segue-se que, se um homem escolhe pendurar uma obra desse tipo na parede de sua sala de visitas, podemos também depreender bastante sobre seu próprio estado de espírito. A propósito, você observou as obras de arte expostas em Ridgeway Hall?”

“Grande parte delas é francesa. Há uma vista da Bretanha, outra de uma ponte sobre o Sena. As obras pareceram-me belíssimas.”

“Admirou-as, mas não aprendeu nada com elas.”

“Quer dizer a respeito do caráter de Edmund Carstairs? Ele prefere o campo à cidade. Sente-se atraído pela inocência da infância. É um homem que gosta de estar cercado por cores. Suponho que alguma coisa de sua personalidade poderia ser inferida a partir das pinturas que vimos em suas paredes. Mas, novamente, não podemos ter certeza de que todas as obras foram escolhidas pelo próprio Carstairs. Sua mulher ou sua finada mãe poderiam ter sido responsáveis.”

“É bem verdade.”

“E até um homem que mata a mulher pode ter um lado mais gentil em sua natureza, que encontra expressão em sua escolha de obras de arte. Você deve se lembrar daquele caso com a família Abernetty. Lembro-me de que Horace

Abernetty tinha em suas paredes belos estudos da flora local. No entanto, ele próprio era abominável, um bandido da pior espécie.”

“Já que menciona isso, lembro que grande parte da fauna representada era da variedade peçonhenta.”

“E quanto a Baker Street, Holmes? Está me dizendo que um visitante em sua sala de estar encontrará pistas de sua psicologia ao contemplar as obras penduradas à sua volta?”

“Não. Mas elas poderiam lhe contar muita coisa sobre meu predecessor, pois posso lhe garantir, Watson, que não há praticamente um único quadro em meus aposentos que lá já não estivesse quando cheguei. Imagina mesmo que saí e comprei aquele retrato de Henry Ward Beecher que costumava ficar sobre seus livros? Um homem admirável segundo todos os relatos, e suas ideias sobre escravidão e intolerância são louváveis. Mas ele foi deixado para trás por quem quer que ocupasse o lugar antes de mim, e simplesmente optei por deixá-lo em seu lugar.”

“Não comprou o retrato do general Gordon?”

“Não. Mas mandei restaurá-lo e troquei a moldura depois de acertar-lhe um tiro por acidente. Fiz isso por insistência da sra. Hudson. Sabe, é bem possível que eu escreva uma monografia sobre esse assunto; do uso da arte no campo da detecção.”

“Holmes, você insiste em se ver como uma máquina”, respondi, rindo. “Para você, até uma obra-prima do impressionismo não passa de uma evidência a ser usada no desvendamento de um crime. Talvez seja de um gosto pela arte que você precisa para humanizá-lo. Vou insistir para que me acompanhe numa visita à Royal Academy.”

“Já temos a galeria de Carstairs e Finch em nossa agenda, Watson, e creio que será o bastante. A tábua de queijos, garçom. E um copo de mosela, creio, para meu amigo. Porto é pesado demais para a tarde.”

Era apenas uma curta distância até a galeria, e mais uma vez fomos juntos a pé. Devo dizer que eu tinha imensa satisfação nesses momentos de tranquila sociabilidade, e senti-me um dos homens mais aquinhoados pela sorte em Londres por ter participado da conversa que acabo de descrever e por estar andando com tanta calma ao lado de um personagem tão importante quanto Sherlock Holmes. Eram cerca das quatro horas e a luz já declinava quando chegamos à galeria, que não ficava, de fato, em Albemarle Street propriamente dita, mas num velho pátio de treinamento bem junto dela. Afora

uma discreta tabuleta, com dizeres em letras douradas, quase nada sugeria tratar-se de um estabelecimento comercial. Uma porta baixa levava para um interior um tanto sombrio, com dois sofás, uma mesa e única tela – duas vacas num campo, pintadas pelo artista holandês Paulus Potter – montada sobre um cavalete. Ao entrar, ouvimos dois homens discutindo na sala contígua. Reconheci uma das vozes. Era de Edmund Carstairs.

“É um preço excelente”, dizia ele. “E tenho certeza disso, Tobias. Essas obras são como vinho bom. Seu valor só pode subir.”

“Não, não, não!” respondeu a outra voz num gemido agudo. “Ele as chama de marinhas. Bem, posso ver o mar... mas muito pouca coisa além disso. Sua última exposição foi um fiasco e agora ele se refugiou em Paris onde, pelo que ouço dizer, sua reputação está em rápido declínio. É jogar dinheiro fora, Edmund.”

“Seis obras de Whistler...”

“Seis obras de que nunca nos livraremos!”

Eu estava parado à porta e fechei-a com mais força do que estritamente necessário, desejando indicar nossa presença aos dois homens lá dentro. Obtive o efeito esperado. A conversa foi interrompida e um instante depois um homem magro, de cabelo branco, imaculadamente vestido num terno escuro com um colarinho de ponta virada e gravata preta, surgiu de detrás de uma cortina. Uma corrente de ouro pendia-lhe do colete, e um pincenê, também de ouro, estava pousado bem na ponta do seu nariz. Ele devia ter pelo menos sessenta anos, mas ainda havia elasticidade em seu passo e certa energia nervosa manifestava-se em cada movimento seu.

“Suponho que seja o sr. Finch”, Holmes começou.

“Sim, esse é de fato o meu nome. E o senhor é...?”

“Sou Sherlock Holmes.”

“Holmes? Não creio que já nos conheçamos, no entanto seu nome me é familiar...”

“Sr. Holmes!” Carstairs também entrara na sala. O contraste entre os dois homens era notável; um idoso e enrugado, pertencente quase a uma outra era, o outro mais jovem e mais janota, seus traços ainda exibindo raiva e frustração, sem dúvida resultado da conversa que ouvíramos. “Este é o sr. Holmes, o detetive sobre o qual lhe falei”, explicou ele ao sócio.

“Sim, sim. É claro que sei. Ele acaba de se apresentar.”

“Não esperava vê-lo aqui”, disse Carstairs.

“ vim porque me interessava ver seu local de trabalho profissional”, explicou Holmes. “ Mas também tenho várias perguntas para lhe fazer, relacionadas aos homens da Pinkerton que o senhor contratou em Boston.”

“ Um caso pavoroso!” interveio Finch. “ Nunca me recobrarei da perda daquelas pinturas, até o fim de meus dias. Foi por certo a maior calamidade de minha carreira. Se pelo menos tivéssemos vendido para ele alguns dos seus Whistlers, Edmund. Eles poderiam ter se arrebatado e ninguém daria a mínima!” Depois que o velho começava, ao que parece não havia como fazê-lo parar. “ O comércio de quadros é um negócio respeitável, sr. Holmes. Lidamos com muitos clientes aristocráticos. Eu não gostaria que se soubesse que estivemos envolvidos com pistoleiros e assassinato!” Seu rosto assumiu uma expressão consternada quando ele viu que estava envolvido com mais do que isso, pois a porta acabara de se abrir para dar passagem a um menino. No mesmo instante reconheci Wiggins, que estivera em nossa sala aquela manhã mesmo, mas para Finch foi como se estivesse sofrendo o pior ataque. “ Vá embora! Saia daqui!” ele exclamou. “ Não temos nada para você.”

“ Não precisa se preocupar, sr. Finch”, disse Holmes. “ Conheço o menino. Que foi, Wiggins?”

“ Nós encontramos o homem, seu Olmes!” exclamou Wiggins, alvoroçado. “ O sujeito que o senhor estava procurando. Vimos ele com nossos próprios olhos, eu e Ross. A gente ia entrar num prego em Bridge Lane – Ross conhece o lugar porque ele mesmo já entrou e saiu de lá muitas vezes – quando a porta abriu e lá estava ele, claro como a luz do dia, com uma cicatriz branca na cara.” O menino traçou uma linha na própria bochecha. “ Fui eu que vi ele. Não Ross.”

“ Onde ele está agora?” perguntou Holmes.

“ Nós seguimos ele até o hotel, senhor. Vai ser um guinéu pra cada um se a gente levar o senhor lá?”

“ Vocês estarão liquidados se não o fizerem”, respondeu Holmes. “ Mas sempre joguei limpo com você, Wiggins. Sabe disso. Diga-me, onde fica esse hotel?”

“ Em Bermondsey, senhor. Mrs. Oldmore Private Hotel. Ross deve estar lá agora. Deixei-o lá de campana enquanto eu fazia o caminho todo até seus aposentos a pé e de lá até aqui para encontrar o senhor. Se seu homem sair de novo, vamos vigiar para onde ele vai. Ross é novo no jogo, mas não

poderia ser mais esperto. O senhor volta lá comigo, seu Olmes? Vai pegar um *four-wheeler*? Posso ir com o senhor?”

“Pode se sentar com o cocheiro.” Holmes virou-se para mim e vi de imediato as sobrancelhas contraídas e a intensidade de expressão revelando-me que todas as suas energias concentravam-se no que estava por vir. “Devemos partir agora mesmo”, disse. “Por sorte, temos o objeto de nossa investigação ao nosso alcance. Não devemos deixar que escape entre nossos dedos.”

“Irei com os senhores”, anunciou Carstairs.

“Sr. Carstairs, para sua própria segurança...”

“Eu vi esse homem. Fui eu que o descrevi para o senhor, e se alguém pode ter certeza de que esses seus garotos o identificaram corretamente, sou eu. E tenho um desejo pessoal de acompanhar isso até o fim, sr. Holmes. Se esse homem for quem acredito, sou a causa da presença dele aqui e é mais do que justo que eu veja onde isso vai dar.”

“Não temos tempo para discutir”, disse Holmes. “Muito bem. Iremos os três. Não devemos perder mais nem um minuto.”

Assim, saímos às pressas da galeria, Holmes, Wiggins, Carstairs e eu, deixando o sr. Finch boquiaberto atrás de nós. Um *four-wheeler* foi encontrado e embarcamos; Wiggins escalou para se aboletar ao lado do cocheiro, que lhe lançou um olhar de desdém, mas depois se abrandou e lhe cedeu uma dobra de sua manta. Partimos com um estalar do chicote, como se um pouco da nossa urgência tivesse sido comunicada aos cavalos. Estava quase escuro e, com o cair da noite, a sensação de tranquilidade que eu sentira havia se dissipado por completo, e a cidade tornara-se de novo fria e hostil. Os lojistas e os artistas de rua tinham ido todos para casa e seus lugares haviam sido tomados por uma espécie inteiramente diferente, homens maltrapilhos e mulheres espalhafatasas que precisavam de sombras por onde conduzir seus negócios, os quais, na verdade, carregavam suas próprias sombras.

A carruagem nos levou a Blackfriars Bridge, onde o vento não poderia estar mais gelado e nos cortava como faca. Holmes não abrira a boca desde que partíramos, e senti que de algum modo tivera um pressentimento do que nos aguardava. Isso era uma coisa que ele nunca admitira, e se eu o tivesse sugerido algum dia, sei que ele teria se aborrecido. Não, ele não era nenhum adivinho! Para ele tudo era intelecto, tudo senso comum sistematizado, como

disse uma vez. No entanto, eu me dava conta de alguma coisa que desafiava explicação e que poderia até ser considerada sobrenatural. Quer gostasse disso ou não, Holmes sabia que os eventos da noite iriam fornecer um fulcro, um ponto crítico a partir do qual sua vida – a vida de nós dois – nunca mais seria completamente a mesma.

O Mrs. Oldmore's Private Hotel anunciava uma cama e uma sala de estar a trinta xelins por semana, e era exatamente o tipo de estabelecimento que seria de esperar por esse preço; um prédio miserável, arruinado, com uma loja de roupas prontas de um lado e uma fornalha de tijolos do outro. Ficava perto do rio e o ar era úmido e baço. Lâmpadas ardiavam atrás das janelas, mas o vidro estava tão encardido de sujeira que pouca luz passava. Ross, o companheiro de Wiggins, estava à nossa espera, tremendo de frio apesar da grossa camada de jornais com que forrara o paletó. Quando Holmes e Carstairs saltaram do *four-wheeler*, ele deu um passo atrás e vi que alguma coisa o amedrontara terrivelmente. Seus olhos estavam assustados e o rosto, no clarão do poste de luz, exibia um branco acinzentado. Mas em seguida Wiggins pulou no chão, agarrou-o e foi como se o encanto tivesse sido quebrado.

“Está tudo bem, garoto!” exclamou Wiggins. “Nós dois vamos ganhar um guinéu. O seu Olmes prometeu.”

“Conte-me o que aconteceu durante o tempo que passou sozinho”, disse Holmes. “O homem que vocês reconheceram saiu do hotel?”

“Quem são esses cavalheiros?” Ross apontou primeiro para Carstairs, depois para mim. “São da polícia? São guardas? Por que estão aqui?”

“Está tudo certo, Ross”, disse eu. “Não precisa se preocupar. Sou John Watson, um médico. Você me viu esta manhã quando foi a Baker Street. E este é o sr. Carstairs, que tem uma galeria em Albemarle Street. Não queremos lhe fazer nenhum mal.”

“Albemarle Street – em Mayfair?” O menino sentia tanto frio que batia os dentes. Claro que todos os moleques de rua de Londres estão habituados ao inverno, mas ele passara pelo menos duas horas parado ali sozinho.

“O que você viu?” perguntou Holmes.

“Não vi nada”, respondeu Ross. Sua voz mudara. Havia alguma coisa em suas maneiras agora que quase sugeria que ele tinha algo a esconder. Não pela primeira vez, ocorreu-me que todas aquelas crianças tinham chegado a uma espécie de maturidade muito antes do que sua tenra idade teria

permitido. “Fiquei aqui, esperando o senhor. Ele não saiu. Ninguém entrou. E o frio congelou os meus ossos.”

“Aqui está o dinheiro que lhe prometi – e para você, também, Wiggins.” Holmes pagou aos dois meninos. “Agora tratem de ir para casa. Já fizeram o bastante esta noite.” Os garotos pegaram as moedas e saíram correndo juntos, Ross lançando um olhar na nossa direção. “Sugiro que entremos no hotel e enfrentemos esse homem”, prosseguiu Holmes. “Deus sabe que não tenho desejo algum de me demorar aqui um minuto a mais que o necessário. Esse garoto, Watson. Ocorreu-lhe que ele estava fingindo?”

“Com certeza ele omitiu alguma coisa”, concordei

“Esperemos que ele não tenha nos enganado. Sr. Carstairs, fique bem para trás. É improvável que nosso alvo tente alguma violência, mas viemos para cá despreparados. O leal revólver de Watson está sem dúvida enrolado em pano dentro de alguma gaveta em Kensington, e eu também estou desarmado. Teremos de ter expediente. Vamos!”

Entramos os três no hotel. Alguns passos levavam à porta da frente, que abria para um saguão sem nenhum tapete, pouca luz e um pequeno escritório de um lado. Um homem idoso estava sentado lá, apoiado numa cadeira de madeira, semiadormecido, mas teve um sobressalto ao nos ver. “Deus os abençoe, cavalheiros”, disse com voz trêmula. “Podemos lhes oferecer boas camas de solteiro a cinco xelins por noite...”

“Não estamos em busca de acomodação”, respondeu Holmes. “Estamos à procura de um homem que acaba de chegar dos Estados Unidos. Ele tem uma cicatriz lívida numa face. É um assunto da máxima urgência, e, caso não deseje se complicar o senhor mesmo com a lei, vai nos dizer onde podemos encontrá-lo.”

O criado não tinha nenhum desejo de se complicar com ninguém. “Só há um americano aqui”, disse. “Devem estar se referindo ao sr. Harrison de Nova York. Ele ocupa o quarto do fim do corredor neste andar. Chegou há algum tempo e acho que deve estar dormindo pois não ouvi nenhum som.”

“O número do quarto?” perguntou Holmes.

“É número seis.”

Rumamos para lá no mesmo instante, por um corredor vazio com portas tão próximas umas das outras que os quartos atrás delas deviam ser pouco mais que armários, e bicos de gás com a chama tão baixa que quase tivemos de encontrar nosso caminho às apalpadelas na escuridão. O número seis

ficava de fato no final. Holmes levantou o punho, na intenção de bater, depois deu um passo atrás, e um único arquejo escapou de seus lábios. Olhei para baixo e, à meia-luz, vi uma listra sinuosa de um líquido quase preto passando por baixo da porta e formando uma pequena poça contra o rodapé. Ouvi Carstairs soltar um grito e o vi retroceder, cobrindo os olhos com a mão. O criado nos observava da outra ponta do corredor. Era como se ele esperasse o horror que estava prestes a se revelar.

Holmes tentou a porta. Ela não se abriu. Sem dizer uma palavra, ele a empurrou com o ombro e a frágil fechadura se partiu. Deixando Carstairs no corredor, nós dois entramos e vimos de imediato que o crime, que eu um dia considerara trivial, assumira feições muito mais graves. A janela estava aberta. O quarto havia sido vasculhado. E o homem que perseguíamos jazia enroscado, com uma faca enfiada no lado do pescoço.

5. Lestrade assume o comando

MUITO RECENTEMENTE VOLTEI a ver George Lestrade pelo que seria a última vez.

Ele nunca se recuperara plenamente do ferimento a bala que sofrera ao investigar os estranhos crimes que haviam se tornado conhecidos na imprensa popular como Assassinatos de Clerkenwell, embora um deles tenha ocorrido na vizinha Hoxton e um outro tenha se revelado um suicídio. Naquela altura ele estava aposentado havia muito tempo da força de polícia, é claro, mas teve a gentileza de vir me procurar na casa para a qual eu acabara de me mudar, e passamos a tarde juntos, entregues a reminiscências. Meus leitores por certo não ficarão surpresos ao saber que o assunto que ocupou grande parte de nossa conversa foi Sherlock Holmes, e senti necessidade de pedir desculpas a Lestrade por duas razões. Primeiro, nunca o descrevi, talvez, nos termos mais brilhantes. As palavras “cara de rato” e “cara de doninha” logo vêm à mente. Bem, por mais indelicado que isso fosse, era ao menos preciso, afinal até o próprio Lestrade dissera uma vez, brincando, que um capricho da Mãe Natureza havia lhe dado a aparência de um criminoso, não de um policial, e que, pensando bem, ele poderia ter sido um homem mais rico se tivesse escolhido tal profissão. Também Holmes comentou muitas vezes que suas próprias habilidades, em particular em matéria de forçar fechaduras e forjar falsificações, poderiam tê-lo tornado um criminoso tão bem-sucedido quanto era como detetive, e é divertido pensar que, num outro mundo, os dois homens poderiam ter trabalhado juntos no lado errado da lei.

Mas eu talvez tenha sido injusto com Lestrade ao sugerir que ele não tinha nenhuma inteligência ou talento investigativo. Cabe dizer que Sherlock Holmes por vezes falava mal dele, mas afinal Holmes era tão singular, tão bem-dotado intelectualmente que ninguém em Londres poderia competir com ele, que depreciava quase todos os policiais que conhecia, com exceção

talvez de Stanley Hopkins; e sua fé, mesmo nesse jovem detetive, foi repetida e severamente posta à prova. Em poucas palavras, perto de Holmes, qualquer detetive teria julgado quase impossível deixar sua marca, e até eu, que estava a seu lado com mais frequência que qualquer outra pessoa, precisava por vezes lembrar a mim mesmo que não era um completo idiota. Mas Lestrade era sob muitos aspectos um homem capaz. Se alguém examinasse os arquivos públicos, encontraria muitos casos que ele investigou com sucesso, de maneira inteiramente independente, e os jornais sempre falaram bem a seu respeito. Até Holmes admirava sua tenacidade. E, no frígido dos ovos, ele terminou sua carreira como delegado assistente à frente do Departamento de Investigações Criminais da Scotland Yard, ainda que grande parte de sua reputação se baseasse em casos solucionados de fato por Sherlock Holmes, mas pelos quais ele se atribuiu o mérito. Lestrade sugeriu-me, durante nossa longa e agradável conversa, que talvez ficasse intimidado na presença de Sherlock Holmes, o que podia levá-lo a um desempenho menos eficiente. Bem, agora ele se foi e não se importará, tenho certeza, se eu trair sua confiança e lhe atribuir o mérito que lhe é devido. Não era um mau sujeito. E, no fim das contas, sei exatamente como se sentia.

Seja como for, foi Lestrade que chegou ao Mrs. Oldmore's Private Hotel na manhã seguinte. E, sim, estava pálido, com olhos fundos e rutilantes e o aspecto geral de um rato que fora obrigado a se enfiar para um almoço no Savoy. Depois que Holmes alertara os guardas na rua, o quarto fora fechado e mantido sob vigilância policial até que a fria carícia da luz pudesse dissipar as sombras e permitir que ele fosse submetido a uma investigação adequada, bem como os arredores do hotel em geral.

“Bem, bem, sr. Holmes”, observou ele com uma ponta de irritação. “Fui informado de que o senhor era esperado quando estive em Wimbledon, e eilo de novo agora.”

“Ambos estivemos seguindo os passos do infeliz que terminou seus dias aqui”, retrucou Holmes.

Lestrade deu uma espiada no corpo. “Parece ser de fato o homem que procurávamos.” Holmes não disse nada e Lestrade dirigiu-lhe um olhar penetrante. “Como o encontrou?”

“Foi extraordinariamente simples. Eu sabia, graças ao brilhantismo de suas próprias inquirições, que ele tinha voltado no trem para London Bridge. Desde então, meus agentes vêm esquadrinhando a área e dois deles tiveram a sorte de toparem com ele na rua.”

“Suponho que esteja se referindo àquele bando de crianças esfarrapadas que tem a seu dispor. Eu, no seu lugar, ficaria longe delas. Disso não pode vir nada de bom. Esses meninos são ladrões e batedores de carteira quando não estão sendo encorajados pelo senhor. Algum sinal do colar?”

“Não, parece não haver nenhum sinal óbvio dele. Mas o fato é que ainda não tive oportunidade de vasculhar o quarto todo.”

“Então talvez devamos começar fazendo exatamente isso.”

Unindo gesto e palavra, Lestrade examinou o quarto com cuidado. Era um lugar bastante desolador, com cortinas em andrajos, um tapete mofado e uma cama que parecia mais exausta do que qualquer pessoa que pudesse tentar dormir nela. Um espelho rachado pendia de uma parede. Num canto viam-se um suporte com uma bacia manchada e um único e deformado pedaço de sabão em barra. Não havia nenhuma vista. A janela dava para uma parede de tijolos do outro lado de um beco estreito, e embora estivesse fora do campo de visão e a alguma distância, o rio Tâmis havia impregnado o lugar com sua umidade e cheiro. Em seguida o policial voltou suas atenções para o homem morto, que estava vestido como Carstairs o descrevera da primeira vez, com uma sobrecasaca que lhe chegava aos joelhos, um colete grosso e uma camisa abotoada até o pescoço. Tudo isso estava empapado de sangue. A faca que o matara penetrara até o cabo, rompendo-lhe a artéria carótida. Minha formação me dizia que tivera morte instantânea. Lestrade revistou seus bolsos sem nada encontrar. Agora que podia examiná-lo com mais vagar, constatei que o homem que seguira Carstairs até Ridgeway Hall tinha quarenta e poucos anos e era bem-constituído, com ombros largos e braços musculosos. O cabelo, cortado à escovinha, já encanecia. O mais impressionante de tudo era a cicatriz que começava no canto da boca e lhe subia pela face na diagonal, por pouco não chegando ao olho. Ele estivera perto da morte uma vez. Teve menos sorte na segunda.

“Podemos ter certeza de que este é o mesmo homem que importunou o sr. Edmund Carstairs?” perguntou Lestrade.

“Sem dúvida. Carstairs pôde identificá-lo.”

“Ele esteve aqui?”

“Sim, rapidamente. Pena que tenha sido obrigado a partir.” Holmes riu consigo mesmo e me lembrei de como havíamos sido forçados a enfiar Edmund Carstairs num fiacre e despachá-lo para Wimbledon. Ele mal relanceara o cadáver, mas isso fora o suficiente para fazê-lo desmaiar e

compreendi seu estado a bordo do *Catalonia* após suas experiências em Boston com o Bando da Boina. É possível que tivesse a mesma sensibilidade que alguns dos artistas cujas obras expunha. Mas o sangue e a fuligem de Bermondsey com certeza não eram para ele.

“Aqui está mais uma evidência, caso precise.” Holmes apontou para uma boina sobre a cama.

Nesse meio-tempo Lestrade voltara sua atenção para um maço de cigarros sobre uma mesa próxima. Examinou a marca. “Old Judge...”

“Fabricados, como pode verificar, por Goodwin and Company de Nova York. Encontrei a guimba de um desses cigarros em Ridgeway Hall.”

“Ah sim?” Lestrade deixou escapar uma exclamação silenciosa. “Bem”, disse ele, “suponho que podemos descartar a ideia de que nosso amigo americano foi vítima de um ataque fortuito, certo? Embora tenha ocorrido um bom número deles nestas vizinhanças, e seja sempre possível que o sujeito tenha voltado ao seu quarto e surpreendido alguém pilhando o lugar. Seguiu-se uma luta. Uma faca foi puxada. E esse foi o fim da história...”

“Isso me parece improvável”, objetou Holmes. “Seria muita coincidência um homem recém-chegado a Londres e que claramente não estava fazendo nada de bom encontrar seu fim de repente dessa maneira. O que aconteceu neste quarto de hotel só pode ser um resultado direto de suas atividades em Wimbledon. Além disso, há a posição do corpo e o ângulo em que a faca foi fincada em seu pescoço. Parece-me que o agressor estava à sua espera junto da porta no quarto escuro, pois não havia nenhuma vela acesa quando chegamos. Ele entrou e foi agarrado por trás. Olhando-o, você pode ver que era um homem forte, capaz de cuidar de si mesmo. Mas nesse caso foi apanhado de surpresa e morto com um único golpe.”

“Mesmo assim o motivo pode ter sido roubo”, insistiu Lestrade. “Temos de explicar as cinquenta libras e o colar. Se não estão aqui, onde estão?”

“Tenho todos os motivos para acreditar que encontrará o colar numa casa de penhor em Bridge Lane. Nosso homem tinha acabado de sair de lá. Tudo indica que a pessoa que o matou, seja lá quem for, pegou o dinheiro, mas eu sugeriria que esse não foi o motivo principal do crime. Talvez você deva considerar o que mais foi levado do quarto. Temos um corpo sem nenhuma identidade, Lestrade. Seria de imaginar que um visitante vindo dos Estados Unidos tivesse um passaporte ou cartas de apresentação, quem sabe, para

recomendá-lo a um banco. Sua carteira, pelo que vejo, sumiu. Sabe que nome ele usava ao se registrar no hotel?”

“Ele disse chamar-se Benjamin Harrison.”

“Esse é o nome do atual presidente americano, é claro.”

“O presidente americano? Claro. Eu estava atento a isso.” Lestrade franziu as sobrancelhas. “Mas seja qual for o nome que ele escolheu, sabemos exatamente quem é. É Keelan O’Donaghue, proveniente de Boston. Veem a cicatriz no seu rosto? É um ferimento feito a bala. Não me digam que vão contestar isto!”

Holmes virou-se para mim e assenti com a cabeça. “É sem dúvida um ferimento feito a bala”, disse eu. Vira muitos ferimentos semelhantes no Afeganistão. “Diria que tem um ano.”

“O que corresponde perfeitamente ao que Carstairs me contou”, concluiu Lestrade, triunfante. “Parece-me que chegamos ao fim de todo este lamentável episódio. O’Donaghue foi ferido no tiroteio na casa de cômodos em Boston. Na mesma ocasião, seu irmão gêmeo foi morto, e ele veio à Inglaterra em missão de vingança. Até aí está tudo claro como água.”

“Aos meus olhos, as coisas não poderiam estar mais obscuras”, contestou Holmes. “Talvez você possa nos explicar então, Lestrade: quem matou Keelan O’Donaghue – e por quê?”

“Bem, o suspeito mais óbvio seria o próprio Edmund Carstairs.”

“Isto se o sr. Carstairs não estivesse conosco no momento do crime. Além do mais, tendo testemunhado sua reação quando da descoberta do corpo, de fato não me parece que teria tido coragem ou força de vontade para desferir o golpe ele mesmo. Sem falar que ele não sabia onde sua vítima se encontrava. Pelo que sabemos, ninguém em Ridgeway Hall tinha essa informação, pois nós mesmos só a recebemos no último momento. E se este é mesmo Keelan O’Donaghue, você poderia me dizer por que ele tem uma cigareira com as iniciais WM?”

“Que cigareira?”

“Ela está sobre a cama, parcialmente coberta pelo lençol. Isso sem dúvida explicaria por que tampouco o assassino a encontrou.”

Lestrade achou o objeto em questão e o submeteu a um rápido exame. “O’Donaghue era um ladrão”, disse. “Não há razão para que não tenha roubado isso.”

“*Haveria* alguma para que o tivesse? Não é um objeto de valor. É feito de lata, com as letras pintadas.”

Lestrade abriu a cigareira. Estava vazia. Fechou-a num estalo. “Tudo isto não passa de disparate”, disse ele. “O problema com você, Holmes, é que tem mania de complicar as coisas. Por vezes pergunto a mim mesmo se não faz de propósito. É como se precisasse que o crime representasse um desafio, como se ele tivesse de ser suficientemente extraordinário para merecer solução. O homem neste quarto era americano. Foi ferido num tiroteio. Foi visto uma vez no Strand e duas em Wimbledon. Se visitou essa sua casa de penhor, saberemos ter sido ele o ladrão que arrombou o cofre de Carstairs. A partir disso, é bastante fácil deduzir o que aconteceu aqui. Sem dúvida O’Donaghue devia ter outros contatos criminosos aqui em Londres. Pode muito bem ter recrutado um deles para ajudá-lo em sua vendeta. Os dois se desentenderam. O outro puxou uma faca. Aqui está o resultado!”

“Tem certeza disso?”

“Tanta quanto preciso ter.”

“Bem, veremos. Mas não temos mais nada a ganhar discutindo o assunto aqui. Talvez a dona do hotel seja capaz de nos esclarecer.”

Mas a sra. Oldmore, que nos esperava agora no pequeno escritório antes ocupado pelo criado, pouco tinha a acrescentar. Era uma mulher grisalha e de expressão desagradável, sentada com os braços enrolados em torno de si como se temesse que o prédio fosse contaminá-la se ela não se mantivesse o mais longe possível das paredes. Usava um chapeuzinho e tinha uma estola de pele sobre os ombros, embora me repugnasse conjecturar a que animal pertencera e como ele morreria. Inanição parecia uma opção provável.

“Ele alugou o quarto para a semana toda”, disse ela. “E pagou-me um guinéu. Um cavalheiro americano, que acabava de desembarcar em Liverpool. Isso ele me contou, mas quase nada além. Era a primeira vez que vinha a Londres. Não disse isso, mas percebi porque ele não tinha a menor ideia de como se orientar por aqui. Contou que viera ver uma pessoa em Wimbledon e me perguntou como chegar lá. ‘Wimbledon’, respondi, ‘é uma área elegante, cheia de americanos ricos com casas fantásticas e não há como errar.’ Não que ele tivesse alguma coisa de elegante – tinha pouca bagagem, suas roupas eram velhas, e depois tinha aquela cicatriz asquerosa no rosto. ‘Vou lá amanhã’, disse ele. ‘Pois há alguém que me deve algo e quero cobrá-lo.’ Pelo modo como falou, pude ver que aquilo não era coisa boa e pensei na hora com meus botões – essa pessoa, seja ela quem for,

talvez devesse se cuidar. Eu estava farejando confusão, mas o que podia fazer? Se fosse mandar embora todo cliente de aparência suspeita que bate à minha porta, não teria negócio. E agora esse americano, sr. Harrison, foi assassinado! Bem, não surpreende, suponho. É o mundo em que vivemos, não é, em que uma mulher respeitável não pode manter um hotel sem ter sangue pelas paredes e cadáveres espalhados pelas tábuas do assoalho. Eu nunca deveria ter permanecido em Londres. É um lugar horrível. Horrendo!”

Nós a deixamos mergulhada na desgraça e Lestrade despediu-se. “Tenho certeza de que voltaremos a nos ver, sr. Holmes”, disse ele. “E se precisar de mim, sabe onde me encontrar.”

“Se algum dia eu precisar do inspetor Lestrade”, murmurou Holmes depois que ele se afastou, “estarei realmente em maus lençóis. Mas vamos até o beco, Watson. Meu caso está completo, mas ainda resta um pontinho de que devo me ocupar.”

Saímos pela frente do hotel na rua principal e depois entramos no beco estreito, atulhado de lixo, que corria rente ao quarto em que o americano encontrara seu fim. Do meio da viela, percebia-se claramente a janela, com um caixote de madeira colocado bem debaixo dela. Era evidente que o assassino o usara como degrau para ter acesso ao quarto. A janela não tinha sido trancada e poderia ter sido aberta pelo lado de fora com facilidade. Holmes passou os olhos superficialmente pelo chão, mas pareceu não haver nada ali que merecesse sua atenção. Juntos, seguimos pelo beco até o ponto em que ele terminava numa cerca alta de madeira com um pátio vazio do outro lado. Dali, retornamos à rua principal. Agora Holmes estava imerso em profunda reflexão, e pude ver a ansiedade em sua face pálida e alongada.

“Lembra-se daquele menino – Ross – ontem à noite?” perguntou.

“Você achou que ele estava escondendo alguma coisa.”

“E agora tenho certeza disso. Do lugar em que estava posicionado, ele tinha uma clara visão tanto do hotel quanto do beco, cuja extremidade, como ambos vimos, está bloqueada. O assassino só pode, portanto, ter entrado pela rua, e Ross pode muito bem ter visto quem era.”

“Ele sem dúvida parecia inquieto. Mas se tinha visto alguma coisa, Holmes, por que não nos contou?”

“Porque tinha algum plano na cabeça, Watson. De certo modo, Lestrade estava certo. Esses meninos têm que se virar a cada hora de suas vidas. Têm de aprender a fazê-lo se quiserem sobreviver. Se pressentisse que havia

dinheiro a ganhar, Ross enfrentaria o próprio diabo! No entanto, há alguma coisa aqui que não entendo em absoluto. O que essa criança poderia ter visto? Um vulto percebido à luz do gás, entrando às pressas num beco e desaparecendo de vista; talvez tenha ouvido um grito quando o golpe foi dado. Momentos depois, o assassino surge uma segunda vez, desaparecendo rapidamente na noite. Ross continua onde está e um pouco mais tarde nós três chegamos.”

“Ele estava com medo”, eu disse. “Tomou Carstairs por um policial.”

“Era mais do que medo. Eu diria que o menino estava nas garras de algo próximo do terror, mas supus...” Holmes bateu a mão contra a testa. “Temos de encontrá-lo de novo e falar com ele. Espero não ter cometido um grave erro de cálculo.”

Paramos numa agência do correio no caminho de volta para Baker Street e Holmes mandou outro telegrama para Wiggins, o comandante daquele pequeno exército dos Irregulares. Mas vinte e quatro horas depois Wiggins ainda não voltara a se apresentar a nós. E foi pouco depois disso que recebemos a pior notícia possível.

Ross havia desaparecido.

6. Escola para Meninos Chorley Grange

EM 1890, ANO SOBRE O QUAL ESCREVO, cerca de cinco milhões e meio de pessoas viviam nos quase mil quilômetros quadrados da área conhecida como Distrito Policial Metropolitano de Londres, e então, como sempre, aqueles dois vizinhos constantes, a riqueza e a pobreza, viviam constrangidamente lado a lado. Por vezes me ocorre agora, tendo testemunhado tantas mudanças de vulto através dos anos, que eu deveria ter escrito mais sobre o extenso caos da cidade em que eu vivia, talvez à maneira de Gissing – ou Dickens cinquenta anos antes. Só posso dizer em minha defesa que eu era um biógrafo, não um historiador ou um jornalista, e que minhas aventuras me conduziam invariavelmente a ambientes mais rarefeitos – belas casas, hotéis, clubes privados, escolas e repartições públicas. É verdade que os clientes de Holmes vinham de todas as classes, mas (e talvez eu possa um dia fazer uma pausa para considerar o significado disto) os crimes mais interessantes, aqueles que eu escolhia relatar, eram quase sempre cometidos pelos abastados.

Agora, porém, é necessário refletir sobre as profundezas mais baixas do grande caldeirão de Londres, o que Gissing chamava “o mundo inferior”, para compreender a impossibilidade da tarefa com que nos defrontávamos. Tínhamos de encontrar uma criança, um maltrapilho desamparado entre tantos outros, e, se Holmes estivesse certo, se o perigo nos rondava, não tínhamos qualquer tempo a perder. Por onde começar? Nossas indagações não seriam facilitadas pela agitação da cidade, o modo como seus habitantes se deslocavam de casa em casa e de rua em rua num movimento aparentemente perpétuo, de tal modo que poucos sabiam sequer os nomes de quem morava na porta ao lado. A remoção de bairros miseráveis e a difusão das ferrovias tiveram grande parte da culpa, embora muitos londrinos parecessem ter alcançado uma inquietação de espírito que simplesmente não lhes permitia fixar-se por muito tempo. Mudavam-se como ciganos, indo atrás de qualquer trabalho que pudessem encontrar: colher frutas e levantar

paredes no verão, enfiar-se em casa ou correr atrás de carvão e sucata quando o tempo frio chegava. Podiam permanecer algum tempo num lugar, mas depois, assim que o dinheiro acabava, pegavam a estrada de novo sem pagar o aluguel.

E havia a maior maldição de nosso tempo: o descaso, que jogava dezenas de milhares de crianças na rua; mendigando, batendo carteiras, furtando ou, se não fossem capazes, morrendo silenciosamente, desconhecidas e sem amor, seus pais indiferentes a elas, se é que estavam vivos. Havia crianças que dividiam cômodos de três *pennies* em cortiços, desde que conseguissem o dinheiro para sua parte nesse pernoite, apinhadas em condições que mal seriam próprias para animais. Crianças dormiam em telhados, em pocilgas em Smithfield Market, dentro de esgotos e até, segundo ouvi, em buracos escavados nos lixões de Hackney Marshes. Havia, como logo descreverei, instituições filantrópicas destinadas a ajudá-las, vesti-las e educá-las. Mas elas eram muito poucas, as crianças demasiado numerosas, e, em pleno fim de século, Londres ainda tinha todos os motivos para se envergonhar.

Vamos, Watson, já basta. Volte à sua história. Holmes nunca teria aceitado isto se estivesse vivo!

HOLMES ESTIVERA NUM ESTADO de constante desassossego desde o momento em que deixáramos o Mrs. Oldmore's Private Hotel. Durante o dia, andara de um lado para outro na sala, como um urso. Embora tivesse fumado sem parar, mal tocara o almoço ou o jantar, e fiquei preocupado ao vê-lo olhar de relance uma ou duas vezes para o elegante estojo de marroquim que mantinha sobre o aparador da lareira. Ele guardava ali, eu sabia, uma seringa hipodérmica, mas seria um comportamento inaudito de sua parte entregar-se, no meio de um caso, à solução de cocaína a sete por cento que era, sem dúvida, seu pior hábito. Creio que não pregou os olhos. Tarde da noite, antes que os meus se fechassem, ouvi-o tirando uma música de ouvido em seu Stradivarius, mas ela soava áspera e cheia de dissonâncias e pude perceber que seu coração não estava ali. Eu compreendia muito bem toda a energia nervosa que afligia o meu amigo. Ele falara de um grave erro de cálculo. O desaparecimento de Ross sugeria que tinha razão e, se esse fosse o caso, ele jamais se perdoaria.

Pensei que poderíamos voltar a Wimbledon. Com suas palavras no hotel, Holmes deixara claro que a aventura do homem de boina estava encerrada, o

caso resolvido, e só lhe restava lançar-se a uma daquelas explicações que me deixavam pensando como eu podia ter sido tão obtuso por não ter visto tudo eu mesmo desde o começo. Contudo, o desjejum trouxe uma carta de Catherine Carstairs, informando-nos de que ela e o marido passariam alguns dias fora, hospedados com amigos em Suffolk. Edmund Carstairs, com sua natureza frágil, precisava de tempo para recobrar a serenidade, e Holmes jamais revelaria o que sabia sem uma plateia. Eu teria portanto que esperar.

De fato, mais dois dias se passaram antes que Wiggins voltasse ao número 221B de Baker Street, desta vez por conta própria. Ele havia recebido o telegrama de Holmes (exatamente como, não sei; nunca fiquei sabendo onde Wiggins morava ou em que circunstâncias) e desde então estivera procurando Ross, mas sem sucesso.

“Ele veio pra Londres no fim do verão”, Wiggins explicou.

“Veio de onde?”

“Não tenho a menor ideia. Quando conheci Ross, ele morava numa cozinha em King’s Cross junto com uma família, eram nove em dois cômodos, e eu fui lá, mas eles não botam o olho em Ross desde aquela noite do hotel. Ninguém viu ele. Acho que está escondido.”

“Wiggins, quero que me conte o que aconteceu aquela noite”, disse Holmes com severidade. “Vocês dois seguiram o americano da casa de penhor até o hotel. Você deixou Ross vigiando o lugar enquanto ia me procurar. Ele deve ter passado umas duas horas sozinho ali.”

“Ross ficou porque quis. Eu não obriguei ele.”

“Não estou sugerindo isso em momento algum. Por fim, nós voltamos, o sr. Carstairs, o dr. Watson, você eu. Ross ainda estava lá. Dei dinheiro a vocês dois e os dispensei. Vocês saíram juntos.”

“Não ficamos juntos muito tempo”, Wiggins respondeu. “Ele tomou o caminho dele e eu o meu.”

“Ele lhe disse alguma coisa? Vocês dois conversaram?”

“Ross estava esquisito, estava mesmo. Tinha alguma coisa que ele tinha visto...”

“No hotel? Ele lhe disse o que foi?”

“Um homem. Só isso. Ele o deixou nervoso. Ross tem só treze anos, mas normalmente sabe se virar. Entende? Bom, ele ficou muito perturbado.”

“Ele viu o assassino!” exclamei.

“Não sei o que ele viu, mas posso contar pros senhores o que ele disse: ‘Eu conheço ele e posso arrancar alguma coisa dele. Mais do que o guinéu que ganhei do maldito seu Olmes.’ Perdão, senhor. Mas foi assim mesmo que ele falou. Acho que ele estava pensando em arrancar dinheiro de alguém.”

“Mais alguma coisa?”

“Só que ele estava com muita pressa de ir embora e saiu correndo na noite. Não foi para King’s Cross. Não sei para onde foi. Só sei que ninguém mais viu ele.”

Enquanto ouvia aquilo, Holmes estava mais sério do que eu jamais o vira. Chegou então mais perto do menino e agachou-se. Wiggins pareceu muito pequeno ao lado dele. Desnutrido e enfermiço, com o cabelo sem viço, olhos remelentos e a pele encardida da fuligem de Londres, teria sido impossível distingui-lo na multidão. Talvez fosse por isso que era tão fácil ignorar a difícil situação daquelas crianças. Havia tantas delas. Pareciam todas iguais. “Ouça-me, Wiggins”, disse Holmes. “Algo me diz que Ross pode estar correndo grande perigo...”

“Eu procurei ele! Procurei em toda parte!”

“Tenho certeza disso. Mas você deve me contar o que sabe sobre o seu passado. De onde ele veio antes que você o conhecesse? Quem eram os seus pais?”

“Ele nunca teve pais. Eles tinham morrido há muito tempo. Ross nunca me contou de onde vinha e eu nunca perguntei. De onde pensa que qualquer um de nós vem? O que importa?”

“Pense, menino. Se ele se visse em apuros, não haveria alguém a quem procuraria, um lugar onde pudesse buscar refúgio?”

Wiggins sacudiu a cabeça. Mas depois pareceu pensar novamente. “Tem mais um guinéu pra mim?” perguntou.

Os olhos de Holmes se estreitaram e pude ver que ele estava se esforçando para se controlar. “Será que a vida do seu colega vale tão pouco assim?” perguntou.

“Não entendo ‘colega’, ele não era nada meu, seu Olmes. O que me importa se está vivo ou morto? Se Ross nunca mais aparecer, têm mais uns vinte pra ficar no lugar dele.” Holmes continuava fuzilando-o com os olhos e de repente Wiggins amansou. “Tá certo. Tomaram conta dele, pelo menos por um tempo. Teve uma escola de caridade que recebeu ele. Chorley Grange, nas bandas de Hamworth. É uma escola para meninos. Ele me

contou uma vez que tinha morado lá, mas odiava aquilo e fugiu. Foi quando arranhou um canto em King's Cross. Mas eu desconfio que, se estivesse apavorado, se alguém estivesse atrás dele, talvez pudesse ter voltado. Antes o diabo que a gente conhece..."

Holmes se endireitou. "Obrigado, Wiggins", disse. "Quero que continue a procurá-lo. Quero que pergunte a todas as pessoas que encontrar." Pegou uma moeda e entregou-a. "Se o encontrar, deve trazê-lo aqui na mesma hora. A sra. Hudson lhes dará o que comer e tomará conta de vocês até que eu volte. Está me entendendo?"

"Sim, seu Olmes."

"Ótimo. Por certo vai me acompanhar, não é, Watson? Podemos tomar o trem que sai de Baker Street."

Uma hora depois, um fiacre nos deixou em frente a três bonitas construções lado a lado à beira de uma estrada estreita que subia a pique por pelo menos uns oitocentos metros da aldeia de Roxeth até Hamworth Hill. A maior delas, a que ficava no centro, parecia a casa de campo de um cavalheiro inglês de talvez cem anos atrás, com telhas vermelhas e uma varanda que se estendia por toda sua extensão no nível do primeiro andar. A fachada da casa estava coberta de trepadeiras que talvez fossem luxuriantes no verão, mas estavam nuas e espigadas agora, e toda a habitação era cercada por terras cultiváveis, com um gramado descendo até um pomar cheio de velhas macieiras. Difícil acreditar que estávamos tão perto de Londres, pois o ar era fresco e os arredores deslumbrantes, ou assim teria sido se o tempo estivesse mais clemente, pois voltara a fazer muito frio e começara a chover. As construções de ambos os lados eram celeiros ou cervejarias, mas haviam sido presumivelmente adaptadas para as necessidades da escola. Havia uma quarta estrutura do outro lado da estrada, esta protegida por uma cerca de metal ornamentada mas com o portão aberto. Dava a impressão de estar vazia, pois não se percebia nenhuma luz ou movimento em suas dependências. Uma tabuleta de madeira dizia: Lar para Meninos Chorley Grange. Olhando através dos campos, notei um grupo de meninos atacando um canteiro de hortaliças com pás e enxadas.

Tocamos a campainha da frente e fomos recebidos por um homem trajando um terno cinza-escuro sombrio, que ouviu em silêncio enquanto Holmes explicava quem éramos e em que missão estávamos ali. "Muito bem, cavalheiros. Se tiverem a bondade de esperar aqui..." Fomos introduzidos no prédio e ficamos esperando num saguão austero, forrado com lambris de

madeira, sem nada nas paredes afora alguns retratos, desbotados a ponto de serem quase indecifráveis, e uma cruz de prata. Um corredor com várias portas estendia-se até longe. Eu podia imaginar salas de aula do outro lado, mas nenhum som saía de dentro delas. Tive a impressão de que o lugar mais parecia um mosteiro que uma escola.

Depois o criado, se é que era um criado, voltou, trazendo consigo um homem baixo, com a cara redonda, que precisava dar três passos para cada um do companheiro e ofegava ruidosamente em seu esforço para não ficar para trás. Ele me lembrou os bonecos de neve que eu via agora a todo momento em Regent's Park, pois sua cabeça era uma bola e seu corpo outra, sua fisionomia simplória podendo ser sugerida com uma cenoura e vários pedaços de carvão. Tinha uns quarenta anos, era calvo, com apenas um tufo de cabelo escuro em volta das orelhas. Vestia-se à maneira de um clérigo, usando inclusive o peculiar colarinho branco, que formava mais um círculo em torno de seu pescoço. Ao se aproximar de nós, exibiu um sorriso exultante e abriu os braços, num gesto de boas-vindas.

“Sr. Holmes! É uma grande honra. Li sobre suas proezas, é claro. O maior detetive consultor do país, aqui em Chorley Grange! É de fato extraordinário. E o senhor deve ser o dr. Watson. Lemos suas histórias em classe. Os meninos são loucos por elas. Não vão acreditar que estão aqui. Teriam tempo para falar com eles? Mas estou me adiantando. Devem me perdoar, cavalheiros, mas não posso conter meu entusiasmo. Sou o reverendo Charles Fitzsimmons. Vóspers me disse que estão aqui para tratar de um assunto sério. O sr. Vóspers ajuda a administrar este estabelecimento e também leciona matemática e leitura. Por favor, acompanhem-me até meu gabinete. Precisam conhecer minha mulher. Podemos lhes oferecer um pouco de chá?”

Seguimos o homenzinho por um segundo corredor e através de uma porta, entrando num aposento grande e frio demais para ser confortável, embora algum esforço tivesse sido feito, com estantes de livros, um sofá e várias cadeiras dispostas em volta de uma lareira. Uma grande escrivaninha, sobre a qual se viam altas pilhas de documentos, fora posicionada de modo a dar vista, através de uma série de janelas panorâmicas, para o gramado e o pomar mais além. Estava frio no corredor, e mais frio ali, apesar do fogo na lareira. O fulgor vermelho do carvão queimando dava uma ilusão de calor, mas não mais que isso. A chuva agora fustigava as janelas e escorria pelos vidros, desbotando os campos. Embora fosse apenas o meio da tarde, poderia igualmente ser noite.

“Minha cara”, exclamou nosso anfitrião. “Estes são o sr. Sherlock Holmes e o dr. Watson. Vieram aqui nos pedir ajuda. Cavalheiros, posso lhes apresentar minha mulher, Joanna?”

Eu não percebera a mulher que estivera sentada numa poltrona no canto mais escuro da sala, lendo um volume de muitas centenas de páginas que se equilibrava em seu colo. Se era a sra. Fitzsimmons, os dois formavam um estranho casal, pois ela era excepcionalmente alta e, ao que me pareceu, vários anos mais velha que ele. Estava toda de preto, com um antiquado vestido de cetim que lhe afogava o pescoço e se ajustava perfeitamente aos braços, com passamanes de contas de um ombro ao outro. Tinha o cabelo amarrado num coque na nuca e dedos longos e finos.

Se eu fosse um menino, teria pensado que era uma bruxa. De fato, olhando para os dois, tive o pensamento talvez indigno de que podia entender por que Ross preferira fugir. Se eu estivesse no lugar dele, era bem possível que tivesse feito o mesmo.

“Aceitam um pouco de chá?” perguntou a senhora. Sua voz era fina como o resto dela, o sotaque deliberadamente esmerado.

“Não iremos incomodá-la”, respondeu Holmes. “Como sabe, estamos aqui para tratar de um assunto de alguma urgência. Estamos à procura de um menino, um moleque de rua que só conhecemos pelo nome de Ross.”

“Ross? Ross?” O reverendo procurou em sua mente. “Ah, sim! Pobre, jovem Ross! Faz bastante tempo que não o vemos, sr. Holmes. Ele chegou a nós vindo de um ambiente muito desfavorável, mas é o mesmo que acontece com inúmeros meninos sob nossos cuidados. Não passou muito tempo conosco.”

“Era uma criança difícil e desagradável”, atalhou sua mulher. “Não obedecia às regras. Perturbava os outros meninos. Recusava-se a se encaixar.”

“Você é por demais severa, minha querida. Mas é verdade, sr. Holmes, que Ross nunca se mostrou grato pela ajuda que tentávamos lhe dar e não se adaptou a nossos costumes. Permaneceu aqui apenas por alguns meses, depois fugiu. Foi no verão passado... Julho ou agosto. Eu teria de consultar meus apontamentos para ter certeza. Posso lhe perguntar por que está à procura dele? Espero que não tenha feito nada de errado.”

“Em absoluto. Algumas noites atrás ele foi testemunha de certos acontecimentos em Londres. Eu gostaria apenas de saber o que ele viu.”

“Isso soa muito misterioso, não é, minha querida? Não lhe pedirei maiores esclarecimentos. Não sabemos de onde ele veio. Não sabemos para onde foi.”

“Nesse caso não tomarei mais o seu tempo.” Holmes virou-se para a porta, depois pareceu mudar de ideia. “Mas talvez, antes de partirmos, o senhor queira nos contar alguma coisa sobre seu trabalho aqui. Chorley Grange é propriedade sua?”

“Em absoluto, senhor. Minha mulher e eu somos empregados do Centro Educacional para a Adolescência. Ele apontou para o retrato de um cavalheiro aristocrático, apoiado num pilar. “Aquele é o fundador, sir Crispin Ogilvy, já falecido. Ele comprou esta fazenda cinquenta anos atrás, e é graças a seu legado que temos condições de manter esta instituição. Temos trinta e cinco meninos aqui, todos tirados das ruas de Londres e salvos de um futuro abrindo estopa* ou perdendo seu tempo no moinho. Nós lhes damos alimento e abrigo e, mais importante que os dois, uma boa educação cristã. Além de leitura, escrita e aritmética, os meninos aprendem os ofícios da sapataria, carpintaria e alfaiataria. Devem ter visto as plantações. Temos quarenta hectares e cultivamos quase tudo que comemos. Além disso, os meninos aprendem a criar porcos e aves. Quando saem daqui, muitos vão para o Canadá, a Austrália e os Estados Unidos para começar uma nova vida. Estamos em contato com muitos fazendeiros que terão prazer em acolhê-los e possibilitar-lhes um novo começo.”

“Quantos professores têm?”

“Somos apenas quatro, além de minha mulher, e dividimos as responsabilidades entre nós. Já conheceu o sr. Vöspers à porta. Ele é o porteiro e ensina matemática e leitura, como acho que já disse. Os senhores chegaram durante as aulas da tarde e meus dois outros professores estão em classe.”

“Como Ross veio parar aqui?”

“Sem dúvida foi a partir de alguma ala de acolhimento temporário de um asilo de pobres ou num abrigo noturno. A sociedade tem voluntários que trabalham na cidade e trazem os meninos para nós. Posso indagar se desejar, mas, como faz tempo que não temos notícia dele, duvido muito que possamos lhe prestar alguma ajuda.”

“Não podemos obrigar os meninos a ficar”, disse a sra. Fitzsimmons. “Em sua grande maioria, eles escolhem exatamente isso, e vêm a ser um

motivo de orgulho para si mesmos e para a escola. Mas volta e meia aparecem arruaceiros, meninos sem um pingão de gratidão.”

“Temos de acreditar em todas as crianças, Joanna.”

“Tem um coração muito mole, Charles. Eles se aproveitam de você.”

“Ross não pode ser culpado pelo que era. Seu pai era um magarefe que entrou em contato com um carneiro doente e definhou lentamente em consequência disso. A mãe deu de beber. Também está morta. Durante algum tempo, Ross ficou sob os cuidados de uma irmã mais velha, mas não sabemos o que foi feito dela. Ah sim! Agora me lembro. O senhor perguntou como ele veio parar aqui. Ross foi detido por furto em loja. O juiz apiedou-se dele e entregou-o para nós.”

“Uma última chance.” A sra. Fitzsimmons sacudiu a cabeça. “Estremeço ao pensar o que será dele agora.”

“Então os senhores não têm nenhuma ideia de onde poderíamos encontrá-lo?”

“Lamento que tenha perdido seu tempo, sr. Holmes. Não temos recursos para sair à procura dos meninos que optaram por nos deixar, e, na verdade, de que adiantaria? *‘Vós abandonastes a mim e agora, por minha vez, eu vos abandono.’* Pode nos dizer o que foi que ele testemunhou e por que é tão importante o senhor encontrá-lo?”

“Acreditamos que ele está em perigo.”

“Todos esses meninos sem lar estão em perigo.” Fitzsimmons bateu as mãos uma contra a outra como se um pensamento repentino lhe tivesse ocorrido. “Mas quem sabe não ajudava se conversassem com alguns de seus ex-colegas? É sempre possível que ele tenha contado a um deles alguma coisa que teria preferido esconder de nós. E, se quiser me acompanhar, isso me dará uma oportunidade de lhe mostrar a escola e explicar um pouco mais o nosso trabalho.”

“Seria muito gentil da sua parte, sr. Fitzsimmons.”

“O prazer será todo meu.”

Deixamos o gabinete. A sra. Fitzsimmons não se juntou a nós; permaneceu sentada no canto, a cabeça enterrada em seu pesado tomo.

“Devem perdoar a minha esposa”, murmurou o reverendo Fitzsimmons. “Pode parecer um pouco severa, mas asseguro-lhes que vive para esses meninos. Ensina-lhes teologia, ajuda na lavanderia, cuida deles quando estão doentes.”

“Os senhores não têm filhos?” perguntei.

“Talvez eu não me tenha feito entender, dr. Watson. Temos trinta e cinco filhos, pois os tratamos exatamente como se fossem nossa carne e sangue.”

Levou-nos de volta para o primeiro corredor que eu notara e nos introduziu numa das salas, que recendia um forte cheiro de couro e cânhamo novo. Ali estavam oito ou nove meninos, todos limpos e bem-arrumados, usando aventais, silenciosamente concentrados nos sapatos expostos à sua frente enquanto o homem que conhecêramos na porta, o sr. Vosper, tomava conta deles. Todos se levantaram quando entramos, mantendo-se em respeitoso silêncio, mas Fitzsimmons acenou alegremente para que sentassem. “Sentem-se, meninos! Sentem-se! Este é o sr. Sherlock Holmes, de Londres, que veio nos visitar. Mostremos como podemos ser aplicados.” Os meninos continuaram com seu trabalho. “Tudo bem, sr. Vosper?”

“Sim, senhor.”

“Muito bem! Muito bem!” Fitzsimmons aprovou com um sorriso radiante. “Eles têm mais duas horas de trabalho e depois uma hora de descanso antes do chá. Nosso dia termina às oito horas com preces e depois cama.”

Ele seguiu adiante, as pernas curtas trabalhando arduamente para propeli-lo, desta vez levando-nos ao segundo andar para nos mostrar um dormitório, um tanto espartano, mas sem dúvida limpo e arejado, com camas alinhadas como soldados, uma a pouco mais de um metro da outra. Vimos as cozinhas, o refeitório, uma oficina e por fim chegamos a uma sala de aula com uma lição em curso. Era um aposento quadrado, com um único e pequeno aquecedor num canto, um quadro-negro numa parede e um quadrinho com o primeiro verso de um salmo bordado em outra. Havia alguns livros arrumados com capricho em prateleiras, um ábaco e alguns objetos dispersos – pinhas, pedras e ossos de animais – que deviam ter sido coletados em excursões pelos campos. Um homem jovem estava sentado fazendo anotações num caderno enquanto um menino parecendo mais velho, agindo como monitor de classe, estava de pé lendo de uma surrada Bíblia para os colegas. O menino parou assim que entramos. Quinze alunos estavam sentados em três fileiras, ouvindo com atenção, e mais uma vez todos se levantaram, fitando-nos com rostos pálidos e sérios.

“Sentem-se, por favor!” exclamou o reverendo. “Desculpe a interrupção, sr. Weeks. Foi o Livro de Jó que acabei de ouvir, Harry? *‘Nu saí do ventre de minha mãe e nu para lá voltarei...’*”

“Sim, senhor.”

“Muito bem. Uma ótima escolha de texto.” Fez um gesto para o professor, o único que permanecera sentado. O homem, que estava perto dos trinta anos, tinha um rosto estranho, contorcido, e um emaranhado de cabelo castanho espalhava-se assimetricamente num dos lados de sua cabeça. “Este é Robert Weeks, formado pelo Balliol College. O sr. Weeks estava construindo uma carreira de sucesso na cidade, mas escolheu juntar-se a nós por um ano para ajudar os menos afortunados que ele. Lembra-se do menino Ross, sr. Weeks?”

“Ross? É aquele que fugiu.”

“Este cavalheiro aqui não é outro senão o sr. Sherlock Holmes, o famoso detetive.” Isso causou certo alvoroço entre alguns dos meninos. “Ele receia que Ross possa ter se metido em apuros.”

“Não seria surpresa”, murmurou o sr. Weeks. “Não era uma criança fácil.”

“Era amigo dele, Harry?”

“Não, senhor”, respondeu o monitor.

“Bem, com certeza deve haver alguém nesta sala que foi amigo dele e que talvez tenha conversado com ele e possa agora nos ajudar a encontrá-lo, não é? Devem se lembrar, meninos, de que conversamos muito depois que Ross foi embora. Perguntei a todos para onde ele poderia ter ido, e não foram capazes de me dizer coisa alguma. Suplico-lhes que considerem o assunto uma última vez.”

“Meu único desejo é ajudar o amigo de vocês”, acrescentou Holmes.

Fez-se um breve silêncio. Então um menino na fileira de trás levantou a mão. Era louro e franzino, e calculei que teria uns onze anos. “Você é o homem das histórias?” perguntou.

“Isso mesmo. E este é o homem que as escreve.” Era raro ouvir Holmes me apresentar assim, e devo dizer que me deu prazer ouvir aquilo. “Você as lê?”

“Não, senhor. Elas têm palavras compridas demais. Mas de vez em quando o sr. Weeks lê para nós.”

“Vamos deixá-los com seus estudos”, disse Fitzsimmons, e começou a nos conduzir para a porta.

Mas o menino da última fileira ainda não terminara. “Ross tem uma irmã, senhor”, disse ele.

Holmes voltou-se. “Em Londres?”

“É, acho que sim. Ele falou sobre ela uma vez. O nome dela é Sally. Ele disse que ela trabalhava numa taberna, O Saco de Pregos.”

Pela primeira vez o reverendo Fitzsimmons pareceu zangado, e uma leve mancha vermelha espalhou-se por suas bochechas redondas. “Você fez uma coisa muito errada, Daniel”, disse. “Por que não me contou antes?”

“Eu tinha me esquecido, senhor.”

“Se tivesse se lembrado, talvez tivéssemos conseguido encontrá-lo, protegê-lo de sabe-se lá que infortúnio encontrou em seu caminho.”

“Sinto muito, senhor.”

“Assunto encerrado. Venha, sr. Holmes.”

Nós três caminhamos de volta para a porta principal da escola. Holmes pagara o cocheiro para nos esperar e fiquei satisfeito por ver que estava lá, pois ainda caía uma chuva pesada.

“Pode se orgulhar da escola”, disse Holmes. “Achei notável como os meninos parecem calmos e disciplinados.”

“Fico muito agradecido”, respondeu Fitzsimmons, voltando a relaxar e recobrando sua maneira de ser mais agradável. “Meus métodos são muito simples, sr. Holmes. A vara e a cenoura – de maneira muito literal. Quando os meninos se comportam mal, aplico-lhes o chicote. Mas, se trabalham com afinco e se atêm às nossas regras, veem-se muito bem-alimentados. Nos seis anos que eu e minha mulher passamos aqui, dois meninos morreram, um de doença cardíaca congênita, o outro de tuberculose. Mas Ross foi o único que fugiu. Quando o encontrar, pois estou certo de que o fará, espero que consiga convencê-lo a retornar. A vida aqui não é tão austera quanto pode parecer sob esse tempo medonho. Quando o sol brilha e os meninos podem correr soltos ao ar livre, Chorley Grange pode ser um lugar alegre também.”

“Tenho certeza disso. Uma última pergunta, sr. Fitzsimmons. O prédio em frente. Ele é parte da escola?”

“De fato, sr. Holmes. Quando aqui chegamos ele era uma fábrica de coches, mas nós o adaptamos às nossas necessidades e agora o utilizamos para apresentações públicas. Mencionei que todos os meninos da escola fazem parte de uma banda?”

“Fizeram uma apresentação recentemente.”

“Apenas duas noites atrás. O senhor sem dúvida notou as muitas marcas de rodas. Eu ficaria honrado se viesse ao nosso próximo recital, sr. Holmes

– e o senhor também, dr. Watson. A propósito, poderiam pensar na ideia de fazerem uma doação à escola? Fazemos o melhor possível, mas também precisamos de toda a ajuda disponível.”

“Com certeza pensaremos no assunto.” Apertamos a mão dele e saímos. “Temos de ir direto para O Saco de Pregos, Watson”, disse Holmes assim que entramos no fiacre. “Não temos um segundo a perder.”

“Você acha mesmo...?”

“O menino, Daniel, nos contou o que se recusou a contar para seus próprios mestres, mas só porque sabia quem éramos e pensou que poderíamos salvar o seu amigo. Por uma vez, Watson, estou sendo guiado por meu instinto e não por meu intelecto. O que é, pergunto a mim mesmo, que me deixa tão apreensivo? Fustigue os cavalos, cocheiro, e leve-nos à estação! E rezemos para que não seja tarde demais.”

* Parte do penoso trabalho de reciclagem de estopa muito comumente imposto aos abrigados nos asilos de pobres (as *workhouses*) e aos presos da época na Inglaterra. (N.T.)

7. A fita branca

COMO AS COISAS PODERIAM ter sido diferentes se não houvesse duas tabernas em Londres chamadas O Saco de Pregos! Conhecíamos uma em Edge Lane, no coração de Shoreditch e, supondo ser esse o provável local de trabalho da irmã órfã de um menino de rua sem vintém, rumamos direto para lá. Era um lugar pequeno e imundo numa esquina, em que o fedor de cerveja velha e fumaça de cigarro emanava do próprio madeirame, mas apesar disso o taberneiro mostrou-se bastante amistoso, enxugando as mãos enormes num avental enodado enquanto nos examinava do outro lado do balcão.

“Não há nenhuma Sally trabalhando neste lugar”, disse ele depois que nos apresentamos. “E nunca houve. O que levou os cavalheiros a pensar que poderiam encontrá-la aqui?”

“Estamos à procura do irmão dela, um menino chamado Ross.”

Ele sacudiu a cabeça. “Também não conheço nenhum Ross. Têm certeza de que os mandaram ao lugar certo? Existe um Saco de Pregos em Lambeth, acredito. Talvez devam tentar sua sorte lá.”

Voltamos para a rua no mesmo instante e logo cruzávamos Londres num *hansom*, mas já era tarde e, quando chegamos à área mais baixa de Lambeth, já escurecia. O segundo Saco de Pregos era mais acolhedor que o primeiro, ao contrário de seu proprietário – um sujeito rude, barbado, com um nariz quebrado e mal consertado e uma expressão zangada.

“Sally?” perguntou. “Que Sally seria essa?”

“Só sabemos seu primeiro nome”, respondeu Holm es. “E o fato de que tinha um irmão mais moço, Ross.”

“Sally Dixon? Essa é a moça que procuram? Ela tem um irmão. Vocês vão encontrá-la lá nos fundos, mas primeiro vão me contar o que querem com ela.”

“Queremos apenas falar com ela”, respondeu Holmes. Mais uma vez, pude perceber a tensão queimando dentro dele, a incessante sensação de energia e ímpeto que o impelia através de cada caso. Nunca um homem sentiu-se mais contrariado quando as circunstâncias conspiravam para frustrá-lo. Ele jogou algumas moedas sobre o balcão. “Isso é para recompensá-lo pelo tempo dela.”

“Não há necessidade disso”, retrucou o taberneiro, mas embolsou o dinheiro assim mesmo. “Muito bem. Ela está no pátio. Mas duvido que consigam arrancar-lhe muita coisa. Não é a mais falante das moças. Eu estaria em melhor companhia empregando uma muda.”

Havia um quintal nos fundos do prédio, as lajes ainda molhadas e rebrilhando da chuva. Estava cheio de trastes de toda sorte, que subiam pelos muros que cercavam o lugar, e não pude me impedir de perguntar a mim mesmo como aquilo viera parar ali. Vi um piano quebrado, um cavalinho de pau, uma gaiola de pássaros, várias bicicletas, pedaços de cadeiras, pedaços de mesas... todo tipo de móveis, mas nada inteiro. Um monte de caixotes quebrados erguia-se num lado, velhas sacas de carvão abarrotadas, Deus sabe de quê, no outro. Havia vidro quebrado, grandes montes de papel, fragmentos retorcidos de metal e, no meio de tudo isso, descalça e com um vestido fino demais para aquele tempo, uma menina de uns dezesseis anos, varrendo o que ainda havia de espaço livre, como se isso fosse fazer alguma diferença. Reconheci nela as mesmas feições do irmão mais moço. Tinha cabelo louro, olhos azuis e, não fossem as circunstâncias em que se encontrava, eu teria dito que era bonita. Mas o toque cruel da pobreza e da privação era evidente também nas linhas nítidas de seus pômulos, nos braços finos como gravetos e na sujeira incrustada nas mãos e nas faces. Quando levantou os olhos, seu rosto mostrou apenas desconfiança e desdém. Dezesseis anos! E como fora a sua vida para trazê-la até aqui?

Paramos à sua frente, mas ela continuou com seu trabalho, ignorando-nos.

“Srta. Dixon?” perguntou Holmes. Sua vassoura movia-se para frente e para trás, sem sair do ritmo. “Sally?”

Ela parou e levantou a cabeça devagar, examinando-nos.

“Sim?” Vi que tinha as mãos fechadas em torno do cabo da vassoura, apertando-o como se fosse uma arma.

“Não queremos alarmá-la”, disse Holmes. “Não queremos lhe fazer nenhum mal.”

“O que querem?” Seus olhos eram ferozes. Nenhum de nós se aproximara muito dela. Não teríamos ousado.

“Queremos falar com seu irmão, com Ross.”

Ela apertou as mãos. “Quem são os senhores?”

“Somos amigos dele.”

“São da Casa da Seda? Ross não está aqui. Ele nunca esteve aqui – e os senhores não vão encontrar o meu irmão.”

“Queremos ajudá-lo.”

“Claro que vão dizer isso. Bem, estou dizendo, ele não está aqui. Os senhores podem ir embora, os dois! Estão me embrulhando o estômago. Voltem para o lugar de onde vieram.”

Holmes lançou-me um olhar e, esperando ser útil, dei um passo em direção à moça. Havia pensado que a tranquilizaria, mas cometi um erro atroz. Ainda não sei ao certo o que aconteceu. Vi a vassoura descer e ouvi Holmes soltar um grito. Depois a menina pareceu furar o ar em frente a mim e senti sobre o peito uma coisa fêrvida me cortando. Cambaleei para trás, apertando a mão contra a frente do sobretudo. Quando olhei para baixo, vi sangue escorrendo entre os meus dedos. Fiquei tão chocado que levei alguns segundos para me dar conta de que eu levava uma estocada, com uma faca ou um caco de vidro. Por um momento a menina ficou diante de mim, não uma criança em absoluto, mas rosnando como um animal, os olhos em chamas, os lábios arreganhados num esgar feroz. Holmes correu para o meu lado. “Meu caro Watson!” Depois houve um movimento atrás de mim.

“O que está acontecendo aqui?” O taberneiro apareceu. A menina deixou escapar um único uivo, gutural, depois se virou e fugiu por uma estreita passagem em arco que levava à rua.

Eu sentia dor, mas já sabia que não fora ferido com gravidade. A espessura de meu sobretudo e o paletó por baixo haviam me protegido do pior, e mais tarde naquela noite eu desinfetaria e medicaria um ferimento relativamente sem gravidade. Rememorando as coisas agora, lembro que haveria uma outra ocasião, dez anos depois, em que eu seria ferido quando na companhia de Sherlock Holmes e, por estranho que possa parecer, fui tomado por um sentimento próximo à gratidão por meus agressores, que demonstraram que meu bem-estar físico significava pelo menos alguma coisa

para o grande homem e que ele não era tão friamente disposto em relação a mim como por vezes aparentava.

“Watson?”

“Não é nada, Holmes. Um arranhão.”

“O que aconteceu?” perguntou o taberneiro. Ele olhava para minhas mãos ensanguentadas. “O que o senhor disse a ela?”

“O senhor poderia me perguntar o que ela fez comigo”, resmunguei, embora mesmo no choque do momento eu fosse incapaz de sentir qualquer rancor por aquela pobre criança desnutrida que me atacara movida pelo medo e a incompreensão e que não desejara de fato me fazer nenhum mal.

“A menina ficou apavorada”, disse Holmes. “Tem certeza de que não está ferido, Watson? Vamos para dentro. Você precisa se sentar.”

“Não, Holmes, garanto-lhe, não é tão grave como parece.”

“Graças a Deus. Devemos chamar um *hansom* agora mesmo. Taberneiro, foi à procura do irmão da menina que viemos aqui. Um menino de treze anos, também louro, mais baixo que ela e mais bem-alimentado.”

“O senhor se refere a um tal de Ross?”

“O senhor o conhece?”

“Eu lhe disse. Ele andou trabalhando aqui junto com ela. O senhor deveria ter perguntado por ele para começar.”

“Ele está aqui agora?”

“Não. Veio poucos dias atrás, precisando de um teto. Eu disse que podia ficar junto com a irmã em troca de trabalho na cozinha. Sally tem um espaço debaixo da escada e ele ficou lá com ela. Mas o menino mais atrapalhava que ajudava, nunca estava por perto quando se precisava dele. Não sei o que queria, mas tinha alguma coisa em mente, isso eu posso lhe dizer. Saiu às pressas pouco antes da sua chegada.”

“Tem alguma ideia de para onde foi?”

“Não. A menina poderia ter lhe contado. Mas agora ela foi embora também.”

“Tenho de cuidar do meu amigo. Mas, se qualquer um dos dois voltar, é urgente que o senhor mande uma mensagem para minha residência, no número 221 B de Baker Street. Aqui está mais dinheiro por seu incômodo. Vamos, Watson. Apóie-se em mim. Creio ouvir um fiacre se aproximando...”

E assim a aventura do dia terminou com nós dois sentados bem perto do fogo, um revigorante conhaque com soda na mão e Holmes fumando

furiosamente. Detive-me um momento para refletir sobre as circunstâncias que nos haviam levado àquele ponto, pois me parecia que havíamos nos desviado muito de nossa caça original: o homem de boina ou mesmo a identidade da pessoa que o matara. Seria essa a pessoa que Ross vira perto do Mrs. Oldmore's Private Hotel, e, nesse caso, como poderia tê-la reconhecido? De alguma maneira, aquele encontro casual o levava a acreditar que podia ganhar algum dinheiro, e desde então desaparecera de vista. Devia ter contado alguma coisa à irmã sobre suas intenções, porque ela temera por ele. Era quase como se ela estivesse à nossa espera. Por que outra razão estaria de posse de uma arma? Depois havia aquelas palavras dela: “Os senhores são da Casa da Seda?” Ao voltarmos, Holmes havia consultado seu índice e as várias enciclopédias que mantinha em suas estantes, mas não tínhamos descoberto nada sobre o que a mocinha quisera dizer. Não conversamos sobre nada disso. Eu estava exausto, e podia ver que meu amigo estava imerso em seus próprios pensamentos. Só nos restava esperar e ver o que o dia seguinte nos traria.

O que ele trouxe foi um policial, batendo à nossa porta logo depois do desjejum.

“O inspetor Lestrade envia seus cumprimentos, senhor. Ele está em Southwark Bridge e ficaria muito grato se o senhor fosse ao seu encontro.”

“Do que se trata, policial?”

“Assassinato, senhor. É um repugnante.”

Vestimos nossos sobretudos e partimos no mesmo instante, tomando um fiacre para Southwark Bridge, cruzando os três grandes arcos de ferro fundido que se estendiam sobre o rio a partir de Cheapside. Lestrade esperava-nos na margem sul, parado com um grupo de policiais em volta do que parecia, à distância, um pequeno amontoado de trapos jogados fora. O sol brilhava, mas voltara a fazer um frio cortante, e a água do Tâmis nunca parecera tão cruel, as ondas cinzentas batendo monotonamente na margem. Descemos uma escada em espiral de metal cinza que ia da rua à margem e caminhamos sobre a lama e as pedras. A maré estava baixa e o rio parecia ter encolhido, como se repugnado pelo que acontecera ali. Um ancoradouro para barcos a vapor projetava-se por uma curta distância, e alguns passageiros esperavam ali, batendo as mãos, o hálito congelando no ar. Eles pareciam inteiramente divorciados da cena que se apresentava a nós. Pertenciam à vida. Onde estávamos só havia morte.

“Era ele que o senhor procurava?” perguntou Lestrade. “O menino do hotel?”

Holmes assentiu com a cabeça. Talvez não se sentisse confiante para falar.

O menino fora brutalmente surrado. Tivera as costelas despedaçadas, os braços, as pernas, cada um dos dedos. Olhando para aqueles ferimentos horríveis, eu soube de imediato que todos haviam sido infligidos de maneira metódica, um de cada vez, e que a morte, para Ross, devia ter sido um longo túnel de dor. Por fim, para completar tudo isso, sua garganta fora cortada com tamanha selvageria que a cabeça quase se desprendera do corpo. Eu tinha visto cadáveres antes, fosse com Holmes ou durante meu tempo como cirurgião do exército, mas nunca vira nada tão pavoroso quanto aquilo, e pareceu-me absolutamente incompreensível que algum ser humano pudesse ter sido capaz de fazê-lo com um menino de treze anos.

“É um negócio muito feio”, disse Lestrade. “O que pode me dizer sobre ele, Holmes? Estava a seu serviço?”

“O nome dele era Ross Dixon”, respondeu Holmes. “Sei muito pouco sobre ele, inspetor. Você poderia perguntar na Escola para Meninos Chorley Grange, mas talvez eles não tenham muito a acrescentar. Ele era órfão, mas tinha uma irmã que trabalhou até ontem na taberna O Saco de Pregos em Lambeth. Talvez ainda a encontre lá. Vocês examinaram o corpo?”

“Examinamos. Os bolsos dele estavam vazios. Mas há uma coisa estranha que o senhor deveria ver, embora Deus saiba o que significa. Deixou-me nauseado – isso eu lhe garanto.”

Lestrade inclinou a cabeça e um dos policiais ajoelhou-se e levantou um dos bracinhos quebrados. A manga da camisa tombou para revelar uma fita branca, enrolada em torno do punho. “O tecido é novo”, disse Lestrade. “Pelo aspecto, é uma seda de boa qualidade. E veja – não foi tocada pelo sangue nem por nada desta imundície do Tâmis. Eu diria, portanto, que foi amarrada no menino depois que ele foi morto, como uma espécie de sinal.”

“A Casa da Seda!” exclamei.

“O que é isso?”

“Tem conhecimento disso, Lestrade?” perguntou Holmes. “Isso significa alguma coisa para você?”

“Não. A Casa da Seda? É uma fábrica? Nunca ouvi falar dela.”

“Mas eu ouvi.” Holmes olhou para longe, seus olhos cheios de horror e autocensura. “A fita branca, Watson! Vi isso antes.” Ele se virou de volta para Lestrade. “Obrigado por me chamar e pelas informações.”

“Tinha esperança de que você pudesse lançar alguma luz sobre o caso. Afinal de contas, é possível que isto seja culpa sua.”

“Culpa?” Holmes sacudiu-se, como se tivesse levado uma ferroadada.

“Eu o avisei para não se meter com essas crianças. O senhor contratou o menino. Mandou-o seguir a pista de um criminoso. Eu admito, ele pode ter tido suas próprias ideias e elas podem ter sido a sua ruína. Mas este é o resultado.”

Não sei dizer se Lestrade estava sendo deliberadamente provocativo, mas suas palavras tiveram sobre Holmes um efeito que pude testemunhar no caminho de volta para Baker Street. Ele afundou num canto do *hansom* e durante a maior parte do trajeto manteve-se em silêncio, recusando-se a olhar nos meus olhos. Sua pele parecia ter se esticado sobre as maçãs do rosto e ele pareceu mais macilento que nunca, como se tivesse sido acometido por uma doença virulenta.

Não tentei falar com ele. Sabia que não precisava de nenhum consolo de minha parte. Em vez disso, observei-o e esperei enquanto ele levava aquele seu formidável intelecto a enfrentar a terrível reviravolta que essa aventura sofrera.

“Talvez Lestrade tivesse razão”, disse ele por fim. “Sem dúvida usei meus Irregulares de Baker Street sem muita reflexão ou exame. Divertia-me tê-los alinhados diante de mim, dar-lhes um ou dois xelins, mas nunca os pus em perigo de maneira irresponsável, Watson. Você sabe disso. No entanto, vejo-me acusado de diletantismo e devo confessar-me culpado. Wiggins, Ross e os outros meninos não eram nada para mim, assim como não são nada para a sociedade que os abandonou nas ruas, e nunca me ocorreu que esse horror podia ser o resultado de minhas ações. Não me interrompa! Teria eu permitido que uma criança ficasse sozinha diante de um hotel na escuridão se ela fosse o seu filho ou o meu? E a lógica do que aconteceu parece inevitável. O menino viu o assassino entrar no hotel. Nós dois vimos como isso o afligiu. Mesmo assim, ele pensou que podia inverter a situação em seu proveito. Tentou fazê-lo e morreu. Devo me considerar responsável por isso.

“E no entanto! No entanto! Como a Casa da Seda se encaixa nessa charada e como devemos interpretar a fita de seda em volta do pulso do

menino? Este é o xis da questão, e mais uma vez sou digno de censura. Eu fui avisado! Esta é a verdade. Sinceramente, Watson, há ocasiões em que pergunto a mim mesmo se não deveria largar esta profissão e procurar meu destino em algum outro lugar. Há algumas monografias que eu ainda gostaria de escrever. Sempre alimentei a fantasia de criar abelhas. Sem dúvida, com base nos progressos que fiz até agora na investigação deste caso, não tenho nenhum direito de me intitular um detetive. Uma criança está morta. Você viu o que fizeram com ela. Como posso viver com isso?”

“Meu querido camarada...”

“Não diga nada. Há uma coisa que preciso lhe mostrar. Eu havia sido advertido. Eu poderia ter evitado isso...”

Chegáramos em casa. Holmes enfiou-se prédio adentro subindo dois degraus de cada vez. Segui mais devagar, pois embora não tivesse dito nada, o ferimento que eu sofrera na véspera doía muito mais do que no momento em que fora infligido. Quando cheguei à nossa sala de estar, vi-o inclinar-se e pegar um envelope. Era uma das muitas singularidades de meu amigo, que, embora vivesse em ambientes de extrema desordem e até caos, com cartas e documentos empilhados por toda parte, era capaz de encontrar qualquer coisa que estivesse procurando sem ter de pensar um segundo. “Aqui está!” anunciou. “O envelope não nos diz nada. Meu nome está escrito na frente, mas não o endereço. Foi entregue por portador. Quem quer que o tenha mandado não fez nenhuma tentativa de disfarçar sua caligrafia, e eu com certeza a reconheceria de novo. Você notará o *e* em *Holmes*, semelhante ao épsilon grego. Esse floreio incomum no topo da letra não sairá de minha mente com facilidade.”

“E o que havia dentro do envelope?” perguntei.

“Você pode ver por si mesmo”, respondeu Holmes, e passou-me o envelope.

Abri-o e, com um arrepio que não pude dissimular, puxei uma curta fita de seda branca. “Qual é o significado disto, Holmes?” perguntei.

“Foi essa a pergunta que fiz a mim mesmo quando a recebi. À luz do que aconteceu depois, parece ter sido um aviso.”

“Quando foi enviado?”

“Sete semanas atrás. Na ocasião, eu estava mergulhado num caso esquisito que envolvia o dono de uma casa de penhor, o sr. Jabez Wilson, que tinha sido convidado a ingressar...”

“Na Liga dos Cabeças Vermelhas!” atalhei, porque me lembrava bem do caso e tivera a sorte de poder acompanhá-lo até sua conclusão.

“Isso mesmo. Foi um problema para três cachimbos, se algum dia houve algum, e quando esse envelope chegou, minha cabeça estava em outra coisa. Examinei os conteúdos e tentei descobrir seu significado, mas, estando envolvido em outro problema, pus o envelope de lado e o esqueci. Agora, como vê, ele voltou para me assombrar.”

“Mas quem o teria enviado para você? E com que intenção?”

“Não tenho a menor ideia, mas em consideração àquela criança assassinada, pretendo descobrir.” Holmes estendeu a mão e tomou-me a tira de seda. Enrolou-a entre seus dedos esqueléticos e segurou-a diante de si, examinando-a como alguém que examinasse uma cobra venenosa. “Se isto me foi enviado como um desafio, eu o aceito”, disse. Deu um soco no ar, o punho fechado sobre a fita branca. “E lhe garanto, Watson, que os farei se arrependem do dia em que a enviaram.”

8. Um corvo e duas chaves

SALLY NÃO RETORNARA ao seu local de trabalho aquela noite nem na manhã seguinte. Isso não era muito de espantar, dado que ela me atacara e por certo temia as consequências. Além disso, a morte do seu irmão fora noticiada pelos jornais, e, embora o nome do menino não tivesse sido mencionado, era muito possível que ela já soubesse que era ele que havia sido encontrado embaixo da Southwark Bridge, pois assim eram as coisas naquela época, em particular nas áreas mais pobres da cidade. As más notícias tinham uma maneira de se espalhar como fumaça, escorrendo através de cada cômodo apinhado, cada porão imundo, moles e insistentes, impregnando tudo que tocavam. O proprietário do Saco de Pregos sabia que Ross estava morto – ele já recebera a visita de Lestrade e ficou ainda menos satisfeito ao nos ver que na véspera.

“Ainda não causaram transtornos suficientes?” perguntou. “Aquele menina, apesar de não ser grande coisa, era um bom par de mãos e estou aborrecido por tê-la perdido. E isso não é bom para os negócios, ter a lei por aqui! Gostaria que os senhores nunca tivessem aparecido.”

“Não fui eu que trouxe o transtorno, sr. Hardcastle”, respondeu Holmes, pois havia lido o nome do taberneiro – Ephraim Hardcastle – sobre a porta. “Ele já estava aqui e eu apenas o segui. Parece provável que o senhor tenha sido o último a ver o menino vivo. Ele não lhe disse nada antes de sair?”

“Por que ele falaria comigo ou eu com ele?”

“Mas o senhor disse que ele tinha alguma coisa em mente.”

“Não sei nada sobre isso.”

“Ele foi torturado até a morte, sr. Hardcastle, teve os ossos quebrados um por um. Jurei encontrar o assassino e levá-lo à Justiça. Não posso fazer isso se o senhor se recusa a ajudar.”

O taberneiro assentiu lentamente com a cabeça e quando voltou a falar foi num tom mais comedido. “Muito bem. O menino apareceu três noites

atrás com uma história sobre ter se desentendido com vizinhos e estar precisando de um lugar para dormir até conseguir se arrumar. Sally pediu minha permissão e consenti. Por que não? O senhor viu o quintal. Há uma enorme quantidade de lixo a ser removida e pensei que ele poderia ajudar. Ele trabalhou um pouco também, naquele primeiro dia, mas à tarde saiu, e quando voltou, estava muito satisfeito consigo mesmo.”

“A irmã sabia o que ele estava fazendo?”

“Talvez soubesse, mas não me disse nada.”

“Por favor, continue.”

“Tenho pouco mais a acrescentar, sr. Holmes. Só o vi mais uma vez e isso foi minutos antes de o senhor chegar. Ele entrou na taberna quando eu estava montando os barris e me perguntou as horas, o que só mostrava como era pouco instruído, porque isso estava claro como o dia no relógio da igreja do outro lado da rua.”

“Então ele estava a caminho de um encontro com hora marcada.”

“Suponho que isso seja possível.”

“É certo. Para que um menino como Ross haveria de querer saber a hora, a menos que tivesse sido solicitado a se apresentar em certa hora num certo lugar? O senhor disse que ele passou três noites aqui com a irmã.”

“Ele dividiu o quarto com ela.”

“Eu gostaria de vê-lo.”

“A polícia já esteve aqui. Eles o revistaram e não encontraram nada.”

“Não sou a polícia.” Holmes pôs alguns xelins no balcão. “Isso é por seu incômodo.”

“Muito bem. Mas não vou aceitar o seu dinheiro desta vez. O senhor está no rastro de um monstro e basta fazer o que está dizendo e garantir que ele não fará mal a mais ninguém.”

Levou-nos até os fundos e conduziu-nos por um corredor estreito entre a taberna e a cozinha. Um lance de escada descia até as adegas e, acendendo uma vela, o taberneiro nos levou a um quartinho lúgubre que ficava socado no subsolo, pequeno e sem janelas, com um chão nu de madeira. Era ali que Sally se recolhia, exausta após um longo dia de labuta, dormindo num colchão no piso, enrolada numa coberta. Viam-se dois objetos no meio dessa cama improvisada. Um era uma faca, o outro uma boneca que ela devia ter resgatado de algum depósito de lixo. Olhando para aqueles membros quebrados e o rosto chapado e branco, não pude deixar de pensar em seu

irmão, descartado com a mesma sem-cerimônia. Num canto, viam-se uma cadeira e uma mesinha com uma vela. A policia decerto não precisara de muito tempo para vasculhar o lugar pois, exceto a boneca e a faca, Sally não tinha nenhum pertence, nada que pudesse chamar de seu.

Holmes passou os olhos pelo quarto. “Por que a faca?” murmurou.

“Para se proteger”, sugeriu.

“Ela carregava consigo a arma que usava para se proteger, como você sabe melhor do que ninguém. Deve tê-la levado consigo. Esta segunda faca está quase cega.”

“E foi furtada da cozinha!” murmurou Hardcastle.

“A vela, penso eu, tem seu interesse.” Era à vela apagada sobre a mesa que Holmes se referia. Ele a pegou, depois se agachou e começou a se deslocar desajeitadamente pelo piso. Levei um momento para perceber que estava seguindo um rastro de gotículas de cera derretida, quase invisíveis ao olho humano. Vira-as, é claro, de imediato. Elas o levaram ao canto mais afastado da cama. “Ela a trouxe até este canto afastado... mais uma vez com que objetivo? A menos... A faca, por favor, Watson.” Entreguei-a para ele e ele inseriu a lâmina em uma das fendas entre as tábuas de madeira do assoalho. Uma das tábuas estava solta e ele usou a faca para erguê-la, depois enfiou a mão ali dentro e retirou um lenço embolado. “Se pudesse fazer a gentileza, sr. Hardcastle...”

O taberneiro aproximou-se com sua própria vela acesa. Holmes desdobrou o lenço e, à luz da chama tremulante, vimos que ele continha várias moedas – três quartos de *penny*, dois florins, uma coroa, um soberano de ouro e cinco xelins. Para duas crianças indigentes, era um verdadeiro tesouro, mas a qual delas o dinheiro pertencia?

“É de Ross”, disse Holmes, como se lesse meus pensamentos. “O soberano, fui eu que lhe dei.”

“Meu caro Holmes! Como pode ter certeza de que é o mesmo soberano?”

Holmes segurou-o à luz. “A data é a mesma. Mas olhe também o desenho. São Jorge está montado em seu cavalo, mas tem um corte na perna. Percebi quando a entreguei. É parte do guinéu que Ross ganhou por seu trabalho com os Irregulares. Mas e o resto?”

“Ele ganhou do tio”, murmurou Hardcastle. Holmes virou-se para ele. “Quando veio aqui e me pediu para passar a noite, disse que podia pagar pelo quarto. Ri, e ele disse que ganhara dinheiro do tio, mas não lhe dei

crédito e respondi que, em vez de pagar, poderia trabalhar no quintal. Se eu soubesse que o menino tinha tanto dinheiro, teria lhe oferecido uma acomodação decente lá em cima.”

“A coisa toma forma. Torna-se coerente. O menino decide usar a informação que colheu com sua presença no Mrs. Oldmore’s Hotel. Sai no mesmo instante, apresenta-se e faz suas exigências. É convidado para um encontro... certo lugar em certa hora. É nesse encontro que será morto. Mas ao menos ele tomou algumas precauções, deixando sua fortuna para trás com a irmã. Ela a esconde sob as tábuas do assoalho. Como deve estar se sentindo desgraçada agora, Watson, sabendo que não conseguiu recuperá-la quando eu e você a afugentamos. Uma última pergunta, sr. Hardcastle, e depois iremos embora. Sally alguma vez mencionou a Casa da Seda para o senhor?”

“A Casa da Seda? Não, sr. Holmes. Nunca ouvi falar nisso. O que devo fazer com essas moedas?”

“Guarde-as. A menina perdeu o irmão. Ela perdeu tudo. Talvez um dia volte a procurá-lo, precisando de ajuda, e o mínimo que o senhor poderá fazer é devolvê-las a ela.”

Do Saco de Pregos seguimos o curso do Tâmis, rumando para Bermondsey. Perguntei a mim mesmo em voz alta se Holmes pretendia visitar o hotel. “Não o hotel, Watson”, disse ele. “Mas as redondezas. Precisamos descobrir a fonte da fortuna do menino. Isso pode vir a se revelar central para a razão pela qual foi morto.”

“Ele a ganhou do tio”, disse eu. “Mas os seus pais estão mortos, como poderemos encontrar qualquer outro de seus parentes?”

Holmes riu. “Você me surpreende, Watson. Não conhece a gíria usada por pelo menos metade da população de Londres? Toda semana milhares de operários e vendedores ambulantes visitam seus tios, e com isso referem-se aos penhoristas. Foi ali que Ross conseguiu seus ganhos desonestos. A única pergunta é: o que foi que ele vendeu para receber aqueles florins e xelins?”

“E onde vendeu?” acrescentei. “Deve haver centenas de casas de penhor, só nesta parte de Londres.”

“Sem dúvida. Por outro lado, você deve estar lembrado de que Wiggins seguiu nosso misterioso agressor de uma casa de penhor em Bridge Lane até o hotel e mencionou que o próprio Ross entrava e saía de lá com frequência. Talvez seja lá que seu ‘tio’ pode ser encontrado.”

Que lugar de promessas quebradas e esperanças perdidas uma casa de penhor revelava ser! Todas as classes, todas as profissões, todas as posições sociais achavam-se representadas naquelas vitrines encardidas, resíduos de tantas vidas espetados como borboletas atrás do vidro. No alto, uma tabuleta com três esferas douradas sobre um fundo azul pendia de correntes enferrujadas, recusando-se a balançar com a brisa como se para afirmar que nada ali jamais se moveria, que, depois de perder seus pertences, os donos nunca mais os veriam de novo. “Adianto dinheiro sobre prata, joias, roupas e artigos de todo tipo”, dizia o aviso embaixo, e assim era, pois provavelmente nem Aladim em sua caverna teria podido tropeçar em semelhante tesouro. Broches de granada e relógios de prata, xícaras e vasos de porcelana, porta-canetas, colherinhas de chá e livros disputavam lugar nas prateleiras com objetos tão díspares quanto um soldado-relógio e um gaio empalhado. Artigos de roupa branca, de pequenos lenços de bolso a toalhas de mesa e colchas ricamente bordadas, pendiam dos lados. Um exército inteiro de peças de xadrez montava guarda sobre um campo de batalha de anéis e pulseiras dispostos sobre baeta verde. Que trabalhador havia sacrificado formões e serrotes para comprar cerveja e salsichas no fim de semana? Que mocinha conseguira passar sem seu vestido de domingo quando os pais lutavam para pôr comida na mesa? A vitrine não era só uma exposição da degradação humana. Era uma celebração. E fora àquele lugar, talvez, que Ross viera.

Eu vira casas de penhor no West End e sabia que elas costumavam ter uma porta lateral pela qual se podia entrar sem ser visto, mas esse não era o caso ali, pois as pessoas que viviam em torno de Bridge Lane não tinham esse tipo de prurido. Havia uma só porta e ela estava aberta. Atrás de Holmes, adentrei um espaço pouco iluminado em que um único homem empoleirava-se num tamborete, segurando um livro com uma das mãos, enquanto a outra descansava sobre o balcão, os dedos rolando lentamente para dentro como se girassem um objeto invisível sobre a palma. Era um homem esbelto, de aspecto delicado e cerca de cinquenta anos. Tinha um rosto magro e usava uma camisa abotoada até o pescoço, colete e cachecol. Havia em suas maneiras algo de asseado e meticuloso que me fez pensar num relojoeiro.

“Como posso ajudá-los, cavalheiros?” perguntou ele, praticamente sem tirar os olhos da página. Mas por certo nos examinara quando entrávamos, porque continuou: “Parece-me que estão aqui em missão oficial. São da

polícia? Se forem, não os posso ajudar. Não sei nada sobre meus clientes. É meu costume nunca fazer perguntas. Se têm algo que desejariam deixar comigo, eu lhes oferecerei um preço justo. Caso contrário, desejo-lhes um bom dia.”

“Meu nome é Sherlock Holmes.”

“O detetive? Sinto-me honrado. E o que o traz aqui, sr. Holmes? Teria algo a ver com um colar de ouro, incrustado com safiras, uma linda joiazinha? Paguei cinco libras por ele e a polícia o tomou de novo, de modo que não ganhei coisa alguma. Cinco libras, e ele poderia ter me rendido duas vezes mais se não me tivesse sido tomado. Mas cá estão os senhores. Estamos todos a caminho da ruína, mas alguns estão mais adiantados que outros.”

Eu sabia que pelo menos num ponto ele estava mentindo. Fosse qual fosse o valor do colar da sra. Carstairs, ele só teria dado a Ross alguns *pence* por ele. Talvez os quartos de *penny* que tínhamos encontrado houvessem saído dali.

“Não temos nenhum interesse no colar”, disse Holmes. “Nem no homem que o trouxe aqui.”

“Melhor assim, porque o homem que o trouxe aqui, um americano, está morto, pelo menos foi o que a polícia me contou.”

“Estamos interessados num outro de seus fregueses. Uma criança chamada Ross.”

“Ouvi dizer que Ross também deixou este vale de lágrimas. Não acham que eram reduzidas as probabilidades de eu perder dois pombos em tão curto espaço de tempo?”

“O senhor pagou um dinheiro a Ross, recentemente.”

“Quem lhe disse isso?”

“O senhor o nega?”

“Não o nego nem afirmo. Digo apenas que estou ocupado e ficaria muito agradecido se os cavalheiros se retirassem.”

“Qual é o seu nome?”

“Russell Johnson.”

“Muito bem, sr. Johnson, vou lhe fazer uma proposta. Seja o que for que Ross lhe tenha trazido, eu o comprarei e lhe pagarei um bom preço, mas apenas sob a condição de que jogue limpo comigo. Sei muito a seu respeito,

e se tentar mentir para mim, perceberei, voltarei com a polícia para tomar o que quero e descobrirá que não teve lucro nenhum.”

Johnson sorriu, mas tive a impressão de que seu rosto estampava melancolia. “Não sabe coisa alguma sobre mim, sr. Holmes.”

“Não? Eu diria que o senhor cresceu numa família rica e teve boa educação. Poderia ter sido um pianista de sucesso, pois essa era sua ambição. Sua ruína deveu-se a um vício, provavelmente jogo, muito possivelmente dados. O senhor esteve na prisão mais cedo este ano por receptação de objetos roubados e foi considerado impertinente pelos carcereiros. Cumpriu uma sentença de pelo menos três meses, mas foi solto em outubro e desde então os negócios têm sido animados.”

Pela primeira vez, Johnson deu a Holmes sua plena atenção.”

Quem lhe contou tudo isso?”

“Não precisei que me contassem, sr. Johnson. Tudo está penosamente claro. E agora, por favor, devo lhe perguntar de novo: o que foi que Ross lhe trouxe?”

Johnson refletiu, depois assentiu lentamente com a cabeça. “Conheci esse menino, Ross, dois meses atrás”, disse. “Ele acabara de chegar a Londres, morava para os lados de King’s Cross e foi trazido aqui por dois outros meninos de rua. Lembro muito pouca coisa sobre ele, exceto que parecia bem-alimentado e mais bem-vestido que os outros e que tinha consigo um relógio de bolso de cavalheiro, sem dúvida furtado. Veio mais algumas vezes depois, mas nunca voltou a trazer nada tão bom.” Foi até um armário e tirou um relógio com corrente, montado num estojo de ouro. “Este é o relógio, e dei ao menino apenas cinco xelins por ele, embora valha pelo menos dez libras. O senhor pode levá-lo pelo preço que paguei.”

“E em troca?”

“O senhor deve me contar como sabe tanto sobre mim. É um detetive, eu sei, mas não acredito que tenha pescado tanta coisa no ar ou com base neste único breve encontro.”

“É uma questão de tamanha simplicidade que, se eu explicá-la, verá que fez um mau negócio.”

“Mas, se não o fizer, nunca mais dormirei.”

“Muito bem, sr. Johnson. Que é um homem instruído é óbvio pela maneira como fala. Noto também o exemplar das cartas de Flaubert a George Sand, no original, que lia quando entramos. É uma família rica que dá a uma

criança uma base sólida de francês. O senhor também praticou longas horas ao piano. Os dedos de um pianista podem ser reconhecidos com facilidade. O fato de encontrar-se trabalhando neste lugar sugere alguma catástrofe em sua vida e a rápida perda de sua fortuna e posição. Não há tantas maneiras assim pelas quais isso poderia ter acontecido: álcool, drogas ou uma especulação comercial desastrosa, talvez. Mas o senhor fala de probabilidades e refere-se a seus fregueses como pombos, um nome muitas vezes dado a jogadores principiantes, de modo que foi esse o mundo que me veio à mente. O senhor tem um tique nervoso, eu percebo. A maneira como rola a mão – ela sugere a mesa de dados.”

“E a sentença de prisão?”

“O senhor recebeu na prisão um corte de cabelo que, segundo creio, é chamado de escovinha *terrier*, embora ele já tenha crescido o correspondente a cerca de oito semanas, o que sugere que o senhor foi solto em setembro. Isso é confirmado pela cor da sua pele. O mês passado foi excepcionalmente quente e ensolarado e é evidente que estava em liberdade durante esse tempo. Há em ambos os seus punhos marcas que me dizem que usou algemas quando estava na prisão e que se esforçou para se desvencilhar delas. A receptação de objetos roubados é o crime mais óbvio para um penhorista. Quanto a esta loja, o fato de que o dono se ausentou por um longo período pode ser visto de imediato pelos livros da vitrine, que desbotaram à luz do sol, e pela camada de poeira nas prateleiras. Ao mesmo tempo, percebo que muitos objetos – entre eles este relógio – estão livres de poeira, sinal de que são acréscimos recentes, indicando que os negócios vão bem.”

Johnson entregou os pontos. “Muito obrigado, sr. Holmes”, disse. “Está correto em todos os aspectos. Venho de uma boa família em Sussex e um dia alimentei a esperança de ser um pianista. Quando esse plano fracassou, voltei-me para o direito e poderia ter prosperado, se ele não me tivesse parecido tão enfadonho. Depois, uma noite, um amigo me levou ao Clube Franco-Germânico em Charlotte Street. Suponho que o conheça. Ele não tem nada de francês ou de alemão; na verdade o lugar é dirigido por um judeu. Bem, no momento em que vi aquilo – a porta sem identificação com sua pequena grade, as janelas cobertas com tinta, a escada escura levando às salas feericamente iluminadas em cima –, senti-me condenado. Ali estava a excitação tão ausente de minha vida. Paguei uma inscrição de duas libras e seis pence e fui introduzido ao bacará, à roleta, ao risco e, sim, ao jogo de dados. Vi-me mourejando o dia todo apenas para chegar às seduções da

noite. De repente eu estava cercado por novos e brilhantes amigos, todos encantados por me ver e todos, é claro, pagos pelos proprietários para me atrair para o jogo. Havia ocasiões em que eu ganhava. Com mais frequência, perdia. Cinco libras uma noite. Dez na noite seguinte. Preciso lhe dizer mais? Tornei-me desleixado no trabalho. Fui demitido de meu emprego. Com minhas últimas economias, instalei-me neste prédio, pensando que uma nova profissão, por mais baixa e mesquinha que fosse, ocuparia a minha mente. Nem por sombra! Continuei voltando, noite após noite. Não consigo me conter, e quem sabe o que o futuro me reserva? Sinto vergonha ao pensar no que diriam meus pais se pudessem me ver. Por sorte estão ambos mortos. Não tenho mulher nem filhos. Se tenho um consolo, é que ninguém neste mundo se importa comigo. Não tenho, portanto, nenhuma razão para me envergonhar.”

Holmes deu-lhe o dinheiro e voltamos juntos para Baker Street. Contudo, se eu havia pensado que chegáramos ao fim das lidas do nosso dia, estava muito enganado. Holmes tinha examinado o relógio no fiacre. Era uma bela peça, que soava as horas e até os minutos ao premir de um botão, com uma face de esmalte num estojo de ouro manufaturado por Touchon & Co. de Genebra. Não havia outro nome ou inscrição, mas no dorso encontramos uma imagem gravada: um pássaro empoleirado sobre um par de chaves cruzadas.

“Um emblema de família?” sugeri.

“Watson, você está brilhante”, ele observou. “Creio que é isso mesmo. E espero que minha enciclopédia nos forneça mais luzes.”

De fato, as páginas revelaram que um corvo e duas chaves eram o emblema dos Ravenshaw, uma das mais antigas famílias do reino, com uma mansão senhorial bem próxima à aldeia de Coln St. Aldwyn em Gloucestershire. Lorde Ravenshaw, que fora um eminente ministro das Relações Exteriores no atual governo, morrera recentemente aos oitenta e dois anos. Seu filho, o *Honorable* Alec Ravenshaw, era seu único herdeiro, e para ele haviam passado agora tanto o título quanto a propriedade da família. Para certa consternação de minha parte, Holmes insistiu em deixar Londres de imediato, mas eu o conhecia bem demais e, em particular, a inquietação que era parte tão inerente de seu caráter. Não tentei discutir. Aliás, nem teria me ocorrido ficar para trás. Agora que penso nisso, eu era tão assíduo em minhas obrigações como biógrafo quanto ele na investigação de seus vários casos. Talvez fosse por isso que nós dois nos dávamos tão bem.

Tive apenas o tempo de acondicionar umas poucas coisas para uma estada de uma noite e, ao pôr do sol, vimo-nos numa agradável hospedaria, saboreando uma perna de cordeiro com molho de hortelã e um quartilho de um clarete muito decente. Esqueço-me agora do que falamos durante o jantar. Holmes perguntou por minha clínica médica e creio que lhe descrevi parte do interessante trabalho de Metchinkoff sobre teoria celular. Holmes continuava a demonstrar um agudo interesse por assuntos relacionados com a medicina ou a ciência, embora, como relatei em algum lugar, tivesse o cuidado de não atravancar a mente com informações que, em sua opinião, não tinham nenhum valor material. Pobre do homem que tentasse desenvolver com ele uma conversa sobre política ou filosofia. Uma criança de dez anos saberia mais sobre esses temas. Uma coisa posso dizer sobre essa noite: em momento algum discutimos o caso que tínhamos em curso e, embora o tempo se passasse na fácil sociabilidade de que nós dois tantas vezes desfrutamos, eu percebia que isso era inteiramente proposital. Por dentro, ele continuava inquieto. A morte de Ross o corroía e não o deixaria descansar.

Antes mesmo de tomar o desjejum, Holmes havia enviado seu cartão a Ravenshaw Hall, pedindo uma audiência, e a resposta não demorou. O novo lorde Ravenshaw tinha alguns assuntos a resolver, mas teria prazer em nos receber às dez horas. Estávamos lá quando a igreja local bateu a hora, subindo pelo caminho que levava a uma elegante mansão elisabetana construída em pedra de Cotswold e cercada por gramados que faiscavam com a geada matinal. Nosso amigo, o corvo com duas chaves, aparecia na cantaria ao lado do portão principal, e de novo no lintel acima da porta da frente. Viéramos a pé, uma curta e agradável caminhada desde nossa hospedaria, mas ao nos aproximarmos notamos que havia uma carruagem parada do lado de fora, e de súbito um homem saiu às pressas da casa, embarcou nela e fechou a portinhola atrás de si. O cocheiro fustigou os cavalos e um instante depois ele se fora, passando por nós com estrépito. Mas eu já o reconhecera. “Holmes”, disse. “Conheço esse homem!”

“Realmente, Watson. Era o sr. Tobias Finch, não? O sócio mais velho na galeria de quadros Carstairs and Finch de Albemarle Street. Coincidência deveras singular, não acha?”

“Isso parece sem dúvida muito estranho.”

“Deveríamos talvez mencionar o assunto com certa delicadeza. Se lorde Ravenshaw está julgando necessário desfazer-se de alguns de seus bens de

família...”

“Ele poderia estar comprando.”

“É também uma possibilidade.”

Tocamos a campainha e fomos recebidos por um laçao que nos conduziu através do hall até uma sala de visitas de proporções verdadeiramente nababescas. As paredes eram forradas de lambris até certa altura, com retratos de família pendurados acima, e o teto era tão alto que nenhum visitante ousaria elevar a voz ali por medo do eco. Pelas janelas de mainel viam-se um jardim de rosas e um parque de cervos mais além. Algumas poltronas e sofás estavam dispostos em torno de uma imponente lareira de pedra – lá estava o corvo mais uma vez, entalhado no lintel – com toras verdes estalando nas chamas. Lorde Ravenshaw estava de pé junto dela, aquecendo as mãos. Minha primeira impressão não foi de todo favorável. Ele tinha cabelo grisalho, penteado para trás, e um rosto corado, pouco atraente. Os olhos eram saltados e pareceu-me que isso talvez se devesse a alguma anormalidade da glândula tireoide. Usava um traje de montaria e botas de couro e trazia um cabo de chicote enfiado sob o braço. Antes mesmo que nos apresentássemos, mostrou-se impaciente e ansioso para sair.

“Sr. Sherlock Holmes”, disse. “Sim, sim. Creio que ouvi falar a seu respeito. Um detetive? Não posso imaginar nenhuma circunstância em que suas atividades se conectariam com as minhas.”

“Tenho comigo algo que acredito lhe pertencer, lorde Ravenshaw.” Não havíamos sido convidados a nos sentar. Holmes pegou o relógio e levou-o até o dono da casa.

Ravenshaw pegou-o. Por um momento sopesou-o na mão, como se duvidasse de que era mesmo seu. Pouco a pouco, começou a se dar conta de que o reconhecia. Perguntou a si mesmo como Holmes o encontrara. De todo modo, ficou satisfeito por tê-lo de volta. Não pronunciou uma palavra, mas todas essas emoções passaram por seu semblante e até eu achei fácil lê-las. “Bem, estou muito agradecido aos senhores”, disse ele por fim. “Gosto muito deste relógio. Ele me foi dado por minha irmã. Nunca pensei que o veria de novo.”

“Eu estaria interessado em saber como o perdeu, lorde Ravenshaw.”

“Posso lhe contar exatamente, sr. Holmes. Aconteceu em Londres durante o verão; fui lá para a ópera.”

“Lembra-se do mês?”

“Era junho. Quando desci de minha carruagem, um meninote de rua correu na minha direção. Não tinha mais de doze ou treze anos. Na hora não percebi nada, mas durante o intervalo procurei-o para ver as horas e, é claro, descobri que fora furtado.”

“O relógio é muito bonito e é óbvio que o senhor o valoriza. Comunicou o incidente à polícia?”

“Não compreendo muito bem o objetivo dessas perguntas, sr. Holmes. Aliás, surpreende-me bastante que um homem com a sua reputação se dê ao trabalho de viajar de Londres até aqui para devolvê-lo. Está esperando uma recompensa, suponho?”

“Em absoluto. O relógio é parte de uma investigação mais ampla e tive a esperança de que o senhor pudesse me ajudar.”

“Bem, receio ter de desapontá-lo. Não sei mais nada. E não comuniquei o furto; sabendo que há ladrões e canalhas em todas as esquinas e duvidando que estivesse ao alcance da polícia fazer alguma coisa, por que levá-la a perder tempo? Estou muito agradecido por ter me devolvido o relógio, sr. Holmes, e teria muito gosto em pagar suas despesas de viagem e pelo seu tempo. Afora isso, porém, penso que devo lhe desejar um bom dia.”

“Tenho só mais uma última pergunta, lorde Ravenshaw”, disse Holmes com serenidade. “Um homem saía daqui quando chegamos. Infelizmente, nos desencontramos dele por pouco. Pergunto a mim mesmo se estava certo ao reconhecer um velho amigo meu, o sr. Tobias Finch?”

“Um amigo?” Como Holmes suspeitara, lorde Ravenshaw não gostou de ser descoberto na companhia do *marchand*.

“Um conhecido.”

“Bem, já que pergunta, sim, era ele. Não gosto de discutir assuntos de família, sr. Holmes, mas talvez saiba que meu pai tinha um gosto execrável em matéria de arte e pretendo me desvencilhar de pelo menos parte de sua coleção. Estive falando com várias galerias em Londres. A Carstairs and Finch é a mais discreta.”

“E alguma vez o sr. Finch lhe falou da Casa da Seda?”

Holmes fez a pergunta e, casualmente, o silêncio que se seguiu coincidiu com o estalar de uma tora no fogo, de modo que o som veio quase como um ponto de exclamação.

“Disse que tinha uma pergunta, sr. Holmes. Esta é uma segunda e estou farto, creio, de sua impertinência. Devo chamar meu criado ou os senhores

vão partir agora?”

“Estou encantado por tê-lo conhecido, lorde Ravenshaw.”

“Sou-lhe grato por ter devolvido meu relógio, sr. Holmes.”

Fiquei contente por me ver fora daquela sala, pois me sentira quase aprisionado no meio de tanta riqueza e privilégio. Quando pisamos no caminho e começamos a andar de volta para o portão, Holmes deu uma risadinha: “Bem, mais um mistério para você, Watson.”

“Ele pareceu extraordinariamente hostil, Holmes.”

“Refiro-me ao furto do relógio. Se aconteceu em junho, Ross não pode ter sido o responsável, pois, pelo que sei, nessa época ele estava na Escola para Meninos Chorley Grange. Segundo Jones, o objeto foi penhorado algumas semanas atrás, em outubro. Nesse caso, o que havia sido feito dele nos quatro meses entre uma coisa e outra? Se foi Ross que o furtou, por que se agarrou a ele por tanto tempo?”

Havíamos quase chegado ao portão quando uma ave preta passou voando sobre nossas cabeças, não um corvo, mas uma gralha. Acompanhei-a com os olhos e, nesse ínterim, alguma coisa fez com que eu me voltasse e olhasse de volta para a mansão. E lá estava lorde Ravenshaw, parado à janela, vendo-nos partir. Tinha as mãos nos quadris e seus olhos redondos e protuberantes estavam fixados em nós. E embora eu possa ter me enganado, porque estávamos a alguma distância, seu rosto pareceu-me cheio de ódio.

9. O aviso

“NÃO HÁ COMO EVITAR”, disse Holmes com um suspiro de irritação. “Vamos fazer uma visita a Mycroft.”

Eu havia entrado em contato com Mycroft Holmes pela primeira vez quando ele pedira ajuda em prol de um vizinho seu, um intérprete grego que se associara a uma perversa dupla de criminosos. Até aquele momento, eu não fazia nem a mais remota ideia de que Holmes tinha um irmão sete anos mais velho. Na verdade, jamais pensara nele como tendo qualquer tipo de parente. Pode parecer estranho que um homem a quem eu tinha boas razões para chamar de meu maior amigo, e em cuja companhia passara várias centenas de horas, nunca tivesse mencionado sua infância, os pais, o lugar onde nascera ou qualquer outra coisa relacionada à sua vida antes de Baker Street. Mas, é claro, essa era a sua natureza. Ele nunca comemorava seu aniversário e só descobri a data quando a li em seu obituário. Certa vez comentou comigo que seus ancestrais haviam sido fidalgos rurais e que um de seus parentes era um artista muito famoso, mas em geral preferia quase fingir que sua família nunca havia existido, como se um prodígio como ele tivesse surgido por geração espontânea.

Quando ouvi pela primeira vez que Holmes tinha um irmão, isso o humanizou – pelo menos até eu conhecer esse irmão. Mycroft era, sob muitos aspectos, tão excêntrico quanto ele: solteiro, sem amigos, existindo num pequeno mundo que ele próprio criara. Este era quase totalmente definido pelo Diogenes Club em Pall Mall, onde podia ser encontrado todos os dias de quinze para as cinco até as oito horas. Creio que tinha um apartamento em algum lugar ali perto. O Diogenes Club, como é bem sabido, atendia aos homens mais insociáveis e menos inclinados à vida de clube na cidade. Ali, ninguém jamais conversava com ninguém. Na verdade, era expressamente proibido, a não ser na Sala dos Visitantes, e mesmo nesse aposento a conversa dificilmente fluía. Lembro-me de ler num jornal que certa feita o

porteiro do prédio desejara boa-noite a um membro e fora sumariamente demitido. A sala de jantar tinha todo o calor e a alegria de um mosteiro trapista, embora a comida, pelo menos, fosse excelente porque o clube empregava um *chef* francês de algum renome. Que Mycroft gostava da comida ficava evidente por sua corpulência. Ainda posso vê-lo espremido numa poltrona com um conhaque de um lado e um charuto do outro. Era sempre desconcertante encontrá-lo, pois eu vislumbrava nele, fugazmente, certos traços do meu amigo – os olhos cinza-claros, a expressão atilada, mas eles pareciam estranhamente deslocados, traduzidos, por assim dizer, naquela montanha viva de carne. Então Mycroft virava a cabeça e transformava-se num completo estranho para mim, o tipo de homem que de alguma maneira nos avisava para nos mantermos à distância. Algumas vezes perguntei a mim mesmo como os dois poderiam ter sido quando meninos. Teriam algum dia lutado juntos, lido juntos, chutado uma bola entre si? Era impossível imaginar, pois haviam se tornado aquela espécie de homens que gostaria de nos fazer pensar que nunca em tempo algum foram crianças.

A primeira vez que descreveu Mycroft para mim, Holmes me disse que ele era um auditor, trabalhando para vários ministérios. Mas de fato isso era apenas meia verdade e mais tarde fiquei sabendo que seu irmão era muito mais importante e influente. Refiro-me, é claro, à aventura dos planos do *Bruce-Partington*, quando os projetos para um submarino ultrassecreto foram roubados do Almirantado. Mycroft foi encarregado de recuperá-los, e foi nessa ocasião que Holmes admitiu para mim que ele era uma figura vital nos círculos governamentais, um repositório humano de fatos misteriosos, o homem que todos os ministérios consultavam quando era preciso descobrir alguma coisa. Era opinião de Holmes que, se o irmão tivesse escolhido ser um detetive, poderia ter sido seu igual ou até, fiquei assombrado quando ele admitiu, seu superior. Mas Mycroft Holmes sofria de um singular defeito de caráter. Tinha uma propensão à indolência tão entranhada que o teria tornado incapaz de solucionar qualquer crime. Pela simples razão de que teria sido incapaz de se interessar por ele. Ele ainda está vivo, diga-se de passagem. A última vez que ouvi falar a seu respeito, havia sido feito cavaleiro e era reitor de uma renomada universidade, mas depois se aposentou.

“Ele está em Londres?” perguntei.

“Raramente está em outro lugar. Vou informá-lo de que pretendemos visitar o clube.”

O Diogenes era um dos menores clubes em Pall Mall, projetado um pouco à maneira de um *palazzo* veneziano, no estilo gótico, com janelas ogivais e muito ornamentadas e pequenas balaustradas. Isso tinha o efeito de tornar o interior bastante sombrio. A porta da frente abria para um átrio cujo pé-direito alcançava toda a altura do prédio, encimado por uma cúpula de vidro, mas o arquiteto atravancara o lugar com tal excesso de galerias, colunas e escadas que pouca luz conseguia disseminar-se por todo o espaço. Visitantes só podiam ter acesso ao andar térreo. Segundo as regras, havia dois dias na semana em que eles podiam acompanhar um membro até a sala de jantar, no pavimento acima, mas nos setenta anos transcorridos desde a fundação do clube isso nunca acontecera. Mycroft recebeu-nos, como sempre, na Sala dos Visitantes, com suas estantes de carvalho abaulando sob o peso de tantos livros, seus vários bustos de mármore, sua janela oitavada com vista para Pall Mall. Havia um retrato da rainha acima da lareira, pintado, dizia-se, por um membro do clube que a insultara incluindo um cachorro vira-lata e uma batata, embora eu nunca tenha sido capaz de compreender o significado nem de uma coisa nem da outra.

“Meu caro Sherlock!” exclamou Mycroft ao entrar bamboleando na sala. “Como vai você? Perdeu peso ultimamente, estou vendo. Mas fico feliz por vê-lo outra vez como sempre foi.”

“E você se recuperou da gripe.”

“Um resfriado. Apreciei sua monografia sobre tatuagens. Escrita durante as horas da noite, é evidente. Tem sido perturbado pela insônia?”

“O verão foi desagradavelmente quente. Você não havia me contado que adquiriu um papagaio.”

“Não adquirei, Sherlock. É um empréstimo. Dr. Watson, é um prazer. Embora faça quase uma semana que vi sua mulher, creio que ela está bem. Vocês acabam de retornar de Gloucestershire.”

“E você, da França.”

“A sra. Hudson esteve viajando?”

“Voltou semana passada. Você está com uma cozinheira nova.”

“A anterior pediu demissão.”

“Por causa do papagaio.”

“Ela sempre foi muito tensa.”

Esse diálogo ocorreu com tal rapidez que me senti como o espectador de uma partida de tênis, minha cabeça girando de um para o outro. Mycroft fez

sinal para que nos sentássemos num sofá e acomodou seu próprio volume numa espreguiçadeira. “Lamentei muito saber da morte do menino, Ross”, disse, subitamente mais sério. “Você sabe, eu o aconselhei contra o uso desses meninos de rua, Sherlock. Espero que não o tenha posto em perigo.”

“É cedo demais para dizer com qualquer grau de certeza. Leu as notícias dos jornais?”

“É claro. Lestrade está conduzindo a investigação. Ele não é tão mau assim. Esse detalhe da fita branca, porém. Isso me parece mais do que inquietante. Eu diria que, aliada à maneira extremamente penosa e protelada da morte, ela foi posta ali como um aviso. A pergunta chave que você deveria estar fazendo a si mesmo é se esse aviso foi geral ou dirigido à sua pessoa.”

“Enviaram-me um pedaço de fita branca sete semanas atrás.”

Holmes trouxera o envelope consigo. Pegou-o e entregou-o ao irmão, que o examinou.

“O envelope não nos diz muito”, disse Mycroft. “Foi enfiado às pressas na sua caixa de correio, pois, como vê, há um raspão na ponta. Seu nome foi escrito por um homem destro, instruído.” Puxou a fita. “Isto é seda indiana, como sem dúvida você mesmo deve ter percebido. Foi exposta à luz do sol, pois o tecido desbotou. Tem exatos vinte e dois centímetros de comprimento, o que é interessante. Foi comprada num armarinho e depois cortada em dois pedaços de igual comprimento, pois embora uma ponta tenha sido cortada de maneira profissional, com uma tesoura, a outra foi partida de maneira grosseira, com uma faca. Não posso acrescentar muito mais que isto, Sherlock.”

“Nem eu esperava que o fizesse, Mycroft. Mas de fato estava curioso para saber se você seria capaz de me dizer o que isso significa. Já ouviu falar de uma organização chamada Casa da Seda?”

Mycroft sacudiu a cabeça. “O nome não significa nada para mim. Parece nome de loja. Na verdade, pensando bem, acho que me lembro de uma loja de artigos masculinos com esse nome em Edimburgo. Essa fita não poderia ter sido comprada lá?”

“Parece improvável, dadas as circunstâncias. A primeira menção a ela que ouvimos foi feita por uma menina que muito provavelmente passou toda a sua vida em Londres. Isso a deixou com tanto medo que ela atacou o dr. Watson, infligindo-lhe um ferimento a faca no peito.”

“Meu Deus!”

“Mencionei-a também para lorde Ravenshaw...”

“O filho do ex-ministro das Relações Exteriores?”

“Ele mesmo. Sua reação, pareceu-me, foi de temor, embora tenha feito possível para não o demonstrar.”

“Bem, posso fazer algumas perguntas no seu interesse, Sherlock. Seria incômodo para você vir me ver amanhã nesta mesma hora? Nesse meio-tempo, ficarei com isto.” Agarrou a fita branca com sua mão gorducha.

Na verdade, porém, não precisamos esperar vinte e quatro horas pelo resultado das indagações de Mycroft. Na manhã seguinte, por volta das dez horas, ouvimos um estrépito de rodas se aproximando, e Holmes, que por acaso estava junto à janela, voltou os olhos para a rua. “É Mycroft!” exclamou.

Fui me juntar a Sherlock a tempo de ver seu irmão receber ajuda para descer do landau. Compreendi de imediato que aquela era uma ocasião extraordinária, pois Mycroft nunca nos visitara em Baker Street antes, e só voltaria uma vez. O próprio Holmes emudecera e seu rosto assumiu uma expressão sombria, o que me indicou que algo de verdadeiramente sinistro devia ter-se introduzido no caso para ter provocado evento tão importante. Tivemos de esperar algum tempo até que Mycroft se juntasse a nós na sala. A escada da frente era estreita e íngreme, duplamente imprópria para um homem com seu volume. Por fim ele apareceu no vão da porta, lançou um olhar à sua volta e sentou-se na cadeira mais próxima. “É aqui que você mora?” perguntou.

Holmes confirmou com a cabeça.”

É tal qual eu imaginava! Até a posição da lareira – você senta à direita e seu amigo à esquerda, é claro. Estranho, não é, como caímos nesses padrões, como somos determinados pelo espaço que nos cerca.”

“Posso lhe oferecer um chá?”

“Não, Sherlock. Não pretendo me demorar.” Mycroft pegou o envelope e entregou-o ao irmão. “Isto é seu. Eu o devolvo com um conselho e peço-lhe encarecidamente que o siga.”

“Por favor, continue.”

“Não tenho a resposta para sua pergunta. Não faço a menor ideia do que seja a Casa da Seda ou de onde pode ser encontrada. Acredite-me quando digo que gostaria que fosse diferente, pois nesse caso você poderia ter mais

motivo para aceitar o que estou prestes a dizer. Você deve abandonar essa investigação agora mesmo. Não deve fazer mais nenhuma indagação. Esqueça a Casa da Seda, Sherlock. Nunca mais mencione estas palavras.”

“Sabe que não posso fazer isso.”

“Conheço o seu temperamento. Foi o motivo por que atravessei Londres e vim vê-lo pessoalmente. Ocorreu-me que, se eu tentasse adverti-lo, isso só o faria transformar a coisa numa cruzada pessoal, e tive a esperança de que minha vinda aqui sublinharia a gravidade de minhas palavras. Eu poderia ter esperado até esta tarde para então informá-lo de que minhas indagações não me levaram a parte alguma e deixar você prosseguir com elas. Mas não o pude fazer porque temo que você esteja se expondo ao mais grave perigo, você e o dr. Watson também. Permita-me explicar-lhe o que aconteceu desde nosso encontro no Diogenes Club. Procurei uma ou duas pessoas que conheço em certos ministérios. Naquele momento, supunha que essa Casa da Seda designava algum tipo de conspiração criminoso e desejava apenas descobrir se alguém na polícia ou em alguns dos serviços de informação a estava investigando. As pessoas com quem falei foram incapazes de ajudar. Foi, pelo menos, o que disseram.

“O que aconteceu em seguida foi uma surpresa muito desagradável. Quando deixei meu apartamento esta manhã, empurraram-me para dentro de uma carruagem e me levaram a um gabinete em Whitehall onde me encontrei com um homem que não posso identificar, mas cujo nome você reconheceria e que trabalha em estreita associação com o próprio primeiro-ministro. Eu deveria acrescentar que se trata de uma pessoa que conheço bem e cuja sabedoria e discernimento jamais questionaria. Ele não ficou nada satisfeito ao me ver e foi direto ao ponto, perguntando-me por que eu andara fazendo indagações sobre a Casa da Seda e o que pretendia com isso. Devo dizer que suas maneiras foram singularmente hostis e tive de pensar com muito cuidado antes de responder. Decidi no mesmo instante não mencionar seu nome – de outro modo talvez não fosse eu quem estivesse batendo agora à sua porta. Digo isto, mas na verdade talvez não faça diferença, porque nosso parentesco é muito conhecido e é possível que já suspeitem de você. De qualquer forma, disse-lhe apenas que um de meus informantes a mencionara em relação com um assassinato ocorrido em Bermondsey, e que isso aticara minha curiosidade. Ele perguntou o nome do informante e inventei alguma coisa, tentando dar impressão de que era um assunto trivial e de que minha indagação original fora coisa de somenos importância.

“Ele pareceu relaxar um pouco, embora continuasse a pesar suas palavras com muita cautela. Contou-me que a Casa da Seda era de fato objeto de uma investigação policial e que por esse motivo meu súbito pedido lhe fora encaminhado. As coisas estariam num estágio delicado e qualquer intervenção de um terceiro poderia causar incalculável dano. Não creio que uma única palavra disso fosse verdadeira, mas fingi concordar, lamentando que minha fortuita indagação houvesse provocado tamanho alarme. Conversamos por mais alguns minutos e, após uma troca de gracejos e meu pedido de desculpas final por ter tomado o tempo desse cavalheiro, despedi-me. Mas o que interessa, Sherlock, é que políticos de escalão tão elevado costumam dizer muita coisa revelando ao mesmo tempo muito pouco, e esse cavalheiro em particular conseguiu incutir em mim o que tento lhe dizer agora. Você deve deixar isso em paz! A morte de uma criança de rua, por mais trágica que seja, é completamente insignificante quando vista contra o quadro mais amplo. A Casa da Seda, seja ela o que for, é assunto de interesse nacional. O governo está ciente dela e está lidando com ela, e você não faz ideia do dano que pode causar e do escândalo que pode gerar se continuar envolvido. Está me entendendo?”

“Não poderia ter sido mais claro.”

“E vai dar ouvidos ao que eu disse?”

Holmes estendeu a mão para pegar um cigarro. Segurou-o por um instante como se hesitasse em acendê-lo. “Não posso prometer isso”, disse. “Enquanto eu me sentir culpado pela morte da criança, devo a ela fazer todo o possível para levar seu assassino – ou assassinos – ao tribunal. O serviço do menino era simplesmente vigiar um homem num hotel. Mas se isso o arrastou de maneira inadvertida para uma conspiração mais ampla, temo não ter escolha senão levar o assunto adiante.”

“Pensei que diria isso, Sherlock, e suponho que suas palavras o honram. Mas deixe-me acrescentar um detalhe.” Mycroft levantou-se. Estava ansioso para partir. “Se ignorar meu conselho e for em frente com essa investigação, e ela o puser em perigo, como creio que pode ocorrer, você não poderá recorrer a mim de novo, porque não terei como ajudá-lo. Eu ter me exposto fazendo perguntas no seu interesse significa que agora estou de mãos atadas. Ao mesmo tempo, insisto mais uma vez que pense de novo. Este não é um de seus enigmas banais do tribunal policial. Se você perturbar as pessoas erradas, isso pode ser o fim de sua carreira... ou pior.”

Não havia mais nada a ser dito. Ambos os irmãos o reconheceram. Mycroft fez uma ligeira mesura e saiu. Holmes inclinou-se sobre o sifão e acendeu o seu cigarro. “Bem, Watson!”, exclamou. “O que deduz disso?”

“Desejo ardentemente que você considere o que Mycroft teve a dizer”, aventurei-me.

“Já o fiz.”

“Era o que eu temia.”

Holmes riu. “Você me conhece a fundo, meu rapaz. E agora devo deixá-lo. Tenho uma incumbência e preciso me apressar se quiser alcançar as edições vespertinas.”

Saiu afobado, deixando-me a sós com meus temores. Na hora do almoço voltou, mas não comeu, sinal infalível de que estava envolvido em uma linha de investigação estimulante. Eu o vira assim tantas vezes antes. Ele me fazia pensar num cão de caça farejando um rastro, pois, tal como um animal devota todo o seu ser a uma atividade, assim também ele permitia que os acontecimentos o absorvessem a tal ponto que até as necessidades humanas mais básicas – alimento, água, sono – podiam ser postas de lado. A chegada do jornal vespertino mostrou-me o que ele fizera. Publicara uma nota na coluna de anúncios pessoais.

Recompensa de 20 libras – Informação relacionada à Casa da Seda. A ser tratada da maneira mais estritamente confidencial. Dirigir-se a Baker Street, 221B.

“Holmes!” exclamei. “Você fez exatamente o contrário do que seu irmão sugeriu. Posso até entender seu desejo de levar adiante sua investigação, mas poderia ao menos ter procedido com discrição.”

“Discrição não nos ajudará, Watson. É hora de tomar a iniciativa. Mycroft habita um mundo de homens que sussurram em salas furtivas. Bem, vamos ver como eles reagem a uma pequena provocação.”

“Acredita que vá receber uma resposta?”

“O tempo dirá. Mas pelo menos deixamos nosso cartão de visitas nesse caso, e, mesmo que o artifício não dê em nada, nenhum mal foi feito.”

Estas foram suas palavras. Mas Holmes não tinha ideia do tipo de pessoas com quem estava lidando, nem dos esforços que elas fariam para se

proteger. Ele penetrara num verdadeiro miasma de perversidade, e o mal, sob a pior forma possível, muito em breve se abateria sobre nós.

10. Bluegate Fields

“AH, WATSON! Parece que a nossa isca, embora lançada em águas desconhecidas, nos rendeu uma presa!”

Assim falou Holmes algumas manhãs depois, parado de roupão junto à nossa janela oitavada, as mãos no fundo dos bolsos. Juntei-me a ele no mesmo instante e olhei para a calçada do outro lado de Baker Street, por onde passava um mundo de gente.

“O que você quer dizer?” perguntei.

“Não o vê?”

“Vejo um grande número de pessoas.”

“Sim. Mas neste frio muito poucas desejam ficar paradas. Há um homem ali, contudo, que está fazendo precisamente isso. Ali! Está olhando na nossa direção.”

O homem em questão estava enrolado num sobretudo e num cachecol, usava um chapéu de feltro preto de abas largas e tinha as mãos enfiadas sob os braços, de modo que, além do fato de que *era* um homem e parecia estar pregado naquele ponto, indeciso quanto a seguir em frente ou não, havia muito pouca coisa nele que eu pudesse ver para descrever com algum grau de precisão. “Acredita que veio em resposta ao nosso anúncio?” perguntei.

“É a segunda vez que ele passa pela porta da frente”, respondeu Holmes. “Notei-o da primeira vez, quinze minutos atrás, vindo da Metropolitan Railway. Depois voltou, e desde então mal se mexeu. Tenta certificar-se de que não está sendo observado. Finalmente tomou uma decisão!” Enquanto o observávamos, recuando para que ele não nos pudesse ver, o homem atravessou a rua. “Deverá estar conosco num instante”, disse Holmes, voltando ao seu assento.

De fato, a porta se abriu e a sra. Hudson introduziu nosso novo visitante, que se desvencilhou do chapéu, do cachecol e do sobretudo para revelar um jovem de aspecto estranho, cujo rosto e aparência física exibiam tantas

contradições que eu tive certeza de que até Holmes teria dificuldade em situá-lo. Digo que, embora jovem – não poderia ter mais de trinta anos – e com a compleição de um pugilista, seu cabelo ralo, pele acinzentada e lábios rachados o faziam parecer muito mais velho. Suas roupas eram caras e elegantes, mas estavam sujas. Parecia nervoso por estar ali, mas nos olhava com uma autoconfiança obstinada, quase agressiva. Fiquei esperando que falasse, pois até então eu não sabia ao certo se estava na presença de um aristocrata ou de um facínora da pior espécie.

“Por favor, sente-se”, disse Holmes, mais afável do que nunca. “O senhor passou algum tempo lá fora e eu detestaria pensar que pegou um resfriado. Gostaria de um chá quente?”

“Preferiria um golinho de rum”, respondeu ele.

Não temos. Mas que tal um pouco de conhaque?” Holmes me fez um aceno, servi uma dose generosa e entreguei-lhe o copo.

O homem o enxugou num só gole. Um pouco de cor voltou-lhe ao rosto e ele se sentou. “Muito obrigado”, disse. Sua voz era rouca, mas educada. “Vim aqui por causa da recompensa. Não deveria ter vindo. As pessoas com quem lido me cortariam o pescoço se soubessem que estive aqui, mas, para resumir, preciso do dinheiro. Vinte libras manterão os demônios à distância por algum tempo, e para isso vale a pena esticar o pescoço. Vocês têm o dinheiro aqui?”

“O senhor terá o pagamento quanto tivermos sua informação”, respondeu Holmes. “Eu sou Sherlock. E o senhor...?”

“Pode me chamar de Henderson; esse não é meu nome verdadeiro, mas servirá tão bem quanto qualquer outro. Como vê, sr. Holmes, tenho de ser cuidadoso. O senhor publicou um anúncio pedindo informação sobre a Casa da Seda, e a partir desse momento sua residência deve ter sido vigiada. Qualquer pessoa que entre, qualquer pessoa que saia será notada, e é bem possível que um dia o senhor seja solicitado a fornecer os nomes de todos os seus visitantes. Tomei o cuidado de esconder meu rosto antes de transpor a soleira. O senhor compreenderá se fizer o mesmo com minha identidade.”

“Terá de nos dizer alguma coisa sobre si mesmo antes que eu lhe entregue qualquer dinheiro. É professor, não é?”

“O que o leva a dizer isso?”

“Há pó de giz na borda de seu punho e percebo uma mancha de tinta vermelha na parte interna de seu dedo médio.”

Henderson, se era assim que eu devia chamá-lo, sorriu brevemente, mostrando dentes manchados e irregulares. “Lamento ter de corrigi-lo, mas na verdade sou funcionário da alfândega, embora use giz para marcar os pacotes antes que eles sejam desembarcados e registre os números num livro-razão usando tinta vermelha. Eu trabalhava antes com o encarregado da alfândega em Chatham, mas vim para Londres há dois anos. Pensei que uma mudança de ambiente seria boa para minha carreira, mas na realidade isso quase me arruinou. Que mais posso lhe dizer sobre mim mesmo? Nasci em Hampshire e meus pais ainda moram lá. Sou casado, mas faz algum tempo que não vejo minha mulher. Sou um miserável da pior espécie, e bem que gostaria de culpar outros por meu infortúnio, mas sei que no final das contas sou inteiramente responsável por ele. Pior ainda, não há como voltar atrás. Eu lhe venderia minha mãe por vinte libras, sr. Holmes. Não há nada que eu não faria.”

“E qual é a causa de seu infortúnio, sr. Henderson?”

“Pode me dar mais um conhaque?” Servi-lhe um segundo copo e desta vez ele o examinou brevemente. “Ópio”, respondeu, antes de tomá-lo de um trago. “Este é o meu segredo. Sou viciado em ópio. Costumava usá-lo porque me dava prazer. Agora não posso viver sem ele.

“Ouçam a minha história. Deixei minha mulher em Chatham até que eu tivesse me estabelecido e alugado uma moradia em Shadwell para ficar perto de meu local de trabalho. Conhece a área? É habitada por marinheiros, é claro, bem como por estivadores, chineses, lascars e negros. Oh, é uma vizinhança pitoresca e há muitas tentações – tabernas e danceterias – para separar qualquer tolo de seu dinheiro. Eu poderia lhe dizer que me sentia solitário e saudoso de minha família. Poderia dizer simplesmente que fui estúpido demais para ter juízo. Que diferença isso faz? Foi doze meses atrás que paguei meus primeiros quatro *pence* pela bolinha de cera marrom a ser sugada do forninho. Como o preço parecia baixo na época! Como eu sabia pouco! O prazer que aquilo me proporcionou foi superior a qualquer coisa que eu já tivesse sentido. Era como se eu nunca tivesse realmente vivido. Claro que voltei. Primeiro um mês mais tarde, depois uma semana mais tarde, então, de repente, era todo dia e logo era como se eu tivesse de estar lá a toda hora. Eu não conseguia mais pensar sobre o meu trabalho. Cometi erros e tinha acessos descabidos de fúria quando era criticado. Meus verdadeiros amigos desapareceram. Os falsos estimulavam-me a fumar cada vez mais. Não demorou muito para que meus patrões percebessem o estado

em que eu caíra e ameaçassem me demitir, mas eu não me importava mais. O desejo pelo ópio enche cada instante que passo acordado e o faz agora mesmo. Estou há três dias sem fumar. Dê-me a recompensa, para que eu possa me perder de novo na bruma do olvido.”

Olhei para o homem com horror e piedade, mas havia alguma coisa nele que desdenhava minha comiseração, que parecia quase orgulhosa do que ele se tornara. Henderson estava doente. Estava sendo destruído, pouco a pouco, a partir de dentro.

Holmes também estava sério. “Esse lugar aonde você vai fumar essa droga – é a Casa da Seda?” perguntou.

Henderson riu. “Pensa mesmo que eu estaria com tanto medo ou tomando tantas precauções se a Casa da Seda fosse apenas um antro de ópio?” exclamou. “Sabe quantos antros de ópio há em Shadwell e Limehouse? Menos, ao que dizem, que dez anos atrás. Mas ainda se pode parar num cruzamento e encontrar um, seja qual for a direção que se tome. Há o Mott e o Mother Abdullah, a Casa de Creer e o Yahee. Ouvi dizer que, em se querendo, pode-se comprar a droga em casas noturnas em Haymarket e Leicester Square.”

“Então o que é?”

“O dinheiro!”

Holmes hesitou, depois lhe passou quatro notas de cinco libras. Henderson agarrou-as e acariciou-as. Um brilho fosco aparecera-lhe nos olhos quando seu vício, a besta que dormia dentro dele, acordou. “De onde pensa que vem o ópio que abastece Londres, Liverpool, Portsmouth e todos os outros escoadouros na Inglaterra – e também na Escócia e na Irlanda? Aonde vão o Creer ou o Yahee quando seus estoques estão se esgotando? Onde fica o centro da teia que se estende através de todo o país? Esta é resposta para sua pergunta, sr. Holmes. Eles vão à Casa da Seda!

“A Casa da Silk é uma empresa criminosa que opera em ampla escala e ouvi dizer – rumor, apenas rumor – que tem amigos nos mais elevados cargos, que seus tentáculos se espalharam para capturar ministros de Estado e policiais. Estamos falando de um negócio de importação e exportação, se quiser chamar assim, mas que vale muitos milhares de libras por ano. O ópio vem do Oriente. É transportado até esse depósito central e de lá é distribuído, mas a um preço superinflacionado.”

“Onde fica ele?”

“Em Londres. Não sei exatamente onde.”

“Quem o dirige?”

“Não sei dizer. Não faço a mínima ideia.”

“Nesse caso, pouco nos ajudou, sr. Henderson. Como posso sequer ter certeza de que o que está dizendo é verdade?”

“Porque posso provar.” Ele tossiu desagradavelmente e lembrei-me de que lábios rachados e boca seca eram ambos sintomas do uso prolongado da droga. “Faz muito tempo que sou cliente da Casa de Creer. Ela foi decorada para parecer chinesa, com alguns tapetes e ventiladores de teto, e vejo alguns orientais lá de vez em quando, largados pelo chão. Mas o homem que a dirige é tão inglês quanto nós dois, e o senhor não gostaria de conhecer um tipo mais perverso e inclemente. Olhos pretos e uma cabeça que parece uma caveira. Oh, ele sorri e nos chama de amigos quando temos quatro *pence*, mas se lhe pedimos favores ou tentamos lográ-lo, manda nos dar uma surra e nos joga numa vala sem um segundo de hesitação. Mesmo assim, ele e eu nos damos bastante bem. Não me pergunte por quê. Ele tem um pequeno escritório ao lado da sala principal e vez por outra me convida para fumar em sua companhia – tabaco, não ópio. Gosta de ouvir histórias sobre a vida nas docas. Bem, foi quando estava sentado com ele que ouvi a Casa da Seda ser mencionada pela primeira vez. Ele usa meninos para trazer suas provisões e também para procurar novos fregueses nas serrarias e depósitos de carvão...”

“Meninos?” interrompi. “Chegou a conhecer algum deles? Havia um chamado Ross?”

“Eles não têm nome e não falo com nenhum deles. Mas ouça o que estou dizendo! Eu estava lá algumas semanas atrás e um desses garotos entrou, evidentemente atrasado. Creer estivera bebendo e estava de mau humor. Ele agarrou o menino, golpeou-o e jogou-o no chão. ‘Onde esteve?’ perguntou-lhe.

“‘Na Casa da Seda’, respondeu o menino.

“‘E o que tem para mim?’

“O menino entregou-lhe um pacote e escapuliu da sala. ‘O que é a Casa da Seda?’ perguntei

“Foi então que Creer me falou o que acabo de lhe contar. Não fosse o uísque, ele não estaria com a língua tão solta; quando terminou, deu-se conta do que tinha feito e seu mau humor acentuou-se subitamente. Abriu uma

pequena cômoda ao lado de sua escrivaninha e no instante seguinte estava me apontando uma arma. ‘O que você quer saber?’ exclamou. ‘Por que me faz essas perguntas?’

“‘Não tenho absolutamente nenhum interesse’, garanti-lhe, surpreso e amedrontado ao mesmo tempo. ‘Falei à toa. Só isso.’”

“‘À toa? Não há conversa à toa sobre isso, meu amigo. Se algum dia repetir uma palavra do que acabo de dizer a quem quer que seja, vão puxar seu cadáver para fora do Tâmis. Está me entendendo? Se eu não o matar, eles o farão.’ Depois ele pareceu pensar mais uma vez. Abaixou a arma e, quando voltou a falar, foi num tom de voz mais suave. ‘Pode fumar seu cachimbo sem pagar nada esta noite’, disse. ‘Você é um bom cliente. Nos conhecemos bem, você e eu. Preciso tomar conta de você. Esqueça o que eu lhe disse e nunca mais mencione esse assunto. Está me ouvindo?’”

“E foi esse o fim da história. Eu havia quase me esquecido do incidente, mas então vi seu anúncio e, é claro, ele o trouxe de volta à minha mente. Se Creer soubesse que o procurei, não tenho dúvida de que cumpriria sua ameaça. Mas se o senhor estiver procurando a Casa da Seda, deve começar pelo escritório dele, pois é ele que pode levá-lo até lá.”

“Onde fica isso?”

“Em Bluegate Fields. A casa propriamente dita fica na esquina de Milward Street; um lugar baixo, sujo, com uma lâmpada vermelha ardendo no vão da porta.”

“Estará lá hoje à noite?”

“Estou lá todas as noites e, graças à sua generosidade, continuarei assim por muitas noites no futuro.”

“Esse homem, Creer, sai do escritório em algum momento?”

“Com frequência. O antro é apinhado e cheio de fumaça. Ele sai para tomar ar.”

“Nesse caso talvez o senhor me veja esta noite. E se tudo der certo e eu encontrar o que procuro, dobrarei sua recompensa.”

“Não diga que me conhece. Não acuse minha presença. Não espere mais nenhuma ajuda se as coisas se complicarem.”

“Entendo.”

“Então boa sorte, sr. Holmes. Desejo-lhe sucesso – no meu interesse, não no seu.”

Esperamos Henderson sair; em seguida Holmes virou-se para mim com um brilho nos olhos. “Um antro de ópio! E que faz negócios com a Casa da Seda. Que lhe parece, Watson?”

“Não me cheira nada bem, Holmes. Acho que deveria ficar longe disso.”

“Ora! Creio que sei cuidar de mim mesmo.” Holmes andou até sua escrivaninha, abriu uma gaveta e tirou uma pistola. “Irei armado.”

“Então irei com você.”

“Meu caro Watson, isso eu não posso permitir. Por mais agradecido que esteja por sua consideração, devo dizer que nós dois juntos pareceríamos tudo menos clientes que pudessem estar atrás de um antro de ópio na zona Leste de Londres numa noite de quinta-feira.”

“Apesar disso, Holmes, eu insisto. Ficarei do lado de fora, se desejar. Com certeza conseguiremos encontrar algum lugar nas proximidades. Nesse caso, se você precisar de ajuda, um único tiro me dará o alerta. Creer pode ter outros bandidos trabalhando para ele. E podemos confiar que Henderson não irá traí-lo?”

“Tem razão. Muito bem. Onde está o seu revólver?”

“Não o trouxe comigo.”

“Não faz mal. Tenho outro.” Holmes sorriu e vi satisfação em seu rosto. “Hoje à noite faremos uma visita à Casa de Creer e veremos o que ela nos reserva.”

HOUVE UM OUTRO NEVOEIRO aquela noite, o pior do mês até então. Eu teria insistido com Holmes para adiar a visita a Bluegate Fields se acreditasse que isso adiantaria, mas podia ver por sua face pálida, que lembrava a de um falcão, que ele não se deixaria dissuadir do curso de ação em que se engajara. Embora ele não o tivesse dito, eu sabia que era a morte da criança, Ross, que o compelia. Pois enquanto se considerasse, mesmo parcialmente, culpado pelo que ocorrera, ele não descansaria, repelindo com veemência todas as considerações ditadas em nome de sua própria segurança.

No entanto, como eu me sentia oprimido quando o fiacre nos deixou junto de um beco perto de Limehouse Basin! A névoa, densa e amarela, alastrava-se pelas ruas, amortecendo todo e qualquer som. Parecia vil, como um animal pérfido farejando sua presa através da escuridão e, enquanto avançávamos, era como se estivéssemos nos entregando às suas garras. Atravessamos o beco, espremido entre muros de tijolos vermelhos que

transpiravam umidade; eram tão altos que, não fosse o pálido luar, teriam vedado por completo o céu. A princípio, nossos próprios passos eram os únicos sons que ouvíamos, mas depois a passagem se alargou e o relincho de um cavalo, o ruído aveludado e suave de uma máquina a vapor, o murmúrio das águas e o grito estridente de um bebê insone ecoaram de diferentes direções, cada um definindo à sua maneira a obscuridade que nos envolvia. Estávamos ao lado de um canal. Um rato, ou alguma outra criatura, fugiu às pressas diante de nós e deslizou pelo meio-fio, caindo na água negra e a revolvendo. Um cão latiu. Passamos por uma barcaça, amarrada a uma das margens, e percebemos tímidas frestas de luz atrás das cortinas das janelas e rolos de fumaça saindo pela chaminé. Mais além havia um estaleiro, um emaranhado quase indistinguível de barcos, pendurados como esqueletos pré-históricos, as cordas e apetrechos largados a esmo, à espera de reparos. Viramos uma esquina e tudo isso foi engolido de súbito pelo nevoeiro que caía como uma cortina atrás de nós, de modo que quando demos a volta foi quase como se emergíssemos do nada. À frente, também, não havia nada, e se estivéssemos prestes a pisar fora da beira do mundo não teríamos sido mais prudentes. Mas logo ouvimos um piano desafinado, um dedo tentando tirar uma melodia de ouvido. Uma mulher apareceu de repente à nossa frente e vislumbrei um rosto enrugado, medonhamente maquiado, um chapéu berrante e uma estola de plumas. Senti seu perfume, que lembrava flores murchando num vaso. Ela soltou uma risadinha e desapareceu. Por fim, vi luzes diante de nós; a janela de uma taberna. Era dali que vinha a música.

Ela se chamava A Rosa e a Coroa. Só conseguimos ler o nome quando paramos bem embaixo da tabuleta. Era um lugarzinho esquisito, uma construção de tijolos que uma colcha de retalhos de tábuas mantinha juntos, mas que mesmo assim cambaleava desajeitadamente como se prestes a desabar. Nenhuma das janelas era muito reta. A porta era tão baixa que teríamos de nos curvar para entrar.

“Cá estamos, Watson”, sussurrou-me Holmes, e pude ver sua respiração congelar diante de seus lábios. Ele apontou. “Aquela é Milward Street e imagino que aquela seja a Casa de Creer. Dá para ver a luz vermelha no vão da porta.”

“Holmes, imploro-lhe pela última vez, deixe-me acompanhá-lo.”

“Não, não. É melhor que um de nós fique do lado de fora. Caso se revele que estou sendo esperado, você estará em melhores condições de vir em meu socorro.”

“Acha que Henderson estava mentindo para você?”

“A história dele me pareceu inteiramente improvável.”

“Então, pelo amor de Deus, Holmes...”

“Não posso ter plena certeza, Watson, não sem entrar. É sempre possível que Henderson tenha falado a verdade. Mas, se isto for uma armadilha, vamos acioná-la e ver aonde ela nos leva.” Abriu a boca para protestar, mas ele continuou: “Tocamos algo muito profundo, velho amigo. Este é um caso singularíssimo e não chegaremos ao fundo dele se nos recusarmos a correr riscos. Espere por mim uma hora. Eu sugeriria que você desfrutasse do conforto que esta taberna tem a oferecer. Se até lá eu não tiver reaparecido, deve ir à minha procura com o máximo cuidado. E, se ouvir um tiro, venha imediatamente.”

“Tudo que você disser, Holmes.”

Mesmo assim, foi com os mais graves receios que o vi atravessar a rua, desaparecendo de vista num instante, engolido pelo nevoeiro e a escuridão. Emergiu do outro lado, parado no fulgor da luz vermelha, emoldurado pelo vão da porta. À distância, ouvi um relógio dar as horas, o sino batendo onze vezes. Antes que a primeira badalada se extinguísse, Holmes desaparecera.

A despeito de meu sobretudo pesado, estava frio demais para eu permanecer ao ar livre durante uma hora, e senti-me inquieto, parado na rua no meio da noite, em particular numa vizinhança cujos habitantes eram sabidamente do tipo mais baixo, degenerados e semicriminosos. Empurrei a porta do A Rosa e a Coroa e vi-me numa sala única dividida em duas metades por um balcão estreito escalonado por torneiras de cerveja com puxadores de porcelana pintada e duas prateleiras com uma série de garrafas. Para minha surpresa, de quinze a vinte pessoas haviam enfrentado o tempo para se reunir naquele espaço exíguo. Estavam amontoadas nas mesas, jogando cartas, bebendo e fumando. O ar estava denso de fumaça de cigarro e cachimbo e também com um forte cheiro de turfa queimada que vinha de uma castigada estufa de ferro fundido instalada num canto. Afora algumas velas, essa era a única fonte de luz na sala, mas ela parecia provocar justamente o efeito contrário, pois, olhando-se para o clarão vermelho atrás da grossa janela de vidro, tinha-se a impressão de que o fogo estava de algum modo tragando a luz para si, consumindo-a, e depois vomitando de volta fumaça preta e cinzas pela chaminé acima e na noite. Um velho piano ficava ao lado da porta e havia uma mulher sentada diante dele, dedilhando as teclas com negligência. Era a música que eu ouvira lá fora.

Dirigi-me ao balcão, onde um velho encanecido com catarata nos olhos serviu-me um copo de cerveja por um par de *pence* e fiquei ali de pé, sem beber, ignorando minhas piores fantasias, tentando não pensar sobre Holmes. Em sua maior parte os homens à minha volta eram marinheiros e estivadores, muitos dos quais estrangeiros – espanhóis e malteses. Nenhum deles reparou em mim, e fiquei satisfeito com isso. Na verdade, mal falavam um com o outro, e o único som real na sala era o produzido pelos que jogavam baralho. Um relógio na parede mostrava o passar da hora e parecia-me que o ponteiro dos minutos arrastava-se deliberadamente, ignorando as leis do tempo. Eu tinha esperado muitas vezes, com e sem Holmes, que um patife aparecesse, fosse nas charnecas perto do Solar de Baskerville, nas margens do Tâmis ou nos jardins de muitas casas de subúrbio. Mas nunca me esquecerei da vigília de cinquenta minutos que passei naquela salinha com o *slap, slap, slap* das cartas contra a mesa, as notas desafinadas arrancadas do piano, os semblantes escuros fitando seus copos como se todas as respostas para o mistério da vida pudessem ser ali encontradas.

Exatos cinquenta minutos, pois faltavam dez para a meia-noite quando o silêncio da noite foi rasgado de repente por dois tiros, seguidos, de maneira quase imediata, pelo som agudo do apito de um guarda e vozes gritando assustadas. Corri no mesmo instante para a rua, porta afora, aflito consigo mesmo e com raiva por ter em algum momento permitido que Holmes me convencesse a participar daquele plano. De que ele mesmo tinha disparado os tiros, nunca duvidei. Mas havia atirado como um aviso para mim, ou corra algum tipo de perigo, vendo-se obrigado a se defender? O nevoeiro dissipara-se um pouco, e lancei-me através da rua e até a entrada da Casa de Creer. Girei a maçaneta. A porta não estava trancada. Puxando minha arma do bolso, entrei depressa.

O cheiro seco e ardente do ópio invadiu-me as narinas, provocando-me no mesmo instante uma irritação nos olhos e uma dor aguda como uma punhalada na cabeça, a tal ponto que me vi evitando respirar, com medo de cair eu mesmo sob o feitiço da droga. Permaneci imóvel no cômodo úmido e sombrio, decorado em estilo chinês, com tapetes estampados, lanternas de papel vermelho e tapeçarias de seda sobre as paredes, tal como Henderson descrevera. Dele nem sinal. Quatro sujeitos jaziam estendidos sobre colchões, suas bandejas laqueadas e lâmpadas de ópio em mesas baixas a seu lado. Três deles estavam inconscientes e poderiam de fato ser cadáveres.

O último repousava, o queixo na mão, fitando-me com olhos desfocados. Um colchão estava vazio.

Um homem precipitou-se em minha direção e pressenti que era o próprio Creer. Era completamente calvo, a pele branca como papel e tão esticada sobre os ossos que, com seus olhos pretos e fundos, parecia ter, no lugar de uma cabeça viva, a caveira de um defunto. Pude ver que estava prestes a falar, a me desafiar, mas quando viu meu revólver, recuou.

“Onde está ele?” perguntei.

“Quem?”

“Sabe a quem me refiro.”

Meus olhos fitaram uma porta aberta atrás dele na outra extremidade da sala e depois dela um corredor, iluminado por uma lamparina a gás. Ignorando Creer, ansioso por me ver fora daquele lugar pavoroso antes que as emanções me subjugassem, empurrei-o e avancei. Um dos miseráveis deitados nos colchões me chamou, estendendo uma mão súplice, mas ignorei-o. Havia uma outra porta na ponta do corredor e, como Holmes não poderia ter saído pela frente, com certeza havia tomado esse caminho. Forcei-a e senti uma golfada de ar frio. Eram os fundos da casa. Ouvi mais gritos, o estrépito de um cavalo e uma carruagem, um apito de polícia. Já sabia que fora enganado, que dera tudo errado. Mas ainda não fazia ideia do que esperar. Onde estava Holmes? Teria sido ferido?

Corri por uma rua estreita, passei sob uma arcada, dobrei uma esquina e entrei num pátio, onde uma pequena multidão se reunira. De onde poderiam ter vindo todas aquelas pessoas àquela hora da noite? Vi um homem vestido a rigor, um guarda, dois outros. Todos contemplavam a cena que se apresentava diante deles, nenhum ousando avançar e assumir o controle da situação. Abri caminho aos empurrões através deles. E nunca esquecerei o que vi então.

Havia duas figuras. Uma era uma adolescente que reconheci de imediato – e por bons motivos, pois ela tentara me matar alguns dias antes. Era Sally Dixon, a irmã mais velha de Ross, que trabalhara na taberna O Saco de Pregos. Sally levava dois tiros, no peito e na cabeça. Estava estendida sobre as pedras numa poça cujo líquido refletia um brilho negro na escuridão mas que eu sabia ser sangue. Eu também conhecia o homem que jazia inconsciente diante dela, uma das mãos esticada, ainda empunhando o revólver que a matara.

Era Sherlock Holmes.

11. Preso

NUNCA ME ESQUECI daquela noite e de suas consequências.

Sentado aqui sozinho, vinte e cinco anos depois, ainda tenho cada detalhe gravado em minha mente e, embora por vezes precise me esforçar para evocar os traços seja de amigos ou de adversários através das lentes deformantes do tempo, basta-me piscar e lá estão todos eles: Harriman, Creer, Ackland e até o guarda... como era mesmo o nome dele? Perkins! O fato é que tive muitas aventuras com Sherlock e o vi com frequência em maus lençóis. Houve ocasiões em que o julguei morto. Apenas uma semana antes, na verdade, eu o observara desamparado e delirante, supostamente acometido por uma doença dos cules de Sumatra. Depois houve aquela ocasião em Poldhu Bay na Cornualha em que, se eu não o tivesse arrastado da sala, ele teria sem dúvida sucumbido à loucura e à autodestruição. Lembro minha vigília com ele em Surrey quando uma serpente mortalmente peçonhenta saiu deslizando da escuridão. E como poderia encerrar esta breve lista sem me lembrar do completo desespero, da sensação de vazio que senti quando voltei, sozinho, das cataratas de Reichenbach? No entanto, tudo isso empalidece em comparação com aquela noite em Bluegate Fields. Pobre Holmes. Vejo-o agora, recobrando a consciência para se ver cercado, detido e de todo incapaz de explicar para si mesmo ou para qualquer outra pessoa o que acabara de acontecer. Fora ele que escolhera, de livre e espontânea vontade, cair numa armadilha. Esse era o infeliz resultado.

Um guarda havia chegado. Não sei de onde. Era jovem e nervoso mas acabou se desincumbindo de suas obrigações com louvável eficiência. Primeiro, confirmou que a moça estava morta, depois voltou sua atenção para o meu amigo. Holmes tinha um aspecto horrível. Sua pele estava branca como papel e, embora ele tivesse os olhos abertos, parecia incapaz de ver com clareza... por certo não me reconhecia. A presença de uma multidão não tornava as coisas melhores, e mais uma vez perguntei a mim mesmo quem

eram aquelas pessoas e por que cargas d'água haviam escolhido semelhante noite para se reunirem ali. Havia duas mulheres, parecidas com a velha medonha que passara por nós no canal, e com elas dois marinheiros, apoiados um no outro e fedendo a cerveja. Um negro observava de olhos arregalados. Dois de meus companheiros de bebida malteses vindos do A Rosa e a Coroa estavam parados ao lado dele. E até algumas crianças haviam aparecido, esfarrapadas e descalças, assistindo ao espetáculo como se ele estivesse sendo encenado em seu benefício. Enquanto eu tentava entender tudo aquilo, um homem alto, de rosto vermelho e elegantemente vestido, ordenou, gesticulando com a bengala:

“Prenda-o, policial! Eu o vi atirar na menina. Vi com meus próprios olhos.” Tinha um forte sotaque escocês que soava quase incongruente, como se tudo aquilo fosse uma peça teatral e ele um membro da plateia que subira ao palco sem ser convidado. “Que Deus a ajude, pobrezinha. Ele a matou a sangue-frio.”

“Quem é o senhor?” perguntou o guarda.

“Meu nome é Thomas Ackland. Eu estava a caminho de casa. Vi exatamente o que aconteceu.”

Não conseguindo ficar mais tempo em segundo plano, abri caminho e ajoelhei-me ao lado de meu amigo ferido. “Holmes!” gritei. “Holmes, pode me ouvir? Pelo amor de Deus, diga-me o que aconteceu.”

Mas Holmes permanecia sem condições de responder e nesse momento vi o guarda me examinando. “Conhece esse homem?” perguntou.

“Sim, conheço. É Sherlock Holmes.”

“E o senhor?”

“Meu nome é John Watson e sou médico. Policial, deve permitir que eu cuide de meu amigo. Por mais evidentes que os fatos pareçam, posso lhe assegurar que ele é inocente de qualquer crime.”

“Isso não é verdade. Eu o vi atirar na menina. Vi a bala disparada por sua própria mão.” Ackland deu um passo à frente. “Eu também sou médico”, continuou. “E posso dizer agora mesmo que esse homem está sob a influência do ópio. Isso está evidente por seus olhos e seu hálito, e o senhor não precisa procurar nenhum outro motivo para esse crime vil e sem sentido.”

Estaria ele com a razão? Holmes jazia ali, incapaz de falar. Estava claramente sob efeito de algum tipo de narcótico e, uma vez que passara a

última hora na Casa de Creer, era absurdo sugerir que alguma outra coisa que não a droga citada pelo médico fora responsável por aquilo. No entanto, alguma coisa naquele diagnóstico me intrigava. Olhei bem para os olhos de Holmes e, ainda que devesse concordar que as pupilas estavam dilatadas, faltavam-lhes as feias alfinetadas de luz que eu teria esperado encontrar. Tomei-lhe o pulso, que me pareceu um pouco lento, sugerindo que ele acabara de ser despertado de um sono profundo, e não que estivera envolvido na vigorosa atividade de primeiro correr atrás de sua vítima e depois atirar nela. E quando o ópio havia gerado um quadro como aquele? Seus efeitos podiam incluir euforia, relaxamento total, libertação da dor física. Mas eu nunca ouvira falar de um usuário sendo compelido a atos de violência, e, ainda que Holmes fosse vítima da mais profunda paranoia, que motivo possível sua obnubilada consciência lhe teria apresentado para que matasse precisamente a menina que estava mais ansioso por encontrar e proteger? Aliás, como ela viera parar ali? Por fim, eu duvidava que Holmes fosse capaz de atirar com precisão caso estivesse sob a influência do ópio. Ele teria tido dificuldade em manter o revólver firme. Expus tudo isso ali, como se estivesse sendo capaz de refletir detidamente sobre as evidências diante de mim, mas na realidade aquilo era obra de apenas um segundo, nascida de meus muitos anos de exercício da medicina e de meu íntimo conhecimento do acusado.

“O senhor veio para cá com essa pessoa hoje à noite?” perguntou-me o guarda.

“Sim. Mas estivemos separados por um breve momento. Eu estava no A Rosa e a Coroa.”

“E ele?”

“Ele...” Calei-me. A única coisa que eu não podia fazer era revelar onde Holmes estivera. “Meu amigo é um renomado detetive e estava investigando um caso. O senhor descobrirá que ele é muito conhecido pela Scotland Yard. Procure o inspetor Lestrade, que atestará sua lisura. Por pior que isto aqui pareça, deve haver uma outra explicação.”

“Não há nenhuma outra explicação”, aparteu o dr. Ackland. “Ele dobrou aquela esquina cambaleando. A menina estava na rua, pedindo esmolas. Ele puxou um revólver e matou-a.”

“Há sangue na roupa dele”, concordou o guarda, embora parecesse falar com certa relutância. “É evidente que ele estava perto dela quando ela foi morta. E, quando cheguei a este pátio, não havia mais ninguém à vista.”

“Viu o tiro ser disparado?” perguntei.

“Não. Mas cheguei instantes depois. E ninguém saiu correndo da cena do crime.”

“Ele saiu!” gritou alguém na multidão, e seguiu-se um murmúrio de assentimento, engrossado pelas crianças, encantadas por se verem na primeira fileira do espetáculo.

“Holmes!” gritei, ajoelhando ao lado dele e tentando sustentar-lhe a cabeça em minhas mãos. “Pode me dizer o que aconteceu aqui?”

Holmes nada respondeu, e um momento depois dei pela presença de um outro homem que se aproximara em silêncio e agora estava postado junto de mim, ao lado do médico escocês. “Por favor, queira levantar-se”, pediu ele, numa voz tão fria quanto a própria noite.

“Este homem é meu amigo...”, comecei.

“E esta é a cena de um crime em que não lhe cabe interferir. Levante-se e recue. Obrigado. Agora, se alguém aqui viu alguma coisa, forneça seu nome e endereço ao policial. Do contrário, voltem para suas casas. Vocês, crianças, deem o fora daqui antes que eu prenda o bando todo. Policial? Qual é o seu nome? Perkins! E assumiu a situação?”

“Sim, senhor.”

“Esta área é sua?”

“É, senhor.”

“Bem, até agora parece ter feito um serviço bastante satisfatório. Pode me dizer o que viu e o que sabe? Tente ser conciso. A noite está execravelmente fria e, quanto mais cedo resolvermos isto, mais cedo poderemos estar na cama.” Ele ficou em silêncio enquanto o guarda dava sua versão dos acontecimentos, que equivalia a pouco mais do que eu já sabia. Ele assentiu com a cabeça. “Muito bem, guarda Perkins. Cuide dessas pessoas. Anote os detalhes em sua caderneta. A partir de agora o caso é meu.”

Ainda não descrevi o recém-chegado e mesmo agora tenho dificuldade em fazê-lo porque era sem dúvida um dos homens mais repulsivos que já encontrei, com olhos pequenos demais para o rosto, lábios finos e pele tão lisa que parecia quase sem características. Seu traço mais proeminente era uma basta cabeleira do branco mais artificial, o que quer dizer que era completamente sem cor e talvez nunca tivesse tido cor nenhuma. Não é que fosse velho – não poderia ter mais de trinta ou trinta e cinco anos. O cabelo

destoava completamente de seu traje, que consistia de sobretudo preto, luvas pretas e cachecol preto. Embora não fosse um homem grande, tinha certa presença, até uma arrogância, que eu já testemunhara no modo como assumira o comando da situação. Sua voz era mansa, mas tinha uma inflexão que não deixava no ouvinte nenhuma dúvida de que estava acostumado a ser obedecido. Mas foi sua volubilidade que mais me enervou, sua recusa a se conectar emocionalmente com quem quer que fosse. Foi isso que me fez pensar numa cobra. Desde o primeiro momento em que falei com ele, eu o sentira deslizar à minha volta. Era o tipo de pessoa que olhava através de nós, ou para trás de nós, mas nunca para nós. Eu nunca encontrara ninguém tão senhor de si, vivendo num mundo em que nós outros só podíamos ser invasores, proibidos de chegar mais perto.

“Então seu nome é dr. Watson?” perguntou ele.

“Sim.”

“E este é Sherlock Holmes! Bem, duvido muito que venhamos a ler sobre isto numa de suas famosas crônicas, não é, a menos que ela se intitule *A aventura do opiômano psicótico*. Seu colega esteve na Casa de Creer esta noite?”

“Ele estava realizando uma investigação.”

“Realizando-a com um cachimbo e uma agulha, ao que parece. Um método bastante heterodoxo de detecção, eu diria. Bem, pode ir embora, dr. Watson. Não há mais nada que possa fazer esta noite. Que belo caso temos aqui! Esta menina não pode ter mais de dezesseis ou dezessete anos de idade.”

“O nome dela é Sally Dixon. Ela trabalhava numa taberna chamada O Saco de Pregos em Shoreditch.”

“Era conhecida por seu agressor?”

“Ele não é seu agressor!”

“Isso é o que o senhor gostaria que pensássemos. Lamentavelmente, há testemunhas que divergem desse ponto de vista.” Ele deu uma olhada no escocês. “O senhor é médico?”

“Sim, senhor.”

“E viu o que aconteceu aqui esta noite?”

“Já contei para o guarda, senhor. A moça mendigava na rua. Este homem veio daquele prédio até aqui. Pareceu-me bêbado ou fora de si. Ele seguiu a moça até esta praça e a matou com um revólver. Está tudo muito claro.”

“Em sua opinião, o sr. Holmes está em condições de viajar comigo até o distrito policial de Holborn?”

“Ele não consegue caminhar. Mas não há razão para que não possa viajar num fiacre.”

“Há um a caminho daqui.” O homem de cabelo branco, que ainda não me dissera seu nome, andou a passos lentos até Holmes, ainda deitado no chão, um pouco recuperado, esforçando-se para recobrar o autocontrole. “Pode me ouvir, sr. Holmes?”

“Sim.” Era a primeira palavra que falava.

“Meu nome é inspetor Harriman. Eu o estou prendendo pelo assassinato desta jovem, Sally Dixon. Não é obrigado a dizer nada, a menos que deseje fazê-lo, mas tudo que disser de agora em diante será registrado por escrito e poderá ser usado como evidência contra o senhor. Compreendeu?”

“Isso é monstruoso!” gritei. “Estou lhe dizendo que Sherlock Holmes não tem coisa alguma a ver com este crime. Sua testemunha está mentindo. Isto é alguma conspiração...”

“Se não deseja se ver detido por obstrução da justiça e também, muito possivelmente, processado por calúnia, sugiro-lhe que tenha a prudência de permanecer calado. Terá sua oportunidade de falar quando isto chegar ao tribunal. Nesse ínterim, peço-lhe mais uma vez que se afaste e me deixe prosseguir com meu trabalho.”

“Será que não faz ideia de quem é esse homem e em que medida a força de polícia desta cidade e, mais que isso, deste país, lhe é grata?”

“Sei muito bem quem ele é e não posso dizer que isso faça qualquer diferença na situação, tal como a encontro. Temos uma menina morta. A arma do crime está na mão dele. Temos uma testemunha. Parece-me o suficiente para levarmos o caso adiante. São quase doze horas e não quero ficar discutindo com o senhor a noite toda. Se tem alguma razão para se queixar de meu comportamento, pode fazê-lo amanhã cedo. Ouço um fiacre aproximando-se. Vamos levar este homem para uma cela e essa pobre coitadinha para a morgue.”

Não havia mais nada que eu pudesse fazer exceto ficar ali, vendo o guarda Perkins voltar e, com a ajuda do médico, pôr Holmes de pé e arrastá-lo. A arma que ele portava foi enrolada num pano e levada junto. No último minuto, quando o ajudavam a entrar no fiacre, ele virou a cabeça, nossos olhos se encontraram, e fiquei aliviado ao menos por ver que eles haviam

recobrado um pouco de vida e que o efeito da droga que tomara – ou lhe fora dada –, fosse qual fosse, estava desaparecendo. Mais policiais chegaram e vi Sally ser levada numa maca, sob um cobertor. O dr. Ackland apertou a mão de Harriman, entregou-lhe seu cartão de visitas e afastou-se. Quando dei por mim, estava sozinho – numa região hostil e insalubre de Londres. Lembrei de repente que ainda tinha, no bolso do sobretudo, o revólver que Holmes me dera. Minha mão fechou-se sobre ele e ocorreu-me o pensamento louco de que talvez eu devesse tê-lo usado para salvar Holmes, agarrando-o e levando-o comigo enquanto mantinha Harriman à distância. Mas tal tentativa não teria ajudado nenhum de nós. Havia outras maneiras de reagir e, com isso em mente e o aço frio na mão, virei-me e apressei-me em ir para casa.

RECEBI UMA VISITA bem cedo na manhã seguinte. Era o homem que eu mais queria ver – o inspetor Lestrade. Quando ele entrou com largas passadas, interrompendo meu desjejum, meu primeiro pensamento foi que trazia a notícia de que Holmes fora solto e logo estaria chegando, também. Um olhar para o seu rosto, porém, bastou para frustrar minhas esperanças. Ele estava sombrio e sisudo e, por seu aspecto, ou se levantara muito cedo ou não dormira em absoluto. Sem pedir permissão, sentou-se à mesa tão pesadamente que eu poderia ter perguntado a mim mesmo se algum dia encontraria forças para se levantar.

“Aceita um desjejum, inspetor?” ousei perguntar.

“Seria muito gentil de sua parte, dr. Watson. Estou sem dúvida precisando de alguma coisa para me restaurar. Que história! Francamente, é inacreditável. Sherlock Holmes, pelo amor de Deus! Como podem essas pessoas ter esquecido quantos bons serviços nós lhe devemos na Scotland Yard? Pensar que ele é culpado! No entanto, a coisa não está cheirando bem, dr. Watson. Não está cheirando bem.”

Servi-lhe chá, enchendo a xícara que a sra. Hudson pusera para Holmes – ela ignorava, é claro, o que ocorrera na noite anterior. Lestrade sorveu-o em pequenos goles, fazendo ruído. “Onde está Holmes?” perguntei.

“Passou a noite detido em Bow Street.”

“O senhor o viu?”

“Não me permitiram! Assim que soube o que havia acontecido ontem à noite, fui direto até lá. Mas esse homem, Harriman, é sem dúvida alguma esquisito. Em geral nós na Scotland Yard, nós que temos o mesmo posto,

mantemos as melhores relações uns com os outros. Mas não ele. Harriman sempre guarda seus pensamentos para si. Ele faz um bom trabalho, isso eu reconheço, mas embora tenhamos nos cruzado no corredor, nunca lhe dirigi mais do que algumas palavras e ele nunca respondeu. Estive brevemente com ele esta manhã e pedi para visitar o sr. Holmes, pensando que era o mínimo que eu poderia fazer, mas ele se contentou em seguir adiante sem me dar atenção. Um pouquinho de cortesia não lhe teria custado, mas esse é o homem que estamos enfrentando. Ele está com Holmes agora, interrogando-o. Eu daria tudo para estar na sala com eles, pois essa será uma batalha de inteligência como nunca houve. Pelo que sei, Harriman já tomou sua decisão, mas é claro que tudo isso é um absurdo; vim aqui na esperança de que o senhor possa lançar alguma luz sobre o assunto. Estava lá ontem à noite?”

“Eu estava em Bluegate Fields.”

“E é verdade que o sr. Holmes esteve num antro de ópio?”

“Sim, mas não para se entregar a essa prática odiosa.”

“Não?” Os olhos de Lestrade viajaram até o consolo da lareira e o estojo de marroquim que continha uma seringa hipodérmica. Perguntei a mim mesmo como ele ficara sabendo do hábito fortuito de Holmes.

“O senhor conhece Holmes bem demais para pensar outra coisa”, ralhei. “Ele continua investigando as mortes do homem de boina e da criança, Ross. Foi isso que o levou ao Leste de Londres.”

Lestrade pegou sua caderneta e abriu-a. “Creio que deveria me colocar a par dos progressos que o senhor e o sr. Holmes fizeram, dr. Watson. Se vou lutar a favor dele, e é bem possível que esse combate envolva muitas pessoas, quanto mais eu souber, melhor. Peço-lhe que não omita nada.”

Aquilo era estranho, de fato, pois Holmes sempre se imaginara em competição com a polícia e, em circunstâncias normais, não lhes teria contado nenhum detalhe de sua investigação. Naquela ocasião, porém, não tive escolha senão informar Lestrade de tudo que acontecera tanto antes quanto depois que a criança fora morta, começando com nossa visita à Escola para Meninos Chorley Grange, que nos levou a Sally Dixon e ao Saco de Pregos. Conte-lhe a agressão que sofri por parte da menina, nossa descoberta do relógio de bolso furtado, nossa inútil entrevista com lorde Ravenshaw e a decisão de Holmes de publicar um anúncio nos jornais vespertinos. Por fim, descrevi a visita do homem que se apresentara como Henderson e como ele nos havia conduzido à Casa de Creer.

“Ele era funcionário da alfândega?”

“Foi o que disse, Lestrade, mas temo que isso fosse mera fachada, como o resto da história.”

“Talvez ele seja inocente. Você não pode dizer o que aconteceu na Casa de Creer.”

“É verdade que eu não estava lá, mas Henderson também não, e é justamente sua ausência que me preocupa. Considerando tudo que aconteceu, creio que isso foi uma armadilha montada expressamente para incriminar Holmes e pôr fim à sua investigação.”

“Mas o que é essa Casa da Seda? Por que alguém faria tantos esforços para mantê-la secreta?”

“Não sei dizer.”

Lestrade sacudiu a cabeça. “Sou um homem prático, dr. Watson, e devo lhe dizer que tudo isso parece muito distante de nosso ponto de partida – um homem morto num quarto de hotel. Esse homem, até onde sabemos, era Keelan O’Donaghue, um arruaceiro violento e ladrão de banco de Boston, que veio para a Inglaterra numa missão de vingança contra o *marchand* de quadros sr. Carstairs, de Wimbledon. Sendo assim, como passamos daí para as mortes de duas crianças, a tal da fita branca, o misterioso Henderson e todo o resto?”

“É exatamente isso que Holmes estava tentando descobrir. Posso vê-lo?”

“Harriman está à frente do caso e, até que o sr. Holmes seja formalmente acusado, ninguém está autorizado a falar com ele. Vão levá-lo a um tribunal policial esta tarde.”

“Lá estaremos.”

“É claro. Entenda que neste estágio nenhuma testemunha de defesa será convocada, dr. Watson, mas ainda assim tentarei me pronunciar em favor dele e atestar sua boa índole.”

“Vão mantê-lo em Bow Street?”

“Por enquanto, mas se o juiz pensar que há um processo a responder – e não posso supor que pensará outra coisa –, ele será posto numa prisão.”

“Que prisão?”

“Não sei dizer, dr. Watson, mas farei tudo que estiver em meu alcance por ele. Nesse meio-tempo, há alguém que o senhor poderia procurar? Seria de imaginar que dois cavalheiros como os senhores devem ter amigos de influência, em especial depois de estar envolvidos em tantos casos que

poderíamos qualificar como de natureza delicada. Será que entre os clientes do sr. Holmes há alguém a quem o senhor possa recorrer?”

Meu primeiro pensamento foi Mycroft. Eu não o mencionara, é claro, mas ele já estava em minha mente antes que Lestrade tivesse começado a falar. Concordaria ele em me receber? Fizera-nos uma advertência naquela mesma sala, e afirmara categoricamente que seria impotente se a ignorássemos. Mesmo assim, tomei a decisão de me apresentar mais uma vez no Diogenes Club tão logo surgisse a oportunidade. Mas isso só poderia ser feito depois do tribunal policial. Lestrade levantou-se. “Virei buscá-lo às duas horas”, disse.

“Muito obrigado, Lestrade.”

“Não me agradeça ainda, dr. Watson. Talvez não haja nada que eu possa fazer. Se alguma vez um caso pareceu predefinido, é este.” Lembrei que fora mais ou menos isto que o inspetor Harriman dissera na noite anterior. “Harriman quer processar o sr. Holmes por assassinato e creio que o senhor deveria se preparar para o pior.”

12. As evidências no caso

EMBORA EU NUNCA TIVESSE COMPARECIDO a um tribunal policial antes, quando me aproximei do austero prédio em Bow Street na companhia de Lestrade, senti uma estranha sensação de familiaridade, como se tivesse sido convocado e minha ida ali fosse de algum modo inevitável. Lestrade deve ter visto a expressão em meu rosto, pois sorriu pesarosamente. “Suponho que não esperava se ver num lugar como este, hein, dr. Watson?” Disse-lhe que lera meu pensamento. “Bem, deveria perguntar a si mesmo quantos outros homens passaram por este caminho graças ao senhor e a Sherlock Holmes.”

Ele tinha toda a razão. Aquele era o fim do processo que com tanta frequência havíamos iniciado, o primeiro passo a caminho de Old Bailey * e, depois, talvez, da forca. É curioso refletir agora, no fim de minha carreira de escritor, que cada uma de minhas crônicas terminou com o desmascaramento ou a detenção de um patife, e que depois desse ponto, quase sem exceção, eu simplesmente supus que a sorte desses homens não teria nenhum interesse adicional para meus leitores e os deixei de lado, como se apenas seu erro justificasse sua existência e como se, uma vez que os crimes haviam sido solucionados, eles tivessem deixado de ser criaturas humanas com corações pulsantes e espíritos consternados. Nunca considerei uma vez sequer o medo e a angústia que eles devem ter suportado ao passar por aquelas portas de vaivém e entrar naqueles corredores sombrios. Teria algum deles chorado de arrependimento ou oferecido preces por sua salvação? Teria algum deles lutado até o fim? Isso não me importava. Não era parte de minha narrativa.

Mas, quando volto os olhos para aquele gélido dia de dezembro em que o próprio Holmes enfrentou as forças que tantas vezes desencadeara, penso que talvez lhes tenha feito uma injustiça; até a canalhas tão cruéis quanto Culverton Smith ou tão coniventes quanto Jonas Aldacre. Escrevi narrativas que são chamadas de histórias de detetive. Por acaso, meu detetive é o maior

de todos. Em certo sentido, porém, ele foi definido pelos homens e, na verdade, as mulheres que enfrentou, e eu os deixei de lado com demasiada facilidade. Quando entrei no tribunal policial todos eles retornaram com muita força à minha mente e foi quase como se eu os pudesse ouvir chamando-me: “Seja bem-vindo. O senhor é um dos nossos.”

A sala do tribunal era quadrada e sem janelas, com bancos e divisórias de madeira e as armas reais adornadas com símbolos heráldicos na parede mais distante. Era ali que o juiz se sentava, um homem retesado, idoso, cujo porte lembrava a madeira também. Diante dele havia uma plataforma cercada por uma balaustrada, e era para lá que os prisioneiros eram levados, um após outro, pois o processo era rápido e repetitivo, de modo que, pelo menos para o espectador, tornava-se quase monótono. Lestrade e eu tínhamos chegado cedo, tomando nossos lugares na galeria pública com poucos outros espectadores, e observamos quando um falsificador, um arrombador e um trapaceiro foram todos mantidos sob custódia à espera do julgamento. No entanto, o juiz podia também ser compassivo. Um aprendiz acusado de bebedeira e comportamento violento – era seu aniversário de dezoito anos – foi mandado embora com os detalhes de seu crime registrados no Livro das Acusações Recusadas. E duas crianças, de não mais de oito ou nove anos de idade, recolhidas por mendicância, foram entregues à Missão dos Tribunais Policiais, com a recomendação de que deveriam ficar aos cuidados da Waifs and Strays Society, do orfanato do dr. Barnardo ou Centro Educacional para a Adolescência. Foi estranho ouvir o último nome, porque era a organização responsável por Chorley Grange, que Holmes e eu tínhamos visitado.

Tudo transcorreria de maneira ritmada, mas nesse momento Lestrade deu-me uma leve cotovelada e percebi uma nova atmosfera de gravidade no tribunal. Mais policiais uniformizados e funcionários entraram e tomaram seus lugares. O oficial de justiça do tribunal, um homem gorducho, com cara de coruja e enfiado numa toga preta, aproximou-se do juiz e começou a murmurar-lhe alguma coisa em voz baixa. Dois homens que reconheci entraram e sentaram-se num dos bancos, separados por cerca de um metro. Um era o dr. Ackland, o outro um homem de rosto vermelho que talvez estivesse na multidão fora da Casa de Creer, mas não me causara nenhuma impressão naquele momento. Atrás deles sentou-se o próprio Creer (Lestrade chamou-me a atenção para ele), esfregando as mãos, como se tentasse enxugá-las. Estavam todos ali, percebi de imediato, como testemunhas.

Em seguida Holmes foi trazido, usando as mesmas roupas com que fora detido e tão diferente de si mesmo que, se eu não soubesse ser isso impossível, eu teria pensado que ele havia se disfarçado de propósito para zombar de mim, como fizera tantas vezes antes. Estava claro que não dormira. Havia sido minuciosamente interrogado e tentei não imaginar as várias indignidades, todas muito conhecidas dos criminosos comuns, que deviam ter se acumulado sobre ele. Macilento nas condições mais favoráveis, parecia agora positivamente baço, mas quando era conduzido para o banco dos réus e olhou para mim, vi um brilho em seus olhos que me disse que a luta ainda não terminara e lembrou-me que Holmes sempre se mostrava mais formidável que nunca quando as probabilidades contra ele pareciam se acumular. A meu lado, Lestrade endireitou-se e murmurou alguma coisa baixinho. Ele estava zangado e indignado por Holmes, revelando um lado de seu caráter que eu nunca vira antes.

Um advogado apresentou-se, um tipo baixote e roliço, com lábios grossos e pálpebras pesadas, e logo ficou claro que ele assumira o papel do promotor, embora diretor de circo talvez fosse uma descrição melhor para a maneira como conduziu os procedimentos, tratando o tribunal quase como um picadeiro da lei.

“O réu é um conhecido detetive”, começou ele. “O sr. Sherlock Holmes conquistou renome graças a uma série de casos que, embora espalhafatosos e espetaculares, baseiam-se pelo menos em parte na verdade.” Ericei-me ao ouvir isso e poderia até ter protestado se Lestrade não tivesse estendido a mão e me dado uma batidinha no braço. “Isto dito, não vou negar que há um ou dois policiais menos capazes na Scotland Yard que têm para com ele uma dívida de gratidão por tê-los, uma vez ou outra, ajudado a orientar suas investigações com indicações e intuições que se revelaram frutíferas.” Ouvindo isso, foi a vez de Lestrade franzir as sobrancelhas. “Mas até o melhor dos homens tem seus demônios e no caso do sr. Holmes foi o ópio que o transformou de amigo da lei no mais desprezível malfeitor. É inquestionável que ele entrou num antro de ópio conhecido como Casa de Creer em Limehouse pouco depois das onze horas da noite de ontem. Minha primeira testemunha é o proprietário do estabelecimento, Isaiah Creer.”

Creer instalou-se no banco das testemunhas. Não havia juramento nesses procedimentos. Eu só podia ver a parte de trás de sua cabeça, que era branca e calva, emendando-se com o pescoço de tal maneira que era difícil ver

onde terminava uma e começava o outro. Estimulado pelo promotor, ele contou a seguinte história.

Sim, o réu entrara em sua casa – um estabelecimento particular e legal, meu senhor, onde cavalheiros podiam entregar-se a seu hábito em conforto e segurança – logo após as onze horas. Ele dissera muito pouco. Havia pedido uma dose do agente tóxico, pagara-o e fumara-o imediatamente. Meia hora depois, pediu uma segunda. O sr. Creer ficara preocupado porque o sr. Holmes – nome que só mais tarde ficara sabendo, assegurou ao tribunal; no momento em que se encontraram o sujeito lhe era completamente estranho – mostrava-se agitado e excitado. O sr. Creer havia sugerido que uma segunda dose poderia ser imprudente, mas o cavalheiro discordara nos mais veementes termos e, para evitar uma cena e manter a tranquilidade pela qual o estabelecimento se distinguiu, ele lhe fornecera o necessário em troca de mais um pagamento. O sr. Holmes fumara um segundo cachimbo e seu aparente delírio intensificou-se, a tal ponto que Creer mandara um rapaz sair à procura de um policial, temendo que pudesse haver uma perturbação da paz. Havia tentado argumentar com o sr. Holmes, acalmá-lo, mas sem sucesso. Com olhar transtornado, incontrolável, o sr. Holmes insistira que havia inimigos seus na sala, que estava sendo perseguido, que sua vida estava em perigo. Tinha mostrado um revólver, e nessa altura o sr. Creer insistira que devia se retirar.

“Temi pela minha vida”, disse ele ao tribunal. “Meu único pensamento foi conseguir tirá-lo da casa. Mas vejo agora que estava errado e que devia ter deixado que permanecesse ali até que chegasse ajuda na pessoa do guarda Perkins. Pois quando o soltei na rua ele estava fora de si. Não sabia o que estava fazendo. Já vi isso acontecer antes, Meritíssimo. É raro, anormal. Mas é um efeito colateral da droga. Não tenho nenhuma dúvida de que ao abater aquela pobre menina o sr. Holmes acreditava estar enfrentando um monstro grotesco. Se eu soubesse de antemão que estava armado, nunca lhe teria fornecido a substância, para início de conversa, Deus é testemunha!”

A história foi corroborada em todos os aspectos por uma segunda testemunha, o homem de rosto vermelho que eu já notara. Ele era lânguido e ultrarrefinado, um homem de tipo extremamente aristocrático, que inalava com repugnância este ar comum. Talvez não tivesse mais de trinta anos e vestia-se na última moda. Não forneceu nenhuma revelação nova, repetindo de maneira quase literal as palavras de Creer. Estava, contou ele, deitado num colchão do outro lado da sala e, embora se encontrasse num estado

muito relaxado, estava pronto a jurar que tinha perfeita consciência do que se passava. “O ópio, para mim, é um prazer ocasional”, concluiu. “Proporciona algumas horas em que posso escapar das ansiedades e responsabilidades de minha vida. Não vejo vergonha nisso. Conheço muitas pessoas que tomam láudano na privacidade de seus lares precisamente pela mesma razão. Para mim, não é diferente de fumar tabaco ou beber álcool. Mas”, acrescentou num tom incisivo, “sou capaz de lidar com ele.”

Foi só quando o juiz pediu-lhe o nome para o registro que o jovem causou um rebuliço no tribunal: “Lorde Horace Blackwater.”

O juiz fixou os olhos nele. “Devo compreender, senhor, que é parte da família Blackwater de Hallamshire?”

“Sim”, respondeu o rapaz. “O conde de Blackwater é meu pai.”

Fiquei tão surpreso quanto todos os demais. Parecia extraordinário, até chocante, que o herdeiro de uma das famílias mais antigas da Inglaterra tivesse acabado num sórdido antro de drogas em Bluegate Fields. Ao mesmo tempo, eu podia imaginar o peso que seu testemunho acrescentaria ao processo contra meu amigo. Aquele não era apenas um marujo delinquente ou um charlatão dando sua versão dos acontecimentos. Era um homem que podia muito possivelmente provocar sua própria ruína pela mera confissão de que estivera na Casa de Creer.

Para sorte dele, sendo aquele um tribunal policial, não havia nenhum jornalista presente. O mesmo, nem preciso acrescentar, poderia ser dito a respeito de Holmes. Quando sir Horace afastou-se do banco, ouvi outros membros do público murmurando entre si e percebi que estavam ali apenas pelo espetáculo e alimentavam-se daquele tipo de detalhe devasso. O juiz trocou algumas palavras com seu oficial de justiça de toga preta enquanto o rapaz era substituído por Stanley Perkins, o guarda que eu encontrara na noite em questão. Perkins manteve-se de pé, empertigado, o capacete a seu lado; segurava-o como se fosse um fantasma na Torre de Londres e aquilo a sua cabeça. Pouco teve a dizer, mas afinal já haviam narrado grande parte da história por ele. Fora abordado pelo rapaz que Creer mandara à sua procura e solicitado a ir à casa da esquina de Milward Street. Estava a caminho de lá quando ouviu dois tiros e correu para Coppergate Square, onde descobriu um homem, jazendo inconsciente com um revólver na mão, e uma moça caída numa poça de sangue. Assumira o controle da cena enquanto uma multidão se reunia. Vira de imediato que nada poderia fazer pela menina. Descreveu

como eu havia chegado e identificado o homem inconsciente como Sherlock Holmes.

“Não pude acreditar ao ouvir isso”, disse. “Lera algumas façanhas do sr. Sherlock Holmes, e pensar que ele pudesse estar envolvido naquele tipo de coisa... bem, era inacreditável.”

Perkins foi seguido pelo inspetor Harriman, reconhecível de imediato pela basta cabeleira branca. Pela maneira como ele falou, com cada palavra medida e cuidadosamente pronunciada para obter o efeito ideal, podia-se imaginar que passara horas ensaiando, o que sem dúvida podia mesmo ter acontecido. Nem sequer tentou disfarçar um tom de desdém. Mais parecia que a prisão, e na verdade a execução de meu amigo, era sua única missão na vida.

“Permitam-me descrever para o tribunal meus passos ontem à noite.” Assim ele começou. “Eu havia sido chamado para o arrombamento de um banco na White Horse Road, a pouca distância dali. Quando ia embora, ouvi o som de tiros e o apito do guarda e rumei para o sul para ver se poderia prestar ajuda. Quando cheguei, o guarda Perkins estava no comando e fazendo um admirável trabalho. Eu o recomendarei para uma promoção. Foi ele que me informou da identidade do homem que se encontra agora diante dos senhores. Como já ouviram, o sr. Sherlock Holmes tem alguma reputação. Estou certo de que muitos de seus admiradores ficarão desapontados ao ver que a verdadeira natureza do homem, seu vício em drogas e as consequências assassinas do mesmo situam-se tão abaixo da ficção que todos nós apreciamos.

“Que o sr. Holmes assassinou Sally Dixon está fora de questão. De fato, nem os poderes imaginativos de seu biógrafo seriam capazes de suscitar a menor dúvida nas mentes de seus leitores. Na cena do crime observei que o revólver que ele tinha nas mãos ainda estava quente, que havia resíduos de pólvora enegrecendo-lhe a manga da camisa e várias pequenas manchas de sangue em seu paletó, o que só poderia ter acontecido se ele estivesse parado muito perto da moça quando ela recebeu os tiros. O sr. Holmes estava semiconsciente, ainda emergindo de um transe induzido pelo ópio e mal se dando conta do horror que praticara. Eu disse ‘mal se dando conta’, mas com isso não quero dizer que estava em completa ignorância. Ele conhecia sua culpa, Meritíssimo. Não ofereceu nenhuma defesa. Quando o adverti e lhe dei voz de prisão, não fez nenhuma tentativa de me persuadir de que as circunstâncias eram sob qualquer aspecto diversas do que descrevi.

“Foi só esta manhã, após oito horas de sono e uma chuva fria, que ele veio com uma história do arco-da-velha, proclamando sua inocência. Disse-me que tinha visitado a Casa de Creer não levado pela tentação de satisfazer seu detestável apetite, mas por estar investigando um caso, cujos detalhes recusou-se a compartilhar comigo. Disse que um homem, que conhece apenas pelo nome de Henderson, o havia enviado a Limehouse na busca de alguma pista, mas que a informação se revelara uma armadilha e que tão logo entrara no antro tinha sido subjugado e obrigado a consumir um narcótico. Pessoalmente, julgo um pouco estranho que um homem visite um antro de ópio e depois se queixe de ter sido drogado. E como o sr. Creer passa toda a sua vida vendendo drogas para homens que desejam comprá-las, é inexplicável que nessa ocasião ele tenha decidido dá-las gratuitamente. Mas sabemos que isso é um amontoado de mentiras. Já ouvimos uma eminente testemunha que viu o sr. Holmes fumar um cachimbo e depois pedir um segundo. O sr. Holmes também afirma que conhece a moça assassinada e que ela era igualmente objeto de sua misteriosa investigação. Estou disposto a aceitar essa parte de seu depoimento. É bem possível que ele a tivesse encontrado antes e, em seu delírio, confundido de alguma maneira com algum criminoso de alta periculosidade. Não tinha outro motivo para matá-la.

“Resta-me apenas acrescentar que o sr. Holmes insiste agora que é objeto de uma conspiração engendrada por mim, o guarda Perkins, Isaiiah Creer, lorde Horace Blackwater e, muito possivelmente, até o Meritíssimo. Eu descreveria isto como delirante, mas na verdade é pior ainda. É uma tentativa deliberada de se eximir das consequências dos delírios que o acometeram ontem à noite. É mesmo uma pena para o sr. Holmes que tenhamos uma segunda testemunha que presenciou o próprio assassinato. Seu depoimento, estou seguro, porá fim a estas formalidades. De minha parte, posso dizer apenas que em meus quinze anos na Polícia Metropolitana nunca encontrei um caso em que o conjunto de evidências fosse mais nítido e o culpado, mais óbvio.”

Quase esperei que ele se curvasse para os aplausos. Em vez disso, inclinou a cabeça respeitosamente para o juiz e sentou-se.

A última testemunha foi o dr. Thomas Ackland. Eu mal o havia examinado na escuridão e na confusão da noite, mas agora, de pé diante de mim, ele me pareceu um homem pouco atraente, com cachos de cabelo de um ruivo muito vivo (teria tido um lugar assegurado na Liga dos Cabeças

Vermelhas) tombando de maneira irregular de uma cabeça alongada, e sardas escuras que faziam sua pele parecer quase doente. Tinha um bigode incipiente, um pescoço inusitadamente comprido e olhos de um azul aquoso. É possível, suponho, que eu exagere sua aparência, pois quando ele falou senti uma profunda e irracional aversão por um homem cujas palavras pareciam selar a sorte de meu amigo, provando sua culpa. Retornei às transcrições oficiais, o que me permite expor com exatidão o que lhe foi perguntado e o que ele próprio disse, para que não se possa alegar que minhas próprias ideias preconcebidas distorcem o registro.

O PROMOTOR: Queira por favor declarar seu nome ao tribunal.

TESTEMUNHA: É Thomas Ackland.

O PROMOTOR: O senhor é da Escócia.

TESTEMUNHA: Sim. Mas atualmente moro em Londres.

O PROMOTOR: Queira por favor nos falar um pouco sobre sua carreira, dr. Ackland.

TESTEMUNHA: Nasci em Glasgow e estudei medicina na universidade desta metrópole. Obtive meu diploma de médico em 1867. Tornei-me professor-assistente na Royal Infirmary School of Medicine em Edimburgo e, mais tarde, catedrático de cirurgia clínica no Royal Hospital for Sick Children de Edimburgo. Mudei-me para Londres há quatro anos, após a morte de minha mulher, e fui convidado a ocupar um cargo de direção no Westminster Hospital, onde me encontro agora.

O PROMOTOR: O Westminster Hospital é uma instituição voltada para os pobres e é financiado por doações públicas. Isto é correto?

TESTEMUNHA: Sim.

O PROMOTOR: E o senhor mesmo, segundo creio, fez uma generosa doação para a manutenção e a ampliação do hospital.

JUIZ: Penso que deveríamos passar ao que interessa, se não se incomoda, sr. Edwards

O PROMOTOR: Muito bem, Meritíssimo. Dr. Ackland, poderia por favor relatar ao tribunal por que se encontrava nas vizinhanças de Milward Street e Coppergate Square ontem à noite?

TESTEMUNHA: Eu fora visitar um de meus pacientes. É um homem trabalhador, mas de família pobre, e depois que deixou o hospital fiquei preocupado com seu bem-estar. Fui tarde à sua casa porque antes compareci a um jantar no Royal College of Physicians. Deixei sua casa às onze horas,

com a intenção de voltar a pé para a minha – resido em Holborn. Contudo, fiquei perdido no nevoeiro, e foi por um completo acaso que entrei na praça pouco antes da meia-noite.

O PROMOTOR: E o que viu?

TESTEMUNHA: Assisti à coisa toda. Havia uma menina, pobrementemente vestida nesse tempo rigoroso, de não mais de catorze ou quinze anos. Tremei em pensar no que ela teria estado fazendo na rua àquela hora, pois aquela é uma área conhecida por toda espécie de vícios. Logo que a notei, ela estava com as mãos levantadas e claramente aterrorizada. Pronunciou duas palavras: “Por favor!” Depois ouvi dois tiros e ela caiu no chão. Soube de imediato que estava morta. O segundo tiro havia penetrado no crânio e deve tê-la matado no mesmo instante.

O PROMOTOR: Viu quem disparou os tiros? testemunha: Não, a princípio não. Estava muito escuro e fiquei absolutamente chocado. Temia também por minha vida, pois me ocorreu que devia haver um louco à solta para desejar fazer mal àquela menina indefesa. Em seguida divisei uma figura parada a pouca distância dela, segurando uma arma que ainda fumegava em sua mão. Enquanto eu olhava, ele gemeu e caiu de joelhos. Depois se estatelou, inconsciente, no chão.

O PROMOTOR: Viu esta figura hoje?

TESTEMUNHA: Sim. Está em pé diante de mim no banco dos réus.

Houve mais um alvoroço na galeria pública, pois estava tão claro para todos os espectadores quanto para mim que se tratava da evidência mais condenatória de todas. Sentado ao meu lado, Lestrade ficara paralisado, os lábios contraídos, e ocorreu-me que a fé em Holmes que tanto depusera em seu favor decerto estava abalada. E quanto a mim? Confesso que estava muito perturbado. À primeira vista, era inconcebível que meu amigo pudesse ter matado exatamente a menina com quem mais desejava falar, pois ainda havia uma chance de que Sally Dixon pudesse ter ouvido do irmão alguma coisa capaz de nos levar à Casa da Seda. Depois, ainda havia a questão do que ela estava fazendo em Coppergate Square, para começar. Teria sido capturada e mantida presa antes mesmo que Henderson nos visitasse, e poderia ele nos ter atraído de caso pensado para uma armadilha com esse intuito preciso? Essa me parecia ser a única conclusão lógica. Ao mesmo tempo, porém, eu me lembrava de algo que Holmes me dissera várias vezes, a saber, que quando eliminamos o impossível, o que quer que sobre, por mais improvável que seja, deve ser a verdade. Eu seria capaz de rejeitar as

evidências apresentadas por Isaiah Creer, pois um homem como ele estaria certamente aberto ao suborno e diria qualquer coisa que lhe fosse solicitada. Mas era impossível, ou no mínimo absurdo, sugerir que um eminente médico de Glasgow, um policial graduado da Scotland Yard e o filho do conde de Blackwater, um membro da aristocracia inglesa, tivessem todos se reunido, sem nenhuma razão óbvia, para urdir uma história e incriminar um homem com quem nenhum deles jamais estivera. Essa era a escolha que eu tinha diante de mim. Ou bem os quatro estavam mentindo, ou Holmes, sob a influência do ópio, havia de fato cometido um terrível crime.

O juiz não precisava fazer esse tipo de reflexão. Tendo ouvido as evidências, pediu o Livro das Acusações e anotou o nome e o endereço de Holmes, sua idade e a acusação proferida contra ele. A isso acrescentou os nomes e os endereços do promotor e de suas testemunhas e um inventário de todos os objetos encontrados em posse do prisioneiro. (Estes incluíam um pincenê, um pedaço de barbante, um anel de sinete exibindo o timbre do duque de Cassel-Felstein, duas pontas de cigarro embrulhadas numa página rasgada do *London Corn Circular*, uma pipeta química, várias moedas gregas e um pequeno berilo. Até hoje pergunto a mim mesmo o que as autoridades devem ter deduzido de tudo isso.) Holmes, que não pronunciara uma palavra durante todo o processo, foi então informado de que teria de permanecer sob custódia até que o tribunal legista se reunisse após o fim de semana. Depois disso, seria julgado. E o assunto terminaria aí. O juiz tinha pressa de continuar seu trabalho. Havia vários outros casos a julgar e a luz já se extinguia. Observei Holmes quando o levavam embora.

“Venha comigo, Watson!” disse Lestrade. “Apreste-se agora. Não temos muito tempo.”

Saí do tribunal principal atrás dele, desci um lance de escada e cheguei a uma área no subsolo que carecia de todo e qualquer conforto, onde até a pintura vagabunda estava em mau estado, e que poderia ter sido expressamente projetada para prisioneiros, para homens e mulheres que se despediam do mundo acima dali. Lestrade estivera ali antes, é claro. Ele me conduziu às pressas por um corredor até um cômodo de pé-direito alto, ladrilhado de branco com uma única janela e um banco que contornava todo o espaço. Esse banco era compartimentado por uma série de divisórias de madeira, de modo que qualquer um que se sentasse ali estaria isolado e incapaz de se comunicar com os que estivessem em qualquer dos lados.

Soube de imediato que aquela era a Sala de Espera dos Prisioneiros. Talvez Holmes tivesse sido mantido ali antes do julgamento.

Mal entramos, houve um movimento à porta e Holmes apareceu, escoltado por um policial de uniforme. Corri para ele e teria até lhe dado um abraço se não tivesse compreendido que, na visão dele, essa teria sido apenas mais uma indignidade acrescentada a tantas outras. Mesmo assim, minha voz embargou-se quando lhe falei. “Holmes! Não sei o que dizer. A injustiça da sua prisão, a maneira como você foi tratado... é mais do que se poderia imaginar.”

“É com certeza muito interessante”, retrucou ele. “Como vai você, Lestrade? Um estranho e inesperado desdobramento, não lhe parece? Que deduz dele?”

“Eu de fato não sei o que pensar, sr. Holmes”, murmurou Lestrade.

“Bem, nisso não há nenhuma novidade. Parece que nosso amigo Henderson nos armou uma linda esparrela, hein, Watson? Bem, não esqueçamos que, de certo modo, eu previa isso e apesar de tudo ele se provou útil para nós. Antes, eu suspeitava que tínhamos topado com uma conspiração que ia muito além de um assassinato num quarto de hotel. Agora tenho certeza disso.”

“Mas de que lhe adianta saber essas coisas se vai ficar preso e ter sua reputação destruída?” contestei.

“Creio que minha reputação cuidará de si mesma”, respondeu Holmes. “Se me enforcarem, Watson, deixo-lhe a tarefa de convencer seus leitores de que tudo não passou de um mal-entendido.”

“Pode brincar com tudo isso, sr. Holmes”, resmungou Lestrade. “Mas advirto-o de que temos muito pouco tempo. E as evidências contra o senhor parecem, numa palavra, incontestáveis.”

“Que deduz você das evidências, Watson?”

“Não sei o que dizer, Holmes. Esses homens não parecem se conhecer. Vêm de diferentes partes do país. No entanto, estão de completo acordo quanto ao que aconteceu.”

“Apesar disso, com certeza você dá mais crédito à minha palavra que à de nosso amigo Isaiah Creer, não é?”

“Claro.”

“Então permita-me dizer-lhe de uma vez que o que contei ao inspetor Harriman é a versão verdadeira dos acontecimentos. Quando entrei no antro

de ópio, Creer aproximou-se de mim e acolheu-me como um novo cliente – isto é, com um misto de cordialidade e desconfiança. Havia quatro homens deitados num estado de semiconsciência, ou fingindo isso, nos colchões e um deles era de fato lorde Horace Blackwater, embora, é claro, eu não o conhecesse naquele momento. Fingi sair para uma dosezinha de ópio e Creer insistiu que eu o seguisse até o escritório para fazer o pagamento ali. Não desejando levantar suas suspeitas, fiz o que ele pedia e mal transpus o vão da porta dois homens pularam sobre mim, agarrando-me o pescoço e imobilizando-me os braços. Um deles, Watson, nós conhecemos. Era Henderson em pessoa! O outro tinha a cabeça raspada e os ombros e os antebraços de um lutador, com a força compatível. Eu não conseguia me mexer. ‘Foi muita imprudência sua, sr. Holmes, interferir em coisas que não lhe diziam respeito, e muita imprudência acreditar que poderia enfrentar pessoas mais poderosas que o senhor mesmo’, disse Henderson, ou coisa que o valha. Ao mesmo tempo, Creer aproximou-se de mim segurando um frasquinho com um líquido malcheiroso. Era algum tipo de narcótico, e não houve nada que eu pudesse fazer quando ele me foi empurrado entre os lábios. Eles eram três, e eu só um. Não podia pegar minha arma. O efeito foi quase imediato. A sala girou e a força se esvaiu de minhas pernas. Eles me soltaram e caí no chão.”

“Que demônios!” exclamei.

“E depois?” perguntou Lestrade.

“Não me lembro de mais nada até que acordei com Watson do meu lado. A droga devia ser extremamente forte.”

“Tudo isso está muito bem, sr. Holmes. Mas como explica os testemunhos que ouvimos do dr. Ackland, de lorde Horace Blackwater e de meu colega Harriman?”

“Eles estão de conluio.”

“Mas por quê? Esses não são homens comuns.”

“De fato não. Se fossem comuns eu estaria mais propenso a acreditar neles. Mas não lhe parece estranho três espécimes tão notáveis emergirem da escuridão ao mesmo tempo?”

“O que eles disseram fazia sentido. Nem uma só palavra questionável foi pronunciada neste tribunal.”

“Não? Permita-me discordar de você, Lestrade, pois ouvi várias. Poderíamos começar com o bom dr. Ackland. Não lhe pareceu surpreendente

que, embora ele dissesse que estava escuro demais para que pudesse ver quem disparara o tiro, declarasse no mesmo fôlego que pôde ver fumaça saindo da arma? Ele deve ter um tipo singular de visão, esse dr. Ackland. Depois há o próprio Harriman. Talvez considere que vale a pena verificar se houve de fato o arrombamento de um banco na White Horse Road. Esse me pareceu um toque providencial.”

“Por quê?”

“Porque se eu fosse roubar um banco esperaria até a meia-noite, quando há um pouco menos de movimento nas ruas. Eu poderia também me dirigir para Mayfair, Kensington ou Belgravia – qualquer lugar cujos residentes poderiam ter depositado dinheiro suficiente para merecer ser roubado.”

“E quanto a Perkins?”

“O guarda Perkins foi a única testemunha honesta. Watson, eu me pergunto se eu poderia lhe dar o incômodo de...”

Mas antes que Holmes pudesse continuar Harriman apareceu no vão da porta, o semblante ameaçador. “Que diabo está acontecendo aqui?” perguntou. “Por que o prisioneiro não está a caminho de uma cela? Quem é o senhor?”

“Sou o inspetor Lestrade.”

“Lestrade! Eu o conheço. Mas este caso é meu. Por que está interferindo?”

“Sei muito bem quem é o sr. Sherlock Holmes...”

“Muitas pessoas sabem muito bem quem é o sr. Sherlock Holmes. Vai convidá-las todas a entrar para conhecê-lo?” Harriman virou-se para o policial que trouxera Holmes do tribunal e que estava de pé na sala, parecendo cada vez mais constrangido.

“Policial! Vou anotar seu nome e seu número e o senhor ouvirá mais sobre isto no devido tempo. Por enquanto, trate de escoltar o sr. Holmes até o pátio dos fundos, onde um furgão da polícia está à espera para levá-lo à sua próxima residência.”

“E onde fica ela?” perguntou Lestrade.”

O prisioneiro deverá ser mantido na Casa de Correção em Holloway.” Fiquei pálido ao ouvir isso, porque Londres inteira conhecia as condições que prevaleciam nessa soturna e imponente fortaleza. “Holmes!” eu disse. “Vou visitá-lo...”

“Lamento contradizê-lo, mas o sr. Holmes não receberá visitas até que minha investigação seja concluída.”

Não havia mais nada que Lestrade ou eu pudéssemos fazer. Holmes não tentou resistir. Permitiu que o policial o erguesse e o conduzisse para fora da sala. Harriman foi atrás e nós dois ficamos sós.

* O Tribunal Criminal Central da Inglaterra. (N.T.)

13. Veneno

TODOS OS JORNAIS haviam noticiado a morte de Sally Dixon e o julgamento subsequente. Ainda tenho um dos relatos diante de mim, os recortes agora frágeis como papel de seda, carcomidos pelo tempo.

Um crime de caráter grave e desprezível foi cometido duas noites atrás em Coppergate Square, situada perto do rio e de Limehouse Basin. Logo após a meia-noite, o policial Perkins, da Divisão H, que patrulhava a área, ouviu um tiro e correu até a fonte da perturbação. Chegou tarde demais para salvar a vítima, de dezesseis anos, criada de mesa numa taberna de Londres, que morava nas proximidades. Conjecturou-se que ela estava a caminho de casa e foi surpreendida por seu agressor que acabara de sair de um dos antros de ópio pelos quais essa área é notória. Esse homem foi identificado como sr. Sherlock Holmes, um detetive consultor, que foi posto de imediato sob custódia da polícia. Embora negasse qualquer conhecimento do crime, uma série de testemunhas altamente respeitáveis apareceu para testemunhar contra ele, entre as quais o dr. Thomas Ackland, do Westminster Hospital, e lorde Horace Blackwater, que cultivava mil acres de terra em Hallamshire. O sr. Holmes foi transferido agora para a Casa de Correção de Holloway, e todo esse deplorável incidente aponta com precisão, mais uma vez, para o flagelo das drogas em nossa sociedade e coloca em xeque a legalidade desses antros de vício onde elas podem ser livremente consumidas.

Nem preciso dizer que esta constituiu uma leitura extremamente desagradável à mesa do desjejum na segunda-feira seguinte à prisão de

Holmes. A notícia tinha também aspectos dos mais questionáveis. O Saco de Pregos ficava em Lambeth, então por que o repórter supusera estar a moça a caminho de casa? Era também curiosa a inexistência de qualquer menção à presença do próprio lorde Horace naquele “antro de vício”.

O fim de semana chegara e se fora, dois dias em que eu pouco pudera fazer a não ser me preocupar e aguardar notícias. Enviara roupas limpas para Holloway, mas não tinha certeza se Holmes as recebera. De Mycroft não ouvira nada, embora fosse impossível que as notícias nos jornais lhe tivessem escapado, além dos vários recados que eu enviara ao Diogenes Club. Não sabia se ficava indignado ou alarmado. Por um lado, sua falta de resposta parecia grosseira e quase petulante, pois, embora fosse verdade que seu conselho ia na direção diametralmente oposta ao curso de ação que tomáramos, por certo ele não teria hesitado em usar sua influência, dada a gravidade da situação do irmão. Mas então eu voltava a me lembrar de suas palavras – “não terei como ajudá-lo” – e ficava assombrado com o poder da Casa da Seda, fosse ela o que fosse, capaz de anular um homem cuja influência se estendia aos círculos mais centrais do governo.

Eu havia decidido ir andando até o clube e apresentar-me a ele em pessoa quando a campainha da porta soou e, após uma curta pausa, a sra. Hudson introduziu uma mulher deveras bonita, de luvas e vestida com elegância simples e charme. Eu estava tão absorto em meus pensamentos que levei alguns instantes para reconhecer a sra. Carstairs, a mulher do *marchand* de Wimbledon cuja visita à nossa sala desencadeara aqueles infelizes eventos. Com efeito, ao vê-la, pareceu-me difícil fazer a conexão necessária, isto é, escapava-me em absoluto como um bando de desordeiros irlandeses numa cidade americana, a destruição de quatro paisagens de John Constable e um tiroteio com um grupo de agentes da Pinkerton puderam nos levar àquele impasse. Eis, de fato, um paradoxo: por um lado, a descoberta do homem morto no Mrs. Oldmore’s Private Hotel havia sido a causa de tudo que acontecera, por outro parecia nada ter a ver com o ocorrido. Talvez fosse o escritor em mim vindo à tona, mas eu poderia ter dito que era como se duas de minhas narrativas tivessem de algum modo se embaralhado, e os personagens de uma aparecessem de maneira inesperada na outra. Daí minha sensação de confusão ao ver a sra. Carstairs. E ali estava ela, parada diante de mim, subitamente soluçando enquanto eu apenas a fitava como um tolo.

“Minha cara sra. Carstairs!” exclamei, levantando-me de um salto. “Por favor, não se aflija. Sente-se. Posso lhe servir um copo d’água?”

Ela estava incapaz de falar. Conduzi-a até uma cadeira e ela pegou um lenço, com o qual deu umas batidinhas nos olhos. Servi e levei-lhe um copo d'água, mas ela o recusou com um gesto. “Dr. Watson”, murmurou por fim. “Deve perdoar-me por vir aqui.”

“Em absoluto. É um prazer vê-la. Quando chegou, eu estava preocupado, mas posso lhe assegurar que terá minha plena atenção. Tem mais notícias de Ridgeway Hall?”

“Sim. Notícias horríveis. Mas o sr. Holmes não está em casa?”

“Não soube? Não viu os jornais?”

Ela sacudiu a cabeça. “Não me interessa pelas notícias. Meu marido não deixa.”

Pensei em lhe mostrar a matéria que acabava de ler, mas voltei atrás. “Sinto muito, mas o sr. Sherlock Holmes está indisposto”, disse eu. “E é provável que isso se estenda por algum tempo.”

“Então não há esperança. Não tenho mais ninguém a quem recorrer.” Ela baixou a cabeça. “Edmund não sabe que vim aqui hoje. Na verdade, aconselhou-me com veemência a não o fazer. Mas juro-lhe, vou enlouquecer, dr. Watson. Não haverá fim para esse pesadelo que veio de repente para destruir todas as nossas vidas?”

Ela começou a chorar de novo e fiquei sentado, impotente, até que por fim as lágrimas cessaram. “Talvez eu possa ajudar, se me contar o que a trouxe aqui”, sugeri.

“Vou lhe contar. Mas poderá o senhor me ajudar?” De repente ela se iluminou. “Mas é claro! O senhor é médico! Já procuramos médicos. Temos tido médicos entrando e saindo da casa. Mas talvez o senhor seja diferente. Vai entender.”

“Seu marido está doente?”

“Meu marido, não. Minha cunhada, Eliza. Lembra-se dela? Quando estive com ela pela primeira vez, já se queixava de dores de cabeça e diversos outros achaques, mas desde então seu estado agravou-se bruscamente. Agora Edmund pensa que a irmã pode estar morrendo e não há nada que ninguém possa fazer.”

“O que a fez pensar que poderia encontrar ajuda aqui?”

A sra. Carstairs endireitou-se na cadeira. Enxugou os olhos e de súbito me dei conta da força de espírito que notara a primeira vez que a vira. “Não há amor entre minha cunhada e mim”, disse. “Não vou fingir. Desde o

começo, Eliza me julgou uma aventureira, que mostrou as garras ao armar uma cilada para seu irmão quando ele estava no fundo do poço, uma caçadora de fortunas que teria feito planos apenas de olho na riqueza dele. Esqueça o fato de que vim para este país com bastante dinheiro meu. Esqueça que fui eu quem cuidei de Edmund, permitindo-lhe recobrar a saúde, a bordo do *Catalonia*. Ela e a mãe teriam me detestado, fosse eu quem fosse, e nunca me deram uma oportunidade. Edmund sempre lhes havia pertencido, o senhor há de entender – o irmão caçula, o filho devotado –, e elas não podiam suportar a ideia de vê-lo encontrar a felicidade com qualquer outra pessoa. Eliza me culpa até pela morte da mãe. É capaz de acreditar nisso? O que foi um trágico acidente doméstico – a chama se apagou em seu aquecedor a gás – transformou-se em sua mente num suicídio deliberado, como se a velha senhora tivesse preferido morrer a me ver como a nova dona da casa. De certo modo, são ambas loucas. Eu não ousaria dizer isto a Edmund, mas é verdade. Por que nunca puderam aceitar o fato de que ele me ama e se sentirem felizes por nós dois?”

“E essa nova doença...?”

“Eliza acredita que está sendo envenenada. Pior, insiste que sou eu a responsável. Não me pergunte como chegou a essa conclusão. É loucura, estou lhe dizendo!”

“Seu marido sabe disso?”

“Claro que sabe. Ela me acusou quando eu estava com eles na sala. Pobre Edmund! Nunca o vi tão confuso. Ele não soube o que responder – pois se tivesse tomado meu partido contra a irmã, sabe-se lá que consequência isso teria sobre seu estado mental. Ele ficou mortificado, mas assim que ficamos a sós correu para junto de mim e implorou o meu perdão. Eliza está doente, não há dúvida, e Edmund pensa que seus delírios são parte da doença, e talvez tenha razão. Ainda assim, a situação tornou-se quase intolerável para mim. Agora toda a comida dela é preparada separadamente na cozinha e levada direto ao seu quarto por Kirby, que toma o cuidado de nunca perdê-la de vista. Edmund compartilha o prato com ela. Finge estar lhe fazendo companhia, mas é claro que está agindo como nada menos que um daqueles antigos provadores de comida de Roma. Talvez eu deva ficar agradecida. Faz agora uma semana que ele come tudo que ela come e goza de perfeita saúde, ao passo que ela fica cada vez mais doente, de modo que, se estou adicionando doses elevadas de meimendro à sua dieta, é um perfeito mistério por que só ela é afetada.”

“E qual seria, na opinião dos médicos, a causa da doença dela?”

“Eles estão todos desconcertados. Primeiro pensaram que era diabetes, depois envenenamento do sangue. Agora temem o pior e a estão tratando para o cólera.” A sra. Carstairs baixou a cabeça e quando voltou a levantá-la tinha os olhos cheios de lágrimas. “Vou lhe contar uma coisa terrível, dr. Watson. Parte de mim quer que ela morra. Nunca desejei isso para outro ser humano, nem mesmo para o meu marido quando estava mais bêbado e violento. Mas de vez em quando me pego pensando que, se Eliza desaparecesse, pelo menos Edmund e eu seríamos deixados em paz. Ela parece decidida a nos separar.”

“Gostaria que eu fosse com a senhora até Wimbledon?” perguntei.

“Faria isso?” Seus olhos brilharam. “Edmund não queria que eu procurasse Sherlock Holmes. Havia duas razões para isso. No que lhe diz respeito, nada mais tem a tratar com seu colega. O homem de Boston que o seguia está morto e não parece haver mais nada a ser feito. E ele temia que, se levássemos um detetive para a casa, isso só convenceria Eliza de que ela tinha razão.”

“Ao passo que a senhora pensava...?”

“Eu tinha esperança de que o sr. Holmes provaria minha inocência.”

“Se isso contribuir para tranquilizá-la, terei prazer em acompanhá-la”, disse eu. “Devo adverti-la de que sou um simples clínico geral e minha experiência é limitada, mas minha longa colaboração com Sherlock Holmes deu-me um olho para o inusitado e é possível que eu perceba alguma coisa que escapou a seus outros conselheiros.”

“Tem certeza, dr. Watson? Eu ficaria tão agradecida. Por vezes ainda me sinto tão estrangeira neste país que é uma bênção ter alguém do meu lado.”

Partimos juntos. Eu não tinha nenhum desejo de deixar Baker Street, mas podia ver que nada tinha a ganhar ficando lá sentado e sozinho. Embora Lestrade estivesse atuando em meu favor, eu ainda não conseguira permissão para visitar Holmes em Holloway. Mycroft não chegaria ao Diogenes Club até a tarde. E, apesar do que a sra. Carstairs dissera, o mistério do homem de boina não fora nem de longe resolvido. Seria interessante ver Edmund Carstairs e sua irmã mais uma vez e, embora eu soubesse ser um substituto muito deficiente para o próprio Holmes, ainda era possível que visse ou ouvisse algo capaz de lançar um pouco de luz sobre o que estava acontecendo e acelerar a libertação de meu amigo.

A princípio Carstairs não ficou satisfeito por me ver quando me apresentei no vestíbulo de sua casa, com suas elegantes obras de arte e seu relógio de tique-taque suave. Ele estava prestes a sair para almoçar e meticulosamente vestido numa sobrecasaca, gravata de cetim cinza e sapatos bem-engraxados. Sua cartola e bengala estavam sobre uma mesa junto à porta. “Dr. Watson!” exclamou, virando-se para a mulher. “Pensei que havíamos combinado não recorrer aos serviços de Sherlock Holmes.”

“Não sou Holmes”, disse eu.”

E não é mesmo. Acabo de ler no jornal que o sr. Holmes tombou nas mais vergonhosas circunstâncias.”

“E o fez cuidando do caso que o senhor levou à sua porta.”

“Um caso agora já encerrado.”

“Ele não pensa assim.”

“Peço licença para discordar.”

“Vamos, Edmund”, interveio a sra. Carstairs. “O dr. Watson teve a bondade de viajar comigo de Londres até aqui. Ele concordou em ver Eliza e nos dar sua opinião.”

“Eliza já foi examinada por vários médicos.”

“E uma opinião a mais não pode fazer mal.” Ela pegou-lhe o braço. “Você não imagina o que tenho passado nestes últimos dias. Por favor, meu querido. Deixe-o vê-la. Isso pode ajudá-la, também, nem que seja apenas para ter mais alguém a quem se queixar.”

Carstairs acalmou-se. Afagou-lhe a mão. “Muito bem. Mas teremos de aguardar um pouco. Minha irmã acordou tarde esta manhã e ouvi-a enchendo a banheira. Elsie está com ela agora. Eliza só estará apresentável daqui a pelo menos trinta minutos.”

“Não me incomodo de esperar”, respondi. “Mas usarei esse tempo, se permitir, para examinar a cozinha. Se sua irmã persiste na crença de que estão adulterando sua comida, talvez se prove útil ver como ela é preparada.”

“É claro, dr. Watson. E deve perdoar minha rudeza de há pouco. Desejo sorte ao sr. Holmes e estou feliz em ver o senhor. É só que este pesadelo parece nunca ter fim. Primeiro Boston, depois minha pobre mãe, esse incidente no hotel, agora Eliza. Ontem mesmo adquiri um guache da escola de Rubens, um belo estudo de Moisés no mar Vermelho. Mas agora me

pergunto se não sou vítima de pragas tão terríveis quanto as que se abateram sobre os faraós.”

Descemos uma escada e entramos numa cozinha espaçosa e arejada, tão cheia de panelas e frigideiras, caldeirões fumegantes e tábuas de cortar que dava a impressão de estar em grande movimento, embora se visse muito pouca atividade. Havia três pessoas na peça. Uma delas eu reconheci. O criado, Kirby, que nos recebera pela primeira vez em Ridgeway Hall, estava sentado à mesa, passando manteiga num pedaço de pão para seu almoço. Uma mulher pequena e roliça, de cabelo avermelhado, achava-se de pé junto ao fogão, mexendo uma sopa, cujo aroma – carne bovina e legumes – impregnava o ar. A terceira pessoa era um jovem de olhar matreiro, sentado num canto, polindo os talheres com indolência. Embora Kirby tivesse se levantado assim que entramos, notei que o rapaz continuou onde estava, lançando um olhar sobre seu ombro como se fôssemos intrusos sem nenhum direito a perturbá-lo. Tinha o cabelo longo e louro, um rosto ligeiramente feminino e devia andar pelos dezoito ou dezenove anos. Lembrei que Carstairs contara a Holmes e a mim que a mulher de Kirby tinha um sobrinho, Patrick, que trabalhava na cozinha, e pensei que devia ser ele.

Carstairs apresentou-me. “Este é o dr. Watson, que está tentando identificar a causa da doença de minha irmã. Talvez ele tenha algumas perguntas a lhes fazer, e eu ficaria satisfeito se respondessem com toda a franqueza.”

Embora eu tivesse me insinuado na cozinha, estava na verdade inseguro quanto ao que dizer, mas comecei com a cozinheira, que parecia a mais receptiva dos três. “É a sra. Kirby?” perguntei.

“Sim, senhor.”

“E a senhora prepara toda a comida?”

“Tudo é preparado nesta cozinha, senhor, por mim e meu marido. Patrick descasca as batatas e ajuda com a louça, quando está disposto, mas toda a comida passa pelas minhas mãos, e se há alguma coisa envenenada nesta casa, dr. Watson, o senhor não a encontrará aqui. Minha cozinha é imaculada. Nós a esfregamos com ácido fênico e cal uma vez por mês. Pode entrar na despensa, se desejar. Tudo está em seu lugar, e nada que não seja fresco passa pela porta.”

“Perdão, senhor, mas não é a comida que causa a doença da srta. Carstairs”, murmurou Kirby com um olhar para o dono da casa. “O senhor e

a sra. Carstairs não comeram nada diferente do que ela comeu e estão ambos bem.”

“Se me perguntar, foi alguma coisa estranha que entrou nesta casa”, disse a sra. Kirby.

“O que quer dizer com isso, Margaret?” perguntou a sra. Carstairs.

“Não sei, senhora. Não quero dizer nada. Mas estamos todos preocupadíssimos por causa da pobre srta. Carstairs, e parece mesmo haver alguma coisa de errado com este lugar. Mas, seja o que for, minha consciência está limpa e eu faria minhas malas amanhã e iria embora se alguém sugerisse outra coisa.”

“Ninguém a está acusando, sra. Kirby.”

“Mas ela está certa. Há alguma coisa estranha nesta casa.” Era o ajudante de cozinha, falando pela primeira vez, e seu sotaque me fez lembrar que Carstairs nos contara que ele viera da Irlanda.

“Seu nome é Patrick, não?” perguntei.

“Isso mesmo, senhor.”

“E de onde é você?”

“De Belfast, senhor.”

Com certeza era uma coincidência, e mais nada, mas Rourke e Keelan O’Donaghue também eram de Belfast. “Há quanto tempo está aqui, Patrick?” perguntei.

“Dois anos. Cheguei pouco antes da sra. Carstairs.” E o rapaz sorriu, como se de uma piada que só ele entendesse.

Eu não tinha nada com isso, mas tudo no comportamento dele – a maneira como se sentava, encurvado em seu tamborete, e até seu jeito de falar – pareceu-me desrespeitoso e surpreendia-me que Carstairs lhe permitisse conduzir-se assim. Sua mulher era menos tolerante.

“Como se atreve a falar conosco dessa maneira, Patrick?” perguntou ela. “Se está insinuando alguma coisa, deve dizê-la. E se não estiver satisfeito aqui, deve ir embora.”

“Estou bastante satisfeito, sra. Carstairs, e não diria que há qualquer outro lugar para onde desejaria ir.”

“Que insolência! Edmund, não vai repreendê-lo?”

Carstairs hesitou, e nessa breve pausa ouviu-se um toque desafinado; Kirby olhou para a fileira de campainhas para chamar os criados na parede mais distante. “É a srta. Carstairs, senhor”, disse.

“Ela deve ter terminado seu banho”, disse Carstairs. “Podemos subir para vê-la. A menos que tenha mais alguma pergunta, dr. Watson?”

“Em absoluto”, respondi. As poucas perguntas que eu fizera haviam sido inúteis e de repente me senti desanimado, pois me ocorrera que, se Holmes estivesse presente, a esta altura provavelmente já teria desvendado todo o mistério. O que teria ele deduzido do ajudante irlandês e de sua relação com os outros? E o que teria visto ao percorrer o recinto com os olhos? “Você vê, Watson, mas não observa.” Ele dissera estas palavras muitas vezes e elas nunca me haviam parecido mais verdadeiras. A faca de cozinha pousada sobre a mesa, a sopa borbulhando na lareira, o par de faisões pendurado num gancho na despensa, Kirby olhando para baixo, sua mulher parada com as mãos sobre o avental, Patrick ainda sorrindo... teria tudo isso revelado a Holmes mais do que revelava a mim? Sem dúvida. Mostre a Holmes uma gota d’água e ele deduziria a existência do Atlântico. Mostre-a para mim, e eu procuraria uma torneira. Essa era a diferença entre nós.

Voltamos para cima e fizemos todo o caminho até o andar superior. Enquanto subíamos, passamos por uma mocinha, andando célere na outra direção com uma tigela e duas toalhas. Era Elsie, a copeira. Ela manteve a cabeça abaixada e não vi nada de seu rosto. Passou depressa por nós e desapareceu.

Carstairs deu uma batidinha na porta e entrou no quarto da irmã para ver se ela poderia me receber. Esperei do lado de fora com a sra. Carstairs. “Vou deixá-lo aqui, dr. Watson”, disse-me ela. “Se eu entrasse, isso só afligiria minha cunhada. Mas, por favor, deixe-me saber se perceber qualquer coisa que tenha relação com a doença dela.”

“É claro.”

“E muito obrigada de novo por ter vindo. Sinto-me tão aliviada por tê-lo como meu amigo.”

Ela se afastou no exato momento em que a porta se abriu e Carstairs convidou-me a entrar. Entrei numa ampla água-furtada, de mobília suntuosa; as janelas eram pequenas, as cortinas estavam semicerradas e um fogo ardia na lareira. Notei que uma segunda porta abria para um banheiro adjacente e que reinava um forte cheiro de sais de banho de lavanda no ar. Eliza Carstairs estava deitada na cama, apoiada em travesseiros e usando um xale. Pude ver de imediato que sua saúde se deteriorara rapidamente desde minha última visita. Ela tinha o ar atormentado, exausto, que eu tantas vezes observara em meus pacientes em estado mais grave, e, acima das arestas

pronunciadas que as maçãs de seu rosto haviam se tornado, seus olhos lançavam um olhar deplorável. Penteara o cabelo, mas ele ainda estava desgrenhado, espalhado em volta dos ombros. Suas mãos, pousadas diante dela sobre o lençol, poderiam ser as de uma mulher morta.

“Dr. Watson!” ela me cumprimentou, a voz raspando-lhe a garganta. “Por que veio me visitar?”

“Sua cunhada me pediu para vir, srta. Carstairs”, respondi.

“Minha cunhada quer me ver morta.”

“Não foi a impressão que me deu. Posso tomar-lhe o pulso?”

“Pode tomar o que desejar. Não tenho mais nada para dar. E quando eu tiver ido embora, acredite em mim, Edmund será o próximo.”

“Silêncio, Eliza! Não diga uma coisa dessas”, ralhou o irmão.

Segurei-lhe o pulso, acelerado demais, enquanto seu corpo tentava lutar contra a doença. Sua pele tinha um tom ligeiramente azulado que, junto com os outros sintomas que me haviam sido relatados, me fez perguntar a mim mesmo se os outros médicos estariam certos ao sugerir o cólera como a causa dessa doença. “Tem dores no abdome?” perguntei.

“Sim.”

“E nas articulações?”

“Posso sentir meus ossos apodrecendo.”

“A senhora está sendo tratada por médicos. Que remédios eles prescreveram?”

“Minha irmã está tomando láudano”, disse Carstairs.

“Tem se alimentado?”

“É a comida que está me matando!”

“Deveria tentar se alimentar, srta. Carstairs. Passar fome só a deixará mais fraca.” Soltei-a. “Não há muito mais que eu possa sugerir. A senhora poderia abrir as janelas para deixar o ar circular, e a limpeza, é claro, é de suma importância.”

“Tomo banho todos os dias.”

“Ajudaria trocar suas roupas e a roupa de cama todos os dias também. Mas, acima de tudo, a senhora deve comer. Visitei a cozinha e vi como as suas refeições são preparadas. Não tem nada a temer.”

“Estou sendo envenenada.”

“Se você está sendo envenenada, eu também estou!” exclamou Carstairs.
“Por favor, Eliza! Por que não é razoável?”

“Estou cansada.” A mulher doente tombou para trás, fechando os olhos.
“Agradeço-lhe a visita, dr. Watson. Abrir as janelas e trocar a roupa de cama! Posso ver que o senhor deve estar no pináculo de sua profissão!”

Carstairs conduziu-me até a porta e, na verdade, eu estava feliz por partir. Eliza Carstairs havia sido rude e desdenhosa na primeira vez em que nos encontramos, e a doença havia apenas exagerado esses aspectos do seu caráter. Nós dois nos despedimos à porta da frente. “Obrigado por sua visita, dr. Watson”, disse ele. “Compreendo as forças que impeliram minha querida Catherine à sua casa e tenho grande esperança de que o sr. Holmes vá ser capaz de se desvencilhar das dificuldades em que está envolvido.”

Trocamos um aperto de mãos. Eu estava prestes a partir quando me lembrei: “Só mais uma coisa, sr. Carstairs. Sua mulher sabe nadar?”

“Mas como? Que pergunta extraordinária! Por que deseja saber?”

“Tenho meus métodos...”

“Bem, na verdade Catherine é absolutamente incapaz de nadar. Chega a ter medo do mar e contou-me que não entrará na água em nenhuma circunstância.”

“Obrigado, sr. Carstairs.”

“Bom dia, dr. Watson.”

A porta se fechou. Eu havia recebido uma resposta para a pergunta que Holmes pusera em minha cabeça. Agora só me restava saber por que eu a fizera.

14. Rumor à escuridão

UM BILHETE DE MYCROFT me aguardava no retorno. Ele estaria no Diogenes Club cedo aquela tarde e me receberia com satisfação se eu quisesse visitá-lo por volta desse horário. Eu me sentia quase esgotado por minha viagem de ida e volta para Wimbledon, somando-se à atividade dos últimos dias... nunca podia fazer qualquer grande esforço sem ser lembrado dos ferimentos que sofrera no Afeganistão. Ainda assim, decidi sair de novo após um breve descanso porque tinha aguda consciência da provação que Sherlock Holmes devia estar suportando enquanto eu me encontrava em liberdade, e isso pesou mais que qualquer consideração pelo meu próprio bem-estar. Mycroft poderia não me dar uma segunda oportunidade de visitá-lo, pois era tão volúvel quanto corpulento, esvoaçando como uma enorme sombra pelos corredores do poder. A sra. Hudson servira um almoço que comi antes de adormecer em minha poltrona, e o céu já escurecia quando me pus a caminho e peguei um fiacre para Pall Mall.

Encontramo-nos de novo na Sala dos Visitantes, mas dessa vez as maneiras de Mycroft estavam mais secas e formais do que tinham sido quando eu estivera lá com Holmes. Ele começou sem nenhum gracejo. “Este é um assunto grave. Um assunto muito grave. Por que meu irmão pediu meu conselho se não estava disposto a segui-lo?”

“Creio que o que lhe pediu foi informação, não conselho”, contestei.

“Tem razão. Mas como só fui capaz de fornecer uma coisa e não a outra, ele teria feito bem dando ouvidos ao que eu tinha a dizer. Eu lhe disse que nada de bom sairia disso – mas esse é seu temperamento, desde muito jovem. Era impetuoso. Nossa mãe costumava dizer o mesmo e sempre temia que ele pudesse vir a se meter em perigo. Ah, se ela tivesse vivido para vê-lo estabelecido como detetive. Teria achado graça disso!”

“Pode ajudá-lo?”

“Já sabe a resposta para isso, dr. Watson, pois eu lhe disse em nosso último encontro. Não há nada que eu possa fazer.”

“O senhor o veria ser enforcado por assassinato?”

“As coisas não chegarão a esse ponto. Não podem chegar a esse ponto. Já estou trabalhando nos bastidores, e, embora esteja encontrando um nível surpreendente de interferência e ofuscação, ele é por demais conhecido por muita gente importante para que essa possibilidade se apresente.”

“Ele está sendo mantido em Holloway.”

“Foi o que soube, e sendo bem-tratado – pelo menos tão bem-tratado quanto aquele lugar sinistro permite.”

“O que pode me dizer sobre o inspetor Harriman?”

“Um bom policial, um homem íntegro, sem nenhuma mancha na folha de serviço.”

“E quanto às outras testemunhas?”

Mycroft fechou os olhos e levantou a cabeça como se saboreasse um bom vinho. Assim, deu-se uma pausa para pensar. “Sei o que está conjecturando, dr. Watson”, disse por fim. “E deve acreditar em mim quando digo que, apesar do comportamento imprudente de Sherlock, ainda defendo seus interesses e trabalho para compreender o que aconteceu. Já investiguei, a um considerável custo pessoal, os antecedentes tanto do dr. Thomas Ackland quanto de lorde Horace Blackwater, e lamento dizer-lhe que, até onde me foi dado ver, eles são inatacáveis, ambos de boas famílias, ambos solteiros, ambos ricos. Os dois não frequentam o mesmo clube. Não estudaram na mesma escola. Durante a maior parte de suas vidas, viveram separados por centenas de quilômetros. Afora a coincidência de estarem os dois em Limehouse na mesma hora da noite, não há nada que os conecte.”

“A menos que seja a Casa da Seda.”

“Isso mesmo.”

“E o senhor não me dirá o que ela é.”

“Não lhe direi porque não sei. Esta é precisamente a razão por que recomendei a Sherlock que se mantivesse fora disso. Se há alguma coisa, uma associação ou sociedade, no coração do governo que está sendo ocultada de mim, e que é tão secreta que a mera menção de seu nome fez com que eu fosse convocado no mesmo instante a certos gabinetes de Whitehall, então meu instinto é virar-me e olhar em outra direção, não publicar

anúncios idiotas na imprensa nacional! Eu disse a meu irmão tudo o que podia... na realidade, talvez mais do que deveria ter dito.”

“Então o que acontecerá? Vai permitir que ele seja levado a julgamento?”

“O que permito ou deixo de permitir nada tem a ver com o caso. Receio que esteja superestimando minha influência.” Mycroft tirou uma caixinha de casco de tartaruga do bolso do colete e aspirou uma pitada de rapé. “Posso ser o advogado dele; nada mais e nada menos. Posso falar em seu favor. Se de fato se tornar necessário, deporei como uma testemunha de caráter.” Devo ter parecido desapontado, porque Mycroft pôs a caixinha de lado, levantou-se e se aproximou de mim. “Não desanime, dr. Watson”, aconselhou. “Meu irmão é um homem de recursos consideráveis e mesmo nas atuais circunstâncias, em sua hora mais escura, ainda pode surpreendê-lo.”

“Irá visitá-lo?” perguntei

“Creio que não. Tal coisa o embaraçaria e me transtornaria sem nenhum proveito discernível. Mas o senhor deve lhe contar que me consultou e que estou fazendo o que posso.”

“Eles não me permitem vê-lo.”

“Solicite de novo amanhã. Vão acabar deixando-o entrar. Não têm motivos para não o fazer.” Acompanhou-me até a porta. “Meu irmão tem muita sorte por ter um aliado leal, além de cronista tão excelente”, observou.

“Espero não ter escrito sua última aventura.”

“Adeus, dr. Watson. Não gostaria de me ver obrigado a ser descortês com o senhor, por isso eu lhe ficaria muito agradecido se não voltasse a se comunicar comigo, exceto, é claro, nas mais urgentes circunstâncias. Desejo-lhe uma boa noite.”

Foi com o coração pesado que retornei a Baker Street, pois Mycroft havia sido menos útil do que eu esperara e eu me perguntava a que circunstâncias ele poderia estar se referindo, se as atuais já não fossem urgentes. Pelo menos ele poderia ter conseguido que eu fosse admitido em Holloway, de modo que o dia não tivesse sido de todo perdido, mas minha cabeça doía, meu braço e meu ombro latejavam e eu sabia estar prestes a exaurir as minhas forças. Meu dia, no entanto, ainda não terminara. Quando deixei o fiacre e dirigi-me à porta da frente que tão bem conhecia, vi meu caminho bloqueado por um homem baixo e sólido, de cabelo preto e sobretudo preto, que brotou da calçada na minha frente.

“Dr. Watson?” ele perguntou.

“Sim?”

Eu estava impaciente para seguir meu caminho, mas o homenzinho impôs-se diante de mim. “Posso lhe pedir que me acompanhe, doutor?”

“Por que razão?”

“Por uma razão relacionada a seu amigo, sr. Sherlock Holmes. Por que outra razão poderia ser?”

Examinei-o com mais atenção e o que vi não me encorajou. Pelo seu aspecto, eu o teria tomado por um artesão, talvez um alfaiate ou até um agente funerário, pois havia algo quase diligentemente pesaroso em seu semblante. Ele tinha sobrancelhas pesadas e um bigode que lhe caía sobre o lábio superior. Usava também luvas pretas e um chapéu-coco preto. Pelo modo como estava parado, quase na ponta dos pés, eu esperava que sacasse uma fita métrica a qualquer momento e tomasse minhas medidas. Mas para fazer o quê? Um terno novo ou um caixão?

“O que sabe o senhor sobre Holmes?” perguntei. “Que informação tem que não pode me dar aqui?”

“Não tenho absolutamente nenhuma informação, dr. Watson. Sou um mero agente, o mui humilde servidor, de alguém bem-informado, e foi essa pessoa que me enviou para lhe pedir que vá ao seu encontro.”

“Ao encontro de quem? Aonde?”

“Lamento não estar autorizado a responder.”

“Nesse caso, receio que esteja perdendo o seu tempo. Não estou com nenhuma disposição de voltar a sair hoje.”

“Não está compreendendo, senhor. O cavalheiro para quem trabalho não está pedindo a sua presença, mas exigindo-a. E, embora isso me parta o coração, devo lhe dizer que ele não está acostumado a ouvir recusas. De fato, seria um erro horrível. Eu poderia lhe pedir para baixar os olhos, senhor? Isto! Não se assuste. Está em perfeita segurança, eu lhe garanto. Agora, se tiver a bondade de vir por aqui...”

Eu dera um passo atrás, atônito, pois, ao fazer o que ele me pedira, percebi que havia um revólver apontado para o meu estômago. Se o sacara enquanto conversávamos, ou se o tivera na mão o tempo todo, eu não poderia dizer, mas foi como se o homem tivesse executado um desagradável truque de magia e a arma houvesse se materializado de repente. Sentia-se claramente à vontade com ela. A pessoa que nunca manuseou um revólver

segura-o de certa maneira, assim como aquela que já fez uso de um muitas vezes. Eu podia discernir facilmente a categoria a que meu atacante pertencia.

“O senhor não se atreveria a atirar em mim no meio da rua”, disse eu.

“Ao contrário, dr. Watson, estou instruído a fazer exatamente isso caso opte por me criar dificuldades. Mas sejamos francos um com o outro. Não desejo matá-lo, tanto quanto o senhor, tenho certeza, não deseja morrer. Talvez o ajude saber – dou-lhe minha palavra de honra nesse sentido – que não é nossa intenção molestá-lo de forma alguma, embora eu suponha passar uma impressão diferente no momento. Ainda assim, em breve tudo será esclarecido e o senhor compreenderá por que tais precauções são necessárias.”

Ele tinha uma maneira de falar extraordinária, ao mesmo tempo obsequiosa e extremamente ameaçadora. Gesticulava com a arma e observei uma carruagem preta parada ao lado com cavalos e um cocheiro a postos. Era um *four-wheeler* com janelas de vidro fosco, e perguntei a mim mesmo se o homem que pedia para me encontrar estava sentado lá dentro. Fui em sua direção e abri a portinhola. O interior estava vazio, os acessórios eram elegantes e luxuosos. “Até onde viajaremos? Minha senhoria me espera para o jantar.”

“Terá um jantar melhor no lugar para onde vamos. E quanto mais cedo entrar, mais cedo poderemos nos pôr a caminho.”

Teria ele de fato atirado em mim defronte de minha própria casa? Eu não tinha a menor dúvida de que sim. Havia nele algo de implacável. Ao mesmo tempo, se eu embarcasse naquela carruagem, poderia ser levado embora e nunca mais ser visto. E se ele tivesse sido enviado pelas mesmas pessoas que tinham matado Ross e a irmã e que haviam lidado com tanta astúcia com Holmes? Percebi que as paredes da carruagem eram forradas de seda – não branca, mas cinza-pérola. Ao mesmo tempo, lembrei-me de que o homem dissera representar alguém que tinha informação. Como quer que eu encarasse a situação, parecia-me não ter escolha. Entrei. O homem entrou atrás de mim, fechou a portinhola, e logo percebi a grande tolice que eu cometera. Havia suposto que o vidro opaco estava ali para evitar que eu visse o interior da carruagem, quando, obviamente, ele estava ali para me impedir de ver o exterior.

O homem instalara-se diante de mim, os cavalos foram fustigados e partimos. Eu não via nada a não ser o clarão dos lampiões a gás e foi assim

até eles desaparecerem quando deixamos a cidade, viajando, eu teria dito, para o norte. Uma manta fora posta no assento para mim e estendi-a sobre os joelhos, pois a noite, típica do mês de dezembro, tornara-se muito fria. Meu companheiro não dizia nada e parecia ter adormecido, a cabeça caída para frente e a arma frouxamente pousada no colo. Mas quando, uma hora depois, estendi a mão para tentar abrir a janela, perguntando a mim mesmo se poderia ver alguma coisa da paisagem que me dissesse onde eu estava, ele se retesou de súbito e sacudiu a cabeça, como se repreendesse um escolar travesso. “Realmente, dr. Watson, teria esperado mais do senhor. Meu patrão fez um grande esforço para não lhe revelar seu endereço. É um homem de temperamento muito recluso. Eu lhe pediria para manter suas mãos junto de si e as janelas fechadas.”

“Por quanto tempo vamos viajar?”

“Pelo tempo que for necessário.”

“O senhor tem um nome?”

“Sem dúvida tenho, senhor. Mas receio não estar autorizado a revelá-lo.”

“E o que pode me dizer sobre o homem que o emprega?”

“Eu poderia falar sobre este assunto até chegarmos ao Polo Norte, senhor. Meu patrão é uma pessoa extraordinária. Mas ele não gostaria disso. Quanto menos for dito, melhor.”

A viagem foi um martírio. Meu relógio mostrou que durou duas horas, mas nenhum sinal me permitiu saber a direção em que seguíamos ou a distância percorrida, já que poderíamos muito bem estar andando em círculos e nosso destino estar de fato muito perto. Uma ou duas vezes a carruagem mudou de direção e me vi tombar para o lado. A maior parte do tempo, as rodas pareciam estar girando sobre asfalto liso, mas às vezes eu sentia um solavanco e percebia que havíamos passado para uma estrada. Em certo ponto ouvi um trem a vapor passando acima de nós. Devíamos estar sob uma ponte. A não ser por isso, senti-me engolido pela escuridão que me cercava e acabei cochilando, pois quando dei por mim havíamos parado por completo e meu companheiro de viagem inclinava-se sobre mim, abrindo a porta.

“Vamos direto para a casa, dr. Watson”, disse ele. “Estas são minhas instruções. Por favor não se demore do lado de fora. É uma noite fria e inclemente. Se não entrar imediatamente, temo que isso possa significar a sua morte.”

Vislumbrei apenas uma casa enorme, pouco convidativa, a fachada coberta de hera, o jardim infestado de ervas daninhas. Poderíamos estar em Hampstead ou em Hampshire, pois o terreno era cercado por muros altos, com pesados portões de ferro batido que já se haviam fechado atrás de nós. O prédio propriamente dito me fez pensar numa abadia com janelas crenuladas, gárgulas e uma torre projetando-se acima do telhado. Todas as janelas do segundo andar estavam às escuras, mas havia lamparinas ardendo em alguns cômodos no térreo. Uma porta estava aberta sob o pórtico, mas não apareceu ninguém para me acolher, se é que um lugar como aquele podia em algum momento, mesmo na tarde mais ensolarada, ser descrito como acolhedor. Açodado por meu companheiro, entrei às pressas. Ele fechou a porta com força atrás de mim e a batida ecoou por corredores sombrios.

“Por aqui, senhor.” Ele pegara uma lamparina e eu o segui por uma galeria, passando por janelas de vitral, lambris de carvalho, pinturas tão escuras e desbotadas que, não fosse pelas molduras, eu talvez não as tivesse notado. Chegamos a uma porta. “Fique aqui. Vou anunciar sua chegada. Ele não demora. Não toque em nada. Não vá a lugar nenhum. Mostre comedimento!” E, após ter dado essas estranhas ordens, voltou pelo caminho por onde viéramos.

Eu estava numa biblioteca com um fogo de toras queimando numa lareira de pedra e velas dispostas sobre o aparador. Uma mesa redonda de madeira escura com várias cadeiras ocupava o centro da sala e mais velas ardiam ali. Havia duas janelas, ambas com pesadas cortinas, e apenas um tapete espesso forrava em parte o assoalho de madeira. A biblioteca devia conter várias centenas de volumes. As estantes iam do piso ao teto – uma distância considerável – e havia uma escada, sobre rodinhas, que percorria toda a sua extensão. Peguei uma vela e examinei algumas lombadas. Quem quer que fosse o dono da casa devia ser bem versado em francês, alemão e italiano, pois todas essas línguas eram tão evidentes quanto o inglês. Seus interesses abrangiam física, botânica, filosofia, geologia, história e matemática. Não havia obras de ficção, até onde pude ver. De fato, a seleção de livros me fazia pensar em Sherlock Holmes, pois parecia refletir seus gostos com muita precisão. Pela arquitetura da sala, a forma da lareira, o teto ornamentado, eu podia ver que a casa devia ter um estilo jamesiano. Obedecendo às instruções que me haviam sido dadas, sentei-me numa das cadeiras e estendi as mãos diante do fogo. Senti-me reconfortado pelo calor, pois, mesmo com a manta, o frio havia sido implacável durante a viagem.

Havia uma segunda porta na sala, em frente àquela por onde eu entrara, e esta se abriu de súbito para revelar um homem tão alto e magro que parecia fora de proporção com a moldura que o cercava e talvez tivesse até precisado se curvar para entrar. Usava calças escuras, chinelas turcas e um *smoking-jacket* de veludo. Quando entrou, vi que era quase calvo, com uma testa alta e olhos profundos e encovados. Movia-se devagar e tinha os braços, que pareciam varas, dobrados sobre o peito, presos um ao outro como se o estivessem mantendo coeso. Percebi que a biblioteca se comunicava com um laboratório químico e que era ali que ele estivera se ocupando enquanto eu esperava. Atrás dele, vi uma mesa comprida, atulhada de tubos de ensaio, retortas, frascos, garrações e bicos de Bunsen sibilando. O próprio homem cheirava fortemente a substâncias químicas e, embora eu estivesse curioso acerca da natureza de seus experimentos, achei melhor não perguntar.

“Dr. Watson”, disse ele. “Devo pedir desculpas por mantê-lo esperando. Um assunto delicado exigia a minha atenção, mas creio tê-lo levado agora a uma conclusão frutífera. Ofereceram-lhe vinho? Underwood, embora zeloso de seus deveres como sem dúvida é, não pode ser descrito como o mais atencioso dos homens. É lamentável que, em minha linha de trabalho, não possamos ser exigentes na escolha. Espero que ele tenha cuidado bem do senhor na longa viagem até aqui.”

“Não me disse nem o nome dele.”

“Isso não surpreende muito. Não pretendo lhe dizer o meu. Mas já está tarde e temos negócios a tratar. Espero que jante comigo.”

“Não é meu hábito jantar com homens que se recusam até a se apresentar.”

“Talvez não. Mas eu lhe pediria que considerasse isto: qualquer coisa pode lhe acontecer nesta casa. Dizer que está inteiramente em meu poder talvez soe tolo e melodramático, mas é a pura verdade. O senhor não sabe onde está. Ninguém o viu entrar aqui. Se nunca saísse, o mundo de nada ficaria sabendo. Portanto eu sugeriria que, das opções abertas para o senhor, um jantar agradável pode ser a preferível. A comida é frugal, mas o vinho é bom. A mesa está posta na sala ao lado. Por favor, venha por aqui.”

Ele me conduziu de volta ao corredor e fomos até uma sala de jantar que devia ocupar uma ala quase inteira da casa, com um balcão para menestréis numa extremidade e uma enorme lareira na outra. Uma mesa de refeições estendia-se por toda a distância entre uma coisa e outra, com lugares

suficientes para trinta pessoas, e era fácil imaginá-la em tempos idos, com família e amigos reunidos em volta, a música tocando, um fogo crepitando e uma interminável sucessão de pratos sendo carregados para cá e para lá. Mas naquela noite ela estava vazia. Uma única lâmpada protegida por um abajur projetava uma poça de luz sobre algumas carnes frias fatiadas, pão e uma garrafa de vinho. Parecia que o dono da casa e eu comeríamos sozinhos, cercados pelas sombras, e tomei meu lugar com uma sensação de opressão e pouco apetite. Ele se sentou à cabeceira da mesa, os ombros encurvados e a cabeça enterrada entre eles, numa cadeira que parecia mal-projetada para uma constituição física desajeitada como a sua.

“Muitas vezes desejei conhecê-lo, dr. Watson”, começou meu anfitrião enquanto se servia. “Talvez o surpreenda saber que sou um grande admirador seu e tenho todas as suas crônicas.” Ele trouxera consigo um exemplar da *Cornhill Magazine* e o abriu sobre a mesa. “Acabei esta agora mesmo, ‘As Faias Acobreadas’, e pareceu-me muito bem-feita.” Apesar das estranhas circunstâncias da noite, não pude me impedir de sentir certa satisfação, pois a maneira como essa história se desdobrara fora particularmente do meu agrado. “O destino da srta. Violet Hunter não teve nenhum interesse para mim”, continuou ele. “E Jephro Rucastle era sem dúvida um brutamonte da pior espécie. Parece-me notável que a moça possa ter sido tão crédula. Mas, como sempre, fiquei mais interessado em sua descrição do sr. Sherlock Holmes e seus métodos. Uma pena que não tenha exposto as sete explicações diferentes do crime que ele mencionou para o senhor. Isso teria sido muito perspicaz. Mesmo assim, porém, revelou ao público o funcionamento de uma grande mente e todos lhe deveríamos ser gratos por isso. Um pouco de vinho?”

“Obrigado.”

Ele serviu dois copos e continuou. “É uma pena que Holmes não se dedique exclusivamente a esse tipo de delito, isto é, crimes domésticos em que os motivos são insignificantes e as vítimas não têm nenhuma importância. Rucastle não foi nem mesmo preso por sua participação no caso, embora tenha ficado bastante desfigurado, não é?”

“Horivelmente.”

“Talvez isso seja punição suficiente. É quando volta sua atenção para questões mais amplas, para empresas organizadas por pessoas como eu mesmo, que seu amigo passa do ponto e se torna uma amofinação. Temo que nos últimos tempos ele tenha feito precisamente isso, e se for adiante é bem

possível que nós dois precisemos nos encontrar, o que, posso lhe assegurar, não seria de maneira alguma proveitoso para ele.”

Havia em sua voz uma rispidez que me fez estremecer. “O senhor não me disse quem é”, observei. “Poderia explicar o que faz?”

“Sou um matemático, dr. Watson. Não me lisonjeio quando digo que meu trabalho sobre o Teorema Binomial é estudado na maioria das universidades da Europa. Sou também o que o senhor por certo chamaria de criminoso, embora eu goste de pensar que transformei o crime numa ciência. Tento não sujar minhas próprias mãos. Deixo isso para gente da espécie de Underwood. O senhor poderia dizer que sou um pensador abstrato. O crime em sua forma mais pura é, afinal de contas, uma abstração, como a música. Eu reajo. Outros executam.”

“E o que quer comigo? Por que me trouxe aqui?”

“Além do prazer de conhecê-lo? Desejo ajudá-lo. Mais precisamente, e surpreende a mim mesmo ouvir-me dizer isto, desejo ajudar o sr. Sherlock Holmes. Foi uma grande pena que ele não tenha prestado atenção em mim dois meses atrás, quando lhe enviei certa lembrança, estimulando-o a examinar o assunto que agora lhe causou tamanho desgosto. Talvez eu devesse ter sido um pouco mais direto.”

“O que foi que lhe enviou?” perguntei, mas já sabia.

“Um pedaço de fita branca.”

“O senhor é parte da Casa da Seda!”

“Nada tenho a ver com isso!” Pela primeira vez sua voz soou irritada.

“Não me decepcione, por favor, com seus tolos silogismos. Guarde-os para seus livros.”

“Mas sabe o que é isso.”

“Sei tudo. Qualquer ato de perversidade que acontece neste país, não importa se grande ou pequeno, é trazido à minha atenção. Tenho agentes em todas as cidades, em todas as ruas. Eles são os meus olhos. Nunca chegam sequer a piscar.” Esperei que continuasse, mas quando o fez, foi em outra linha. “O senhor deve me fazer uma promessa, dr. Watson. Deve jurar por tudo quanto lhe seja mais sagrado que nunca falará com Holmes, ou com qualquer outra pessoa, sobre este encontro. Nunca deve escrever sobre ele. Nunca deve mencioná-lo. Se algum dia ficar sabendo o meu nome, deve fingir que o ouviu pela primeira vez e que ele nada significa para o senhor.”

“Como sabe que vou cumprir tal promessa?”

“Sei que é um homem de palavra.”

“E se eu recusar?”

Ele suspirou. “Permita-me dizer-lhe agora que a vida de Holmes está em grande perigo. Mais do que isto, ele poderá estar morto dentro de quarenta e oito horas, a menos que faça o que lhe peço. Só eu posso ajudá-lo, mas só o farei nos meus termos.”

“Nesse caso, concordo.”

“Jura?”

“Sim.”

“Pelo quê?”

“Pelo meu casamento.”

“Não é bom o suficiente.”

“Pela minha amizade com Holmes.”

Ele fez um sinal de assentimento. “Agora estamos nos entendendo.”

“Então o que é a Casa da Seda? Onde a encontrarei?”

“Não posso lhe contar. Gostaria de poder, mas creio que Holmes terá de descobrir isso por si mesmo. Por quê? Bem, em primeiro lugar porque sei que ele é capaz e para mim será interessante estudar seus métodos, vê-lo em ação. Quanto mais o conheço, mais formidável ele se torna. Mas há também uma questão de princípio mais ampla em jogo. Admiti para o senhor que sou um criminoso, mas o que significa isso ao certo? Apenas que há certas regras que governam a sociedade, mas que me parecem um estorvo e por isso prefiro ignorá-las. Encontrei banqueiros e advogados perfeitamente respeitáveis que diriam a mesmíssima coisa. É tudo uma questão de grau. Mas não sou um animal, dr. Watson. Não assassino crianças. Considero-me um homem civilizado e há outras regras que são, a meu ver, invioláveis.

“Sendo assim, o que faz um homem como eu quando depara com um grupo de pessoas cujo comportamento – cuja criminalidade – lhe parece além do limite aceitável? Eu poderia ter contado à polícia. Lamentavelmente, um ato como esse causaria um considerável dano à minha reputação entre muitas das pessoas que emprego e cujos princípios são menos elevados que os meus. Existe uma espécie de código criminal, e muitos criminosos que conheço o levam muito a sério. Na verdade, tendo a concordar com eles. Que direito tenho eu de julgar meus companheiros criminosos? Eu por certo não esperaria ser julgado por eles.”

“O senhor encaminhou Holmes para uma pista.”

“Fui movido por um impulso, o que é muito inusitado em mim e mostra o quanto eu tinha ficado aborrecido. Mesmo assim, foi uma solução de compromisso, o mínimo que eu podia fazer nas circunstâncias. Se eu o instigasse à ação, poderia me consolar com o pensamento de que eu fizera muito pouco e não podia de fato ser censurado. Se, por outro lado, ele escolhesse ignorar aquilo, nenhum mal fora feito, e minha consciência estava limpa. Isto dito, o senhor não faz ideia do quanto lamentei que ele tenha escolhido o segundo curso de ação – ou inação, eu deveria dizer. É minha crença sincera que o mundo seria um lugar muito melhor sem a Casa da Seda. Ainda tenho a esperança de que isso venha a ocorrer. Foi por isso que o convidei a vir aqui esta noite.”

“Se não pode me dar informação, o que pode me dar?”

“Posso lhe dar isto.” Empurrou uma coisa por sobre a mesa na minha direção. Abaixei os olhos e vi uma pequena chave de metal.” O que é isto?”

“A chave da cela dele.”

“O quê?” Quase ri alto. “Acha que Holmes pode fugir? Essa é sua grande ideia? Quer que eu o ajude a escapar de Holloway?”

“Não sei por que a ideia lhe parece tão engraçada, dr. Watson. Permita-me assegurar-lhe que não há alternativa possível.”

“Há o tribunal legista. A verdade virá à tona.”

Sua fisionomia crispou-se. “O senhor ainda não tem a menor ideia do tipo de pessoas que está enfrentando, e começo a perguntar a mim mesmo se não estou perdendo o meu tempo. Permita-me deixar isto claro: Sherlock Holmes nunca sairá vivo da Casa de Correção. O tribunal legista foi marcado para a próxima quinta-feira, mas Holmes não estará lá. Seus inimigos não o permitirão. Eles planejam matá-lo enquanto está na cadeia.”

Eu estava horrorizado. “Como?”

“Não posso lhe dizer. Envenenamento ou estrangulamento seriam os métodos mais fáceis, mas há centenas de acidentes que eles poderiam arranjar. Sem dúvida encontrarão uma maneira de fazer a morte parecer natural. Mas acredite em mim. A ordem já foi dada. O tempo está se escoando.”

Peguei a chave. “Como conseguiu isto?”

“Isso não tem nenhuma importância.”

“Então me diga como posso chegar até ele. Não me deixarão vê-lo.”
“Cabe ao senhor arranjar isso. Não há mais nada que eu possa fazer sem

revelar meu papel nisso. O senhor tem o inspetor Lestrade a seu lado. Fale com ele.” Levantou-se de repente, empurrando sua cadeira para longe da mesa. “Não há mais nada a ser dito, creio. Quanto mais cedo o senhor voltar a Baker Street, mais cedo poderá começar a considerar o que deve ser feito.” Relaxou um pouco. “Acrescentarei apenas isto: o senhor não faz ideia do imenso prazer que tive em conhecê-lo. Na verdade, invejo verdadeiramente Holmes por ter um biógrafo tão leal a seu lado. Também eu tenho histórias de considerável interesse para compartilhar com o público e pergunto a mim mesmo se poderia um dia solicitar os seus serviços. Não? Bem, foi uma ideia vã. Mas, este encontro à parte, é sempre possível que eu venha a figurar como um personagem em uma de suas narrativas. Espero que me faça justiça.”

Estas foram as últimas palavras que ele me disse. Talvez tivesse dado um sinal com algum dispositivo oculto, pois nesse momento uma porta se abriu e Underwood apareceu. Esvaziei meu copo, pois precisava do vinho para me fortalecer para a viagem. Em seguida, pegando a chave, levantei-me. “Obrigado”, disse. Ele não respondeu. À porta, dei uma olhada para trás. Meu anfitrião estava sentado sozinho à cabeceira daquela enorme mesa, destrinchando sua comida à luz de velas. Então a porta se fechou. E afora um breve relance na Victoria Station, um ano depois, nunca mais o vi.

15. A Prisão de Holloway

MEU RETORNO A LONDRES FOI, sob alguns aspectos, uma provação ainda pior que a viagem de ida. Naquela ocasião eu me vira como pouco mais que um prisioneiro, nas mãos de pessoas que muito possivelmente queriam me fazer mal, sendo transportado para um destino desconhecido numa viagem que poderia ter durado metade da noite. Agora, eu sabia estar voltando para casa e tinha apenas poucas horas a suportar, mas foi-me impossível encontrar algum tipo de paz de espírito. Holmes seria assassinado! As forças misteriosas que haviam conspirado para que ele fosse detido ainda não estavam satisfeitas, e só sua morte seria suficiente. Eu pressionava a chave de metal que me fora dada com tanta força em minha mão que poderia ter feito uma duplicata com a impressão sulcada em minha pele. Meu único pensamento era chegar a Holloway, avisar Holmes do que estava sendo urdido e colaborar para sua pronta saída daquele lugar. No entanto, como chegar até ele? O inspetor Harriman já havia deixado claro que faria tudo ao seu alcance para nos manter afastados um do outro. Por outro lado, Mycroft dissera que eu poderia recorrer a ele de novo “nas mais urgentes circunstâncias”, o que era sem dúvida o caso. Mas até onde exatamente sua influência se estenderia, e, quando ele conseguisse me fazer entrar na Casa de Correção, não seria tarde demais?

Com estes pensamentos turbilhonando em minha mente, e sem nada além do silencioso Underwood olhando-me de soslaio do assento em frente ao meu e da escuridão do outro lado das janelas foscas, a viagem pareceu estender-se para sempre. Pior ainda, parte de mim sabia que eu estava sendo enganado. A carruagem estava sem dúvida andando em círculos, de modo a exagerar de propósito a distância entre Baker Street e a estranha mansão onde eu fora convidado a jantar. Em especial, era exasperante refletir que, se estivesse em meu lugar, Holmes teria registrado todos os diferentes elementos – o carrilhão de um sino de igreja, o apito de uma locomotiva, o cheiro de água estagnada, as diferentes superfícies sob as rodas, até a

direção do vento que fustigava as janelas – e, ao fim de nossa viagem, traçado um mapa detalhado dela. Mas eu com certeza não estava à altura do desafio e pude apenas esperar pelo clarão dos lampiões de gás que me certificou de que estávamos de volta à cidade e, talvez meia hora depois, pelo passo mais lento dos cavalos e o solavanco da parada final que assinalaram que chegáramos ao fim da viagem. De fato, Underwood abriu a porta e lá, do outro lado da rua, estava minha morada tão familiar.

“São e salvo em casa, dr. Watson”, disse ele. “Peço desculpas mais uma vez pelo incômodo.”

“Não o esquecerei com facilidade, sr. Underwood”, respondi.

Ele alçou as sobrancelhas. “Meu patrão lhe disse meu nome? Que curioso.”

“Talvez o senhor queira me dizer o dele.”

“Oh não, senhor. Admito que não passo de um pontinho numa tela. Embora minha vida tenha pouca significação se comparada à grandeza dele, ainda assim tenho apego a ela e gostaria que durasse um pouco mais. Desejo-lhe uma boa noite.”

Desci. Ele fez um sinal para o cocheiro, vi a carruagem partir com estrépito e tratei de entrar em casa depressa.

Mas não haveria descanso para mim naquela noite. Eu já começara a formular um plano para fazer a chave chegar em segurança às mãos de Holmes, junto com uma mensagem alertando-o para o perigo em que se encontrava, mesmo que, como eu temia, não me fosse permitido visitá-lo em pessoa. Já concluíra que uma carta franca não funcionaria. Nossos inimigos estavam por toda parte e era grande a chance de que a interceptassem. Se descobrissem que eu tinha conhecimento de suas intenções, isso poderia estimulá-los a desferir seu golpe mais cedo ainda. Mesmo assim, porém, eu podia lhe enviar uma mensagem – e precisaria de algum tipo de código. A questão era: como indicar que ela tinha de ser decifrada? Havia também a chave. Como fazê-la chegar às suas mãos? Correndo então os olhos pela sala, deparei com a resposta: aquele mesmo volume que Holmes e eu estivéramos discutindo apenas alguns dias antes, *O martírio do homem*, de Winwood Reade. O que podia ser mais natural do que mandar a meu amigo algo para ler enquanto estava confinado? O que poderia parecer mais inocente?

O volume tinha uma capa de couro e era bastante grosso. Examinando-o, vi que seria possível introduzir a chave no espaço entre a lombada e as folhas do livro. Fiz isso e, pegando a vela, derramei com cuidado cera derretida nas duas extremidades, colando a chave no lugar. O livro ainda se abria normalmente e nada sugeria ter sido submetido a alguma alteração. Pegando minha caneta, escrevi então o nome, Sherlock Holmes, no frontispício e, abaixo do nome, um endereço: Baker Street, 122B. Para um observador distraído, não pareceria haver nada de errado, mas Holmes reconheceria a minha letra de imediato e veria que o número de nossa casa fora invertido. Por fim, fui até a página 122 e, usando um lápis, pus uma série de minúsculos pontinhos, quase invisíveis a olho nu, sob certas letras no texto, de modo que uma nova mensagem pudesse ser lida: VOCÊ CORRE GRANDE PERIGO. PLANEJAM MATÁ-LO. USE CHAVE PARA CELA. ESTOU ESPERANDO. JW.

Satisfeito com meu trabalho, fui por fim para a cama e mergulhei num sono agitado, perpassado pelas imagens da menina, Sally, caída na rua esvaindo-se em sangue, de um pedaço de fita branca em torno do pulso de um menino morto e de um homem de testa alta, assomando diante de mim do outro lado de uma mesa de jantar.

Acordei cedo no dia seguinte e enviei uma mensagem para Lestrade, insistindo mais uma vez que me ajudasse a conseguir autorização para visitar Holloway, a despeito do que o inspetor Harriman tivesse a dizer. Para minha surpresa, recebi uma resposta informando-me que poderia entrar na prisão às três horas naquela tarde, que Harriman havia concluído sua investigação preliminar e que o tribunal legista de fato se reuniria na quinta-feira, dali a dois dias. Numa primeira leitura, estas me pareceram ser boas notícias. Mas depois me ocorreu uma explicação mais sinistra. Se Harriman era parte da conspiração, como Holmes acreditava e como tudo em suas maneiras e até em sua aparência sugeria, era bem possível que ele tivesse me dado passagem por uma razão muito diferente. Meu anfitrião da noite anterior insistira que nunca seria permitido a Holmes passar por um julgamento. E se os assassinos estivessem se preparando para atacar? Poderia Harriman saber que já era tarde demais?

Mal pude me conter durante toda a manhã e deixei Baker Street bem antes da hora marcada, chegando a Camden Road quando os relógios ainda não tinham sequer batido a meia hora. O cocheiro parou diante do portão externo e, apesar de meus protestos, partiu a toda pressa, deixando-me no ar

frio e enevoado. Mas, afinal de contas, eu não podia culpá-lo. Aquele era um lugar em que nenhuma alma cristã teria escolhido se demorar.

A prisão tinha um estilo gótico; à primeira vista parecia um castelo amplo e ameaçador, talvez algo saído de um conto de fadas escrito para uma criança má. Feito em pedras de Kent, consistia de uma série de torreões e chaminés, mastros de bandeiras e muros ameados, com uma única torre elevando-se acima de tudo isso e parecendo desaparecer nas nuvens. Um caminho tosco e enlameado levava à entrada principal, que era um enorme portão levadiço de madeira e aço emoldurado por umas poucas árvores nuas e murchas dos dois lados. Um muro de tijolos, de pelo menos quatro metros e meio de altura, cercava todo o complexo, mas acima dele eu podia divisar uma das alas, com duas linhas de janelas pequenas, gradeadas, cuja rígida uniformidade indicava de alguma maneira o vazio e a miséria da vida ali dentro. A prisão fora construída ao pé de um morro e, olhando além dela, era possível avistar os pastos e encostas agradáveis que subiam até Highgate. Mas isso era um outro mundo, como se o pano de fundo errado tivesse sido baixado por acidente sobre o palco. A Prisão de Holloway erguia-se no local de um antigo cemitério, e o bafejo da morte e da deterioração ainda se agarrava ao lugar, arruinando os que estavam dentro e advertindo os que estavam fora de que deviam se manter à distância.

Impossível ficar mais de trinta minutos naquela luz sinistra, com meu hálito congelando e o frio que me penetrava os pés espalhando-se corpo acima. Por fim avancei, apertando o livro com a chave escondida na lombada, e quando entrei na prisão ocorreu-me que, caso eu fosse descoberto, aquele lugar horrendo poderia por certo tornar-se o meu lar. Creio ser verdade admitir que infringi a lei pelo menos três vezes na companhia de Sherlock Holmes, sempre pelas melhores razões, mas esse foi o ponto alto de minha carreira criminosa. Por estranho que fosse, eu não estava nem um pouco nervoso. Não me ocorria que alguma coisa poderia dar errado. Todos os meus pensamentos estavam concentrados na perigosa situação de meu amigo.

Bati a uma porta pouco visível situada ao lado do portão externo e ela foi aberta quase de imediato por um jovem policial surpreendentemente despachado e até jovial, trajando túnica e calças azul-marinho e com um molho de chaves pendurado num largo cinturão de couro. “Entre, senhor. Entre. Está mais agradável aqui dentro do que aí fora, e não são muitos os dias em que podemos dizer *isso* com alguma verdade.” Vi-o trancar a porta

atrás de nós e depois o segui através de um pátio até um segundo portão, menor, mas não menos sólido que o primeiro. Eu já estava consciente de um lúgubre silêncio dentro da prisão. Uma gralha preta, hirsuta, empoleirava-se no galho de uma árvore, mas não havia nenhum outro sinal de vida. A luz declinava rapidamente, mas nenhuma lâmpada fora acesa ainda, e eu tinha uma sensação de sombras dentro de sombras, de um mundo praticamente sem cor.

Percorremos um corredor com uma porta aberta em um dos lados, e foi por ela que fui conduzido, entrando numa saleta com uma escrivaninha, duas cadeiras e uma única janela que dava para um muro de tijolos. De um lado ficava um armário com talvez cinquenta chaves penduradas em ganchos. Um grande relógio me encarava, e percebi que o ponteiro dos segundos movia-se pesadamente, fazendo uma pausa entre um movimento e outro, como se para enfatizar a lenta passagem do tempo para todos que tomavam aquele caminho. Um homem estava sentado sob ele. Estava vestido tal como o policial que me recebera, mas seu uniforme tinha alguns enfeites dourados no boné e nos ombros, indicando um posto mais elevado. Era idoso, com cabelo grisalho cortado curto e olhos cinza-azulados. Ao me ver, levantou-se depressa e saiu de detrás da escrivaninha.

“Dr. Watson?”

“Sim.”

“Meu nome é Hawkins. Sou o carcereiro-chefe. Veio ver o sr. Sherlock Holmes?”

“Sim.” Pronunciei a palavra com um súbito sentimento de pavor.

“Lamento ter de informá-lo que ele se sentiu mal esta manhã. Posso lhe assegurar que fizemos tudo que está a nosso alcance para acomodá-lo de uma maneira apropriada a um homem de sua distinção, apesar do grave crime de que é acusado. Ele foi mantido afastado dos demais prisioneiros. Visitei-o pessoalmente em várias ocasiões e tive o prazer de conversar com ele. Sua doença manifestou-se de súbito e ele recebeu tratamento de imediato.”

“O que há de errado com ele?”

“Não tenho ideia. Ele almoçou às onze horas e logo depois tocou a campainha pedindo ajuda. Meus policiais o encontraram enrolado sobre si mesmo na cela com dores evidentes.”

Senti um tremor gelado no fundo de meu coração. Aquilo era exatamente o que eu estivera temendo. “Onde está ele agora?” perguntei.

“Está na enfermaria. Nosso oficial médico, dr. Trevelyan, tem vários quartos privados que reserva para casos críticos. Após examinar o sr. Holmes, insistiu em transferi-lo para um deles.”

“Preciso vê-lo agora mesmo”, disse eu. “Eu sou médico...”

“É claro, dr. Watson. Eu estava à sua espera para conduzi-lo até lá.”

Mas, antes que pudéssemos partir, algo se moveu atrás de nós e um homem que eu conhecia muito bem apareceu, bloqueando o nosso caminho. Se o inspetor Harriman havia sido informado da novidade, não parecia surpreendido por ela. Para ser franco, parecia relaxado, encostado na moldura da porta, parecendo hipnotizado pelo anel de ouro de seu dedo médio. Vestia preto como sempre e carregava uma bengala igualmente preta. “Então o que está se passando aqui, Hawkins?” perguntou. “Sherlock Holmes está doente?”

“Gravemente doente”, Hawkins declarou.

Estou desolado por saber disso!” Harriman empertigou-se. “Tem certeza de que ele não o ludibriou? Quando o vi esta manhã, encontrava-se em perfeita saúde.”

“Tanto meu oficial médico quanto eu o examinamos e asseguro-lhe, senhor, que sofreu um sério ataque. Estávamos justamente de saída para vê-lo.”

“Nesse caso eu os acompanho.”

“Devo protestar...”

“O sr. Holmes é meu prisioneiro e objeto de minha investigação. O senhor pode protestar à vontade, mas as coisas serão feitas à minha maneira.” Sorriu com maldade. Hawkins lançou-me um olhar e pude ver que, por mais decente que fosse, não ousava discutir.

Nós três nos pusemos a caminho pelas profundezas da prisão. Meu estado de espírito era tal que pouco me lembro dos detalhes, embora minhas impressões gerais fossem de lajes pesadas, portões que rangiam e se entrechocavam ao ser destrancados e trancados atrás de nós, janelas nuas, pequenas demais e altas demais para proporcionar alguma vista, e portas... inúmeras e sucessivas portas, todas idênticas, todas lacrando alguma faceta da miséria humana. A prisão era surpreendentemente quente e tinha um cheiro estranho, uma mistura de farinha de aveia, roupas velhas e sabão.

Vimos alguns carcereiros montando guarda em várias encruzilhadas, mas nenhum prisioneiro, à exceção de dois homens já idosos movendo-se com dificuldade com cestos de roupa para lavar. “Alguns estão no pátio de exercícios, alguns no moinho ou no barracão da estopa”, disse Hawkins, em resposta a uma pergunta que eu não fizera. “O dia começa e termina cedo aqui.”

“Se Holmes foi envenenado, deveria ser internado de imediato num hospital”, disse eu.

“Veneno?” Harriman ouviu-me falar. “Quem disse alguma coisa sobre veneno?”

“O dr. Trevelyan de fato suspeita de grave envenenamento alimentar”, retrucou Hawkins. “Mas ele é um bom homem. Fará tudo que estiver a seu alcance...”

Havíamos chegado ao fim do bloco central, a partir do qual as quatro alas principais estendiam-se como as pás de um moinho de vento, e encontramos-nos no que devia ser uma área de recreação, pavimentada com pedras de Yorkshire, com pé-direito alto e uma escada em caracol levando a uma galeria que corria por toda a extensão da sala, acima. Uma rede fora esticada sobre nossas cabeças para que nada fosse jogado para baixo. Alguns homens, vestidos com roupas militares cinza, separavam uma pilha de vestes de criança amontoadas numa mesa diante deles. “Para as crianças do St. Emmanuel Hospital”, disse Hawkins. “São confeccionadas aqui.” Passamos por uma arcada e subimos uma escada atapetada. Nessa altura eu não tinha a menor ideia de onde estava e jamais teria sido capaz de encontrar a saída de novo. Pensei na chave que ainda carregava comigo, escondida no livro. Mesmo que eu fosse capaz de entregá-la nas mãos de Holmes, de que ela teria adiantado? Ele teria precisado de uma dúzia de chaves e de um mapa detalhado para fugir daquele lugar.

Uma porta dupla com painéis de vidro surgiu à nossa frente. Mais uma vez, foi preciso destrancá-las, mas então elas se abriram para uma sala despojada, limpíssima, sem nenhuma janela mas com claraboias no alto e velas já acesas sobre duas mesas centrais, pois já era praticamente noite. Havia oito leitos, virados uns para os outros em duas fileiras de quatro, com cobertores xadrez azul e branco e fronhas de brim listrado. A sala me fez lembrar no mesmo instante o meu velho hospital militar, onde eu vira muitas vezes homens morrerem com a mesma disciplina e impassibilidade que deles se esperara no campo de batalha. Só dois leitos estavam ocupados.

Num deles se via um homem calvo e enrugado cujos olhos, eu podia ver, já estavam fixos no outro mundo. Uma forma encurvada estava deitada, tremendo, no outro. Mas era pequena demais para ser Sherlock Holmes.

Um homem vestindo uma sobrecasaca remendada e surrada levantou-se de onde estivera trabalhando e aproximou-se para nos cumprimentar. Desde o primeiro instante tive a impressão de reconhecê-lo, assim como – ocorreu-me agora – seu nome também me havia soado familiar. Era pálido e franzino, com suíças grisalhas que pareciam estar rareando em suas faces e óculos incômodos. Eu teria dito que tinha quarenta e poucos anos, mas as agruras da vida o haviam desgastado extremamente, conferindo-lhe uma aparência doentia e envelhecendo-o. Suas mãos esguias e brancas estavam cruzadas sobre os punhos. Estivera escrevendo e a caneta vazara. Tinha manchas de tinta no dedo indicador e no polegar.

“Sr. Hawkins”, disse, dirigindo-se ao carcereiro-chefe. “Não tenho mais nada a lhe relatar, exceto que temo o pior.”

“Este é o dr. Trevelyan”, disse Hawkins.”

Dr. Trevelyan.” Ele apertou a minha mão. “É um prazer conhecê-lo, ainda que eu tivesse preferido fazê-lo em circunstâncias mais felizes.

“Eu sem dúvida conhecia o homem. Mas, pelo modo como falara e a firmeza com que apertara a minha mão, ele estava deixando claro que, mesmo que não estivéssemos nos encontrando pela primeira vez, essa era a impressão que desejava dar.

“Foi envenenamento alimentar?” perguntou Harriman. Ele não se dera ao trabalho de se apresentar.

“Estou plenamente convencido de que a causa foi alguma espécie de veneno”, respondeu o dr. Trevelyan. “Quanto ao modo como foi administrado, não cabe a mim dizer.”

“Administrado?”

“Todos os prisioneiros na ala comem a mesma comida. Só ele adoeceu.”

“Está sugerindo um artil?”

“Eu disse o que disse, senhor.”

“Bem, não vou acreditar numa só palavra sua. Posso lhe dizer, doutor, que estava mesmo esperando alguma coisa desse tipo. Onde está Sherlock Holmes?”

Trevelyan hesitou e o carcereiro deu um passo adiante. “Este é o inspetor Harriman, dr. Trevelyan. Ele é responsável pelo seu paciente.”

“Enquanto ele estiver em minha enfermaria o responsável pelo paciente sou eu”, retrucou o médico. “Mas não há razão para que não o possam ver, embora eu deva lhes pedir que não o perturbem. Dei-lhe um sedativo e é provável que esteja dormindo. Está num quarto lateral. Julguei melhor mantê-lo isolado dos demais prisioneiros.”

“Então não percamos mais tempo.”

“Rivers!” exclamou Trevelyan para um sujeito magricela, de ombros caídos, que estivera quase invisível, varrendo o chão num canto. Ele usava uniforme de enfermeiro, não de prisioneiro. “As chaves...”

“Sim, dr. Trevelyan”, Rivers moveu-se pesadamente em direção à escrivaninha, pegou um chaveiro e levou-o até uma porta em arco que se abria no outro extremo da peça. Ele parecia coxo, arrastando uma perna atrás de si. Era taciturno e de aspecto rude, com cabelos avermelhados rebeldes caindo-lhe nos ombros. Parou diante da porta e, com toda a calma, enfiou uma chave na fechadura.

“Rivers é meu enfermeiro”, explicou Trevelyan em voz baixa. “É um homem bom, mas simples. Toma conta da enfermaria à noite.”

“Ele esteve em comunicação com Holmes?” perguntou Harriman.

“Rivers raramente está em comunicação com quem quer que seja, sr. Harriman. O próprio Holmes não pronunciou uma palavra desde que foi trazido para cá.”

Por fim Rivers girou a chave e ouvi o mecanismo interno da fechadura se destravando. Havia também dois ferrolhos do lado de fora que tiveram de ser puxados antes que a porta pudesse ser aberta para revelar um quatinho, quase monástico, com paredes nuas, uma janela quadrada, uma cama e uma latrina.

A cama estava vazia.

Harriman entrou de supetão. Arrancou as cobertas da cama. Ajoelhou-se e olhou embaixo do leito. Não havia onde alguém pudesse se esconder. As barras da janela continuavam no lugar. “Isso é alguma espécie de brincadeira?” rosnou. “Onde está ele?”

Avancei e olhei para dentro da cela. Não podia haver dúvida. Estava vazia. Sherlock Holmes desaparecera.

16. O desaparecimento

HARRIMAN PÔS-SE DE PÉ e quase caiu sobre o dr. Trevelyan. Por uma vez seu sangue-frio cuidadosamente cultivado o abandonou. “Que brincadeira é essa?” exclamou. “O que pensam estar fazendo?”

“Não faço a menor ideia...”, começou o pobre médico.

“Peço-lhe que dê mostras de algum comedimento, inspetor Harriman.” O carcereiro-chefe interpôs-se entre os dois homens, assumindo o controle da situação. “O sr. Holmes estava neste quarto?”

“Sim, senhor”, Trevelyan respondeu.”

E ele estava trancado e aferrolhado, tal como vimos agora, pelo lado de fora?”

“Isso mesmo, senhor. É um regulamento da prisão.”

“Quem foi o último a vê-lo?”

“Deve ter sido Rivers. Ele lhe levou uma caneca de água, a meu pedido.”

“Levei, mas ele não a bebeu”, resmungou o enfermeiro. “Não disse nada, também. Ficou simplesmente deitado ali.”

“Adormecido?” Harriman aproximou-se do dr. Trevelyan até os dois ficarem separados por não mais que alguns centímetros. “O senhor está realmente me dizendo que ele estava doente, doutor, ou quem sabe, como acreditei desde o princípio, fingia – primeiro de maneira a ser trazido para cá, depois de modo a poder escolher o momento de ir embora?”

“Quanto ao primeiro ponto, ele estava sem dúvida doente”, respondeu Trevelyan. “Pelo menos, tinha uma febre alta, as pupilas estavam dilatadas e o suor lhe escorria pela testa. Posso atestar isso, pois eu mesmo o examinei. Quanto ao segundo ponto, impossível ele fugir, como sugere. Olhe para a porta, pelo amor de Deus! Estava trancada por fora. Há uma única chave e ela nunca saiu de minha escrivania. Há os ferrolhos, que estavam fechados até Rivers abri-los agora mesmo. E ainda que, por algum meio insólito e inexplicável, ele tivesse sido capaz de sair da cela, aonde pensa que iria?”

Para começar, teria de atravessar esta enfermaria, e passei a tarde toda à minha escrivaninha. A porta pela qual os senhores três entraram estava trancada. E deve haver mais uma dúzia de cadeados e ferrolhos entre este lugar e o portão da frente. O senhor me dirá que ele de alguma maneira se esgueirou magicamente através de todos eles também?”

“É sem dúvida verdade que sair de Holloway seria praticamente impossível”, Hawkins concordou.

“Ninguém pode sair deste lugar”, murmurou Rivers, e pareceu rir como de uma piada que só ele conhecesse. “A menos que seu nome seja Wood. Ora! Ele foi embora esta tarde mesmo. Mas não com as próprias pernas, e não acho que alguém teria pensado em lhe perguntar para onde ia, nem quando iria voltar.”

“Wood? Quem é Wood?” perguntou Harriman

“Jonathan Wood estava aqui na enfermaria”, respondeu Trevelyan. “E você não deveria brincar com isso, Rivers. Ele morreu a noite passada e foi levado embora num caixão, não faz nem uma hora.”

“Um caixão? O senhor está me dizendo que um caixão fechado foi retirado deste quarto?” Pude ver o detetive equacionando as coisas e compreendi, como ele mesmo, que aquilo representava o mais óbvio, na verdade o único método para a fuga de Holmes. Ele perguntou ao enfermeiro: “O caixão estava aqui quando você trouxe a água?”

“Devia estar.”

“Você deixou Holmes sozinho, mesmo por alguns segundos?”

“Não, senhor. Nem por um segundo. Não tirei os olhos dele em nenhum momento.” O enfermeiro mudou de posição. “Bem, talvez eu tenha cuidado de Collins quando ele teve um acesso.”

“O que está dizendo, Rivers?” gritou Trevelyan.”

Eu abri a porta. Entrei. Ele estava dormindo a sono solto na cama. Nesse momento Collins começou a tossir. Larguei a caneca e saí correndo até ele.”

“E depois? Viu Holmes de novo?”

“Não, senhor. Eu acalmei Collins. Depois voltei e tranquei a porta.”

Fez-se um longo silêncio. Ficamos todos ali parados, olhando uns para os outros, como se esperássemos para ver quem se atreveria a falar primeiro.

Foi Harriman. “Onde está o caixão?” exclamou ele.

“Deve ter sido carregado para fora daqui”, respondeu Trevelyan. “Há um furgão esperando para levá-lo à agência funerária em Muswell Hill.” Ele agarrou seu sobretudo. “Talvez não seja tarde demais. Se ainda estiver lá, podemos interceptá-lo antes que parta.”

Nunca esquecerei nossa corrida através da prisão. Hawkins foi na frente com um furioso Harriman a seu lado. Trevelyan e Rivers iam logo atrás. Eu segui por último, o livro e a chave ainda na mão. Como pareciam ridículos agora, pois mesmo que eu tivesse sido capaz de entregá-los ao meu amigo, junto com uma escada e uma corda, ele nunca teria conseguido sair daquele lugar por conta própria. Foi somente graças a Hawkins, fazendo sinais para os vários guardas, que nós mesmos pudemos sair. As portas foram destrancadas e abertas, uma após outra. Ninguém se interpôs em nosso caminho. Seguimos um trajeto diferente daquele por onde viéramos, pois desta vez passamos por uma lavanderia com homens suando junto a tinas gigantescas e por uma outra sala cheia de caldeiras e tubos de metal retorcidos que forneciam o aquecimento da prisão, cruzando por fim um pátio menor, gramado, e chegando ao que era evidentemente uma entrada lateral. Foi somente ali que um guarda tentou bloquear nossa passagem, pedindo nossas cartas de autorização.

“Não seja idiota!” respondeu Harriman com aspereza. “Não reconhece seu próprio carcereiro-chefe?”

“Abra o portão!” acrescentou Hawkins. “Não há um segundo a perder.”

O guarda fez o que lhe foi ordenado e nós cinco passamos.

No entanto, no próprio instante em que saíamos, vi-me refletindo sobre as várias estranhas circunstâncias que haviam confluído para permitir a fuga de meu amigo. Ele fingira estar doente e conseguira enganar um médico experiente. Bem, isso era muito fácil. Já tinha feito o mesmo comigo. Mas conseguira se fazer introduzir num quarto da enfermaria exatamente ao mesmo tempo em que um caixão fora levado para lá e tinha, além disso, conseguido contar com uma porta aberta, um ataque de tosse e a falta de jeito de um enfermeiro com problemas de desenvolvimento mental. Tudo isso parecia bom demais para ser verdade. Não, é claro, que me importasse que as coisas tivessem sido desta ou daquela maneira. Se Holmes havia de fato encontrado uma forma miraculosa de sair desse lugar, eu só podia me sentir radiante. Ainda assim, porém, eu tinha certeza de que alguma coisa estava errada, de que havíamos nos apressado em tirar uma falsa conclusão e de que, talvez, fosse isso mesmo que ele pretendia.

Vimo-nos numa larga e sulcada alameda que corria ao lado da prisão, com um muro alto de um lado e uma linha de árvores do outro. Harriman soltou um grito e apontou. Um furgão esperava enquanto dois homens enfiavam uma caixa atrás: pelo tamanho e o formato, era evidente tratar-se de um caixão improvisado. Devo confessar que senti um momento de alívio a essa visão. Eu teria dado quase qualquer coisa naquele instante mesmo para ver Sherlock Holmes e certificar-me de que sua doença fora de fato simulada e não o resultado de envenenamento deliberado. Mas, à medida que avançávamos, minha breve euforia foi substituída por completa consternação. Se Holmes fosse encontrado e capturado, seria arrastado de volta para a prisão, e Harriman trataria de assegurar que jamais lhe fosse dada uma segunda oportunidade e que ele permanecesse fora de meu alcance.

“Esperem!” gritou ele. Andou com largas passadas até os dois homens que tinham virado a caixa desajeitadamente na diagonal e a seguravam, prestes a erguê-la até o furgão. “Ponham o caixão no chão! Desejo examiná-lo.” Os homens, que eram operários rudes e imundos, pai e filho a julgar pela aparência, trocaram olhares zombeteiros antes de obedecer. O caixão foi depositado direto sobre o cascalho. “Abram-no!”

Dessa vez os homens hesitaram – transportar um cadáver era uma coisa, mas olhar para ele era outra bem diferente.

“Está tudo certo”, Trevelyan assegurou-lhes, e o estranho é que foi nesse exato momento que me dei conta de como o conhecera, de onde havíamos nos encontrado antes.

Seu nome completo era Percy Trevelyan e ele fora a nossos aposentos em Baker Street seis ou sete anos antes, precisando com urgência dos serviços de meu amigo. Lembrei agora que um paciente seu, Blessingdon, comportara-se de uma maneira misteriosa e por fim fora encontrado enforcado em seu quarto... a polícia presumira que era suicídio, opinião de que Holmes discordara de imediato. Era estranho que eu não o tivesse reconhecido logo, pois admirara Trevelyan e estudara seu trabalho sobre doenças nervosas – que lhe valera nada menos que o prêmio Bruce Pinkerton. Mas as circunstâncias não haviam sido gentis para com ele, e estava claro que elas haviam se agravado desde então, pois envelhecera a olhos vistos e tinha uma expressão de esgotamento e frustração que mudara sua aparência. Pelo que me lembrava, ele não usava óculos quando nos conhecemos. Era evidente que sua saúde se deteriorara. Mas era sem dúvida

ele, relegado ao papel de médico de prisão, uma posição muito abaixo de sua capacidade, e ocorreu-me, com um alvoroço que tive o cuidado de esconder, que possivelmente ele ajudara a tramar essa tentativa de fuga. Sem dúvida ele tinha uma dívida de gratidão para com Holmes, e por que outra razão teria fingido não me conhecer? Agora eu compreendia como Holmes tinha entrado no caixão, para começar. Trevelyan devia ter encarregado seu enfermeiro de atendê-lo de caso pensado. Por que outra razão teria confiado num homem evidentemente inapto para assumir tal responsabilidade? O caixão devia ter sido colocado ali perto. Tudo devia ter sido planejado de antemão. O lamentável é que os dois operários tivessem sido tão lentos em seu trabalho. A esta altura era para eles estarem a meio caminho de Muswell Hill. A ajuda de Trevelyan de nada adiantara.

Um dos operários passara a mão num pé de cabra. Ele foi posto sob a tampa. O homem o pressionou para baixo e a tampa do caixão desprendeuse, a madeira estilhaçando-se. Os dois deram um passo à frente e ergueram-na. Harriman, Hawkins, Trevelyan e eu nos aproximamos em bloco.

“É ele”, resmungou Rivers. “Esse é Jonathan Wood.”

Era verdade. O cadáver que jazia de costas era uma figura de rosto cinzento, envelhecida, que definitivamente não era Sherlock Holmes e que estava definitivamente morta.

Trevelyan foi o primeiro a recobrar o domínio de si. “Claro que é Wood”, exclamou. “Eu lhes disse. Ele morreu durante a noite – uma infecção coronariana.” Fez um sinal de cabeça para os empregados da funerária. “Podem fechar o caixão e levá-lo.”

“Mas onde está Sherlock Holmes?” bradou Hawkins

“Ele não pode ter saído da prisão!” respondeu Harriman. “De alguma maneira nos enganou, mas ainda deve estar lá dentro, esperando sua oportunidade. Devemos acionar o alarme e vasculhar de cima a baixo.”

“Mas levaremos a noite inteira nisso!”

O rosto de Harriman estava tão sem cor quanto seu cabelo. Ele girou nos seus calcanhares, quase dando chutes, tamanha a sua irritação. “Pouco me importa que levemos uma semana! O homem tem de ser encontrado.”

ISSO NÃO ACONTECEU. Dois dias depois, eu estava sozinho nos aposentos de Holmes, lendo uma descrição dos acontecimentos que eu mesmo havia testemunhado.

A polícia ainda não consegue explicar o misterioso desaparecimento do conhecido detetive consultor, Sherlock Holmes, que estava sendo mantido na Prisão de Holloway em conexão com o assassinato de uma jovem em Coppergate Square. O inspetor J. Harriman, que está à frente da investigação, acusou as autoridades da prisão de negligência ao dever, acusação energicamente negada. O fato, porém, é que o sr. Holmes conseguiu escapar de uma cela trancada e transpor uma dúzia de portas também trancadas de uma maneira que parece negar as leis da natureza, e a polícia está oferecendo uma recompensa de cinquenta libras para quem quer que forneça informações que conduzam à sua descoberta e detenção.

A sra. Hudson reagira a esse estranho estado de coisas com notável grau de indiferença. Ela havia, é claro, lido as notícias dos jornais e pronunciado apenas uma breve frase ao servir meu desjejum: “É tudo muito absurdo, dr. Watson.” Parecia pessoalmente ofendida e é de certa maneira um conforto para mim, tantos anos depois, pensar que aquela mulher depositava uma confiança absoluta em seu mais famoso inquilino. Mas, afinal, ela talvez o conhecesse melhor do que ninguém, tendo suportado toda espécie de excentricidades durante o longo período que ele passara em sua casa, incluindo visitantes desesperados e muitas vezes indesejáveis, o violino tocado altas horas da noite, as crises ocasionais provocadas pela cocaína líquida, os longos acessos de melancolia, as balas disparadas contra o papel de parede e até a fumaça do cachimbo. É verdade que Holmes era generoso no pagamento, mas ela raramente se queixava e permaneceu leal até o fim. Embora volta e meia apareça e desapareça de minhas páginas, eu na verdade sabia muito pouco a seu respeito, e nem sequer como viera a ocupar a propriedade no número 221 de Baker Street (acredito que a herdou do marido, embora eu desconheça seu paradeiro). Depois que Holmes partiu, passou a morar sozinha. Gostaria de ter conversado mais com ela e de não tê-la deixado passar tão em segundo plano.

Seja como for, minhas reflexões foram interrompidas pela chegada dessa senhora e, com ela, de outro visitante. Eu de fato ouvira o toque da campainha e ruído de passos na escada, mas, preocupado como estava, mal

registrara esses sons. Assim, estava despreparado para a chegada do reverendo Charles Fitzsimmons, o diretor da Escola Chorley Grange, e receio tê-lo cumprimentado com uma expressão de total perplexidade, como se nunca nos tivéssemos visto antes. O fato de ele estar envolto num grosso sobretudo preto, de chapéu e com um cachecol ao redor do pescoço ajudou a transformá-lo num estranho para mim. Suas roupas o faziam parecer ainda mais rotundo do que antes.

“Perdoe-me por interrompê-lo, dr. Watson”, disse ele, retirando esses acessórios e revelando o colarinho clerical que teria avivado de imediato a minha memória. “Eu estava indeciso quanto a vir, mas senti que devo... Eu devo! Mas antes preciso lhe perguntar, senhor. Essa extraordinária história acerca do sr. Sherlock Holmes é verdadeira?”

“É verdade que Holmes é suspeito de um crime do qual é completamente inocente”, respondi.

“Mas leio agora que ele fugiu, que conseguiu escapar do confinamento da lei.”

“Sim, sr. Fitzsimmons. Ele conseguiu também escapar de seus acusadores de uma maneira que é uma fonte de mistério, até para mim.”

“Sabe onde ele está?”

“Não tenho a menor ideia.”

“E o menino, Ross, teve alguma notícia dele?”

“Em que sentido?”

“Já conseguiram encontrá-lo?”

Era evidente que Fitzsimmons deixara de ler, por alguma razão, as notícias sobre a terrível morte do menino – embora tenha me ocorrido que, por mais sensacionalistas que fossem, elas não haviam de fato citado o nome dele. Cabia a mim, portanto, contar-lhe a verdade. “Sinto dizer que chegamos tarde demais. De fato encontramos Ross, mas ele estava morto.”

“Morto? Como isso aconteceu?”

“Alguém o espancou violentamente e o abandonou à morte junto do rio, perto de Southwark Bridge.”

O diretor pestanejou e caiu pesadamente numa cadeira. “Meu Deus do céu!” exclamou. “Quem faria uma coisa dessas com um menino? Quanta perversidade há neste mundo? Nesse caso minha visita ao senhor é supérflua, dr. Watson. Pensei que poderia ajudá-lo a encontrar o menino. Tinha topado com uma pista – ou melhor, minha querida esposa, Joanna, a

havia descoberto. Eu a trouxe para o senhor na esperança de que soubesse do paradeiro do sr. Holmes e a passasse para ele e de que, mesmo em face de suas próprias necessidades, ele pudesse...” Sua voz sumiu. “Mas é tarde demais. O menino nunca deveria ter deixado Chorley Grange. Eu sabia que nada de bom resultaria disso.”

“Que pista é essa?” perguntei

“Eu a tenho comigo. Foi, como eu disse, minha mulher que a encontrou no dormitório. Ela estava virando os colchões – fazemos isso uma vez por mês para arejá-los e fumigá-los. Alguns meninos têm piolhos... fazemos uma guerra constante contra eles. Bom, a cama que Ross ocupava é usada agora por uma outra criança, mas havia um caderno escondido nela.” Fitzsimmons pegou um livro fino com uma capa grosseira, desbotada e amassada. Na frente havia um nome escrito a lápis numa letra infantil.

Ross Dixon

“Ross não sabia ler nem escrever quando chegou a nós, mas esforçamo-nos para lhe ensinar os rudimentos. Cada criança na escola recebe um caderno e um lápis. O senhor verá no interior que ele parou de fazer os exercícios. É tudo muito desleixado. Ao que parece passava grande parte de seu tempo fazendo garatujas. Mas ao examiná-las descobrimos isto, e pareceu-nos ter importância.”

Ele havia aberto o caderno no meio para mostrar uma folha de papel cuidadosamente dobrada e inserida ali dentro como se houvesse uma intenção deliberada de escondê-la. Pegando-a, ele a desdobrou e abriu sobre a mesa para que eu visse. Era um anúncio, um prospecto barato chamando para uma atração de um tipo que eu sabia ter sido frequente outrora em áreas como Islington e Cheapside, mas que depois se tornara mais raro. O texto era decorado com imagens de uma cobra, um macaco e um tatu. Dizia:

CASA DE MARAVILHAS DO DR. SEDAN

ANÕES, MALABARISTAS, A MULHER GORDA E O ESQUELETO VIVO

Um gabinete de curiosidades vindas dos quatro cantos do mundo

UM PENNY A ENTRADA

Jackdaw Lane, Whitechapel

“Eu desencorajaria meus meninos, é claro, a entrar algum dia num lugar como esse”, disse o reverendo Fitzsimmons. “Espetáculos com aberrações, teatros de variedades, casas de diversão por um *penny*... espanta-me que uma grande cidade como Londres tolere esse tipo de entretenimento, em que tudo que é vulgar e anormal é celebrado. As lições de Sodoma e Gomorra me vêm à mente. Digo-lhe isto, dr. Watson, pois pode ser que Ross tenha escondido este anúncio exatamente por saber que ele era contrário ao espírito de Chorley Grange. Pode ter sido um ato de desafio. Ele era, como minha esposa lhe contou, um menino muito voluntarioso...”

“Mas isso também podia fazer algum sentido para ele”, atalhei-o. “Depois que deixou a escola, ele procurou refúgio com uma família em King’s Cross e também com sua irmã. Mas não temos nenhuma ideia de onde esteve antes. É possível que tivesse se misturado a esse bando.”

“Isso mesmo. Tenho certeza de que isto merece ser investigado, razão por que eu o trouxe para o senhor.” Fitzsimmons recolheu suas coisas e levantou-se. “O senhor teria alguma possibilidade de entrar em comunicação com o sr. Holmes?”

“Ainda alimento a esperança de que ele entre em contato comigo de alguma maneira.”

“Nesse caso talvez possa ver o que ele conclui disso. Muito obrigado pelo seu tempo, dr. Watson. Estou muito, muito chocado pelo jovem Ross. Rezaremos por ele na capela da escola este domingo. Não. Não me precisa me acompanhar. Encontrarei o caminho.”

Fitzsimmons pegou o sobretudo e o cachecol e saiu da sala. Fiquei olhando para a página, deixando meus olhos vagarem pelas letras berrantes e as ilustrações toscas. Penso que a li duas ou três vezes antes de ver o que deveria ter sido óbvio para mim desde o início. Mas não havia erro possível. Casa de Maravilhas do Dr. Sedan, Jackdaw Lane. Whitechapel.

Eu acabara de encontrar a Casa da Seda.

17. Uma mensagem

MINHA MULHER VOLTOU PARA LONDRES no dia seguinte. Ela me enviara um telegrama de Camberwell avisando-me de sua chegada e eu a esperava em Holborn Viaduct quando seu trem chegou. Devo dizer que não teria saído de Baker Street por nenhuma outra razão. Ainda tinha certeza de que Holmes tentaria se comunicar comigo e apavorava-me a ideia de que ele fosse até seus aposentos, com todos os perigos que isso acarretaria, e não me encontrasse lá. Mas eu não podia pensar em permitir que Mary atravessasse a cidade desacompanhada. Uma de suas grandes virtudes era a tolerância, a maneira como suportava minhas longas ausências na companhia de Sherlock Holmes. Nunca se queixara, nem por uma vez, embora eu soubesse que temia que eu estivesse correndo perigo, e agora eu tinha o dever de lhe explicar o que acontecera na sua ausência e de informá-la que, lamentavelmente, talvez fosse necessário esperar mais algum tempo até que pudéssemos estar juntos de maneira permanente. E eu sentira falta dela. Ansiava por vê-la de novo.

Estávamos agora na segunda semana de dezembro e, após o mau tempo que iniciara o mês, o sol aparecera. Embora fizesse muito frio, tudo estava iluminado numa atmosfera de prosperidade e festa. As calçadas eram quase invisíveis sob o alvoroço de famílias que chegavam da zona rural, trazendo consigo crianças de olhos arregalados em contingentes que bastariam para povoar uma pequena cidade. Viam-se os funcionários que raspavam o gelo das ruas e retiravam a neve dos cruzamentos. As confeitarias e as mercearias haviam recebido gloriosas grinaldas. Em cada janela se viam anúncios de “clubes do ganso”, “clubes do rosbife” e “clubes do pudim”^{*} e o ar estava cheio do aroma de açúcar queimado e da mistura de frutas secas com especiarias que recheava as tortas. Enquanto eu apeava de meu *brougham* e dirigia-me à estação, abrindo caminho entre a multidão, refleti sobre as circunstâncias que me haviam alienado de toda aquela atividade, dos prazeres cotidianos de Londres na temporada festiva. Essa era talvez a

desvantagem de minha associação com Sherlock Holmes. Ela me arrastava para lugares escuros aonde, na verdade, ninguém escolheria ir.

A estação não estava menos apinhada. Os trens estavam no horário, as plataformas cheias de rapazes carregando embrulhos, pacotes e canastras, correndo de um lado para outro de maneira tão alvoroçada quanto o coelho branco de Alice. O trem de Mary já tinha chegado e por algum tempo fui incapaz de localizá-la quando as portas se abriram, derramando ainda mais almas na metrópole. Mas depois a vi e, quando ela descia de seu vagão, deu-se algo que me causou um momento de ansiedade. Apareceu um homem, arrastando-se pela plataforma, como se estivesse prestes a se dirigir a ela. Só pude vê-lo pelas costas e, a não ser por um paletó mal-ajustado e o cabelo ruivo, eu teria sido incapaz de identificá-lo de novo. Tive a impressão de que ele falou rapidamente com ela, depois embarcou no trem, desaparecendo de vista. Mas talvez eu estivesse enganado. Quando me aproximei de Mary ela me viu e sorriu; tomei-a então em meus braços e caminhamos juntos para a entrada, onde eu dissera ao meu cocheiro para esperar.

Mary tinha muita coisa a me contar sobre sua visita. A sra. Forrester ficara encantada por vê-la e as duas tinham se tornado as mais próximas companheiras, a relação de ambas como governanta e patroa tendo sido deixada para trás. O menino, Richard, era educado e bem-comportado e, depois que começara a se recuperar da doença, revelara-se uma companhia encantadora. Ele era também um ávido leitor de minhas histórias! A casa estava exatamente como ela se lembrava, confortável e acolhedora. Toda a visita tinha sido um sucesso, afóra uma ligeira dor de cabeça e uma dor de garganta que ela mesma tivera nos últimos dias e que haviam sido exacerbadas pela viagem. Ela parecia cansada e, quando insisti em saber o que tinha, queixou-se de uma sensação de peso nos músculos dos braços e das pernas. “Mas não se importune por minha causa, John. Estarei em plena forma depois de um descanso e uma xícara de chá. Quero ouvir todas as suas novidades. Que história extraordinária é essa com Sherlock Holmes sobre a qual andei lendo?”

Pergunto a mim mesmo em que medida eu deveria me culpar por não ter examinado Mary com mais atenção. Mas estava preocupado e ela própria fez pouco de sua doença. E pensava também no estranho homem que se aproximara dela. É muito provável que, mesmo que eu soubesse, não tivesse podido fazer nada. Ainda assim, porém, sempre tive de viver com a

consciência de que não atribuí às suas queixas a devida seriedade e deixei de reconhecer os primeiros sinais da febre tifoide que muito em breve a tomaria de mim.

Foi ela quem mencionou a mensagem, logo depois que partimos. “Viu aquele homem agora há pouco?” perguntou.

“No trem? Sim, vi. Ele falou com você?”

“Dirigiu-se a mim pelo meu nome.”

Levei um susto. “O que disse?”

“Só ‘Bom dia, sra. Watson’. Pareceu muito rude. Um operário, eu diria. E enfiou isto na minha mão.”

Mostrou um saquinho de pano que estivera apertando todo o tempo, mas do qual quase se esquecera no prazer de nosso reencontro e em nossa pressa de sair da estação. Nesse momento entregou-o a mim. Havia algo pesado dentro do saquinho, e pensei a princípio que poderiam ser moedas, pois ouvi o tilintar de metal, mas ao abri-lo e despejar o conteúdo na palma de minha mão, vi-me segurando três sólidos pregos.

“Qual é o significado disto?” perguntei. “O homem não disse mais nada? Você é capaz de descrevê-lo?”

“Não, meu querido. Mal o olhei de relance enquanto tinha os olhos fixos em você. Tinha o cabelo castanho, creio. E um rosto sujo, não barbeado. Isso tem importância?”

“Ele não falou mais nada? Pediu dinheiro?”

“Já lhe contei. Cumprimentou-me pelo nome; mais nada.”

“Mas por que cargas-d’água alguém lhe daria um saco de pregos?”

Mal estas palavras haviam saído de minha boca, compreendi e deixei escapar um grito exultante. “O Saco de Pregos! É claro!”

“O que é isso, meu querido?”

“Creio, Mary, que você acaba de se encontrar com Holmes em pessoa.”

“Não se parecia nada com ele.”

“Essa era exatamente a ideia.”

“Esse saco de pregos significa alguma coisa para você?”

Significava muitíssimo. Holmes queria que eu voltasse a uma das tabernas que visitamos quando estávamos à procura de Ross. Ambas se chamavam O Saco de Pregos, mas qual delas ele tinha em mente? Com certeza não devia ser a segunda, em Lambeth, pois fora lá que Sally Dixon trabalhara e ela era conhecida pela polícia. A primeira, em Edge Lane, era a

mais provável. Pois ele estava sem dúvida com medo de ser visto; isso estava implícito na maneira que escolhera para se comunicar comigo. Disfarçara-se, e se alguém tivesse se aproximado e tentado prender Mary ou a mim na plataforma da estação, não teria encontrado nada senão um saco de pano com três pregos de carpinteiro, sem absolutamente nenhum indício de que uma mensagem havia sido transmitida.

“Minha querida, sinto dizer que terei de abandoná-la assim que chegarmos em casa”, disse eu.

“Você não está correndo nenhum perigo, não é, John?”

“Espero que não.”

Ela suspirou. “Por vezes penso que você gosta mais do sr. Holmes do que de mim.” Vendo então a expressão de meu rosto, afagou-me a mão com doçura. “Estou só brincando com você. E não precisa fazer todo o trajeto até Kensington. Nós podemos parar na próxima esquina. O cocheiro levará minhas malas para dentro e voltarei sozinha para casa.” Hesitei e ela olhou para mim mais seriamente. “Vá ao encontro dele, John. Se ele fez tamanho esforço para lhe enviar uma mensagem, deve estar em apuros e precisa de você como sempre precisou. Não pode se recusar.”

E assim eu me despedi dela, não apenas pondo minha vida em risco como quase a perdendo quando me esgueirei em meio ao tráfego, escapando por pouco de ser atropelado por um ônibus no Strand. Pois me ocorrera que, se Holmes tinha medo de ser seguido, eu deveria ter também, sendo portanto vital que não fosse visto. Esquivei-me entre várias carruagens e cheguei por fim à segurança da calçada, onde olhei com cuidado a meu redor antes de voltar por onde viera, chegando àquela área abandonada de Shoreditch cerca de trinta minutos depois. Lembrava-me bem da taberna. Um lugar decrépito, que parecia um pouco melhor à luz do sol do que sob o nevoeiro. Atravessei a rua e entrei.

Havia um homem sentado no bar e não era Sherlock Holmes. Para minha grande surpresa e certa mortificação, reconheci o sujeito chamado Rivers que auxiliava o dr. Trevelyan na Prisão de Holloway. Ele não usava mais o uniforme, mas sua expressão apática, os olhos fundos e o cabelo avermelhado eram inconfundíveis. Estava encurvado sobre uma mesa com um copo de cerveja preta.

“Sr. Rivers!” exclamei.

“Sente-se comigo, Watson. É muito bom vê-lo de novo.”

Fora Holmes que falara – e naquele segundo compreendi como eu havia sido enganado e como ele tinha levado a cabo sua fuga da prisão diante dos meus próprios olhos. Confesso que quase desabei na cadeira que ele me oferecia, vendo, consternado, o sorriso que eu conhecia tão bem se abrindo para mim por baixo da peruca e da maquiagem. Pois esse era o assombro dos disfarces de Holmes. Não que ele usasse uma grande quantidade de truques teatrais ou disfarces. Era antes que ele tinha o dom de se metamorfosear em qualquer personagem que desejasse representar e que, se ele acreditava naquilo, os outros acreditariam também, até o momento da revelação. Era como contemplar um ponto obscuro de uma paisagem distante, uma pedra ou uma árvore que haviam tomado a forma, talvez, de um animal. No entanto, quando chegávamos mais perto e víamos aquilo pelo que era, nunca mais nos enganaríamos de novo. Eu havia me sentado com Rivers. Agora, porém, era óbvio para mim que estava com Holmes.

“Diga-me...”, comecei.

“Cada coisa a seu tempo, meu caro companheiro”, interrompeu ele. “Primeiro, garanta-me que não foi seguido até aqui.”

“Tenho certeza de que estou só.”

“No entanto, havia dois homens atrás de você em Holborn Viaduct. Policiais, a julgar pela aparência, e sem dúvida a mando de nosso amigo, o inspetor Harriman.”

“Não os vi. Mas tomei muito cuidado ao deixar a carruagem de minha mulher quando ela estava no meio do Strand. Não permiti que parasse por completo e enfiei-me atrás de uma caleche. Posso lhe assegurar que, se havia dois homens comigo na estação, agora eles estão em Kensington, perguntando a si mesmos o que foi feito de mim.”

“Meu leal Watson!”

“Mas como você sabia que minha mulher chegaria hoje? Como se explica que estivesse em Holborn Viaduct?”

“Nada mais simples. Segui-o desde Baker Street, deduzi o trem que você deveria estar esperando e consegui passar à sua frente na multidão.”

“Esta é apenas a primeira de minhas perguntas, Holmes, e intimo-o a esclarecer todas as minhas dúvidas, pois o simples fato de vê-lo sentado aqui faz minha cabeça girar. Começemos pelo dr. Trevelyan. Suponho que o tenha reconhecido e persuadido a ajudá-lo em sua fuga.”

“Foi exatamente o que aconteceu. Foi uma feliz coincidência que nosso antigo cliente tivesse encontrado emprego na prisão, embora me agrade pensar que qualquer médico teria se deixado persuadir a tomar o meu partido, em particular quando ficou claro que havia um plano para me assassinar.”

“Você sabia disso?”

Holmes lançou-me um olhar penetrante, e dei-me conta de que, para não violar a promessa feita a meu sinistro anfitrião duas noites antes, eu tinha de fingir não saber de coisa alguma. “Esperei por isso desde o momento em que fui detido. Estava claro que as evidências contra mim começariam a se desintegrar assim que me fosse permitido falar e por isso, é claro, meus inimigos não o permitiriam. Eu esperava um ataque de qualquer tipo e dediquei especial cuidado ao exame de minha comida. Ao contrário do que em geral se acredita, há muito poucos venenos inteiramente insípidos e por certo esse não é o caso do arsênico com que eles esperavam me liquidar. Detectei-o numa tigela de caldo de carne que me foi levada na segunda noite... uma tentativa das mais tolas, Watson, e pela qual me senti grato, pois me deu exatamente a arma de que eu precisava.”

“Harriman era parte da trama?” perguntei, incapaz de não revelar fúria na voz.

“O inspetor Harriman ou foi bem-pago ou está no próprio centro da conspiração que você e eu descobrimos. Suspeito desta segunda alternativa. Pensei em recorrer a Hawkins. O carcereiro-chefe pareceu-me um homem civilizado, que fez de tudo para que a minha estada na Casa de Correção não fosse em nada mais desconfortável do que tinha de ser. No entanto, suscitar o alarme cedo demais poderia ser provocar um segundo ataque, mais letal, por isso preferi solicitar uma entrevista com o oficial médico e, depois de ser escoltado à enfermaria, fiquei encantado ao descobrir que já nos conhecíamos, pois isso facilitou muito a minha tarefa. Apresentei-lhe uma amostra da sopa que guardara e expliquei o que estava acontecendo, que eu fora preso com base em falsas evidências e era intenção de meus inimigos que eu nunca saísse vivo de Holloway. O dr. Trevelyan ficou horrorizado. Ele teria tendido a acreditar em mim de todo modo, pois ainda se sentia em dívida para comigo após aquele caso em Brook Street.”

“Como ele foi parar em Holloway?”

“A necessidade é soberana, Watson. Você deve lembrar que ele perdeu o emprego após a morte de seu paciente residente. Trevelyan é um homem

brilhante, mas a fortuna nunca lhe sorriu. Após vários meses de inatividade, o cargo em Holloway foi o único que ele conseguiu encontrar e, com relutância, aceitou-o. Temos de tentar ajudá-lo um dia.”

“De fato, Holmes. Mas continue...”

“Seu primeiro impulso foi informar o carcereiro-chefe, mas convenci-o de que a conspiração contra mim estava cerrada demais, meus inimigos eram poderosos demais, e que, embora fosse decisivo para mim recobrar a liberdade, não poderíamos correr o risco de envolver mais ninguém e isso teria de ser alcançado por outros meios. Começamos a discutir quais seriam eles. Era óbvio para Trevelyan, assim como para mim, que eu não encontraria uma saída com base na força física. Isto é, estava fora de questão cavar um túnel ou escalar muros. Havia nada menos que nove portas e portões trancados entre minha cela e o mundo exterior e, mesmo com o melhor dos disfarces, eu não teria esperança de passar por eles sem ser interpelado. Era óbvio que eu não podia cogitar o uso de violência. Conversamos cerca de uma hora e durante todo o tempo temi que o inspetor Harriman aparecesse abruptamente, pois ele ainda continuava me interrogando para dar credibilidade à sua investigação vazia e fraudulenta.

“Foi então que Trevelyan mencionou Jonathan Wood, um pobre-diabo que passara a maior parte de sua vida na prisão e que estava prestes a encerrá-la ali, pois adoecera gravemente e não se esperava que conseguisse sobreviver à noite seguinte. Trevelyan sugeriu-me que, se Wood morresse, eu poderia ser admitido à enfermaria da prisão. Ele esconderia o corpo e me bandearia para fora dentro do caixão. Essa era a sua ideia, mas mal precisei pensar duas vezes para descartá-la. Ela envolvia impraticabilidades demais, e as crescentes suspeitas de meus perseguidores, que já estavam perguntando a si mesmos por que o veneno administrado em minha refeição da noite não me liquidara e que já poderiam estar desconfiando que eu percebera seu ardil, não eram as menores delas. Um cadáver deixando a prisão naquela altura seria óbvio demais. Esse era exatamente o tipo de movimento que esperariam que eu fizesse.

“Mas, durante o tempo que passara na enfermaria, eu já havia observado o enfermeiro, Rivers, e em particular sua aparência, ideal para o meu propósito: suas maneiras desmazeladas e o cabelo de um vermelho vivo. Vi de imediato que todos os elementos necessários – Harriman, o veneno, o moribundo – estavam presentes e que seria possível conceber um plano

alternativo, usando um contra o outro. Eu disse a Trevelyan do que precisava e, para seu mérito eterno, ele não questionou meu raciocínio e fez o que pedi.

“Wood morreu pouco antes da meia-noite. Trevelyan foi à minha cela e contou-me o que se passara, depois foi em casa buscar os poucos itens que eu solicitara e de que precisaria. Na manhã seguinte, anunciei que minha própria doença se agravara. Trevelyan diagnosticou envenenamento alimentar severo e admitiu-me à enfermaria, onde o cadáver de Wood já havia sido preparado. Eu estava lá quando o caixão chegou, e até ajudei a erguer Wood para acomodá-lo nele. Rivers, porém, estava ausente. Ele ganhara um dia de folga, e foi então que Trevelyan apresentou a peruca e a muda de roupa que me permitiriam passar por ele. O caixão foi removido pouco antes das três horas e por fim tudo estava preparado. Isso é psicologia, Watson. Precisávamos que Harriman fizesse nosso trabalho por nós. Em primeiro lugar, revelaríamos meu extraordinário e inexplicável desaparecimento de uma cela seguramente trancada. Depois, de maneira quase imediata, nós o informariamos sobre um caixão e um cadáver que tinham acabado de deixar o lugar. Nessas circunstâncias, eu não tinha dúvidas de que ele tiraria de imediato a conclusão errada, e foi isso mesmo que fez. Ele tinha tanta certeza de que eu estava no caixão que não se deu ao trabalho de lançar sequer um segundo olhar sobre o enfermeiro apalermado que parecia ter sido o responsável pelo que acontecera. Precipitou-se prisão afora, na verdade facilitando minha saída. Foi Harriman quem ordenou que as portas fossem destrancadas e abertas. Foi Harriman quem solapou a própria segurança que deveria ter me mantido trancafiado.”

“É verdade, Holmes”, exclamei. “Não olhei para você em momento algum. Toda a minha atenção concentrava-se no caixão.”

“Devo dizer que seu súbito aparecimento foi a única eventualidade que não me ocorrera e temi que, no mínimo, você pudesse revelar que conhecia o dr. Trevelyan. Mas você foi magnífico, Watson. Eu diria que, na verdade, ter você e o carcereiro lá intensificou o sentido de urgência e deixou Harriman mais decidido a ir atrás do caixão e interceptá-lo antes que partisse.”

Havia tal brilho nos olhos de Holmes quando ele disse isso que tomei suas palavras como um elogio, embora compreendesse o papel que de fato desempenhara na aventura. Ele gostava tanto de uma plateia quanto qualquer ator num palco, e quanto maior ela fosse, mais fácil lhe teria parecido representar o papel. “Mas que devemos fazer agora?” perguntei. “Você é um

fugitivo. Seu nome está desacreditado. O próprio fato de ter escolhido fugir só ajudará a convencer o mundo de sua culpa.”

“Você pinta um quadro triste, Watson. De minha parte, eu diria que as circunstâncias melhoraram de maneira imensurável da semana passada para cá.”

“Onde está hospedado?”

“Não lhe contei? Mantenho quartos por toda a cidade de Londres para eventualidades como esta. Tenho um aqui perto, e posso lhe assegurar que é muito mais agradável que a acomodação que acabo de deixar.”

“Ainda assim, Holmes, parece que, sem o perceber, você fez muitos inimigos.”

“É o que parece ter acontecido. Temos de perguntar a nós mesmos o que é que une pessoas tão díspares quanto lorde Horace Blackwater, herdeiro de uma das famílias mais antigas da Inglaterra, o dr. Thomas Ackland, benfeitor do Westminster Hospital, e o inspetor Harriman, que tem quinze anos de serviços ilibados na Polícia Metropolitana. Esta é a questão que lhe apresento nos arredores não propriamente agradáveis de Old Bailey. O que é que esses três homens têm em comum? Bem, o fato de serem todos homens é um começo. São todos abastados e bem-relacionados. Quando Mycroft falou de um escândalo, seriam pessoas exatamente desse tipo que poderiam ser prejudicadas. Infiro, aliás, que você voltou a Wimbledon.”

Eu não era capaz de imaginar como, ou por quem, Holmes poderia ter sabido disso, mas não era hora de entrar nesses detalhes. Contentei-me em confirmar e narrei-lhe de maneira sucinta as circunstâncias da minha última visita. Ele pareceu alvoroçado, em particular, com as notícias sobre Eliza Carstairs, o rápido declínio de sua saúde. “Estamos lidando com uma mente de astúcia e crueldade incomuns, Watson. Esse caso tem implicações profundas e é imperativo que concluamos este assunto de modo a poder visitar Edmund Carstairs mais uma vez.”

“Pensa que os dois estão relacionados?” perguntei. “Não consigo ver como os eventos em Boston e mesmo o tiro desferido em Keelan O’Donaghue num hotel aqui em Londres poderiam ter levado a este horrível caso de que nos ocupamos agora.”

“Mas isso é só porque você está supondo que Keelan O’Donaghue está morto”, respondeu Holmes. “Bem, teremos mais notícias sobre isso muito

em breve. Enquanto eu estava em Holloway, pude enviar uma mensagem para Belfast...”

“Eles lhe permitiram telegrafar?”

“Não precisei do correio. O submundo do crime é mais rápido e mais barato e acessível para qualquer um que, por acaso, se encontre do lado errado da lei. Havia um homem em minha ala, um ferreiro chamado Jacks que conheci no pátio de exercícios e que foi solto dois dias atrás. Ele levou minha indagação consigo, e assim que eu tiver uma resposta nós dois voltaremos juntos a Wimbledon. A propósito, você não respondeu à minha pergunta.”

“O que conecta os cinco homens? A resposta é óbvia. A Casa da Seda.”

“E o que é a Casa da Seda?”

“Disso eu não faço ideia. Mas creio que posso lhe dizer onde poderá descobri-lo.”

“Watson, você me assombra.”

“Você não sabe?”

“Sei há algum tempo. Mesmo assim, ficaria fascinado ao me inteirar de suas próprias conclusões – e de como chegou a elas.”

Por sorte, eu tinha o anúncio comigo e, nesse momento, desdobrei-o e mostrei-o ao meu amigo, relatando minha recente entrevista com o reverendo Charles Fitzsimmons. “Casa de Maravilhas do Dr. Sedan”, ele leu. Por um momento, pareceu confuso, mas em seguida sua fisionomia iluminou-se. “Mas é claro. É isto mesmo que estávamos procurando. Mais uma vez, devo cumprimentá-lo, Watson. Enquanto eu definhava no cárcere, você se mexia.”

“É o endereço que você esperava?”

“Jackdaw Lane? Não exatamente. Mesmo assim, estou certo de que ele fornecerá todas as respostas pelas quais temos buscado. Que horas são? Quase uma hora. Imagino que você preferiria se aproximar de um lugar desse tipo sob o véu da escuridão. Acaso poderia vir se encontrar comigo aqui de novo daqui a, digamos, quatro horas?”

“Seria um prazer, Holmes.”

“Eu sabia que podia contar com você. E sugiro-lhe que traga seu revólver de serviço, Watson. Há muitos perigos à nossa espreita e temo que esta vá ser uma longa noite.”

* Nos tempos vitorianos, a maioria dos londrinos conhecia os “clubes do ganso”, muito populares entre os operários, que pagavam alguns *pence* por semana para a aquisição de uma ave para a festa. Pelo que vemos nesta história, havia clubes para outros pratos também. (N.T.)

18. A adivinha

EXISTEM, ACREDITO, ocasiões em que sabemos ter chegado ao fim de uma longa jornada; em que, mesmo que ainda não divisemos nosso destino, sabemos de algum modo que, quando dobrarmos a esquina que está bem à nossa frente, lá estará ele. Foi assim que me senti ao me aproximar do Saco de Pregos pela segunda vez, pouco antes das cinco horas, com o sol já se pondo e uma escuridão desagradavelmente fria e implacável baixando sobre a cidade. Mary dormia quando cheguei em casa e não a perturbei, mas enquanto permaneci no consultório, sopesando meu revólver na mão e verificando se estava totalmente carregado, perguntei a mim mesmo o que um observador casual deduziria da cena: um respeitável médico em Kensington armando-se e preparando-se para sair e investigar uma conspiração que, até aquele momento, abrangia assassinato, tortura, sequestro e corrupção da Justiça. Enfieei a arma no bolso, peguei o sobretudo e saí.

Holmes não estava mais disfarçado, exceto por um chapéu e um cachecol que puxara sobre a parte inferior do rosto. Ele tinha pedido dois conhaques para nos revigorar contra a inclemência da noite. Eu não teria me surpreendido se tivesse nevado, pois alguns flocos esparsos já eram carregados pela brisa quando cheguei. Mal nos falamos, mas lembro que, quando pousamos os copos e ele me fitou, vi todo o bom humor e a resolução que eu tão bem conhecia dançando positivamente em seus olhos e compreendi que ele estava tão ávido quanto eu por liquidar aquele assunto.

“Então, Watson...?” ele perguntou

“Sim, Holmes”, respondi. “Estou pronto.”

“E me sinto muito feliz por tê-lo mais uma vez a meu lado.”

Um fiacre nos levou para a zona leste e descemos na Whitechapel Road, fazendo a pé o resto do percurso até Jackdaw Lane. Aquelas feiras itinerantes podiam ser encontradas por toda a região rural durante os meses de verão, mas vinham para a cidade assim que o tempo virava e eram

notórias por se estenderem até altas horas e pelo alarido que faziam – de fato, espantava-me que o populacho local pudesse suportar a Casa de Maravilhas do Dr. Sedan, pois eu a ouvi muito antes de vê-la; o ranger de um realejo, a batida de um tambor e uma voz de homem gritando na noite. Jackdaw Lane era uma passagem estreita que corria entre Whitechapel e Commercial Roads, com prédios, sobretudo lojas e armazéns de três andares, erguendo-se dos dois lados, com janelas que pareciam pequenas demais para a quantidade de tijolos que as cercavam. Um beco abria-se na metade dela, e era ali que um homem se impunha, vestindo uma sobrecasaca, uma antiquada gravata borboleta e uma cartola tão sovada que parecia estar empoleirada de um lado da cabeça, como se tentasse saltar fora. Ele tinha a barba, o bigode, o nariz pontudo e os olhos brilhantes de um Mefistófeles de pantomima.

“Um *penny* a entrada!” ele bradava. “Entrem e não vão se arrepender. Aqui os senhores verão algumas das maravilhas do mundo, de negros a esquimós, e mais ainda. Venham, cavalheiros! A Casa de Maravilhas do Dr. Sedan. Ela os assombrará. Nunca se esquecerão do que irão assistir aqui esta noite.”

“O senhor é o dr. Sedan?” perguntou Holmes.”

Tenho essa honra, senhor. Dr. Asmodeus Sedan, recém-chegado da Índia, recém-chegado do Congo. Minhas viagens me levaram a todas as partes do mundo e tudo que experimentei os senhores encontrarão aqui pela soma de um único *penny*.”

Um anão negro vestindo uma japona e calças militares estava parado ao lado dele, batendo um ritmo num tambor e acrescentando um ruidoso rufo cada vez que o *penny* era mencionado. Pagamos duas moedas e fomos devidamente levados para dentro.

O espetáculo que nos esperava me pegou totalmente de surpresa. Suponho que, à áspera luz do dia, ele poderia ter se revelado em toda a sua espalhafatosa miséria, mas a noite, mantida à distância por um círculo de braseiros ardentes, lhe havia emprestado certo exotismo, de modo que, se a pessoa não prestasse a devida atenção, poderia mesmo acreditar ter sido transportada para um outro mundo... talvez o mundo de um livro de histórias.

Estávamos num pátio lajeado, cercado por prédios em tal estado de ruína que se viam partes de sua estrutura, com molduras de porta desmoronando e escadas vacilantes pendendo precariamente da alvenaria. Algumas das

entradas haviam sido cobertas com cortinas rubras e cartazes anunciando atrações que um pagamento adicional de meio *penny* ou de um quarto de *penny* proporcionaria. O homem sem pescoço. A mulher mais feia do mundo. O porco de cinco patas. Outras eram abertas, com figuras de cera e visores pelos quais se podia ter um vislumbre da espécie de horrores que eu conhecia muito bem do tempo que passara com Holmes. O assassinato parecia ser o tema predominante. Maria Martin estava lá, como também Mary Ann Nichols,* jazendo com a garganta cortada e o abdome aberto, tal como estava ao ser descoberta, não longe dali, dois anos antes. Ouvi disparos de espingarda. Uma galeria de tiro ao alvo fora instalada dentro de um dos prédios, eu podia perceber as chamas de gás saindo em jato e as garrafas verdes de pé na outra extremidade.

Essas e outras atrações estavam contidas no perímetro externo, mas havia também carroças de ciganos estacionadas no próprio pátio, com tablados construídos entre elas para representações que prosseguiriam por toda a noite. Um par de gêmeos idênticos, orientais, fazia malabarismos com uma dúzia de bolas, que um arremessava para o outro com tal fluidez que elas pareciam automáticas. Um homem negro de tanga levantava um atizador de brasas incandescentes e tocava-o com a língua. Uma mulher com um incômodo turbante de plumas lia mãos. Um mágico idoso executava truques de salão. À volta de tudo isso, uma multidão, muito maior do que eu teria esperado – devia haver mais de duzentas pessoas ali –, ria e aplaudia, perambulando sem rumo de uma encenação para outra, enquanto a música desafinada de um realejo não cessava à sua volta. Notei uma mulher de circunferência monstruosa passeando diante de mim e outra tão pequenina que poderia ter sido uma criança, não fosse pela aparência envelhecida. Elas eram espectadoras ou parte do espetáculo? Difícil saber ao certo.

“Então, e agora?” perguntou-me Holmes.

“Realmente não faço ideia”, respondi

“Continua achando que isto é a Casa da Seda?”

“Parece improvável, concordo.” De repente compreendi o significado do que ele acabara de dizer. “Você está me dizendo que não pensa que é?”

“Eu sabia desde o princípio que não havia nenhuma possibilidade de que fosse.”

Dessa vez não consegui esconder minha irritação. “Tenho de dizer, Holmes, que há ocasiões em que você põe minha paciência à prova até o

limite. Se sabia desde o começo que isto não era a Casa da Seda, então talvez possa me dizer – por que estamos aqui?”

“Porque devemos estar. Fomos convidados.”

“O anúncio...?”

“Ele se destinava a ser descoberto, Watson. E esperavam que você o entregasse a mim.”

Pude apenas sacudir a cabeça diante dessas respostas enigmáticas e concluí que, após as provas por que passara na prisão de Holloway, Holmes voltara a ser em tudo e por tudo como sempre fora – calado, superconfiante e absolutamente irritante. Ainda assim, eu estava decidido a provar que ele estava errado. Por certo aquilo não podia ser uma coincidência, o nome do dr. Sedan nos anúncios, o fato de um deles ter sido encontrado escondido debaixo da cama de Ross. Se devia ser descoberto, por que fora colocado ali? Olhei à minha volta, procurando alguma coisa que pudesse merecer minha atenção, mas no frenesi turbilhante, com as chamas das tochas tremeluzindo e dançando, era quase impossível decidir por alguma coisa que pudesse ser relevante. Os malabaristas jogavam espadas um para o outro agora. Houve mais um tiro de espingarda e uma das garrafas explodiu numa chuva de cacos de vidro sobre a prateleira. O mágico estendeu a mão no ar e apresentou um buquê de flores de seda. A multidão, parada em torno dele, aplaudiu.

“Bem, podemos aproveitar...”, comecei.

Mas então, nesse exato momento, vi alguma coisa e minha respiração ficou presa na garganta. Podia, é claro, ser uma coincidência. Podia não ser absolutamente nada. Talvez eu estivesse tentando ver alguma significação num pequenino detalhe apenas para justificar nossa presença ali. Mas foi a adivinha. Ela estava sentada numa espécie de plataforma elevada diante de seu carroção, atrás de uma mesa em que se espalhavam os instrumentos de seu ofício: um baralho de tarô, uma bola de cristal, uma pirâmide de prata e algumas folhas de papel com estranhas runas e diagramas. Ela estivera olhando na minha direção e, quando meu olhar cruzou o seu, tive a impressão de que levantou a mão num cumprimento, e lá estava, amarrado em volta de seu punho: um pedaço de fita branca, de seda.

Meu impulso imediato foi alertar Sherlock Holmes, mas quase no mesmo instante decidi não o fazer. Parecia-me que eu já havia sido ridicularizado o bastante por uma noite. E assim, sem explicação, saí do seu lado, movendo-

me para frente como se impelido por mera curiosidade e depois subi os poucos degraus até o tablado. A cigana me observava, como se não só esperasse mas tivesse previsto minha aproximação. Era uma mulher grande, masculinizada, com um queixo forte e olhos cinza, tristonhos.

“Gostaria que lesse a minha sorte”, disse eu.”

“Sente-se”, respondeu ela. Tinha um sotaque estrangeiro e uma maneira de falar ríspida e pouco acolhedora. Havia um banquinho em frente a ela no espaço atravancado e agachei-me sobre ele.

“Pode ver o futuro?” perguntei

“Vai lhe custar um *penny*.”

“Dei-lhe o dinheiro e ela pegou a minha mão, abrindo-a na sua de modo que a fita branca ficou bem na minha frente. Depois esticou um dedo seco e começou a acompanhar as linhas sobre a minha palma, como se pudesse alisá-las com seu toque. “Médico?” perguntou.

“Sim.”

“E casado. Feliz no casamento. Não tem filhos.”

“Está certa em todos os três pontos.”

“Conheceu há pouco a dor de uma separação.” Estaria se referindo à estada de minha mulher em Camberwell ou ao breve encarceramento de Holmes? E como podia saber uma coisa ou outra? Sou agora, como era então, um cético. Como podia deixar de ser? No tempo que passara com Holmes, vira-me investigando uma maldição de família, um rato gigante e um vampiro – e no fim todos os três haviam apresentado explicações perfeitamente racionais. Assim, esperei que a cigana me revelasse a fonte de seu embuste.

“Veio sozinho para cá?” perguntou ela.

“Não. Estou com um amigo.”

“Nesse caso tenho um recado para o senhor. Deve ter visto uma galeria de tiro ao alvo no prédio atrás de nós.”

“Sim.”

“Descobrirá todas as respostas que procura nos cômodos acima dela. Mas ande com cuidado, doutor. O prédio está condenado e o assoalho, bambo. O senhor tem uma longa linha da vida. Está vendo aqui? Mas ela tem fraquezas. Esses sulcos... Eles são como flechas disparadas contra o senhor e há ainda muitas outras por vir. Deveria acautelá-lo, para que uma delas não o atinja...”

“Muito obrigado.” Puxei minha mão, como se a arrancasse das chamas. Por mais que eu tivesse certeza de que a mulher era uma fraude, alguma coisa no seu desempenho me enervara. Talvez fosse a noite, as sombras escarlates retorcendo-se por toda parte à minha volta, ou talvez a persistente cacofonia, a música e a multidão, que me embotavam os sentidos. Mas tive uma súbita intuição de que aquele era um lugar funesto aonde nunca deveríamos ter ido. Desci, fui até Holmes e contei-lhe o que acabara de acontecer.”

“Então vamos ser guiados agora por uma adivinha?” foi sua brusca resposta. “Bem, Watson, não há outras alternativas óbvias. Devemos tirar isto a limpo até o fim.”

Passamos por um homem com um macaco empoleirado no ombro e por outro, de torso nu, que expunha uma miríade de tatuagens que ele animava ao flexionar os músculos. A galeria de tiro estava à nossa frente e acima dela enroscava-se uma escala desnivelada. Houve uma saraivada de tiros. Um grupo de aprendizes tentava a sorte com as garrafas, mas haviam estado bebendo e suas balas desapareciam inofensivamente na escuridão. Com Holmes à frente, subimos, pisando com cautela, porque os degraus de madeira davam toda a impressão de estar à beira do colapso. Diante de nós, surgiu uma abertura irregular na parede – poderia ter sido uma porta outrora – além da qual só se via escuridão. Olhei para trás e vi a cigana sentada em seu carroção, observando-nos com um olhar maléfico. A fita branca ainda pendia de seu pulso. Antes de chegar ao topo eu sabia que havia sido enganado, que nunca deveríamos ter ido ali.

Entramos no pavimento superior, que devia ter sido usado outrora como depósito de café, pois o cheiro subsistia no ar tismado. As paredes desfaziam-se. Uma grossa camada de poeira cobria todas as superfícies. As tábuas do assoalho estalavam sob nossos pés. A música do realejo parecia agora distante e entrecortada, ao passo que o murmúrio da multidão desaparecera por completo. Ainda havia luz suficiente irradiando-se das tochas que ardiam ao redor da feira para iluminar a sala, mas ela era irregular, movendo-se constantemente de maneira a projetar sombras distorcidas por toda parte, e quanto mais avançávamos, mais escuro ficava.

“Watson...”, murmurou Holmes, e o tom de sua voz bastou para que eu soubesse o que ele desejava. Saquei meu revólver e encontrei conforto em seu peso, no toque do metal frio contra a palma da mão.

“Holmes”, disse eu. “Estamos perdendo o nosso tempo. Não há nada aqui.”

“No entanto uma criança esteve aqui antes de nós”, respondeu ele.

Olhei mais adiante e vi, jogados no chão no outro canto, dois brinquedos abandonados. Um era um pião e o outro um soldadinho de chumbo empertigado em posição de sentido, com a maior parte da tinta já descascada. Havia neles algo de infinitamente patético. Teriam um dia pertencido a Ross? Teria aquele sido um lugar de refúgio para ele, antes de ser morto, e seriam estas as únicas lembranças de uma infância que na verdade ele nunca tivera? Vi-me atraído por eles, afastando-me da entrada, tal como havia sido pretendido, pois só tarde demais vi o homem sair de detrás de uma alcova, e não pude tampouco evitar o porrete que veio zunindo pelo ar na minha direção. Fui atingido no braço abaixo do cotovelo e senti meus dedos se abrirem bruscamente num assomo de dor. A arma caiu com estrépito no chão. Avancei para pegá-la, mas fui atingido uma segunda vez, um golpe que me fez cair estatelado. Ao mesmo tempo, uma voz emergiu da escuridão.

“Parados, os dois, senão atiro.”

Holmes ignorou a ordem. Já estava a meu lado, ajudando-me a levantar. “Você está bem, Watson? Nunca me perdoarei se o tiverem ferido gravemente.”

“Não, não.” Apertei meu braço, procurando alguma quebra ou fratura, e soube no mesmo instante que sofrera apenas uma grave contusão. “Não estou ferido.”

“Covardes!”

Um homem de cabelo ralo, nariz arrebitado e ombros fortes e caídos aproximou-se de nós, permitindo que a luz que vinha de fora atingisse em cheio seu rosto. Reconheci Henderson, o funcionário da alfândega (pelo menos, era o que dizia ser) que encaminhara Holmes para a armadilha no antro de ópio de Creer. Acabou por nos revelar que era um viciado, e essa deve ter sido uma das únicas partes verdadeiras de sua história, pois ainda tinha os olhos injetados e a palidez doentia de que eu me lembrava. Empunhava um revólver. Ao mesmo tempo, seu cúmplice pegou minha arma e avançou, arrastando-se, mantendo-a apontada para nós. Esse segundo homem eu não conhecia. Era corpulento, parecido com um sapo, com cabelo cortado rente e orelhas e lábios inchados, como os de um boxeador após uma

luta inglória. Seu porrete era na verdade uma pesada bengala, que ainda pendia de sua mão esquerda.

“Boa noite, Henderson”, disse Holmes com uma voz em que não pude detectar nada além de serenidade. Pela maneira como falou, mais parecia estar cumprimentando despreocupadamente um velho conhecido.

“Não está surpreso por me ver, sr. Holmes?”

“Ao contrário. Não esperava outra coisa.”

“E lembra-se de meu amigo, Bratby?”

Holmes assentiu com a cabeça e virou-se para mim. “Esse foi o homem que me imobilizou no chão no escritório na Casa de Creer quando me aplicaram o narcótico”, explicou-me. “Eu tinha grande expectativa de que ele pudesse estar aqui também.”

Henderson hesitou, depois riu. Desaparecera qualquer simulacro da fraqueza ou da inferioridade que exibira quando fora aos nossos aposentos. “Não acredito no que diz, sr. Holmes. Tenho a impressão de que se deixa enganar com muita facilidade. Não encontrou o que estava procurando na Casa de Creer. E não o encontrou aqui, tampouco. Parece-me que o senhor dispara como um foguete... em qualquer direção.”

“E quais são as suas intenções?”

“Eu teria pensado que isso lhe seria óbvio. Pensamos que o tínhamos liquidado na Prisão de Holloway, e teria sido melhor para o senhor, no fim das contas, ter ficado por lá. Por isso desta vez nossos métodos serão um pouco mais diretos. Fui instruído a matá-lo, a abatê-lo como um cachorro.”

“Nesse caso, teria a gentileza de satisfazer minha curiosidade sobre apenas um ou dois pontos? Foi você que matou a menina em Bluegate Fields?”

“Na verdade sim. Ela foi idiota o bastante para retornar à taberna onde trabalhava e foi muito fácil apanhá-la.”

“E o irmão dela?”

“O pequeno Ross? Sim, fomos nós. Foi horrível ter de fazer aquilo, sr. Holmes, mas foi ele mesmo que provocou. O menino pisou fora da linha e tivemos de usá-lo para dar um exemplo.”

“Muito obrigado. Era exatamente o que eu pensava.”

Henderson riu uma segunda vez, mas eu nunca vira expressão mais desprovida de bom humor. “Bem, o senhor é um freguês bastante calmo, não é, sr. Holmes? E suponho que já tinha imaginado tudo, certo?”

“Obviamente.”

“E quando aquela velha o mandou subir aqui, o senhor sabia que ela estava à sua espera?”

“A adivinha conversou com meu colega, não comigo. Suponho que a pagou para fazer seu convite?”

“Ponha-lhe seis *pence* na mão e ela fará qualquer coisa.”

“Sim, eu esperava mais uma armadilha.”

“Vamos acabar com isso”, exigiu o homem chamado Bratby.

“Ainda não, Jason. Ainda não.”

Dessa vez não precisei que Holmes explicasse o que eles estavam esperando. Percebi tudo com muita clareza por mim mesmo. Quando subíramos a escada, havia uma multidão reunida em torno da galeria e os tiros ressoavam lá embaixo. Agora o silêncio reinava. Os dois assassinos aguardavam que o estampido dos tiros recomeçasse. O estrondo iria mascarar os dois disparos de suas armas. O assassinato é o mais horrível crime de que um ser humano é capaz, mas aquele duplo assassinato a sangue-frio, calculado, pareceu-me particularmente vil. Eu ainda segurava o meu braço. Perdera toda a sensibilidade ao ser atingido, mas a muito custo consegui me erguer, decidido a não me deixar matar por aqueles homens enquanto estava de joelhos.

“O melhor que vocês têm a fazer é pôr suas armas no chão e entregar-se agora”, anunciou Holmes. Estava absolutamente calmo e comecei a perguntar a mim mesmo se ele de fato soubera todo o tempo que os dois homens estariam ali.

“O quê?”

“Não vai haver nenhuma morte esta noite. A galeria de tiro está fechada. A feira acabou. Estão ouvindo?”

Pela primeira vez, percebi que o realejo cessara. A multidão parecia ter ido embora. Fora daquele cômodo vazio e abandonado, tudo era silêncio.

“Do que está falando?”

“Não acreditei em você na primeira vez que nos encontramos, Henderson. Mas naquela altura era conveniente deixar-me apanhar na sua armadilha, ainda que apenas para ver o que vocês planejavam. Mas acredita de fato que eu faria o mesmo uma segunda vez?”

“Ponham suas armas no chão!” gritou uma voz.

Nos segundos seguintes, houve tal atropelo de acontecimentos que, na hora, mal consegui entender o que se passava. Henderson mudou a direção de sua arma, pretendendo atirar em mim ou além de mim. Nunca saberei, porque seu dedo nunca foi capaz de apertar o gatilho. No mesmo instante, houve uma saraivada de tiros, a boca de uma arma faiscando, e ele foi literalmente derrubado, esguichando sangue da cabeça. O companheiro de Henderson, o homem que ele chamava de Bratby, virou-se depressa. Não creio que pretendesse atirar, mas bastava que estivesse armado. Uma bala atingiu-o no ombro e outra no peito. Ouvi-o gritar e ele caiu de costas, minha arma voando fora de sua mão. Houve um estrépito quando sua bengala caiu nas tábuas de madeira do assoalho e rolou. Ele não estava morto. Arfante, soluçando de dor e choque, encolheu-se no chão. Houve uma breve pausa, o silêncio quase tão chocante quanto a violência que o precedera.

“Você deixou isso ir longe demais, Lestrade”, observou Holmes.

“Estava interessado em ouvir o que o canalha dizia”, respondeu a mesma voz. Olhei em volta e vi que o inspetor Lestrade estava mesmo ali, e três policiais com ele, já entrando no cômodo e dando uma olhada nos homens alvejados.

“Você o ouviu confessar os assassinatos?”

“Exatamente, sr. Holmes.” Um de seus homens aproximara-se de Henderson. Submeteu-o a um breve exame e sacudiu a cabeça. Eu tinha visto o ferimento. Não fiquei surpreso. “Creio que ele não enfrentará a Justiça por seus crimes.”

“Alguns diriam que já o fez.”

“Ainda assim, eu o preferiria vivo, nem que fosse como simples testemunha. Arrisquei meu pescoço pelo senhor”, disse ele a Holmes, “e o trabalho desta noite ainda poderia me custar caro.”

“Vai lhe valer mais de um elogio, Lestrade, e sabe disso muito bem.” Holmes voltou sua atenção para mim. “Como está resistindo, Watson? Foi atingido?”

“Nada que um pequeno linimento e um uísque com soda não possam curar”, respondi. “Mas diga-me, Holmes. Você sabia o tempo todo que isto era uma armadilha?”

“Tinha fortes suspeitas disso. Parecia-me inconcebível que uma criança analfabeta fosse guardar um anúncio dobrado debaixo da cama. E, como

disse nosso finado amigo Henderson, já havíamos sido enganados uma vez. Começo a aprender como nossos inimigos trabalham.”

“O que quer dizer...?”

“Eles o usaram para me encontrar. Os homens que o seguiram a Holborn Viaduct não eram policiais. Estavam a soldo de nossos inimigos, que haviam lhe fornecido o que parecia ser uma pista irresistível, na esperança de que você soubesse do meu paradeiro e a entregasse a mim.”

“Mas o nome, Casa de Maravilhas do Dr. Sedan. Você está me dizendo que ele nada tem a ver com o caso?”

“Meu caro Watson! Sedan não é um nome tão incomum. Eles poderiam ter usado Sedan, o fabricante de botas em Ludgate Circus, ou Sedan, o depósito de madeira em Battersea. Ou Seedorf, ou Sedin, ou qualquer coisa que nos tivesse feito acreditar que estávamos perto da Casa da Seda. Bastava fazer com que eu saísse do meu esconderijo de modo que pudessem finalmente se desvencilhar de mim.”

“E quanto a você, Lestrade? Como veio parar aqui?”

“O sr. Holmes me procurou e me pediu para vir, dr. Watson.”

“Você acreditava na inocência dele!”

“Jamais duvidei, desde o início. E quando examinei aquele caso em Coppergate Square logo ficou claro que havia alguma coisa tortuosa na história. O inspetor Harriman afirmou que vinha de um banco que fora assaltado na White Horse Road, mas esse assalto não existiu. Examinei o livro de registro de ocorrências. Visitei o banco. E pareceu-me que, se Harriman estava disposto a mentir sobre isso no tribunal, talvez estivesse disposto a mentir sobre muitas outras coisas também.”

“Lestrade assumiu um risco”, atalhou Holmes. “Pois seu primeiro instinto foi devolver-me às autoridades da prisão. Mas ele e eu nos conhecemos bem, sejam quais forem nossas diferenças, e colaboramos com demasiada frequência para nos desentendermos por causa de uma acusação falsa. Não é verdade, Lestrade?”

“Tudo que disser, sr. Holmes.”

“E, no fundo, ele está tão ansioso quanto eu para encerrar este caso e entregar os verdadeiros culpados à Justiça.”

“Este aqui está vivo!” exclamou um dos policiais. Enquanto Holmes e eu falávamos, eles haviam examinado nossos dois agressores.

Holmes foi até onde Bratby estava caído e ajoelhou-se a seu lado. “Pode me ouvir, Bratby?” perguntou. Houve silêncio, depois um gemido suave, como o de uma criança sofrendo. “Não há nada que possamos fazer por você, mas ainda tem tempo para reparar alguma coisa, para compensar alguns dos seus crimes antes de se encontrar com seu Criador.”

Muito calmamente, Bratby começou a soluçar.

“Sei tudo sobre a Casa da Seda”, continuou Holmes. “Sei o que é. Sei onde pode ser encontrada... na verdade, estive lá ontem à noite e a encontrei vazia e silenciosa. Essa é a única informação que não tenho nenhum meio de descobrir por mim mesmo, no entanto ela é vital se quisermos encerrar esse caso de uma vez por todas. Pelo bem de sua própria salvação, diga-me. Quando será a próxima reunião da Casa da Seda?”

Fez-se um longo silêncio. À minha revelia, senti uma onda de piedade por aquele homem prestes a exalar o último suspiro, esquecendo-me que ele pretendia me matar – e Holmes comigo – apenas alguns minutos antes. Pois todos os homens são iguais na hora da morte, e quem somos nós para julgá-los quando um juiz muito maior os espera?

“Esta noite”, disse ele. E morreu.

Holmes levantou-se. “Por fim a sorte está do nosso lado, Lestrade”, disse ele. “Pode me acompanhar um pouco mais? E tem pelo menos dez homens com você? Eles precisarão ser firmes e decididos, pois, eu lhe garanto, não se esquecerão do que estamos na iminência de revelar.”

“Estamos com você, Holmes”, respondeu Lestrade. “Vamos terminar com isso.”

Holmes estava com minha arma. Eu não vira quando ele a recuperara, mas naquele momento enfiou-a de novo na minha mão, olhando-me nos olhos. Eu sabia o que estava perguntando. Fiz um gesto de assentimento e partimos juntos.

* Respectivamente vítima de um célebre assassinato cometido em 1827 em Poldstead, Suffolk, Inglaterra, e uma das presumíveis vítimas de Jack o Estripador, morta em Whitechapel, Londres, em 1888. (N.T.)

19. A Casa da Seda

VOLTAMOS À ESCOLA PARA MENINOS CHORLEY GRANGE, na parte mais alta de Hamworth Hill. Para onde mais poderia nos ter levado a investigação? Fora de lá que o prospecto saíra e estava óbvio agora que alguém o havia colocado sob o colchão da cama de Ross para que o diretor o encontrasse, sabendo que ele o levaria para nós, atraindo-nos para a armadilha na feira de inverno do Dr. Sedan. Era sempre possível, é claro, que Charles Fitzsimmons tivesse mentido o tempo todo e que ele também fizesse parte da conspiração. No entanto, mesmo agora parecia-me difícil acreditar nisso, pois o homem me parecia o próprio modelo da decência, com seu senso do dever, sua preocupação com o bem-estar de seus meninos, sua respeitável esposa, a angústia com que se inteirara da morte de Ross. Difícil conceber que tudo aquilo não passara de uma encenação, e eu tinha certeza, mesmo naquele momento, de que se ele tivesse sido arrastado para alguma coisa sombria e perversa, teria sido contra seu conhecimento ou inclinação.

Lestrade trouxera dez homens consigo distribuídos em quatro carruagens que haviam avançado uma atrás da outra, subindo em silêncio o morro que parecia elevar-se interminavelmente a partir da borda norte de Londres. Ele ainda carregava um revólver, como Holmes e eu, mas o resto de seus homens estava desarmado, de modo que, se estávamos nos preparando para uma confrontação física, rapidez e surpresa seriam fundamentais. Holmes deu o sinal e as carruagens pararam a pouca distância de nosso alvo, que não era a própria escola, como eu havia imaginado, mas o prédio quadrado do outro lado da estrada, que fora outrora uma fábrica de coches. Fitzsimmons nos dissera que ele era usado para recitais de música e nisso, pelo menos, devia estar dizendo a verdade, pois havia vários coches parados do lado de fora e pude ouvir o som de um piano vindo do interior.

Tomamos posição atrás de um arvoredor onde podíamos passar despercebidos. Eram oito e meia e começara a nevar, gordas plumas brancas

caindo do céu noturno. O chão já estava todo branco e o frio era bem mais intenso ali, no alto do morro, do que na cidade. Eu sentia bastante dor do golpe que me fora infligido na feira, todo o meu braço latejando e meu velho ferimento crispando-se em solidariedade, e temi estar desenvolvendo uma febre. Mas estava decidido a nada deixar transparecer. Chegara até ali e assistiria a tudo até o fim. Holmes aguardava alguma coisa, e eu tinha uma fé infinita em seu julgamento, mesmo que tivéssemos de ficar plantados ali a noite toda.

Lestrade devia estar percebendo meu desconforto, pois me deu uma leve cotovelada e entregou-me um cantil de prata. Levei-o aos lábios e tomei um gole de conhaque antes de devolvê-lo ao pequeno detetive. Ele enxugou-o com a manga da camisa, bebeu um pouco ele mesmo e guardou-o.

“Qual é o plano, sr. Holmes?” perguntou.

“Se você quer apanhar essa gente em flagrante, Lestrade, temos de encontrar uma maneira de entrar sem fazer o alarme soar.”

“Vamos invadir um concerto?”

“Não é um concerto.”

Ouvi o rumor suave de mais uma carruagem que se aproximava e me virei para ver um *brougham* puxado por um par de belas éguas tordilhas. O cocheiro as fustigava, pois o morro era íngreme e o terreno já estava traiçoeiro, lama e neve fazendo as rodas patinarem. Olhei para Holmes. Havia em seu rosto uma expressão inteiramente diversa de qualquer outra que eu tivesse visto antes. Eu a descreveria como uma espécie de fria satisfação, a sensação de que havia provado estar certo e de que agora, por fim, poderia buscar vingança. Seus olhos brilhavam, mas os ossos de sua face projetavam linhas escuras sob si e pensei que nem mesmo o anjo da morte me pareceria tão ameaçador quando afinal nos encontrássemos.

“Está vendo, Watson?” ele sussurrou.

Escondidos atrás das árvores, não podíamos ser vistos, o que não impedia de termos uma visão integral tanto do prédio da escola como da estrada nas duas direções. Holmes apontou e, ao luar, vi um símbolo pintado em dourado na lateral do *brougham*; um corvo e duas chaves. Era o timbre de família de lorde Ravenshaw, e lembrei-me do homem arrogante com olhos saltados cujo relógio fora furtado e com quem havíamos nos encontrado em Gloucestershire. Seria possível que ele também estivesse envolvido na trama? O coche enveredou pela entrada para carros e parou.

Lorde Ravenshaw desceu, claramente reconhecível mesmo àquela distância, usando capa preta e cartola. Andou até a porta da frente e bateu. Ela foi aberta por uma figura invisível, mas quando a luz amarela se espalhou, vi que o recém-chegado segurava alguma coisa que pendia de sua mão. Parecia uma longa tira de papel, mas claro que não era isso. Era uma fita de seda branca. Ele foi admitido. A porta se fechou.

“É exatamente como pensei”, disse Holmes. “Está disposto a me acompanhar, Watson? Devo adverti-lo de que o que vamos encontrar do outro lado daquela porta pode lhe causar grande sofrimento. Este foi um caso interessante e há muito temo que só poderia levar a uma conclusão. Enfim, não há como evitá-lo. Devemos ver o que há para ser visto. Sua arma está carregada? Um único tiro, Lestrade. Este será o sinal para que você e seus homens entrem.”

“Tudo que disser, sr. Holmes.”

Abandonamos a proteção das árvores e atravessamos a estrada, nossos pés já sulcando mais de dois centímetros de neve recém-caída. A casa avultava à nossa frente, as janelas protegidas por cortinas pesadas e deixando aparecer apenas um suave retângulo de luz. Eu ainda podia ouvir o som do piano, mas ele não me sugeria mais um recital formal – alguém tocava uma balada irlandesa, o tipo de música que poderia ser executada na taberna mais sórdida. Passamos pela fileira de carruagens, ainda à espera de seus donos, e chegamos à porta da frente. Holmes bateu. A porta foi aberta por um jovem que eu não vira em minha última visita à escola, com cabelo preto apertado rente à cabeça, sobrancelhas arqueadas e uma atitude ao mesmo tempo arrogante e deferente. Estava vestido num estilo vagamente militar, com um paletó curto, calças *peg-top* e botas abotoadas. Usava também um colete em tom de lavanda e luvas combinando.

“Sim?” O mordomo, se é que ele era isso, não nos reconheceu e nos encarava com desconfiança. “Somos amigos de lorde Horace Blackwater”, disse Holmes, e fiquei espantado ao ouvi-lo nomear um de seus acusadores no tribunal policial.

“Ele os mandou aqui?”

“Ele me falou muito bem a seu respeito.”

“E seu nome?”

“É Parsons. Este é um colega meu, sr. Smith.”

“E terá sir Horace lhes fornecido algum sinal ou meio de identificação? Não costumamos admitir estranhos no meio da noite.”

“Sem dúvida. Ele me disse para lhe dar isto.” Holmes enfiou a mão no bolso e tirou um pedaço de fita de seda branca. Segurou-a no ar por um instante, depois a entregou.

O efeito foi imediato. O mordomo inclinou a cabeça e abriu a porta um pouco mais, fazendo um aceno com a mão. “Entrem.”

Fomos admitidos num vestíbulo que me pegou inteiramente de surpresa, pois eu tinha em mente a natureza austera e sombria da escola do outro lado da estrada e esperara mais do mesmo. Nada poderia ter estado mais longe da verdade, pois me vi cercado por opulência, calor e luz resplandecente. Uma galeria ladrilhada de preto e branco, no estilo holandês, levava longe, entremeada por elegantes mesas de mogno com arabescos e pernas torneadas apoiadas contra as paredes entre as várias portas. Os lampiões a gás estavam por sua vez instalados em apliques extremamente ornamentados e haviam sido virados para cima de modo a permitir que a luz se derramasse sobre os muitos tesouros que a casa possuía. Elaborados espelhos rococós em brilhantes molduras de prata pendiam das paredes, elas próprias forradas em escarlate e dourado estampado em relevo. Duas estátuas de mármore da Roma antiga defrontavam-se em nichos e, embora pudessem ter parecido corriqueiras num museu, chocavam e pareciam inapropriadas numa residência privada. Viam-se flores e plantas em vasos por toda parte, sobre as mesas, pilastras e pedestais de madeira, seu perfume impregnando pesadamente o ar superaquecido. O som do piano vinha de um aposento na outra extremidade. Não havia mais ninguém à vista.

“Se tiverem a bondade de esperar nesta sala, cavalheiros, informarei ao dono da casa que estão aqui.”

O criado nos fez entrar por uma porta numa sala de visitas tão bem-decorada quanto o corredor do lado de fora. Um grosso tapete a forrava. Um sofá e duas poltronas, todos estofados em malva escuro, haviam sido dispostos em volta de uma lareira onde várias toras ardiam. As janelas estavam vedadas por grossas cortinas de veludo com pesadas safenas, que tínhamos visto de fora, mas havia uma porta de vidro cuja cortina fora puxada e que levava a uma estufa cheia de samambaias e laranjeiras com uma grande gaiola de latão contendo um periquito verde bem no centro. Um lado da sala era tomado por estantes de livros, o outro por um longo aparador sobre o qual eram exibidos bibelôs de toda sorte, desde cerâmicas

de Delft azuis e brancas e fotografias em porta-retratos a um *tableau* com dois gatinhos empalhados sentados em cadeiras em miniatura, as patinhas unidas como se fossem marido e mulher. Uma mesa suplementar ornada com tímpanos estava ao lado da lareira com várias garrafas e copos.

“Por favor, fiquem à vontade”, disse o mordomo. “Posso oferecer um drinque aos cavalheiros?” Nós dois recusamos. “Nesse caso, se quiserem esperar aqui, logo estarei de volta.” Ele saiu da sala, seus passos não fazendo nenhum som sobre o tapete, e fechou a porta. Ficamos sozinhos.

“Pelo amor de Deus, Holmes!” exclamei. “Que lugar é este?”

“É a Casa da Seda”, respondeu ele com uma expressão sinistra.

“Sim. Mas o que...?”

Ele levantou a mão. Havia ido até a porta e tentava ouvir se havia alguém do lado de fora. Tendo ficado satisfeito, abriu-a com cuidado e fez um sinal para mim. “Temos uma extrema provação diante de nós”, sussurrou-me. “Estou quase arrependido de tê-lo trazido aqui, velho amigo. Mas precisamos pôr fim a isto.”

Esgueiramo-nos da sala. O mordomo desaparecera, mas a música ainda soava, uma valsa agora, e tive a impressão de que as teclas estavam um pouco desafinadas. Avançamos pelo corredor, afastando-nos da porta de entrada em direção ao interior do prédio. Em algum lugar, muito acima de nós, ouvi alguém emitir um grito muito breve e meu sangue congelou, pois tive certeza de que era o som de uma criança. Um relógio, pendurado na parede e com um forte tique-taque, mostrava dez para as nove mas nos sentíamos tão enclausurados ali, tão desligados do mundo exterior, que poderia ser qualquer hora da noite ou do dia. Chegamos a uma escada e começamos a subir. Quando estávamos ainda nos primeiros degraus, ouvi uma porta se abrir em algum lugar ao longo do corredor e uma voz de homem que tive impressão de reconhecer. Era o dono da casa. Ele ia ao nosso encontro.

Seguimos em frente, apertando o passo, fazendo a curva no mesmo instante em que duas figuras – o mordomo que nos recebera e uma outra pessoa – passaram embaixo.

“Adiante, Watson”, sussurrou Holmes.

Chegamos a um segundo corredor, este com os lampiões a gás apagados. Era atapetado, tinha um papel de parede floral e havia muitas outras portas, dos dois lados, pinturas a óleo em molduras pesadas que provaram ser

cópias de mau gosto de obras clássicas. Um perfume doce e desagradável pairava no ar. Embora eu ainda não tivesse captado a verdade em toda sua plenitude, todos os meus instintos me impeliam a deixar aquele lugar, a desejar nunca ter ido ali.

“Temos de escolher uma porta”, murmurou Holmes. “Mas qual?”

Não havia marcas nas portas; eram idênticas, carvalho encerado e maçanetas de porcelana branca. Ele escolheu a que lhe estava mais próxima e abriu-a. Juntos, olhamos para dentro. Para o assoalho de madeira, o tapete, as velas, o espelho, a jarra e a bacia, o homem barbado que nunca víamos antes, sentado, vestindo apenas uma camisa branca aberta no colarinho, e o menino na cama atrás dele.

Não podia ser verdade. Eu não queria acreditar naquilo. Mas tampouco podia negar a evidência de meus próprios olhos. Pois esse era o segredo da Casa da Seda. Era um bordel, nem mais, nem menos; mas um bordel destinado a homens com uma perversão torpe e dinheiro para entregar-se a ela. Aqueles homens tinham uma predileção por meninos, e suas desgraçadas vítimas eram escolhidas entre aqueles mesmos colegas que eu vira em Chorley Grange, arrancados das ruas de Londres, sem família nem amigos para se importar com eles, sem dinheiro nem comida, na maioria dos casos ignorados por uma sociedade para a qual representavam pouco mais que um estorvo. Eles tinham sido obrigados a se submeter a uma vida de imundície, ou aliciados, ameaçados de tortura ou morte se não consentissem. Ross havia sido um deles por um curto período. Não era de espantar que tivesse fugido. E não era de espantar que sua irmã houvesse tentado me dar uma estocada, acreditando que eu fora buscá-lo de volta. Em que tipo de país eu vivia, no fim do século passado, pergunto a mim mesmo, que abandonava tão completamente os seus jovens? Eles podiam cair doentes. Podiam passar fome. E pior. Ninguém se importava.

Todos esses pensamentos passaram rapidamente por minha mente nos poucos segundos em que ficamos ali. O homem nos notou. “Que diabo pensam que estão fazendo?” bradou.

Holmes fechou a porta. Nesse mesmo instante, ouvimos um grito dado no andar térreo quando o dono da casa entrou na sala de visitas e descobriu que saíramos dali. O som do piano cessou. Perguntei a mim mesmo o que deveríamos fazer em seguida, mas um segundo mais tarde a decisão foi tirada de nossas mãos. Uma porta abriu-se mais adiante no corredor e um homem saiu, inteiramente vestido mas com as roupas em desalinho, a camisa

pendendo para fora das calças nas costas. Esse eu reconheci de imediato. Era o inspetor Harriman.

Ele nos viu. “Vocês!” exclamou.

Parou, encarando-nos. Sem pensar duas vezes, puxei meu revólver e disparei o tiro único que faria Lestrade e seus homens virem correndo em nosso socorro. Mas não dei o tiro para o ar como poderia ter feito. Mirei Harriman e apertei o gatilho com uma intenção assassina que nunca sentira antes e nunca senti desde então. Pela única vez em minha vida, soube exatamente o que significava desejar matar um homem.

Errei o tiro. No último segundo, Holmes deve ter percebido o que eu pretendia e gritou, com um movimento em direção à minha arma. Foi o bastante para prejudicar minha pontaria. A bala errou o alvo e estilhaçou um lampião a gás. Harriman abaixou-se e afastou-se correndo, chegando a uma segunda escada e desaparecendo por ela abaixo. Ao mesmo tempo, o tiro alarmara todo o prédio. Mais portas abriram-se e homens de meia-idade apareceram cambaleando no corredor, olhando à sua volta, seus rostos cheios de pânico e consternação como se tivessem esperado secretamente anos a fio que seus pecados fossem revelados e pressentido, subitamente, que o momento chegara. No andar de baixo, produziu-se barulho de madeira rachando e gritos ecoaram quando a porta da frente foi arrombada. Ouvi Lestrade chamando. Houve um segundo tiro. Alguém soltou um grito estridente.

Holmes já avançava, empurrando quem quer que estivesse em seu caminho, seguindo o rastro de Harriman. O homem da Scotland Yard havia, é claro, concluído que o jogo terminara, mas parecia inconcebível que ele conseguisse fugir. Lestrade chegara. Seus homens deveriam estar em toda parte. No entanto, isso era evidentemente o que Holmes temia, pois já chegara à escada e a descia às carreiras. Fui atrás, e chegamos juntos ao térreo, com sua galeria ladrilhada em preto e branco. Ali, o caos imperava. A porta da frente estava aberta, um vento gélido soprando através dos corredores e os lampiões a gás balançando. Os homens de Lestrade já tinham começado o seu trabalho. Lorde Ravenshaw, que tirara a capa para revelar um *smoking-jacket* de veludo, saiu correndo de um dos quartos, um cigarro ainda na mão. Foi agarrado por um policial e imprensado contra a parede.

“Tire suas mãos de mim!” gritou. “Não sabe quem eu sou?”

Ele ainda não se dera conta de que logo o país inteiro saberia quem era, e iria sem dúvida sentir nojo dele e de seu nome. Outros clientes da Casa da

Seda já estavam sendo presos, vagando trôpegos pelo prédio, sem coragem nem dignidade, muitos vertendo lágrimas de autopiedade. O mordomo estava sentado no chão, curvado, com sangue pingando do nariz. Vi Robert Weeks, o professor que se formara pelo Balliol College, sendo arrastado para fora de um quarto com o braço torcido atrás das costas.

Havia uma porta bem nos fundos da casa. Ela estava aberta e dava para um jardim. Um dos homens de Lestrade estava caído diante dela e havia sangue jorrando de um ferimento a bala em seu peito. Lestrade já estava cuidando dele, mas ao ver Holmes levantou os olhos, o rosto vermelho de raiva. “Foi Harriman!” exclamou. “Atirou quando descia a escada.”

“Onde está ele?”

“Saiu por ali!” Lestrade apontou para a porta aberta.

Sem mais uma palavra, Holmes partiu atrás de Harriman. Segui-o, em parte porque meu lugar é sempre a seu lado, mas também porque queria estar presente quando as contas fossem finalmente acertadas. Harriman podia ser só um criado da Casa da Seda, mas a transformara num negócio pessoal, prendendo Holmes sob falsas alegações e sendo conivente com seu assassinato. Eu teria atirado nele com prazer. Ainda lamentava ter errado o tiro.

Saímos na escuridão e na neve que caía em torvelinho. Seguimos uma trilha que contornava a casa. A noite se transformara num redemoinho alvinegro e era difícil até distinguir os prédios do outro lado da estrada. Mas nesse momento ouvimos o estalar de um chicote e o relincho de um cavalo, e uma das carruagens saiu em disparada rumo ao portão. Não podia haver dúvida quanto a quem estava atrás das rédeas. Com o coração pesado e um gosto amargo na boca, dei-me conta de que Harriman se safara, que tínhamos de aguardar e torcer para que ele fosse encontrado e preso nos dias seguintes.

Mas Holmes não pensava nada disso. Harriman partira num *four-wheeler* puxado por dois cavalos. Sem parar para escolher entre os veículos que restavam, ele saltou no que estava mais próximo, um leve e frágil *dog-cart* de apenas um cavalo – e por sinal, não o mais saudável dos espécimes. Consegui subir com dificuldade atrás dele e partimos ambos na perseguição, ignorando os gritos do cocheiro que estivera fumando um cigarro ali perto e só nos vira tarde demais. Passamos a toda a velocidade pelos portões, depois embicamos pela estrada. Com Holmes fustigando-o, o cavalo provou ter mais vigor do que seria de esperar, e o pequeno *dog-cart* mais parecia

voar sobre a superfície coberta de neve. Podíamos ter um cavalo a menos que Harriman, mas nosso veículo era mais leve e mais ágil. Empoleirado lá no alto, eu podia apenas me segurar com toda a força, pensando que se caísse com certeza quebraria o pescoço.

Aquela não era noite para uma caçada. A neve nos fustigava na horizontal, esbofeteando-nos com uma série de rajadas contínuas. Eu não fazia a menor ideia de como Holmes podia enxergar, pois toda vez que eu tentava esquadriñar a escuridão era instantaneamente cegado, e minhas bochechas já estavam dormentes. Mas lá estava Harriman, a não mais de uns quarenta e cinco metros à nossa frente. Eu o ouvia gritar de irritação, ouvia suas chicotadas. Holmes estava sentado na minha frente, encurvado, segurando as rédeas com ambas as mãos, mantendo o próprio equilíbrio apenas com os pés. Cada buraco ameaçava jogá-lo fora do carro. A menor curva nos fazia escorregar loucamente pela superfície congelada da estrada. Eu perguntava a mim mesmo se as barras que sustentavam as molas poderiam resistir e antevia a catástrofe iminente quando nosso corcel, excitado pela caçada, terminasse por nos fazer em pedaços. O morro era íngreme e era como se estivéssemos mergulhando num abismo com a neve rodopiando à nossa volta e o vento empurrando-nos para baixo.

Quarenta metros, trinta... de alguma maneira estávamos conseguindo reduzir a distância entre nós. As patas dos cavalos da outra carruagem ribombavam, as rodas giravam desabaladas, toda a estrutura chocalhando e sacudindo-se como se fosse se desintegrar a qualquer momento. Agora Harriman sabia que estávamos ali. Eu o via olhar para trás, seu cabelo branco um halo extravagante em volta de sua cabeça. Ele estendeu a mão para pegar alguma coisa. Só tarde demais vi o que era. Produziu-se um minúsculo clarão vermelho, um disparo de arma de fogo que quase se perdeu na cacofonia da perseguição. Ouvi o impacto da bala na madeira. Não acertara Holmes por centímetros, e a mim por menos ainda. Quanto mais próximos ficávamos, alvos mais fáceis nos tornávamos. No entanto, ainda assim arremetíamos impetuosamente.

Agora se viam luzes à distância, uma aldeia ou um subúrbio. Harriman atirou uma segunda vez. Nosso cavalo relinchou e tropeçou. Nosso *dog-cart* alçou voo, estatelando-se em seguida no solo com um estrondo, sacudindo minha espinha e deixando meus ombros em chamas. Felizmente, porém, o animal havia sido ferido, não morto, e a calamidade iminente, se teve algum

efeito, foi o de torná-lo ainda mais determinado. Holmes emitiu um grito surdo. Trinta metros, vinte. Em poucos segundos o alcançaríamos.

Mas logo em seguida notei que Holmes puxava as rédeas e vi uma curva fechada à nossa frente – a estrada fazia uma guinada brusca à esquerda e, se tentássemos fazer a curva naquela velocidade, morreríamos na certa. Nosso pequeno *dog-cart* corria pela superfície, gelo e lama sendo cuspidos de sob as rodas. O risco de eu ser arremessado para fora era grande. Segurei-me com mais firmeza, o vento me machucando, o mundo inteiro mal passando de um borrão. Houve um forte estrondo à minha frente – não uma terceira bala, mas o som de madeira se estilhaçando. Abri meus olhos para ver que a outra carruagem havia entrado na curva depressa demais. Ficara sobre uma só roda, e esta pressionara a estrutura de madeira, que se desintegrou diante dos meus olhos. Harriman foi projetado no ar, as rédeas puxando-o para frente. Por um breve segundo ele ficou suspenso ali. Depois a coisa toda caiu de lado, e Harriman sumiu de vista. Os cavalos continuaram no galope, mas haviam se separado da carruagem e desapareceram na escuridão. A carruagem derrapou e girou, parando por fim bem diante de nós, e por um momento pensei que trombaríamos. Mas Holmes ainda segurava as rédeas. Ele fez nosso cavalo contornar o obstáculo, e então parar.

O animal ficou ali, arfando. Havia uma risca de sangue ao longo de seu flanco, e eu me sentia como se todos os meus ossos tivessem sido deslocados. Eu não usava casaca e tiritava de frio.

“E então, Watson”, disse Holmes com uma voz áspera, a respiração pesada. “Acha que tenho futuro como cocheiro?”

“Talvez tenha, sem dúvida”, respondi. “Mas não espere muitas gorjetas.”
“Vamos ver o que podemos fazer por Harriman.”

Descemos – mas um olhar nos fez saber que a perseguição estava encerrada em todos os sentidos. Harriman esvaía-se em sangue. Seu pescoço estava tão gravemente quebrado que, embora ele estivesse estatelado de braços sobre a superfície da estrada, as palmas viradas para baixo, seus olhos cegos fixavam o céu e todo o seu rosto contorcia-se numa horrenda careta de dor. Holmes lançou-lhe um olhar, depois inclinou a cabeça, num gesto de assentimento. “Isso não foi nada além do que ele merecia”, disse.

“Era um homem depravado, Holmes. Todas essas pessoas são perversas.”

“Você expressa as coisas muito concisamente, Watson. Aguenta voltar a Chorley Grange?”

“Aqueles crianças, Holmes. Aquelas pobres crianças.”

“Eu sei. Mas a esta altura Lestrade deve ter assumido o controle da situação. Vamos ver o que pode ser feito.”

Nosso cavalo era todo fogo e indignação, suas narinas fumegando na noite. Com dificuldade, conseguimos fazê-lo dar meia-volta e começamos a subir o morro devagar. Fiquei surpreso ao ver como tínhamos ido longe. A descida havia sido uma questão de minutos. A volta tomou-nos mais de meia hora. Mas a neve parecia cair com mais brandura e o vento amainara. Eu estava satisfeito por ter tempo para me refazer, para ficar a sós com meu amigo.

“Holmes”, disse eu. “Quando você ficou sabendo?”

“Sobre a Casa da Seda? Suspeitei que havia alguma coisa errada a primeira vez que fomos a Chorley Grange. Fitzsimmons e a mulher são grandes atores, mas você deve se lembrar de como ele ficou irritado quando a criança que interrogamos – um menino de cabelo louro chamado Daniel – mencionou que Ross tinha uma irmã que trabalhava no Saco de Pregos. O reverendo disfarçou bem, tentando nos fazer acreditar que estava aborrecido porque essa informação não havia sido fornecida antes. Mas na verdade ficou furioso porque alguma coisa, qualquer coisa, nos havia sido informada. Fiquei também intrigado com a natureza do prédio em frente à escola. Pude ver num relance que as marcas de rodas pertenciam a diversos tipos de carruagem, inclusive um *brougham* e um landau. Por que iriam os donos de veículos tão caros comparecer a um recital de música apresentado por um grupo de meninos anônimos e necessitados? Não fazia nenhum sentido.”

“Mas você não percebeu...”

“Não naquele momento. Esta foi uma lição que aprendi, Watson, e que jamais virei a esquecer. Na investigação de um crime, um detetive deve por vezes deixar-se guiar por suas piores fantasias – isto é, deve instalar-se na mente do criminoso. Mas há limites além dos quais qualquer homem civilizado não admitirá se rebaixar. Esse foi o caso aqui. Não imaginei que Fitzsimmons e seu bando pudessem estar envolvidos porque simplesmente não desejei fazê-lo. Quer goste disso ou não, no futuro devo aprender a me enojar menos. Foi só quando descobrimos o corpo do pobre Ross que comecei a perceber que tínhamos entrado numa arena diferente de tudo que

eu experimentara antes. Não foi apenas a crueldade de seus ferimentos. Foi a fita branca atada em seu pulso. Quem quer que tivesse feito tal coisa com uma criança morta devia ter a mente corrompida, inteiramente corrompida. Para um homem desse tipo, qualquer coisa seria possível.”

“A fita branca...”

“Como você viu, ela era o símbolo pelo qual esses homens se reconheciam uns aos outros e que lhes permitia entrar na Casa da Seda. Mas tinha um segundo objetivo. Ao enrolá-la no pulso do menino, eles o transformaram num exemplo. Sabiam que o fato seria noticiado nos jornais e funcionaria portanto como um aviso de que era o que aconteceria com qualquer pessoa que ousasse se interpor no seu caminho.”

“E o nome, Holmes. Era em alusão à fita de seda que eles chamavam o lugar de Casa da Seda?”

“Essa não era a única razão, Watson. Temo que a resposta tenha estado diante de nós o tempo todo, embora talvez só tenha se tornado óbvia em retrospecto. Você se lembra do nome da organização filantrópica que, segundo Fitzsimmons, financiava seu trabalho? O Centro Educacional para a Adolescência. Inclino-me a pensar que estivemos de fato à procura da Casa do CEDA – não da Casa da Seda. E essa, de todo modo, deve sem dúvida ter sido a origem do nome. A organização filantrópica pode ter sido fundada com a finalidade precípua de servir a essas pessoas. Forneceu-lhes o mecanismo para encontrar as crianças e a máscara por trás da qual podiam explorá-las.”

Hávamos chegado à escola. Holmes entregou o *dog-cart* de volta ao cocheiro com um pedido de desculpas. Lestrade estava à nossa espera na porta. “E Harriman?” perguntou.

“Está morto. Sua carruagem capotou.”

“Não posso dizer que lamento.”

“Como está seu policial, o homem que foi alvejado?”

“O ferimento foi grave, sr. Holmes. Mas ele vai viver.”

Por menos inclinado que eu estivesse a fazê-lo uma segunda vez, seguimos Lestrade e entramos no prédio. Alguns cobertores haviam sido trazidos para baixo e usados para cobrir o policial que fora alvejado por Harriman, e o piano, é claro, silenciara. Afora isso, porém, a Casa da Seda estava quase como estivera quando entráramos ali pela primeira vez. Voltar

me deu calafrios, mas eu sabia que nosso trabalho ainda não estava concluído.

“Mande buscar mais homens”, disse-nos Lestrade. “É um negócio asqueroso que temos aqui, sr. Holmes, e vai ser necessário alguém muito mais graduado que eu para esclarecê-lo. Deixem-me dizer-lhes que as crianças foram enviadas de volta para a escola do outro lado da estrada e mandei dois oficiais tomarem conta delas, pois todos os professores deste lugar horrível estão implicados no que estava se passando e estão presos. Acho que os senhores conheceram dois deles – Weeks e Vosper.”

“E quanto a Fitzsimmons e a mulher?” perguntei.

“Estão na sala de visitas e nós os veremos dentro em pouco, mas há algo que quero lhes mostrar antes, se tiverem estômago para tanto.” Eu mal conseguia acreditar que a Casa da Seda ainda podia encerrar quaisquer outros segredos, mas fomos até o segundo andar com Lestrade, que não parava de falar. “Havia mais nove homens aqui. Como devo chamá-los? Clientes? Fregueses? Eles incluem lorde Ravenshaw e uma outra pessoa que os senhores conhecem muito bem, certo médico chamado Ackland. Percebo agora por que ele estava tão ávido por prestar falso testemunho contra o senhor.”

“E quanto a lorde Horace Blackwater?” perguntou Holmes.

“Não estava presente aqui esta noite, sr. Holmes, embora eu tenha certeza de que vamos descobrir que era um assíduo visitante. Mas venha por aqui. Vou lhes mostrar o que descobrimos e ver se os senhores conseguem compreender o que é.”

Percorremos a galeria onde havíamos encontrado Harriman. Agora as portas estavam abertas, revelando quartos, todos com decoração suntuosa. Visceralmente repugnado, eu não tinha desejo de entrar em nenhum deles, mas entrei atrás de Holmes e Lestrade e vi-me num quarto ornado com colgaduras de seda azul com uma cama de ferro fundido, um sofá baixo e uma porta que dava para um banheiro com água encanada. A parede oposta era tomada por um armário baixo sobre o qual se via um tanque de vidro contendo muitas rochas e flores secas arranjadas como uma paisagem em miniatura, algo que deveria pertencer a um naturalista, talvez, ou a um colecionador.

“Este quarto não estava em uso quando entramos nele”, explicou Lestrade. “Meus homens continuaram pelo corredor até o próximo quarto,

que não passa de um armário, e só o abriram por acaso Agora, olhem aqui. Foi isto que descobrimos.”

Ele dirigiu nossa atenção para o tanque e a princípio não entendi por que o examinávamos. Mas depois percebi que havia um pequeno orifício feito na parede atrás dele, perfeitamente escondido pelo vidro, de modo a se tornar quase invisível.

“Uma fenda!” exclamei. E em seguida compreendi sua significação. “Tudo que se passava neste quarto podia ser observado.”

“Não apenas observado”, murmurou Lestrade com uma expressão sinistra.

Levou-nos de volta para o corredor, depois abriu a porta do armário. O interior estava vazio, exceto por uma mesa em que estava pousada uma caixa de mogno. De início, eu não soube ao certo o que estava vendo, mas em seguida Lestrade despreendeu a caixa, que se abria como uma sanfona, e percebi que se tratava de fato de uma câmara e que sua lente, na extremidade do tubo telescópico, estava imprensada contra o outro lado da fenda que havíamos acabado de ver.

“Uma câmara Le Merveilleux de um quarto de placa, fabricada por J. Lancaster and Son de Birmingham, se não me engano”, observou Holmes.

“Isso é parte da depravação deles?” perguntou Lestrade. “Precisarem guardar um registro do que aconteceu?”

“Acho que não”, respondeu Holmes. “Mas agora entendo por que meu irmão, Mycroft, foi recebido de maneira tão hostil quando começou suas indagações e por que foi incapaz de vir em minha ajuda. Disse que está com Fitzsimmons lá embaixo?”

“Ele e a mulher.”

“Então creio que é hora de termos nosso ajuste de contas.”

O fogo ainda ardia na sala de visitas, que estava quente e abafada. O reverendo Charles Fitzsimmons estava sentado no sofá com a esposa e fiquei satisfeito ao ver que havia trocado seu traje clerical por um *smoking* com gravata preta. Não creio que teria tolerado que levasse adiante o fingimento de ser parte da igreja. A sra. Fitzsimmons, muito empertigada e retraída, recusava-se a nos olhar nos olhos. Não pronunciou uma só palavra durante toda a entrevista que se seguiu. Holmes sentou-se. Fiquei de pé, de costas para a lareira. Lestrade continuou junto à porta.

“Sr. Holmes!” Fitzsimmons pareceu agradavelmente surpreso ao vê-lo. “Suponho que devo congratulá-lo, senhor. Não há dúvida de que se provou tão formidável quanto fui levado a acreditar. Conseguiu escapar da primeira armadilha que lhe preparamos. Sua evaporação de Holloway foi extraordinária. E como nem Henderson nem Bratby voltaram a este estabelecimento, devo supor que levou a melhor sobre eles em Jackdaw Lane e que estão ambos presos?”

“Estão mortos”, respondeu Holmes.”

Como teriam acabado na forca de qualquer maneira, suponho que não faz muita diferença.”

“Está preparado para responder às minhas perguntas?”

“É claro. Não vejo absolutamente nenhuma razão para não estar. Não me envergonho do que vínhamos fazendo aqui em Chorley Grange. Alguns dos policiais nos trataram com muita aspereza e...” Neste ponto ele gritou para Lestrade, à porta. “...Posso lhe assegurar que farei uma queixa oficial. Mas a verdade é que estivemos apenas fornecendo o que certos homens solicitavam há séculos. Sem dúvida estudou a antiga civilização dos gregos, dos romanos e dos persas, não é? O culto de Ganimedes era muito respeitável, senhor. Sente repulsa pela obra de Michelangelo ou mesmo pelos sonetos de William Shakespeare? Bem, tenho certeza de que não tem nenhum desejo de discutir a semântica da matéria. Está em posição de vantagem, sr. Holmes. O que deseja saber?”

“A Casa da Seda foi ideia sua?”

“Inteiramente minha. Posso lhe assegurar que o Centro Educacional para a Adolescência e a família de nosso benfeitor, sir Crispin Ogilvy, que, como eu lhe disse, pagou pela compra de Chorley Grange, não têm nenhum conhecimento do que estivemos fazendo e ficariam, tenho certeza, tão consternados quanto o senhor. Não tenho nenhuma necessidade de protegê-los. Apenas lhe conto a verdade.”

“Foi o senhor que ordenou a morte de Ross?”

“Confesso que sim. Não me orgulho disso, sr. Holmes, mas foi necessário para garantir minha própria segurança e a continuação deste empreendimento. Não estou confessando o assassinato propriamente dito, o senhor compreende. Ele foi levado a cabo por Henderson e Bratby. E talvez convenha acrescentar que o senhor estaria se iludindo se pensasse em Ross como algum inocente, um anjinho que caiu em perdição. A sra. Fitzsimmons

estava certa. Ele era uma criaturinha asquerosa e foi o único responsável pelo fim que teve.”

“Creio que tem mantido um registro fotográfico de alguns de seus clientes.”

“Esteve no quarto azul?”

“Sim.”

“Isso foi necessário, vez por outra.”

“Suponho que seu objetivo era fazer chantagem.”

“Chantagem, às vezes, e só quando absolutamente necessário, pois não o surpreenderá saber que ganhei uma considerável quantidade de dinheiro com a Casa da Seda e não tinha nenhuma necessidade particular de qualquer outra fonte de renda. Não, não, não, isso teve mais a ver com autoproteção, sr. Holmes. Como pensa que consegui convencer o dr. Ackland e lorde Horace Blackwater a comparecer a um tribunal público? Foi um ato de autopreservação da parte deles. E é pela mesma razão que posso lhes dizer agora que minha mulher e eu jamais seremos levados a julgamento neste país. Sabemos segredos demais sobre pessoas demais, algumas das quais ocupam as mais elevadas posições, e temos as evidências cuidadosamente acobertadas. Os cavalheiros que os senhores encontraram aqui esta noite não passam de uma pequena amostra de meus agradecidos clientes. Temos ministros e juízes, advogados e lordes. Mais do que isto, eu poderia citar um membro da mais nobre família do reino que foi um frequente visitante desta casa, mas é óbvio que ele conta com minha discrição, tal como posso contar com sua proteção caso surja a necessidade. Entende o que quero dizer, sr. Holmes? Eles nunca lhe permitirão divulgar esse caso. Dentro de seis meses minha esposa e eu estaremos livres e, com toda a discrição, começaremos de novo. Talvez seja necessário olhar para o continente. Sempre tive certa queda pelo Sul da França. Mas seja onde for e quando quer que seja, a Casa da Seda reemergirá. Dou-lhe a minha palavra.”

Holmes não disse nada. Levantou-se e saímos os dois da sala. Ele não voltou a mencionar Fitzsimmons aquela noite, nem teve mais nada a dizer sobre o assunto na manhã seguinte. Nessa altura, porém, estávamos ocupados de novo, pois toda a aventura havia, é claro, começado em Wimbledon e foi para lá que voltamos naquele momento.

20. Keelan O'Donaghue

A NEVE QUE CAÍRA na noite anterior havia transformado Ridgeway Hall de uma maneira surpreendente, acentuando sua simetria e tornando-a de certo modo atemporal. Eu achara a casa bonita nas duas visitas que lhe fizera, mas quando me aproximei dela pela última vez, na companhia de Sherlock Holmes, pareceu-me tão perfeita quanto as casas em miniatura que vemos em vitrines de lojas de brinquedos, e tive a impressão de que era quase um ato de vandalismo sulcar a branca entrada particular com as rodas de nossa carruagem.

Era o começo da tarde e devo confessar que, se me tivesse sido dada uma chance, eu teria adiado essa visita por mais vinte e quatro horas, pois estava exausto da noite anterior e meu braço, onde fora golpeado, doía tanto que eu mal conseguia fechar os dedos da mão esquerda. Eu havia passado uma péssima noite, desesperado para adormecer de modo a tirar de minha mente tudo que vira em Chorley Grange, mas incapaz de fazê-lo precisamente porque tudo ainda estava muito fresco em minha memória. Ao chegar à mesa do desjejum, incomodara-me ver Holmes novo em folha, restaurado em todos os aspectos, cumprimentando-me daquela sua maneira rápida e precisa, como se nada de anormal tivesse acontecido. Fora ele que insistira nessa visita, já tendo enviado um telegrama para Edmund Carstairs antes que eu me levantasse. Lembrei-me de nosso encontro no Saco de Pregos, quando eu descrevera o que havia acontecido com a família, em particular com Eliza Carstairs. Ele estava preocupado agora, como estivera naquele momento, e era patente que atribuía grande importância à doença súbita daquela senhora. Insistia em vê-la com seus próprios olhos, embora estivesse além da minha compreensão como poderia ser capaz de ajudá-la quando eu e tantos outros médicos havíamos fracassado.

Batemos à porta. Ela foi aberta por Patrick, o ajudante irlandês que eu havia encontrado na cozinha. Ele olhou perplexo para Holmes e para mim.

“Oh, são os senhores de novo”, disse, lançando-nos um olhar mal-humorado. “Não esperava vê-los aqui novamente.”

Eu nunca havia sido recebido à soleira de uma porta com tamanha insolência, mas Holmes pareceu achar graça. “Seu patrão está em casa?” perguntou.

“A quem devo anunciar?”

“Meu nome é Sherlock Holmes. Somos esperados. E quem é você?”

“Sou Patrick.”

“Esse é um sotaque de Belfast, se não me engano.”

“Em que isso o interessa?”

“Patrick? Quem é? Por que Kirby não está aqui?” Edmund Carstairs havia aparecido no vestíbulo e veio em nossa direção, muito agitado. “Deve me desculpar, sr. Holmes. Kirby ainda deve estar no andar de cima com minha irmã. Eu não esperava que a porta fosse aberta pelo ajudante de cozinha. Pode ir agora, Patrick. Volte para o seu lugar.”

Carstairs estava imaculadamente vestido, como em todas as ocasiões em que eu o vira, mas as linhas traçadas por dias de ansiedade eram muito visíveis em seu rosto e suspeitei que, como eu, ele não andasse dormindo bem.

“O senhor recebeu meu telegrama”, disse Holmes

“Sim. Mas é evidente que o senhor não recebeu o meu. Pois afirmei com toda a clareza, como já havia sugerido ao dr. Watson, que não precisava mais de seus serviços. Lamento dizê-lo, mas não foi útil à minha família, sr. Holmes. E devo acrescentar que fui informado de que o senhor foi preso e estava em sérias dificuldades com a lei.”

“Esses assuntos foram resolvidos. Quanto ao seu telegrama, sr. Carstairs, de fato o recebi, e li o que tinha a dizer com interesse.”

“E veio mesmo assim?”

“O senhor foi me procurar a princípio porque estava sendo aterrorizado por um homem de boina, um sujeito que acreditava ser Keelan O’Donaghue de Boston. Posso lhe dizer que agora eu domino os fatos e sinto-me feliz em compartilhá-los com o senhor. Posso também lhe dizer quem matou o homem que encontramos no Mrs Oldmore’s Private Hotel. O senhor pode tentar se convencer de que essas coisas não são mais importantes, e se esse for o caso, permita-me dizer isto de maneira muito simples. Se quiser que sua

irmã morra, me mandará embora. Caso contrário, vai me convidar para entrar e ouvir o que tenho a dizer.”

Carstairs hesitou, e pude ver que lutava consigo mesmo, que, de uma maneira estranha, estava quase com medo de nós, mas no fim seu melhor juízo prevaleceu. “Por favor”, disse. “Deixem-me recolher seus sobretudos. Não sei o que Kirby está fazendo. Por vezes tenho a impressão de que a casa toda está em desordem.” Tiramos nossos agasalhos e ele acenou em direção à sala de visitas, onde havíamos sido recebidos em nossa primeira visita.

“Se me permite, eu gostaria de ver sua irmã antes de nos sentarmos”, observou Holmes.

“Minha irmã não é mais capaz de ver ninguém. Sua visão a abandonou. Mas consegue falar.”

“Não será necessário. Desejo apenas ver o quarto de sua irmã. Ela continua se recusando a comer?”

“Não é mais uma questão de recusa. Ela não tem mais condições de ingerir alimentos sólidos. O máximo que consigo é fazê-la tomar um pouco de sopa quente de vez em quando.”

“Ela ainda acredita que está sendo envenenada.”

“Em minha opinião, foi essa crença irracional que se tornou a principal causa de sua doença, sr. Holmes. Como eu disse a seu colega, experimentei cada bocado que lhe passou pelos lábios sem absolutamente nenhum dano. Não compreendo a maldição que se abateu sobre mim. Antes de conhecê-lo, eu era um homem feliz.”

“E espera voltar a sê-lo, tenho certeza.”

Subimos até a água-furtada em que eu estivera antes. Quando chegamos à soleira, o criado, Kirby, apareceu com uma bandeja de sopa, o prato intacto. Ele lançou um olhar para o patrão e sacudiu a cabeça, indicando que mais uma vez a paciente se recusara a comer. Entramos. Fiquei consternado de imediato pela aparência de Eliza Carstairs. Quanto tempo fazia desde que eu a vira pela última vez? Não muito mais de uma semana, e no entanto nesse tempo ela havia sofrido tal deterioração que me fez lembrar do esqueleto vivo que eu vira ser anunciado na Casa de Maravilhas do Dr. Sedan. Tinha a pele esticada daquela maneira horrível que só vemos em pacientes terminais, os lábios arreganhados expondo gengivas e dentes. O formato do corpo sob as cobertas era diminuto e patético. Os olhos nos fitavam, mas não diziam

nada. As mãos, cruzadas sobre o peito, eram as de uma mulher trinta anos mais velha que Eliza Carstairs.

Holmes examinou-a brevemente. “O banheiro dela é na porta ao lado?” perguntou.

“Sim. Mas está fraca demais para andar até lá. A sra. Kirby e minha mulher lhe dão banho com ela deitada...”

Holmes já saíra do quarto. Entrou no banheiro, deixando Carstairs e eu num silêncio contrafeito junto à mulher de olhos fixos. Por fim reapareceu. “Podemos voltar para o térreo”, disse. Carstairs e eu saímos atrás dele, ambos estupefatos, porque a visita durara menos de trinta segundos.

Voltamos à sala de visitas, onde Catherine Carstairs, sentada em frente a um fogo aconchegante, lia um livro. Fechou-o assim que entramos e levantou-se depressa. “Ora, sr. Holmes e dr. Watson! Os senhores são as últimas pessoas que eu esperava ver.” Voltou os olhos para o marido. “Pensei...”

“Fiz exatamente como combinamos, minha querida. Mas o sr. Holmes decidiu nos visitar mesmo assim.”

“Fico surpreso ao saber que não desejava me ver, sra. Carstairs”, observou Holmes. “Em particular por ter ido me consultar uma segunda vez depois que sua cunhada adoeceu.”

“Isso foi muito tempo atrás, sr. Holmes. Não desejo ser rude, mas há muito perdi qualquer esperança de que nos poderia ser útil. O homem que veio a esta casa sem ser convidado e nos furtou dinheiro e joias está morto. Queremos saber quem o apunhalou? Não! O fato de ele não poder mais nos perturbar é suficiente. Se não houver nada que possa fazer para ajudar a pobre Eliza, não há razão para que fique.”

“Creio que ainda posso salvar a srta. Carstairs. Talvez ainda não seja tarde demais.”

“Salvá-la de quê?”

“Do veneno.”

Catherine Carstairs teve um sobressalto. “Ela não está sendo envenenada! Não há possibilidade disso. Os médicos não sabem a causa de sua doença, mas todos estão de acordo quanto a esse ponto.”

“Nesse caso estão todos errados. Posso me sentar? Tenho muita coisa a lhes contar e penso que deveríamos estar todos confortavelmente acomodados.”

A mulher fuzilou-o com os olhos, mas o marido tomou partido de Holmes. “Muito bem, sr. Holmes. Ouvirei o que tem a dizer. Mas não se iluda. Se eu acreditar que está tentando me enganar, não hesitarei em lhe pedir que se retire.”

“Meu objetivo não é enganá-lo”, respondeu Holmes. “Na verdade, é exatamente o contrário.” Ele se sentou na poltrona mais afastada do fogo. Tomei a cadeira ao lado. O sr. e a sra. Carstairs sentaram-se juntos no sofá diante de nós.

“Foi aos meus aposentos, sr. Carstairs, a conselho do seu contador, porque temia que sua vida pudesse ser ameaçada por um homem que nunca vira. Naquela noite o senhor estava a caminho da Ópera, para assistir Wagner, pelo que me lembro. Mas quando me deixou era tarde. Imagino que tenha perdido a primeira cortina.”

“Não. Cheguei a tempo.”

“Não importa. Houve muitos aspectos em sua história que me pareceram de fato extraordinários, o principal sendo o estranho comportamento desse justiceiro, Keelan O’Donaghue, se de fato era ele. Eu poderia por certo acreditar que ele o seguira até Londres e descobrira seu endereço aqui em Wimbledon, com o propósito expresso de matá-lo. O senhor era, afinal de contas, responsável – pelo menos em parte – pela morte de seu irmão gêmeo, Rourke O’Donaghue, e os gêmeos são muito ligados entre si. E ele já se vingara de Cornelius Stillman, o homem que lhe comprou as pinturas a óleo e que mais tarde pagou os agentes da Pinkerton que capturaram o Bando da Boina em Boston e puseram fim à carreira desses criminosos com uma saraivada de balas. Refresque-me a memória, por favor. Qual é o nome do agente que os senhores empregaram?”

“Era Bill McParland.”

“É claro. Como eu disse, os gêmeos são muito unidos e não surpreende que Keelan pretendesse matá-lo. Mas, nesse caso, por que não o matou? Tendo descoberto onde o senhor morava, por que não saltou de um esconderijo e lhe deu uma facada? É o que eu teria feito. Ninguém sabia que ele estava neste país. Ele poderia ter embarcado de volta para os Estados Unidos antes mesmo que o senhor chegasse ao necrotério. Mas, de fato, fez justo o contrário. Postou-se diante da sua casa, usando a boina que sabia que o identificaria. Pior do que isso, apareceu de novo, dessa vez quando o senhor e a sra. Carstairs deixavam o Savoy. O que tinha em mente, a seu ver?”

É quase como se o estivesse desafiando a ir a polícia para mandar prendê-lo.”

“Ele queria nos amedrontar”, disse a sra. Carstairs

“Mas esse não foi o motivo de sua terceira visita. Dessa vez ele voltou à casa com um bilhete que enfiou na mão de seu marido. Pediu um encontro em sua igreja local ao meio-dia.”

“Ele não apareceu.”

“Talvez nunca tenha pretendido fazê-lo. Sua intervenção final na vida dos senhores ocorreu quando ele invadiu a casa e roubou cinquenta libras e joias do cofre. Nessa altura, o comportamento que exibiu me parece mais do que notável. Não só sabe com precisão que janela escolher, como se apossou de alguma maneira de uma chave perdida por sua mulher vários meses antes de sua chegada ao país. E é no mínimo interessante que agora se mostre mais interessado em dinheiro que em assassinato, pois se encontrava efetivamente dentro desta casa no meio da noite. Poderia subir a escada e matar ambos os senhores na cama...”

“Eu acordei e o ouvi.”

“De fato, sra. Carstairs. Mas naquela altura ele já abrira o cofre. Aliás, presumo que a sra. e o sr. Carstairs durmam em quartos separados, estou certo?”

Carstairs corou. “Não vejo que relação nossos arranjos domésticos podem ter com o caso.”

“Mas o senhor não o nega. Muito bem. Vamos ficar com nosso estranho e um tanto indeciso intruso. Ele se refugia num hotel em Bermondsey. Mas agora os acontecimentos tomam um curso inesperado, quando um segundo agressor, um homem sobre quem nada sabemos, encontra Keelan O’Donaghue – mais uma vez, vamos supor que é ele –, mata-o com uma punhalada e leva não só o seu dinheiro, mas tudo que poderia identificá-lo, exceto uma cigareira que em si é inútil, uma vez que exibe as iniciais WM.”

“Que pretende com tudo isso, sr. Holmes?” perguntou Catherine Carstairs.

“Estou apenas deixando claro para a senhora, como foi para mim desde o início, que essa narrativa não tem pé nem cabeça – isto é, a menos que se parta da premissa de que não foi Keelan O’Donaghue que veio a esta casa, e que não era com seu marido que ele desejava se comunicar.”

“Mas isso é absurdo. Foi a meu marido que ele entregou aquele bilhete.”

“E não apareceu na igreja. Talvez seja útil nos pormos no lugar desse misterioso visitante. Ele tenta obter uma entrevista privada com um morador desta casa, mas isso não é um problema simples. Além da senhora e de seu marido, há a sua cunhada, vários criados... O sr. e a sra. Kirby, Elsie e Patrick, o ajudante de cozinha. Para começar, ele observa à distância, mas acaba se aproximando com um bilhete escrito em letras graúdas e nem dobrado nem posto num envelope. É claro que sua intenção não pode ser enfiá-lo debaixo da porta. Mas não seria possível, quem sabe, que tivesse a esperança de ver a pessoa a quem o bilhete se destinava e simplesmente levantá-lo, de modo que pudesse ser lido através da janela da sala de desjejum? Nenhuma necessidade de tocar a campainha. Nenhum risco de a mensagem cair nas mãos erradas. Ela só será conhecida pelas duas pessoas e elas poderão discutir seu assunto mais tarde. Lamentavelmente, contudo, o sr. Carstairs volta mais cedo que de costume para casa, momentos antes que nosso homem tivesse tido a oportunidade de lograr seu intento. Que faz ele então? Levanta o bilhete bem acima de si e o entrega ao sr. Carstairs. Sabe que está sendo observado da sala de desjejum e sua intenção agora é bastante diferente. ‘Vá ao meu encontro’, está dizendo, ‘ou contarei tudo que sei ao sr. Carstairs. Vou encontrá-lo na igreja. Vou encontrá-lo onde bem entender. Você não pode me impedir.’ É óbvio que ele não comparece ao encontro marcado. Não tem necessidade de fazê-lo. A advertência é suficiente.”

“Mas com quem ele desejava falar, se não comigo?”

“Quem estava na sala de desjejum naquele momento?”

“Minha mulher.” Ele fechou a cara, parecendo ansioso para mudar de assunto. “Quem era esse homem se não Keelan O’Donaghue?” perguntou.

“A resposta para isso não poderia ser mais simples, sr. Carstairs. Era Bill McParland, o detetive da Pinkerton. Reflita um momento. Sabemos que o sr. McParland foi ferido durante o tiroteio em Boston, e o homem que descobrimos no quarto do hotel tinha uma cicatriz recente na face direita. Sabemos também que McParland tivera uma desavença com seu empregador, Cornelius Stillman, que se recusara a lhe pagar a soma de dinheiro que ele julgava lhe ser devida. Carregava, portanto, um ressentimento. E depois há o seu nome. Bill, eu imaginaria, é uma forma abreviada de William, e as iniciais que encontramos na cigarreira eram...”

“WM”, aparteei.

“Isso mesmo, Watson. E agora as coisas começam a se encaixar em seus lugares. Começamos considerando a sorte do próprio Keelan O’Donaghue. Em primeiro lugar, o que sabemos sobre esse homem? Sua narrativa foi surpreendentemente abrangente, sr. Carstairs, e sou-lhe grato por isso. O senhor nos disse que Rourke e Keelan O’Donaghue eram gêmeos, mas Keelan era mais baixo. Eles tinham as iniciais um do outro tatuadas em seus braços, prova, se alguma fosse necessária, da extraordinária proximidade de sua relação. Keelan tinha o rosto escanhado e era taciturno. Usava uma boina que, seria de imaginar, não permitia ver muito bem o seu rosto. Sabemos que tinha uma constituição delgada. Somente ele foi capaz de se espremer através da cloaca que conduzia ao rio e assim levar a cabo sua fuga. Mas fiquei impressionado, em especial, com um detalhe que o senhor mencionou. Todo o bando morava em dois quartos na imundície da casa de cômodos em South End – isto é, todos, com exceção de Keelan, que gozava do luxo de ter um quarto só para si. Desde o início perguntei qual seria a razão disso.

“A resposta, claro, é bastante óbvia, dadas todas as evidências que acabo de expor, e estou feliz em dizer que obtive a confirmação dela por ninguém menos que a sra. Caitlin O’Donaghue, que ainda reside em Sackville Street em Belfast, onde tem uma lavanderia. Na primavera de 1865 ela deu à luz não dois irmãos gêmeos, mas um irmão e uma irmã. Keelan O’Donaghue era uma menina.”

O silêncio que acolheu essa informação foi, numa palavra, profundo. A quietude do dia de inverno pesou sobre a sala e até as chamas na lareira, que vinham tremulando alegremente, pareceram segurar o fôlego.

“Uma menina?” Carstairs lançou um olhar assombrado para Holmes, um débil sorriso pairando-lhe nos lábios. “Chefiando uma quadrilha?”

“Uma menina que teria sido obrigada a encobrir sua identidade se quisesse sobreviver em semelhante ambiente”, retrucou Holmes. “E, de todo modo, era seu irmão, Rourke, quem chefiava o bando. Todas as evidências apontam para esta única conclusão. Não pode haver nenhuma alternativa.”

“E onde está essa menina?”

“Isso é simples, sr. Carstairs. Está casado com ela.”

Vi Catherine Carstairs empalidecer, mas ela não disse nada. Carstairs, sentado a seu lado, ficou rígido de imediato. Os dois me fizeram lembrar as figuras de cera que eu vislumbrara em Jackdaw Lane.

“Nega isto, sra. Carstairs?” perguntou Holmes.

“É claro que nego! Nunca ouvi nada tão absurdo.” Ela se virou para o marido e lágrimas lhe brotaram nos olhos. “Não vai permitir que ele fale comigo dessa maneira, não é, Edmund? Sugerir que eu poderia ter alguma relação com uma odiosa raça de criminosos e malfeitores!”

“Creio que suas palavras caem em ouvidos moucos, sra. Carstairs”, observou Holmes.

E era verdade. Desde o instante em que Holmes fizera sua extraordinária revelação, Carstairs estivera olhando para frente com uma expressão de peculiar horror que, a mim, sugeriu que, bem no fundo, ele devia ter sabido a verdade desde sempre, ou pelo menos suspeitado dela, mas agora, por fim, via-se obrigado a encará-la de frente.

“Por favor, Edmund...” Ela estendeu a mão para ele, mas Carstairs recuou e se afastou.

“Posso continuar?” perguntou Holmes.

Catherine Carstairs estava prestes a falar, mas depois relaxou. Seus ombros arriaram e foi como se um véu de seda tivesse sido arrancado de seu rosto. De repente, passou a nos fuzilar com os olhos, com uma dureza e uma expressão de ódio que teria sido inadequada a qualquer dama inglesa, mas a qual por certo a havia sustentado durante toda a sua vida. “Oh sim, oh sim”, rosou. “Podemos sem dúvida ouvir todo o resto da história.”

“Obrigado”, Holmes inclinou a cabeça para ela e continuou. “Após a morte de seu irmão, e a destruição do Bando da Boina, Catherine O’Donoghue – pois esse era seu nome de solteira – viu-se numa situação que deve ter lhe parecido bastante desesperadora. Estava sozinha, nos Estados Unidos, procurada pela polícia. Havia também perdido o irmão que lhe havia sido mais próximo que qualquer outro ser neste planeta e a quem devia dedicar um grande amor. Seus primeiros pensamentos foram de vingança. Cornelius Stillman havia sido tolo o bastante para se gabar de suas proezas na imprensa de Boston. Ainda disfarçada, ela invadiu o jardim da casa dele em Providence e o matou com um tiro. Mas ele não era a única pessoa mencionada no anúncio. Voltando agora à sua persona feminina, Catherine foi atrás de seu sócio mais jovem no navio da Cunard, o *Catalonia*. Está claro o que lhe passava pela mente. Não tinha mais nenhum futuro nos Estados Unidos. Era hora de voltar para sua família em Belfast. Ninguém suspeitaria dela, viajando na condição de mulher solteira acompanhada de

uma criada. Ela levou consigo os lucros que conseguira guardar de seus crimes anteriores. E em algum lugar no meio do Atlântico, ver-se-ia face a face com Edmund Carstairs. É muito fácil cometer um assassinato em alto-mar. Carstairs desapareceria, e sua vingança estaria completa.”

Nesse momento Holmes interpelou diretamente a sra. Carstairs. “Mas algo a fez mudar de ideia. Eu gostaria de saber o que foi.”

A mulher deu de ombros. “Vi Edmund pelo que ele era.”

“Foi isso mesmo que pensei. Ali estava um homem sem nenhuma experiência do sexo oposto, a não ser pela mãe e a irmã, que sempre o haviam dominado. Ele estava doente. Estava amedrontado. Como deve ter sido divertido para a senhora oferecer-lhe ajuda, ampará-lo e por fim capturá-lo em sua rede. Sabe-se lá como, convenceu-o a desposá-la a despeito da própria família dele – e como essa vingança foi mais doce do que a originalmente planejada... A senhora estava intimamente ligada a um homem que abominava. Mas iria representar o papel da esposa devotada, e a pantomima foi facilitada pelo fato de o casal ter optado por dormir em quartos separados. Imagino também que nunca permitiu que seu marido a visse despida. Havia o inconveniente da tatuagem, não é? Assim, se algum dia visitassem uma praia, a senhora se diria, claro, incapaz de nadar.

“Tudo estaria muito bem, não fosse pela chegada de Bill McParland de Boston. Como havia ele descoberto a sua pista e se inteirado de sua identidade? Nunca saberemos, mas era um detetive, e dos bons, e sem dúvida tinha seus métodos. Não era para seu marido que ele estava fazendo sinais em frente a esta casa e ao Savoy. Era para a senhora. Nessa altura, não estava mais interessado em prendê-la. Viera aqui atrás do dinheiro que lhe era devido, e o desejo dele por esse dinheiro, seu sentimento de ter sido injustiçado, seu ferimento recente – tudo isso o levava ao desespero. Ele se encontrou com a senhora, não foi?

“E pediu-lhe dinheiro. Se a senhora lhe pagasse o suficiente, ele permitiria que mantivesse seu segredo. Quando entregou aquele bilhete ao seu marido, estava na verdade advertindo-a. A qualquer momento, poderia revelar tudo o que sabia.”

“Já contou tudo, sr. Holmes.”

“Não tudo, ainda não. A senhora precisava dar alguma coisa a McParland para mantê-lo quieto, mas não tinha nenhum recurso próprio. Foi necessário, portanto, criar a ilusão de um roubo. A senhora desceu ao térreo

no meio da noite e o guiou com uma luz até a janela certa. Abriu-a pelo lado de dentro e permitiu-lhe penetrar na casa. Abriu o cofre, usando uma chave que na verdade nunca perdera. E mesmo nisso não foi capaz de resistir a um toque de maldade. Além do dinheiro, deu-lhe um colar que havia pertencido à finada sra. Carstairs e que a senhora sabia ter grande valor sentimental para seu marido. Parece-me que toda oportunidade para feri-lo lhe parecia irresistível, e sempre a agarrava com alegria.

“McParland cometeu um erro. O dinheiro que a senhora lhe deu – cinquenta libras – era só um primeiro pagamento. Ele havia pedido mais e, tolamente, deu-lhe o nome do hotel onde se hospedava. É possível que vê-la em todo o refinamento de uma abastada dama inglesa o tenha enganado, fazendo-o esquecer a criatura que a senhora fora outrora. Seu marido estava na galeria em Albemarle Street. A senhora escolheu um bom momento, saiu sorrateiramente de casa e penetrou no hotel por uma janela dos fundos. Estava à espera no quarto de McParland quando ele voltou e golpeou-o por trás, dando-lhe uma facada no pescoço. A propósito, posso lhe perguntar como estava vestida?”

“No meu antigo estilo. Anáguas e anquinhas teriam sido um pouco incômodas.”

“A senhora silenciou McParland e removeu todo vestígio de sua identidade, deixando escapar apenas a cigareira. E, com ele morto, não havia nada para se interpor no caminho do resto de seu plano.”

“Mais alguma coisa?” perguntou Carstairs com voz rouca. Todo o sangue lhe abandonara o rosto e pensei que poderia estar prestes a desmaiar.

“Sim, sr. Carstairs.” Holmes virou-se de novo para a esposa. “O casamento desalmado que a senhora arranjou para si era apenas o meio para um fim. Sua intenção era matar a família de Edmund, um membro de cada vez: a mãe, a irmã e depois ele. E no fim, herdaria tudo que lhe pertencera. Esta casa, o dinheiro, as obras de arte... tudo seria seu. Difícil imaginar o ódio que devia impeli-la, a satisfação com que realizava sua tarefa.”

“Foi um prazer, sr. Holmes. Apreciei cada minuto dela.”

“Minha mãe?” perguntou Carstairs, com a voz entrecortada.

“A explicação mais provável era aquela que o senhor me sugeriu no início, de que a chama de gás em seu quarto fora apagada por uma corrente de ar. Mas ela não resistiu a um escrutínio. Pois seu criado, Kirby, disse-nos que se culpava pela morte dela porque havia vedado todas as fissuras e

fendas no quarto. Sua mãe detestava correntes de ar, portanto era impossível que uma delas pudesse ter apagado o fogo. Sua irmã, no entanto, chegou a outra conclusão. Ela acreditava que a finada sra. Carstairs havia tirado a própria vida, tamanha a consternação dela com o seu casamento. Mas, por mais que Eliza abominasse sua nova mulher e soubesse instintivamente que ela estava fingindo, nem ela foi capaz de chegar à verdade, ou seja, que Catherine Carstairs entrou no quarto e apagou de propósito a chama, deixando a velha senhora perecer. Não poderia haver sobreviventes, o senhor entende. Para que os bens fossem dela, todos tinham de morrer.”

“E Eliza?”

“Sua irmã está sendo envenenada pouco a pouco.”

“Mas isso é impossível, sr. Holmes. Eu lhe disse...”

“O senhor me disse que examinou com cuidado tudo que ela ingeriu, o que só me sugere que ela está sendo envenenada de alguma outra maneira. A resposta, sr. Carstairs, é o banho. Sua irmã insiste em tomar banhos regulares e usa fortes sais de banho de lavanda. Devo confessar que essa é uma maneira muito original de administrar veneno, e estou de fato surpreso diante de sua eficácia, mas eu diria que uma pequena dose de aconitina foi acrescentada de maneira regular aos sais de banho. Ela penetrou no sistema da srta. Carstairs através da pele e também, suponho, pela umidade e as emanções, necessariamente absorvidas. A aconitina é um alcaloide de extrema toxicidade que é solúvel em água, e sua irmã teria sofrido morte instantânea se uma dose maior tivesse sido usada. Em vez disso, o senhor notou esse lento mas implacável declínio. É um método impressionante e inovador de assassinato, srta. Carstairs, o qual, estou seguro, será acrescentado aos anais do crime. Foi também muita ousadia da sua parte, diga-se de passagem, visitar meu colega enquanto eu estava encarcerado, embora, é claro, fingisse não saber nada disso. Esse gesto sem dúvida convenceu seu marido de sua devoção à sua cunhada quando, na verdade, estava apenas rindo dos dois.”

“Demônio!” Carstairs afastou-se dela com horror. “Como pôde? Como alguém poderia?”

“O sr. Holmes está certo, Edmund”, respondeu a mulher, e percebi que sua voz mudara. Estava mais dura, o sotaque irlandês agora pronunciado. “Eu teria levado todos vocês para o túmulo. Primeiro sua mãe. Depois Eliza. E nem imagina o que eu planejava para você!” Ela se virou para Holmes. “E

agora, brilhante sr. Holmes? Tem um policial à espera lá fora? Devo subir e embalar algumas coisas?”

“Há de fato um policial à espera, sra. Carstairs. Mas ainda não terminei.” Holmes levantou-se e vi em seus olhos uma frieza e um desejo de vingança que superavam tudo que já vira antes. Ele era um juiz prestes a proferir uma sentença, um carrasco abrindo o alçapão. Uma certa friagem penetrara na sala. Dentro de um mês Ridgeway Hall estaria vazia, desocupada – e estaria eu sendo fantasioso demais se sugerisse que algo de seu destino já estava sendo sussurrado, que de algum modo a casa já sabia? “Ainda há a morte da criança, Ross, para ser explicada.”

A sra. Carstairs desatou a rir. “Não sei nada sobre esse Ross”, disse. “O senhor foi muito astuto, sr. Holmes. Mas agora está indo longe demais.”

“Não é mais à senhora que estou me dirigindo, sra. Carstairs”, respondeu Holmes, voltando-se para o marido. “Minha investigação a respeito de seus negócios ganhou um rumo inesperado na noite em que Ross foi assassinado, sr. Carstairs, e esta não é uma palavra que eu use com frequência, porque tenho o hábito de esperar tudo. Todos os crimes que já investiguei tinham o que o senhor poderia chamar de um fluxo narrativo – esse fio invisível que meu amigo, dr. Watson, sempre identificou de modo tão certo. Foi isso que fez dele um cronista tão excelente de meu trabalho. Mas dei-me conta de que, desta vez, fui desviado. Eu estava seguindo uma linha de investigação e ela me levou, de maneira súbita e inteiramente acidental, a uma outra. Desde o momento em que cheguei ao Mrs. Oldmore’s Private Hotel, eu havia deixado Boston e o Bando da Boina para trás. De fato, estava me movendo numa nova direção, e uma direção que me levaria por fim a desvendar um crime mais abominável do que qualquer outro com que já topei.”

Carstairs encolheu-se ao ouvir isto. Sua mulher o olhava com curiosidade.

“Voltemos àquela noite, pois o senhor, é claro, estava comigo. Eu sabia muito pouco sobre Ross, exceto que era um dos membros do bando de moleques de rua que batizei afetuosamente de Irregulares de Baker Street e que algumas vezes me ajudou. Eles me eram úteis e eu os recompensava. Parecia um arranjo inofensivo, pelo menos até segunda ordem. Ross foi deixado para vigiar o hotel enquanto seu companheiro, Wiggins, foi à minha procura. Fomos de *four-wheeler*, nós quatro – o senhor, eu, Watson e Wiggins – até Blackfriars. Ross nos viu. E no mesmo instante percebi que o menino ficou aterrorizado. Perguntou quem éramos, quem era *o senhor*.

Watson tentou tranquilizá-lo e, ao fazê-lo, mencionou não só o seu nome como o seu endereço. Temo que isso tenha significado a morte dele – embora você não deva se culpar, Watson, porque o erro foi igualmente meu.

“Eu imaginara que Ross ficara horrorizado em função do que vira no hotel. Era uma suposição natural, pois, como se revelou em seguida, houvera um assassinato. Eu estava convencido de que ele vira o assassino e, por razões pessoais, decidira ficar em silêncio. Mas estava errado. O que havia apavorado e assombrado o menino não tinha coisa alguma a ver com aquilo. Foi a *sua* visão, sr. Carstairs. Ross estava decidido a saber quem era o senhor e onde poderia encontrá-lo porque o reconheceu. Deus sabe o que o senhor tinha feito com aquela criança, e mesmo agora recuso-me até a especular. Mas o senhor e ele haviam se encontrado na Casa da Seda.”

Mais um silêncio aflitivo.

“O que é a Casa da Seda?” perguntou Catherine Carstairs.

“Não vou responder à sua pergunta, sra. Carstairs. Nem preciso voltar a me dirigir à senhora, exceto para dizer isto: todo o seu plano, esse seu casamento, só teria funcionado com certo tipo de homem – um homem que quisesse uma esposa para contrariar sua família, para lhe dar certa reputação na sociedade, não por razões de amor ou afeição. Como a senhora mesma o expressou de maneira tão delicada, conheceu-o pelo que ele era. Eu mesmo me perguntei com que espécie de criatura eu estava lidando desde o dia de nosso primeiro encontro, pois sempre me fascina conhecer um homem que diz estar atrasado para uma ópera de Wagner numa noite em que nenhum Wagner está sendo executado na cidade.

“Ross o reconheceu, sr. Carstairs. Era a pior coisa que poderia ter acontecido, pois posso imaginar que o anonimato era a divisa da Casa da Seda. Os senhores chegavam durante a noite, faziam o que tinham de fazer e iam embora. Em tudo isso, Ross foi a vítima. Ele era muito vivido para sua idade, e a pobreza e o desespero o haviam impelido de maneira inexorável para o crime. Já furtara um relógio de bolso de ouro de um homem que abusara dele. Assim que se recobrou do choque de encontrá-lo, deve ter vislumbrado a possibilidade de obter muito mais. Com certeza, foi isso que disse a seu amigo, Wiggins. Acaso ele o visitou no dia seguinte? Ameaçou denunciá-lo se não lhe pagasse uma fortuna? Ou o senhor já tinha corrido para Charles Fitzsimmons e seu bando de capangas e pedido que dessem um jeito na situação?”

“Nunca lhes pedi para fazer coisa alguma”, murmurou Carstairs numa voz que parecia estar se esforçando para levar as palavras aos lábios.

“O senhor foi até Fitzsimmons e lhe disse que estava sendo ameaçado. Agindo segundo suas instruções, marcou com Ross um encontro em que ele acreditou que seria pago por seu silêncio. Ele havia saído para esse encontro momentos antes que Watson e eu chegássemos ao Saco de Pregos, e naquela altura já estávamos atrasados demais. Não foi com Fitzsimmons ou com o senhor que Ross se encontrou. Foi com os dois capangas que diziam se chamar Henderson e Bratby. E eles asseguraram que o menino não voltaria a perturbá-lo.” Holmes fez uma pausa. “Ross foi torturado até a morte por sua audácia, e uma fita branca foi amarrada em seu pulso como uma advertência para qualquer outra daquelas desgraçadas crianças que pudesse vir a ter a mesma ideia. Pode não ter ordenado aquilo, sr. Carstairs, mas quero que saiba que o considero pessoalmente responsável. O senhor o explorou. O senhor o matou. É o homem mais depravado e vil que já conheci.”

Holmes se levantou.

“E agora vou deixar esta casa, pois não desejo me demorar mais tempo aqui. Ocorre-me que, sob alguns aspectos, seu casamento talvez não tenha sido tão imprudente quanto se poderia pensar. Os senhores foram feitos um para o outro. Bem, encontrarão viaturas da polícia à sua espera lá fora, mas elas os levarão para caminhos diferentes. Está pronto, Watson? Nós mesmos encontraremos a saída.”

Edmund e Catherine Carstairs continuaram sentados juntos no sofá, imóveis. Nenhum dos dois falou. Mas senti seus olhos pregados em nós quando saímos.

Posfácio

É COM UM PESO NO CORAÇÃO que chego ao fim de minha tarefa. À medida que fui descrevendo os acontecimentos, foi como se os estivesse revivendo e, embora haja alguns detalhes que desejo esquecer, ainda assim foi bom me ver de volta ao lado de Holmes, seguindo-o de Wimbledon a Blackfriars, Hamworth Hill ou Holloway, sempre um passo atrás dele (em todos os sentidos), mas desfrutando não obstante o raro privilégio de observar, bem de perto, aquela mente singular. Agora que a última página se aproxima, volto a ter consciência do quarto em que me encontro, as aspidistras no peitoril da janela, a calefação sempre um pouco quente demais. Minha mão dói e todas as minhas lembranças estão fincadas no papel. Quisera eu que houvesse mais o que contar, pois assim que terminar me encontrarei sozinho outra vez.

Eu não deveria me queixar. Estou bem-instalado aqui. Minhas filhas me visitam de quando em quando e trazem meus netos também. Um deles foi até batizado de Sherlock. A mãe pensou estar fazendo uma homenagem à minha longa amizade, mas é um nome que ele nunca usa. Ah sim, eles virão no fim de semana e lhes entregarei este manuscrito com as instruções para sua salvaguarda, e depois meu trabalho estará feito. Só resta lê-lo uma última vez e talvez seguir o conselho da enfermeira que me atendeu esta manhã.

“Está quase pronto, dr. Watson? Tenho certeza de que ainda há muitas pontas soltas a serem amarradas. Ponha os pingos nos is e cruze os tês, e depois permita que todas nós o leiamos. Andei falando com as outras moças, e elas mal podem esperar!”

Há pouco mais a acrescentar.

Charles Fitzsimmons – evito usar a palavra reverendo – tinha toda a razão no que nos disse naquela última noite na Casa da Seda. Ele nunca foi a julgamento. Por outro lado, não foi libertado como esperava com tanto ardor. Ao que parece, houve um acidente na prisão onde estava encarcerado. Ele

rolou de uma escada e foi encontrado com o crânio fraturado. Teria sido empurrado? Tudo aponta nesse sentido, considerando que, como se gabara, ele conhecia alguns segredos improváveis a respeito de muitas pessoas importantes e, a menos que eu não o tenha compreendido bem, chegou até a sugerir que poderia ter conexões com a família real. Absurdo, eu sei, no entanto lembro-me de Mycroft Holmes e sua extraordinária visita aos nossos aposentos. Pelo que ele nos disse, e pelo modo como se comportou, ficou evidente que havia sofrido considerável pressão e... Mas não, não vou sequer considerar a possibilidade. Fitzsimmons mentia. Tentando inflar seu prestígio antes de ser detido e levado embora. E só.

Digamos apenas que havia pessoas no governo que sabiam o que ele vinha fazendo, mas hesitavam denunciá-lo por temor do escândalo, respaldado, é claro, por evidências fotográficas – e é verdade que nas semanas seguintes houve uma série de renúncias na cúpula do governo, que espantaram e alarmaram o país. Eu gostaria muito, porém, que Fitzsimmons não tivesse sido assassinado. Ele foi sem dúvida um monstro, mas nenhum país pode se dar ao luxo de abdicar do império da lei simplesmente em nome da conveniência. Isso me parece ainda mais claro agora, quando estamos em guerra. Talvez sua morte tenha sido apenas um acidente, embora um feliz acidente para todos os envolvidos.

A sra. Fitzsimmons desapareceu. Lestrade me contou que ela enlouqueceu após a morte do marido e foi transferida para um hospício no extremo Norte. Mais uma vez, esse foi um desfecho feliz, pois ali ela poderia dizer o que bem entendesse e ninguém lhe daria crédito. Pelo que sei, está lá até hoje.

Edmund Carstairs não foi processado. Deixou o país com a irmã, que, embora tenha se recuperado, continuou enferma pelo resto da vida. A firma de Carstairs e Finch deixou de comerciar. Catherine Carstairs foi processada sob seu nome de solteira, condenada e sentenciada à prisão perpétua. Teve sorte de escapar da forca. Lorde Ravenshaw entrou em seu gabinete com um revólver e estourou os miolos. Talvez tenha havido mais um ou dois suicídios também, mas tanto lorde Horace Blackwater quanto o dr. Thomas Ackland escaparam da Justiça. Suponho que devamos ser pragmáticos com relação a essas coisas, mas isso ainda me incomoda, em particular depois do que eles tentaram fazer com Sherlock Holmes.

Além disso, é claro, houve o estranho cavalheiro que se aproximou de mim aquela noite e me ofereceu uma ceia tão inusitada. Nunca falei com

Holmes sobre ele e, na verdade, nunca o mencionei de novo até este momento. Alguns podem achar isto curioso, mas eu lhe dera a minha palavra, e ainda que ele fosse um criminoso confesso, eu como cavalheiro não tinha escolha a não ser mantê-la. Tenho plena convicção, é claro, de que meu anfitrião não era outro senão o professor James Moriarty, que desempenharia um papel tão importante em nossas vidas pouco tempo depois, e foi um trabalho dos diabos fingir que eu nunca havia me encontrado com ele. Holmes falou sobre ele em detalhe pouco antes de partirmos para as cachoeiras de Reichenbach, e mesmo então fiquei bastante convencido de que era o mesmo homem. Muitas vezes refleti sobre esse aspecto incomum do caráter de Moriarty. Holmes falava com horror de sua maldade e do vasto número de crimes em que ele estivera envolvido. Mas também lhe admirava a inteligência e, de fato, o *fair play*. Até hoje acredito que Moriarty desejou genuinamente ajudar Holmes e queria ver a Casa da Seda fechada. Sendo ele mesmo um criminoso, tivera conhecimento de sua existência, mas julgava inconveniente tomar pessoalmente uma iniciativa. Ela ofendia sua sensibilidade, no entanto, e por isso ele enviou a Holmes a fita branca e forneceu-me a chave de sua cela, na esperança de que seu inimigo fizesse o trabalho por ele. E isso, é claro, foi o que aconteceu, embora até onde eu saiba Moriarty nunca lhe tenha enviado um bilhete de agradecimento.

Não estive com Holmes durante aquele Natal, pois estava em casa com minha mulher, Mary, cuja saúde se tornara a essa altura uma grave preocupação para mim. Em janeiro, porém, ela deixou Londres para passar alguns dias com amigos e, por sugestão dela, retornei mais uma vez aos meus velhos aposentos para ver como Holmes estava passando após nossa aventura. Foi durante esse período que ocorreu um último incidente que devo agora firmar.

Holmes havia sido inocentado por completo e todos os registros das acusações feitas contra ele foram anulados. Ele não estava, porém, num estado de espírito agradável. Mostrava-se inquieto, irritado e, pelos frequentes olhares que lançava para o aparador da lareira (eu não precisava de seus poderes de dedução), pude perceber que se sentia tentado pela cocaína líquida que era seu mais lamentável hábito. Teria ajudado se estivesse trabalhando em um caso, mas não estava, e como observei muitas vezes, era quando estava ocioso, quando suas energias não estavam sendo dirigidas para algum mistério insolúvel, que ficava perturbado e propenso a longos episódios de depressão. Dessa vez, no entanto, percebi que havia

mais alguma coisa. Ele não tinha mencionado a Casa da Seda ou qualquer dos detalhes associados a ela, mas, lendo o jornal uma manhã, chamou-me a atenção para um breve artigo referente à Escola para Meninos Chorley Grange, que acabara de ser fechada.

“Isso não é suficiente!” murmurou. Amassou o jornal com ambas as mãos e o pôs de lado, depois acrescentou: “Pobre Ross!”

A partir disso, e de outras indicações em seu comportamento – mencionou, por exemplo, que talvez nunca mais recorresse aos serviços dos Irregulares de Baker Street –, compreendi que ainda se culpava, em parte, pela morte do menino, e que as cenas que havíamos testemunhado aquela noite em Hamworth Hill haviam deixado uma marca indelével em sua consciência. Ninguém conhecia a maldade como Sherlock Holmes, mas há algumas maldades que é melhor não conhecer, e ele não podia desfrutar sequer das recompensas de seu sucesso sem se lembrar dos lugares sombrios para onde ele o levava, e eu compreendia isso. Eu mesmo tive pesadelos. Mas eu tinha em quem pensar, Mary, além de uma clínica médica para tocar. Holmes via-se preso em seu próprio mundo particular, obrigado a deter-se em coisas que teria preferido esquecer.

Uma noite, depois de jantarmos, ele anunciou de súbito que iria sair. A neve não retornara, mas o mês de janeiro foi tão glacial quanto dezembro, e embora eu não tivesse nenhum desejo de empreender aquela tardia expedição, perguntei-lhe se gostaria que eu o acompanhasse.

“Não, não, Watson. É muito gentil da sua parte. Mas creio que prefiro ir sozinho.”

“Mas aonde vai a esta hora da noite, Holmes? Voltemos para junto da lareira e apreciemos um bom uísque. Seja qual for o assunto que o preocupa, pode com certeza esperar até amanhã.”

“Watson, você é o melhor dos amigos e tenho consciência de que não tenho sido uma boa companhia. O que preciso é de um pouco de tempo a sós. Mas tomaremos o desjejum juntos amanhã e tenho certeza de que me encontrará em melhor disposição de ânimo.”

Foi o que fizemos, e sua promessa se confirmou. Passamos um dia agradável, num clima amistoso, visitando o Museu Britânico e almoçando no Simpson's, e foi só quando voltávamos para casa que vi nos jornais a notícia de um grande incêndio em Hamworth Hill. Um prédio outrora ocupado por uma escola filantrópica fora completamente arrasado, e, ao que parece, as

chamas haviam subido tão alto na noite que haviam sido vistas de lugares tão distantes quanto Wembley. Não comentei o assunto com Holmes e não lhe fiz nenhuma pergunta. Tampouco observei que seu sobretudo, pendurado no local de costume, exalava um forte cheiro de cinzas. Naquela noite, pela primeira vez depois de um bom tempo, ele tocou seu Stradivarius. Ouvi com prazer a melodia que se elevava enquanto nos deixávamos ficar junto à lareira.

Ainda a ouço. Quando pouse a caneta e dirijo-me à minha cama, percebo o arco sendo arrastado sobre a ponte e a música espalhando-se no céu noturno. Ela está muito distante e mal é audível, mas – cá está! Um *pizzicato*. Depois um *tremolo*. O estilo é inconfundível. É Sherlock Holmes que está tocando. Tem de ser. Espero de todo o meu coração que esteja tocando para mim...

Agradecimentos

Meus agradecimentos a Lee Jackson, que me ajudou imensamente com a pesquisa para este livro. Seu excelente site, www.victorianlondon.org, é uma fonte brilhante (e gratuita) para qualquer pessoa interessada no período. Dois livros que me pareceram particularmente úteis foram *London in the 19th Century*, de Jerry White, e *Life in Victorian Britain*, de Michael Paterson, embora eu também tenha me valido amplamente de autores contemporâneos, entre os quais George Gissing, Charles Dickens, Anthony Trollope, Arthur Morrison e Henry Mayhew. Agradeço também à Sherlock Holmes Society, que se mostrou (até agora) cordial e prestativa, e em particular a um de seus membros, a dra. Marina Stajic, que compartilhou gentilmente comigo seu conhecimento de toxologia forense na Câmara dos Comuns. Meu agente, o “agente do ano”, Robert Kirby foi o primeiro a sugerir este livro – e na Orion Malcolm Edwards teve uma paciência de jô, esperando por oito anos que eu o escrevesse. Por fim, e acima de tudo, devo agradecer ao gênio de sir Arthur Conan Doyle, com quem travei contato pela primeira vez aos dezesseis anos e cuja extraordinária criação inspirou tanto de meu trabalho. Escrever este livro foi uma alegria, e minha esperança é ter feito alguma justiça ao original.

Título original:

The House of Silk

Tradução autorizada da primeira edição inglesa, publicada em 2011 por Orion Books, selo de Orion Publishing Group, de Londres, Inglaterra

Copyright © 2011, Anthony Horowitz

Copyright da edição brasileira © 2012:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99, 1º andar

22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Preparação: André Telles | Revisão: Eduardo Farias, Tamara Sender

Capa: Rafael Nobre

Edição digital: março 2012

ISBN: 978-85-378-0843-6

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
